UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

VIVIANE DA CRUZ KAWATA

SOLDADO DE CORTE: ESTUDO DA DESTREZA EM ESPANHA E PORTUGAL
NO SÉCULO XVII

VERSÃO CORRIGIDA

(O EXEMPLAR ORIGINAL SE ENCONTRA DISPONÍVEL NO CENTRO DE APOIO À
PESQUISA HISTÓRICA DA FFLCH)

1 VOL.

**SÃO PAULO
JANEIRO/2012**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

VIVIANE DA CRUZ KAWATA

**SOLDADO DE CORTE: ESTUDO DA DESTREZA EM ESPANHA E PORTUGAL
NO SÉCULO XVII**

VERSÃO CORRIGIDA

**(O EXEMPLAR ORIGINAL SE ENCONTRA DISPONÍVEL NO CENTRO DE APOIO À PESQUISA HISTÓRICA
DA FFLCH)**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA JUNTO
AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM HISTÓRIA SOCIAL DA
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO PARA
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. ANA PAULA TORRES MEGIANI

**SÃO PAULO
JANEIRO/2012**

RESUMO

Esta dissertação para obtenção do título de Mestre em História Social analisa três manuais de manejo de espadas, escritos em Portugal e Espanha entre 1580 e 1630. A partir de sua leitura conduzimos reflexões acerca da sociedade de corte, Processo Civilizador, lugar social da espada e duelos. Devido à datação dos manuais enfocamos nossas análises nos reinados Habsburgo e na Restauração de Portugal.

ABSTRACT

This dissertation for obtaining the title of Master in Social History analyses three manuals of sword handling, written in Portugal and Spain between 1580 – 1630. From their reading we have conducted reflections on Courtly society, Civilizing Process, social place of the sword and duels. Due to the date of the manuals we have focused our analysis on the Habsburg kingship and the Restoration of Portugal.

*Para o meu avô José, que me ensinou erudição, e minha ba-chan Shigeko,
que me ensinou perseverança.*

SUMÁRIO

Agradecimentos	06
Introdução	08
Capítulo I: Da Philosophia das armas e sua Verdadeyra Destreza	11
Capítulo II: O Ambiente de Corte	43
Capítulo III: As armas da nobreza e a nobreza das armas	89
Conclusão	118
Fontes e Bibliografia	122
Anexo I: imagens	133
Anexo II: transcrição da <i>Oplosophia e Verdadeyra Destreza das armas</i>	146

AGRADECIMENTOS

Depois de sete anos de pesquisa chegamos aqui, nesta dissertação de Mestrado. Em todos estes anos de dedicação nada seria possível sem muitas das pessoas que me ajudaram a manter a sanidade e as esperanças de um “final” (haverá um, de fato?) feliz.

Primeiramente agradeço minha orientadora, professora Ana Paula Megiani, que me deu a primeira oportunidade de realizar uma Iniciação Científica e confiou em minha capacidade de fazer justiça a seu tão amado manual de armas; confiança que gerou não só esta dissertação, mas esta pesquisadora.

Agradeço também as minhas meninas e meu menino: Mari, Mah, Anita, Pu, Carlota e Renan, por me ajudar a segurar minhas barras e aturarem meus maus humores, desde os tempos em que sempre dava pra ir comer uma pizza de quarta-feira. E também ao pequeno Théo, que ainda não come pizza, mas já faz parte da patota. E meu querido Filipe Nobre, a primeira amizade feita no primeiro dia de faculdade, esta pessoa tão especial que consegue equilibrar essa bagunça que eu tenho na cabeça.

Aos colegas do GEHIM, novos e antigos, que acompanham esta investigação desde seu início e que já estão cansados de ouvir falar nela, especialmente o Carlos Coral, sempre pronto para oferecer dicas e apoio e disposto a discutir os mais variados assuntos, e o Marcelo Paiva, grande amigo para todas as horas. Também aos colegas do GEMPO, que me acolheram de braços abertos, apesar de minha presença mais que irregular.

Aos professores Íris Kantor e Carlos Nogueira, que também acompanharam o desenvolvimento deste projeto e me apoiaram – conscientes ou não – com conselhos e conversas desde a graduação. Às professoras Mafalda da Costa e Julieta Araújo, que com grande cuidado e carinho me receberam em Portugal. E à professora Kaline Vanderlei Silva por ter vindo até São Paulo compor a banca de Defesa, apresentando considerações inestimáveis para a correção deste texto.

Ao Nelsão e à Eliane, queridos professores da época da escola, que me ensinaram os mistérios da história e o gosto pela vontade de aprender sempre mais.

À minha família, que sempre demonstrou apoio às minhas escolhas, apesar de nem sempre concordarem ou entenderem o que eu faço ou por quê o faço, o que o torna ainda mais precioso e apreciado. Agradeço-os também por todas as oportunidades que me proporcionaram porque acreditam em mim.

Deixo ainda agradecimentos póstumos – e muito devidos – à professora Eni de Mesquita Samara, que durante o curso de graduação ministrou a disciplina na qual ensinou a mim e a meus colegas a arte da Paleografia; sem ela o trabalho de transcrição da fonte que estudamos não teria sido tão minucioso e correto.

E finalmente à FAPESP, que financiou esta pesquisa desde seu começo, ainda como Iniciação Científica; sem esta bolsa de mestrado não teríamos realizado uma pesquisa tão satisfatória.

INTRODUÇÃO

Manuais de Destreza das Armas. Muito populares no século XVII, estes livros, assim como outros manuais de etiqueta, nos apresentam diversas oportunidades de pesquisa e reflexão a respeito de variados aspectos da vida de corte moderna, como o lugar da leitura na sociedade nobiliárquica, as obras consideradas eruditas – e aí podemos refletir não só sobre a escolha dos autores e dos textos, mas também do tipo de leitura era realizada e os usos que se fazia dela –; as habilidades ensinadas pelo manual, requeridas da nobreza cortesã e a própria etiqueta entre os pares – pois, mesmo sendo o rei o centro da vida de corte, o contato mais direto e freqüente ocorre entre os cortesãos. Mais: manuais de manejo de armas nos proporcionam uma visão de um fator constituinte do ethos nobiliárquico– o porte de armas. E não quaisquer armas: espadas, símbolo da militarização da nobreza, prova de sua origem cavaleiresca.

Nesta dissertação realizamos nossas reflexões a partir da leitura de três manuais de Destreza das Armas. O primeiro foi intitulado *Oplosophia e Verdadeyra Destreza das Armas*, e foi composto em 1630 pelo jovem soldado português Diogo Gomes de Figueiredo. A leitura da *Oplosophia* nos levou em direção aos outros dois manuais, escritos anteriormente e que constituem a base sobre a qual Diogo Gomes elabora seu manual. São esses o *Libro de la grandeza de la espada*, de D. Luis Pacheco de Narváez, publicado em Espanha em 1600, e o *Libro de Hieronimo de Caranca, natvral de Sevilla, que trata de la philosophia de las armas y de su destreza y de la aggression y defension christiana*, de Jerônimo de Carrança, publicado em 1582.

Foi por causa de nossos autores intitulamos nossa dissertação *Soldado de Corte*: como era comum na formação do nobre moderno Figueiredo, Pacheco de Narváez e Carrança eram experimentados nas armas e nas letras. Se as espadas eram manejadas na guerra – que o reinado de Filipe IV conheceu em profusão – era na corte que a pena era exercitada; homens de armas, não desviaram-se muito dos caminhos da espada e dedicaram suas palavras ao ensino do manejo de armas conforme a doutrina que Carrança chamou de Destreza ao clamá-la como sua.

Dividimos nossa dissertação em três capítulos. No primeiro, que intitulamos “Da Philosophia das Armas e sua Verdadeyra Destreza” conheceremos melhor os manuais estudados e seus autores; veremos quais são suas semelhanças e diferenças, assim como

seus contextos de produção. No segundo capítulo, “O Manual e a Corte” investigaremos mais a fundo o ambiente nos quais viveram nossos autores e onde produziram seus manuais: as cortes modernas, fossem elas monárquicas ou ducais. Discorreremos também a respeito da importância do manual de etiqueta nestas cortes, e os motivos para sua existência. O capítulo final, “As armas da nobreza e a nobreza das armas” enfoca a espada e seu papel social; aqui retomamos a Destreza, desta vez abordando a técnica em si, e refletimos sobre a história do duelo e seus usos.

Para realizar nossa reflexão acerca do contexto de produção e leitura dos manuais por nós estudados nos utilizamos de trabalhos de autores considerados clássicos em suas áreas: Norbert Elias, Rita Costa Gomes, José Martínez Millán e Mafalda Soares da Cunha, por exemplo, constituem nossa base para pensarmos a sociedade de corte e como seus membros interagem entre si, e o uso que se faria dos manuais de Destreza das armas. Fernando Dores Costa, Rui Bebianno, Geoffrey Parker, Roger Clifford e, principalmente, Rafael Valladares nos forneceram valiosas contribuições no que diz respeito à conjuntura europeia do período – nomeadamente, as guerras nas quais o reino espanhol de Filipe IV esteve envolvida (inclusive com suas províncias portuguesa, catalã e italiana), a formação dos exércitos modernos e, finalmente, o processo de Restauração do reino de Portugal.

Gabriel Letanturier-Fradin e François Billacois são dois autores cujos trabalhos sobre o tema do duelo nos reinos europeus modernos fundaram nossa pesquisa a respeito da temática; tratando mais especificamente do caso espanhol temos os escritos de D. Martín Ulloa, que em 1796 compilou as leis medievais que regulamentavam a prática do duelo no reino de Castela, o que nos permitiu acompanhar o desenvolvimento da questão durante alguns séculos.

Finalmente, apresentamos dois anexos a esta dissertação. O primeiro contém algumas imagens que fazem parte dos manuais de armas por nós estudados; acreditamos que elas foram importantes meios de ensino da Destreza junto com a narrativa compõem os manuais. O segundo é a transcrição integral da *Oplosophia e Verdadeyra Destreza das armas*, de Diogo Gomes de Figueiredo; a transcrição do documento foi realizada durante a pesquisa de Iniciação Científica conduzida durante o curso de Graduação em História sob a orientação da professora dr.^a Ana Paula T. Megiani, e segue as regras compiladas pela professora dr.^a Eni de Mesquita Samara, Madalena Marques Dias e Vanessa dos Santos B.

Marquese em *Paleografia e Fontes do período colonial brasileiro*. A metodologia da leitura e transcrição paleográficas foram ensinadas pela professora Eni de Mesquita durante a disciplina por ela ministrada turmas de Graduação em História e por nós cursada; mais informações podem ser encontradas na ficha do documento.

CAPÍTULO I: DA PHILOSOPHIA DAS ARMAS E SUA VERDADEYRA DESTREZA

CAPÍTULO I: DA PHILOSOPHIA DAS ARMAS E SUA VERDADEYRA DESTREZA

A Espada foi carregada por reis e antes deles; a arma, e não o cetro, marcava seus selos de estado. Como um fiel amigo da coroa e a manto de arminho, ela se tornou a segunda fonte de honra. (...) Nobre e enobrecedora, seu toque nos ombros conferia o prêmio da cavalaria. Como ‘bakhshish’ ela era, e ainda o é, o maior testemunho do caráter do soldado; a prova de que ele é ‘bravo como a lâmina de sua espada’¹.

Sir Richard Burton escreveu um tratado sobre esta que considerava a mais nobre e honrada das armas – a espada – por não encontrar quem se dedicasse ao tema do ponto de vista histórico. Seu *Livro da Espada* tornou-se uma referência aos que estudam o assunto, pela atenção e cuidado que dedica ao objeto, e pela importância que a própria obra teve em seu tempo. É de sua introdução que citamos o trecho acima, que, nos parece, exprime bem o sentimento geral do *Livro*.

Pois bem, poderíamos dizer que Burton parte de uma perspectiva medieval ao pensar a espada: foi no auge da cavalaria que esta arma em particular ganhou tão elevado status, por ser a arma dos cavaleiros por excelência². Nem mesmo a perda da função de defesa pelas armas por parte da nobreza, quando o monarca centraliza em sua pessoa o governo do reino, fez com que esta perdesse seu significado: a espada se torna, junto com outros signos, demonstrativos de nobreza³.

As cortes dos monarcas são formadas por indivíduos de origens sociais diversas, devido à relativa abertura que houve quando de sua formação⁴. Ora, o que distinguia a nobreza cortesã de outros segmentos sociais desde sua formação nas cortes dos senhores feudais, como diz Norbert Elias, era a adoção de padrões de comportamento próprios desse grupo. Sendo o grupo restrito, as normas em vigor eram passadas de indivíduo para indivíduo, sem necessidade de mediação; a sociedade organizada em ordos implica que não haja mudança possível no *status* social: o aprendizado do comportamento

¹ BURTON, Sir Richard F. *The Book of the Sword*. New York, Dover Publications, 1987, p. xvii, tradução livre nossa.

² Cf. PASTOREAU, Michel. *No tempo dos cavaleiros da Távola Redonda*, trad. São Paulo, Cia das Letras, 1989, p. 113.

³ BOUZA, Fernando. *Palabra y Imagen en la Corte. Cultura oral y visual de la nobleza en el Siglo de Oro*, Madrid, Abada Editores, 2003.

⁴ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*, trad. Ruy Jungmann. RJ, Jorge Zahar Editor, vol. I, p. 76.

considerado correto para cada grupo se dá desde o berço, e não há como, ou mesmo por que, adquirir as maneiras de outros grupos sociais.

Isto não se passa na modernidade. O ingresso na corte de gente que não está familiarizada com seus modos fez com que surgisse todo um nicho literário que explode no século XV: os manuais de comportamento⁵. O modo certo de comer, de se portar à mesa, de conversar, sobre o quê conversar, de dançar, de ler, de declamar: tudo podia e devia ser aprendido com manuais escritos por aqueles que seriam os mais altos exemplos de cortesãos.

Por que não, então, um manual de manejo de armas? Uma nova técnica de combate de espadas, que esteja de acordo com as prescrições de Roma, que permite que os fidalgos se exercitem e possam defender sua honra? Tal é a Destreza, uma nova forma de esgrimir, surgida no seio cortesão da Espanha. Desenvolvida na segunda metade do século XVI por D. Jerónimo de Carranza, a Destreza foi disseminada por todo o reino espanhol por um de seus discípulos, D. Luis Pacheco de Narváez, no século XVII, a ponto de se tornar a técnica oficial do reino.

Os manuais espanhóis geraram uma interessante contraparte lusitana: quando jovem, Diogo Gomes de Figueiredo escreve seu próprio manual de Destreza, baseado nos ensinamentos de Carranza, a quem conheceu quando o mestre esteve em Portugal. Temos já uma diferença interessantíssima entre os manuais: enquanto os autores espanhóis são cortesãos por excelência, Diogo Gomes é um militar – aclamado por seus pares por suas vitórias nas batalhas da guerra da Restauração, inclusive.

O estudo dos manuais de comportamento de corte prova render muitos frutos: são inúmeras as reflexões que os escritos permitem, nas mais diversas áreas de pesquisa que os historiadores vêm desenvolvendo atualmente. A pesquisadora portuguesa Ana Isabel Buescu, por exemplo, se utiliza deles para elaborar suas reflexões acerca do papel político que alguns cerimoniais exerciam no Antigo Regime – desde um ato

⁵ Idem, p. 111.

aparentemente corriqueiro como as refeições dos monarcas até a trasladação dos restos mortais de reis e rainhas⁶.

Debruçarmos sobre manuais de corte nos permite levantar questões sobre o processo civilizador, de Norbert Elias, e o papel da etiqueta nas cortes régias; a questão da escrita e da leitura, e a importância do letramento no século XVII; os atributos de nobreza; os jogos de espada e a guerra.

Analisaremos o manual de Diogo Gomes de Figueiredo, *Oplosophia e Verdadeyra Destreza das armas*, escrito em 1632, assim como os livros espanhóis sobre Destreza que inspiraram o português, nomeadamente o *Libro de Hieronimo de Carranza, natvral de Sevilla, que trata de la philosophia de las armas y de su destreza y de la agressiõ y defension christiana*, de D. Jerónimo de Carranza e impresso na Espanha em 1582, e o *Libro de la grandeza de la espada*, de D. Luis Pacheco de Narváez e impresso em Madrid em 1600.

Em seguida colocaremos nossos personagens nos ambientes onde provavelmente circulavam: as cortes. Iniciaremos pelos já clássicos estudos de Norbert Elias sobre o que ele denominou Processo Civilizador; passaremos então a analisar as cortes que nos interessam – no caso, as castelhanas e a portuguesa. Finalmente entraremos nas questões das armas e seu manejo: a Destreza, a permanência da espada como arma de predileção da nobreza e o tema do duelo serão o foco de nossas reflexões.

O SOLDADO LUSITANO

Em 1630 Diogo Gomes de Figueiredo tem seu livro, intitulado *Oplosophia e Verdadeyra Destreza das armas*, aprovado por todas as instâncias do Reino e da Inquisição. Dedicado ao insigne Gonçalo Barbosa⁷, é lembrado por Diogo Barbosa Machado como uma obra que estava pronta para ser impressa, mas não o foi⁸. Até nós conservou-se uma cópia manuscrita do manual, em muito bom estado, no acervo da

⁶ A pesquisadora é autora de *A Imagem do Príncipe* (1997), *Na corte dos reis de Portugal* (2010) e organizadora de *A mesa do rei* (2011), entre outras publicações, no qual seu foco é justamente os cerimoniais e a cultura de corte do Antigo Regime.

⁷ Gonçalo Barbosa foi mestre de armas dos moços fidalgos, nomeado em 1605 em chancelaria de Filipe II. Cf. VITERBO, Sousa, *A esgrima em Portugal. Subsídios para sua história*. Lisboa: Manoel Gomes Editor – Livreiro de suas Magestades e Altezas, 1899, p. 18.

⁸ Idem, p. 36.

Academia de Ciências de Lisboa; desconhecemos a existência de outros exemplares em outros arquivos⁹.

Supomos tratar-se de um exemplar que faria parte da biblioteca do primeiro Duque de Cadaval, D. Nuno Álvares Pereira de Melo (1638-1727) por um conjunto de fatos: primeiramente, por o duque haver possuído outro manual escrito por Diogo Gomes¹⁰ em 1651, desta vez sobre a prática do montante e dedicado a D. Teodósio, filho de João IV e de quem era mestre de armas. Como a *Oplosophia*, o exemplar original do *Memorial da prattica do montante* também encontra-se manuscrito, e as caligrafias de ambos manuais são idênticas, assim como o tipo de papel e de tinta utilizados¹¹. Finalmente, uma breve consulta ao catálogo online da Biblioteca Nacional de Portugal indica que outros volumes escritos pelo filho de Diogo Gomes, Diogo Gomes de Figueiredo Bobadilha, também estavam presentes no acervo de D. Nuno¹².

A *Oplosophia* é um livro curto, em quarto, de cerca de cem fôlios, que ensina aos fidalgos portugueses já conhecedores dos jogos de espada a ciência da Destreza. Dividido em cinco partes, sua primeira lição é a Demonstração Universal: uma ilustração que ocupa todo um fôlio e que mostra como devem ser os movimentos circulares executados tanto pelo corpo do combatente quanto por sua arma. Temos aí uma figura esquemática, só com as linhas e legendas; mesmo a posição do lutador é assinalada por um símbolo, e não uma representação humana, como aparece em muitos outros manuais. É para esta Demonstração que as instruções de movimentos se voltam¹³.

Apesar de não ser a única (embora a ilustração da espada e suas graduações esteja faltando – ilustração essa claramente retirada do livro de Carranza), esta é a mais importante figura da *Oplosophia*; de aparência complexa, Diogo Gomes conseguiu condensar nesta única ilustração todos os movimentos considerados por ele importantes

⁹ A transcrição da *Oplosophia* foi realizada por nós, como parte da pesquisa desenvolvida como Iniciação Científica sob a orientação da prof. Dr^a. Ana Paula Megiani. A cópia microfilmada com a qual trabalhamos faz parte do acervo pessoal da professora.

¹⁰ Conforme informação anexa ao Memorial, escrita pelos responsáveis pelo acervo da Biblioteca da Ajuda, onde o exemplar do *Memorial da prattica do montante* está alocado, sob a cota 44-III-20, 21.

¹¹ A comparação entre fôlios de ambos os livros pode ser feita no Anexo I desta dissertação, Imagem 2.

¹² Diogo Gomes Figueiredo Bobadilha dedicou-se à escrita de genealogias das famílias reais; suas obras intitulam-se *Genealogias Portuguesas* e *Famílias Portuguesas* e fazem parte da coleção de manuscritos reservados da Biblioteca Nacional de Portugal.

¹³ A Demonstração Universal faz parte do Anexo I desta dissertação, Imagem 3.

na prática da Destreza. Esta, aliás, é uma marca dos manuais elaborados por Diogo Gomes: suas instruções são práticas e objetivas e a escrita é quase seca, fugindo da forma de escrita característica do Barroco – o que para nós indica tanto um distanciamento da excessiva teorização da matéria quanto o desejo de ser o mais claro possível em suas lições.

É também fácil identificar as fontes a que Diogo Gomes recorreu para escrever a *Oplosophia*: como será possível ver nos excertos abaixo, nas margens laterais do texto estão discriminados autores e obras dos quais o português fez uso durante a escrita do manual. Foi através de tais notas que chegamos aos manuais de Carranza e Narváez – como bem apontou Geoffrey Parker no seu artigo “The ‘Military Revolution’ – a myth?”, ao discorrer sobre os manuais de guerra desenvolvidos na época dos Nassau, diz que embora os antigos continuassem a ser a base de todo o conhecimento militar moderno, autores coevos – sobretudo os espanhóis – já eram estudados e citados como autoridades¹⁴.

E é a partir dos manuais espanhóis de Destreza, nomeadamente, o *Libro de Hieronimo de Carranca, natvral de Sevilla, que trata de la philosophia de las armas y de su destreza y de la agressiõ y defension christiana*, de D. Jerónimo de Carranza, o *Libro de la grandeza de la espada* e a *Carta al Duque de Cea*, ambos de D. Luis Pacheco de Narváez, que Diogo Gomes escreve sua *Oplosophia e Verdadeyra Destreza das armas*. Propriamente dito, é *contra* Pacheco de Narváez que Diogo Gomes escreve: para o português D. Luis equivocou-se ao criticar a teoria da Destreza de Carranza, professando, por sua vez, ensinamentos errôneos da técnica. A intenção de Figueiredo é retomar e aprimorar as lições de Carranza – que ele acredita servirem a seus objetivos com justeza.

No entanto, nos três manuais, o estudo da Destreza não é iniciado pelos ensinamentos teóricos de manejo das armas. Antes de aprender a praticar a Destreza propriamente dita, há que se realizar uma série de estudos; no caso da *Oplosophia*, sobre a história não só das armas com que se batalha, mas sobre as mais relevantes guerras –

¹⁴ PARKER, Geoffrey. “The ‘Military Revolution’ – a myth?”. In: ROGERS, Clifford J. (ed). *The Military Revolution Debate. Readings on the military transformation of Early Modern Europe*, Colorado, Westview Press Inc., 1995, p. 40.

para o humanista do século XVII, claro – e suas práticas. Só então o leitor-aprendiz tem acesso aos movimentos que caracterizam a Destreza e o ser Destro.

Comecemos, pois, com o manual de Diogo Gomes, que constitui nossa fonte principal de estudo. O objeto do primeiro capítulo da *Oplosophia* é a antiguidade da espada, e suas excelências; aprende-se (ou relembra-se, dependendo do conhecimento do leitor) que o primeiro a empunhar tal arma foi o Arcanjo São Miguel, na grande batalha contra Lúcifer:

LIVRO

PRIMEIRO

Da theorica da verdadeyra Destreza

Capitulo Primeyro.

Da Antiguidade da espada e de suas excellencias.

Grandiosamente authorisa, as maravilhosas excellencias da espada o lerse nas letras divinas que fora hũ Cherubim o primeyro em cujo braço a vio o mundo, para defender com ella a entrada do Paraizo a nossos primeyros paes quando delle forão lançados pello pecado [*à margem direita: genes: cap.3.*] e bem bastara para abonar e dar credito a suas grandezas, tam divino fundamento e tam sublime origem se tambem a não tiveram, por amparo, e resgoardo da fé, por patrocínio e segurança da honra, e por defesa, e arrimo da propria vida. A noticia de tam excellente arma, e o importante de seu galhardo exercicio, esteve por muito tempo sepultado, até que em Grecia os Lacedemonios a introduzirão elegendoa para continua e fiel companheira dos homens, para goarda, e conservação de suas patrias, e para adorno e pompa de todas as Monarchias.¹⁵

Em uma nota marginal o autor expande o episódio divino:

Mas ainda que foi a espada mais antiga, e que o uso, e principio della que se fez no ceo antes que ouvesse homens na terra, naquella grande batalha entre o Archanjo S. Miguel, e Lucifer, na qual foy vencido com seus sequazes, de sorte que a primeyra vez que se vibrou a espada foi para vencer, e suposto que esta batalha não foi com armas materiaes, e foi entre espiritus com razoes e lutas espirituas, comtudo o Evangelista lhe dá nome de batalha e por tradição se pinta ao glorioso Arcangel armado com espada.

Joan: Apoc: 12.¹⁶

¹⁵ FIGUEIREDO, Diogo Gomes. *Oplosophia e verdadeyra destreza das armas*, fl. 04.

¹⁶ Idem.

Huizinga encontra a mesma descrição do divino embate nas *Chroniques* de Jean Molinet, compostas na segunda metade do século XV¹⁷; citando Molinet, diz Huizinga que “o feito de armas do arcanjo São Miguel foi a *première milicie et prouesse chevaleureuse qui oncques fut mis en exploit*; o arcanjo é o antepassado da cavalaria; como *milicie terrienne et chevalerie humaine*, é a sucessora terrena do exército dos anjos em torno do trono do Senhor”¹⁸. É aqui, portanto, que começa a história não só da cavalaria, como também das armas, dos embates e das guerras.

História que prossegue com os espartanos, na Antiga Grécia, na nota marginal que acompanha o trecho acima:

*O que não ignorando os Politicos e valerosos Romanos como tam perfeitos e universaes em tudo lhe derão sempre o primeiro lugar, asi na paz como na guerra; naquella porque nhũ cidadão deyxava de a cingir, e nesta porque todas as ordens de soldados em que ambos os autores dividem a milicia Romana: se armavão com espadas quazi como as nossas de dous cortes e boa ponta e anida [?] que varião nas outras armas nunca na espada como por dar a entender que sem ella nem o soldado pode representar que o professa [?] nem o corteção descobrir o que representa porque hũ deixaraia de ser prattico, e só bizonho, e outro patetico, e só inutil.

O usos e as práticas de manejo de diferentes armas podem ser aprendidas com os Antigos, já que as armas seriam também as mesmas – ao menos para Diogo Gomes; iriam os classicistas tão longe a ponto de afirmar que “ainda utilizamos as mesmas armas, ferramentas, etc. Vejam bem, somos como eles, façamos tal os antigos fizeram e assim restabeleceremos a antiga glória”? Tal paralelo pode ser verificado na seguinte passagem:

Porque em todos os 14 annos continos que anibal guerreou em italia, vencendo aos Romanos nas 4 memoraveis batalhas de Tesin, Transiménio, Trevia e na sanguinolenta de Canas, assi como os Gallos pellejavão com montantes os malhorquirs [?] com fundas e os Numidas a cavallo em que erão muyto destros, os Hespanhoes batalharão com espadas, que tam propria como antiga he neles esta singular arma ¹⁹.

¹⁷ MOLINET, Jean. *Chroniques*, 1473. In: BUCHON, Jean Alexandre C. *Collection des chroniques nationales françaises*, Paris, Verdière, 1827. Na *Collection*, as *Chroniques* correspondem aos tomos 43-48.

¹⁸ HUIZINGA, Johan. *El otoño de la Edad Media*. Trad. de José Gaos. Madrid, Alianza Editorial, 1982, 4ª edição, p. 93, grifos do autor.

¹⁹ *Oplosophia*, fl. 04v

A história precede os ensinamentos teóricos da Destreza por toda a *Oplosophia*. Vejamos o que Diogo Gomes nos ensina a respeito das Rodelas, que são escudos em formato circular:

A antiguidade desta arma tras sua origem dos Egypcios os [*à margem direita Heliod: liv: 4.*] quaes forão os primeyros que a inventarão, não tam largas de circunferencia como agora se uzão, mas com melhor modo e proporção. Da excellencia do feitio da Rodella he de crerse dedduzirão os Escudos, e as Adargas, que sendolhe semelhantes no embaraçaremse e nos effeytos, só se differença na figura, e no poder conforme a materia de que são compostos.²⁰

(...)

e assi levados os antigos de sua perfeção não avia exercito em que não campeassê estas armas, Vigecio na quar= [*à margem direita liv: 3 c 14.*] ta ordem das seis em que Reparte a milicia Romana poem aos Peltates que erão soldados armados com Rodellas, o que prova bem Titolivio di= [*à margem direita decada 4. Liv: 1.*] zendo que os soldados de Fellippo armados a ligeyra, ou quasi sem armas defensivas, não erão iguais aos Romanos, que trazendo espada e Rodella erão conformemente aptos, a se defender, e a offender aos contrarios, e [*à margem direita Polibio de Castr:*] assi tambem os Vilettes, que [*à margem direita Rom:*] erão soldados ligeiros dos escoados volantes se armavão de Rodellas; e nos nossos exercitos por obrigação as trazem os Capitões de arcabuzeyros, e os seus [*à margem direita Luis Mendes de Vasc:*] centurioes, quando por [*à margem direita na 1. p: de art. mil:*] acomodada defensa a não embração todos os mais Capitões, e não he embaraço esta insigne arma para atravessar um Rio, antes offerece grande comodidade, como se vio na acção heroica do magno Alexandre, que estando para conquistar nisa [2] cidade da India oriental, a que cercava hũ profundo rio, refusan= [*à margem direita Eras: l 4*] do passar os seus soldados [*à margem direita apoph: exfulg:*] confiado em hũa Rodella [*à margem direita 1: 3. e. 22*] nu, se lançou em sima sem saber nadar, e passou a outra parte, e a seu exemplo todos.²¹

Finalizemos com um pequeno trecho a respeito dos broqueis, escudos menores ainda que as rodelas:

²⁰ Idem, fl. 44v.

²¹ Ibidem, fl. 45.

suposto que ja os antigos prat= [*à margem direita* Dionisio “alicarna] ticavão este modo de armas [*à margem direita* lin: 4.] porque a primeyra ordem dos fa= [*à margem direita* Vigecio liv: 3 c. 14.] langes macedonicos se ar= [*à margem direita* liv: 2. c. 15.] mavão com escudos Argolicos, que vem a ser broqueis, e Eliano diz que a uzança [*à margem direita* Eliano de nom et on] macedonica trazia os Roma= [*à margem direita* mil:] nos os escudos redondos e as hastes ou sarissas compridas a maneyra do broquel e estoque, pois aquella se empunhava com a mão, e a este arremedavão os botes das sobreditas hastas.²²

Diogo Gomes propõe o uso dos escudos como armas auxiliares nos combates com espada num ambiente cortesão; para tanto ele se utiliza de *exempla* militares, não só aqui, mas como tema recorrente do texto. cremos que isso ocorre pois o próprio autor é um militar que alcançou, ao longo da vida, altas patentes do exército; segundo José António Maravall, “hay toda una larga discusión en la época sobre el valor de los antiguos y el de los modernos, en relación a armas de cuyo uso se servieron para demostrar en la práctica ese valor”²³.

Mas para ele a história fornece mais do que exemplos bélicos: Diogo Gomes nos conta como lida com situações recorrentes de atrito entre ele e seus críticos:

como os mal contentes que tudo censurão, esquecendosse das grandes para as louvar, e só reparando nas piquenas para as morder; antigo costume da enveja, pois ja os Thebanos accusavão a Panyculo de cuspir muyto sem se acordarem de que resgatara a Thebas : ja os Lacedemonios criminavão a Licurgo de andar cabisbaixo, não se lembrando de que lhe reformara seus reynos: e finalmente ja os Romanos reprovavão a Scipião de dormir roncando sem o louvarem de vencer a Carthago e de arruynar a Numancia que havia sido terror e espanto de seu imperio: e assi não he muyto que eu passe por esta fortuna, quando se não advirta que todas as cousas a que se dá principio são dificultosas, e que nhũa grande he facil. Dilato este discurso, porque passarão estes meus Cadernos tantas borascas, combattidas das ondas da mormuração, q ate os que em publico os defendião (ou movidos da verdade delles, ou forçados de algũ outro respeyto) em secreto (poderá ser que constrangidos de que dezejarão para si a gloria de seus acertos) sey que os reprovavão.²⁴

²² Ibidem, fl. 45v

²³ Maravall, *El humanismo de las armas en Don Quijote*, Madrid, Instituto de Estudios Políticos, 1948, p. 144.

²⁴ *Oplosophia*, fls. 37v e 38.

A Antiguidade aparece como *autorictas*; suas lições e exemplos estão plenos da autoridade conferida aos clássicos pelos humanistas. François Hartog, ao discorrer sobre como Políbio escreveu a história de Roma, para tentar compreender como esta conquistou quase todo o mundo conhecido em aproximadamente meio século, diz que “este [Políbio] lembrara em seu prefácio que a história era uma arte, ou mesmo uma ciência, da ação e da ação sobre si mesma. Pelos exemplos que fornece, com efeito, ela era útil ao governo e um auxílio para suportar as vicissitudes da existência. Era filosofia moral e política”²⁵. E é dessa forma que Diogo Gomes emprega a história em sua *Oplosophia: historia magistra vitae*, filosofia moral e política.

Surge, então, uma questão: por que a parte, digamos, filosófica deste manual de armas se volta para a história? Que importância veria Diogo Gomes nos ensinamentos históricos para os aprendizes da Destreza? Quais exemplos queria invocar o autor ao citar tantos grandes romanos e espartanos? Sabemos que nunca poderemos responder tais perguntas, mas podemos jogar alguma luz nas questões se deixarmos a *Oplosophia* por um momento e nos concentrarmos em seu autor e sua época.

Pois bem, o nome de Diogo Gomes de Figueiredo não sobreviveu até os dias atuais, embora tenha alcançado bastante prestígio em sua época: é muitíssimo elogiado por Barbosa Machado em sua *Bibliotheca Lusitana*, onde lhe dedica um extenso verbete, no qual cita as demais obras de Figueiredo e as passagens em que ele é citado por outros autores²⁶.

O sucesso social de Diogo Gomes acontece somente após 1650, quando se destaca em diversas batalhas da Restauração, e alcança os postos de Mestre de Campo e Sargento mór de argumentos²⁷, cargo que ocupa, segundo D. Luis de Meneses, conde da Ericeira, desde 1641²⁸. Sabemos somente o ano em que Diogo Gomes faleceu – 1685 –, mas isso nos basta para presumir que ele escreveu sua *Oplosophia* quando muito jovem. Jovem, porém experimentado: em 1626 aventurou-se na Armada Real sob o comando do

²⁵ HARTOG, F. *Os antigos, o passado e o presente*, org. José Otávio Guimarães, trad. S. Lacerda, M. Veneu e J. O. Guimarães. Brasília, Ed. UNB, 2003, p. 55.

²⁶ MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana*, Coimbra, Atlântida Editora, versão fac-símile de 1967, vol. I, pp. 654-655.

²⁷ Idem, p. 654.

²⁸ MENESES, D. Luis. *História do Portugal Restaurado*, edição anotada e prefaciada por António Álvaro Dória. Porto, Livraria Civilização, 1946, vol. I, p. 162.

General D. Manoel de Menezes²⁹. Sabemos também que ele foi Mestre de Armas de jovens fidalgos do reino, tendo sob sua tutela o jovem D. Teodósio, herdeiro do trono Restaurado³⁰, a quem dedicou um manual de prática do montante, como já dissemos.

O império dos Áustria, sob cujo governo Portugal se encontrava à época, estava envolvido já havia algum tempo em diversas questões militares: tanto a Guerra dos Trinta Anos como o embate contra os holandeses, fosse no continente europeu fosse nas colônias, apresentavam diversas oportunidades para que os jovens experimentassem a vida no exército – com todas as aventuras e também infortúnios.

A *Oplosophia* foi a primeira incursão de Diogo Gomes ao mundo da escrita, talvez a reação de um jovem oficial aos tempos em que vivia: as décadas de 1620-30 foram particularmente “inspiradoras” neste sentido. Em seus livros sobre o tema da União das Coroas e Restauração de Portugal, Rafael Valladares arrola aquelas que considera as mais relevantes rusgas entre a monarquia espanhola e o governo português: a guerra contra Flandres, desencadeada pelos esforços do Conde-Duque de conseguir tratados favoráveis à Monarquia, na década de 1620; a invasão de Salvador em 1624 e a tomada de Pernambuco em 1630, ambos pelos holandeses; a abertura das hostilidades contra a França em 1635, à qual Portugal negava-se a contribuir financeiramente³¹. Stradling diz que “de 1635 en adelante, la monarquía española vivió una época de guerra total. (...) Independiente de que fueran escenario de campañas militares o colindaran con un estado inimigo, todas las provincias de Felipe IV, así como todos sus súbditos, se vieron gravemente afectadas”³².

Em dado momento Diogo Gomes sugere

²⁹ Idem; infelizmente, a primeira aventura militar de Diogo Gomes documentada por Barbosa Machado não acabou bem: a viagem com o exército era marítima, e o navio naufragou na costa da Gasconha apenas três meses depois de zarpar devido a uma tempestade; da mesma expedição fez parte D. Francisco Manuel de Melo, que depois dela ingressou no exército castelhano, onde conheceu o sucesso no meio militar.

³⁰ Cf. Ana Maria H. Faria em *Duarte Ribeiro de Macedo, um diplomata moderno – 1618-1680*, Europress, 2005, p. 705, nota de rodapé nº 59; Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana* diz que as passagens na *História do Portugal Restaurado* de D. Luis de Meneses que fazem referência ao aprendizado das armas pelo jovem príncipe dizem respeito a Diogo Gomes; Sousa Viterbo na *Esgrima em Portugal*, Op. Cit., pp. 22-25, atribui-lhe um artigo curto, sendo que a maioria das informações foi retirada da *Bibliotheca*.

³¹ VALLADARES, Rafael. *A independência de Portugal*, trad. Pedro Cardim. Lisboa, Esfera dos Livros, 2006, pp. 36-38.

³² STRADLING, R.A. *Felipe IV y el gobierno de España, 1621-1665*, trad. Carlos Laguna. Madrid, Ediciones Cátedra, 1989, p. 195..

que se estabeleção jogos publicos e solemnes de todas as armas com dedicados premios aos que nella se aventajarem, correndo isto, ou por conta da generosidade de algũ senhor curioso desta ciencia, ou pella do proveyto dos mesmos mestres, pois nestes jogos publicos se ostenta melhor o como ensinão, quando de todos os ministros mais obrigados os não disponhão com solemnes apparatus nas festas particulares, como na sua perfeyta Republica diz Platão, que estavam constituidos dandosse não só premios sinalados aos moços que na arte militar, ou em outra [*à margem direita* *Pla: 2. de Rep:*] algũa couza Virtuosa se aventajão mas ao que procedia agre= [*à margem direita* *idem. l. 5.*] giamente, e com mais ciencia, e valor que os outros, nas expedições dos mancebos era coroado de todos hũ por hũ; e não ha duvida, que se ouver Principe que proponha estes premios, e estas honras aos que pellejarem com mais Destreza, e mais valor nos combattes, que melhor se fará pella competencia de os alcançar; e [*à margem direita* *Xenoph: etierc:*] vindo daqui todos em concideração de que he mais glorioso o premio ganhado por propria Virtude, que o acquerido por alheos merecimentos, mas quererão aprender continuamente a Destreza Verdadeyra, que passar a vida nas dilicadezas, e regalos deste tempo, tam corrompedor do esforço Portugues, pelloque devem instituirse estes jogos publicos, fazendo juntar os discipulos de hũa escola contra os de outra, com seus juizes cientes e authorizados, para darem os premios a quem os merecer, julgandoos conforme as instituções do certamem que se resumirão todas em premiar sempre, não a quem der mais feridas, mas a quem melhor as der, e mais se ajustar com os preceytos da Verdadeyra Destreza (...)³³

E ele continua o texto, estabelecendo as regras dos encontros. Adiciona em nota marginal:

Que por ser de tanto proveyto, devem fazerse em dias successivos a exemplo daquelles insignes desafios de gladiadores que duravão tres e quatro dias como foy o que Flamineo ordenou na morte de seu pay, e os que Caligula Cezar dispos no Anfiteatro, em que elle quando não assistia dava a presidencia aos Magistrados, e pois esses jogos erão cruendos, e por isso defesos, e os nossos sem mortes e portanto licitos, e honrados, se devem fazer não só que dures mas cada anno muytas vezes (...)³⁴

³³ *Oplosophia*, fl. 73v.

³⁴ *Idem*, fl. 74.

Difícilmente poderíamos encarar tal gesto como uma exortação para a batalha, isso seria ir longe demais. Mas é claro o desejo de que os exercícios militares se tornassem uma prática comum entre os jovens fidalgos do reino de Portugal – como acontecia em outros reinos, inclusive Castela, de acordo com Figueiredo. A idéia de estabelecerem-se embates públicos entre as academias, mestres e pupilos não era nova: D. Duarte considerava que o bem montar a cavalo fosse uma obrigação da nobreza, e os nobres aproveitavam-se de ocasiões como as justas e os torneios para exibirem sua perícia, disputando um prêmio estabelecido³⁵.

Em nenhum momento Diogo Gomes fala em recrutamento de oficiais para o reino de Portugal, ou qualquer outro reino; para ele, o importante é que os fidalgos sejam treinados nas armas e estejam prontos – ao menos fisicamente – para um combate em que possam porventura envolver-se. Podemos entrever então um jovem militar escrevendo num tempo de conflitos cuja preocupação – a falta de dirigentes preparados para o combate – se concretiza uma década mais tarde: uma parte do exército português formado para combater os castelhanos é composta por portugueses que teriam experiência de outros exércitos – especialmente o exército castelhano – e retornaram ao reino com a aclamação de D. João IV, como bem diz Fernando Dores Costa em seu livro *A Guerra da Restauração*³⁶.

Pois bem, aí temos então o uso de seus contemporâneos como fonte de sabedoria: a Destreza espanhola apareceu para Diogo Gomes como um ótimo exercício para manter a juventude fidalga com seus corpos e mentes em suas melhores formas; afinal, *mens sana in corpore sano*. Porém, se Diogo Gomes viu na Destreza mérito e potencial, assim como Carranza e Narváez antes dele, o português tinha para tal forma de prática de armas uma finalidade muito distinta daquelas propostas pelos espanhóis. Como veremos, somente Figueiredo tinha ambições de que a Destreza se tornasse atraente o suficiente para interessar a fidalguia lusa a manter seu treino regular.

³⁵ MARQUES, A. H. De Oliveira. *Sociedade medieval portuguesa: aspectos da vida quotidiana*. Lisboa, Sá da Costa, 1981, p. 203.

³⁶ COSTA, Fernando Dores. *A Guerra da Restauração – 1641-1668*. Lisboa, Livros Horizonte, 2004, p. 51.

O FAMOSO DISCÍPULO

Talvez o mais célebre disseminador da Destreza por todo o império espanhol tenha sido D. Luis Pacheco de Narváez, cortesão sevilhano oriundo de Baeza. Segundo Pilar Irureta-Goyena Sánchez e Maria Luisa Esteban Hernández seus livros sempre foram valiosos: em seu tempo, por terem sido extremamente populares, e hoje, por existirem pouquíssimos exemplares bem conservados dos mesmos³⁷. Não só, D. Luis mostrou-se uma personagem à qual era difícil não reagir em sua época, colecionando ao mesmo tempo importantes admiradores e ferozes inimigos³⁸.

Sua figura continuou gerando polêmicas nos círculos de estudo da prática da esgrima e da literatura espanhola do século XVII; não é surpreendente, portanto, que tenha excitado reações num jovem oficial – deparamo-nos constantemente com o nome de D. Luis ao ler a *Oplosophia...* de Diogo Gomes: é contra seus preceitos que o português redige sua versão da Verdadeira Destreza das armas; esta sim estaria de acordo com os ensinamentos do grande mestre, D. Jerónimo de Carranza. É por esta razão que estudaremos o *Libro de la grandeza de la espada*, entre todas as obras de Narváez, além da sua *Carta ao Duque de Cea*.

Escritor prolífero até sua morte, o mais famoso livro de Pacheco de Narváez é também seu primeiro trabalho impresso, o *Libro de las grandezas de la espada*, de 1600³⁹. Aurelio Valladares Reguero, em seu artigo “Luis Pacheco de Narváez: apuntes bio-bibliográficos”⁴⁰ indica que exemplares do *Libro...* podem ser encontrados em arquivos de diversos países; o autor arrola cerca de vinte livros, muitos dos quais ou estão severamente deteriorados, ou lhes faltam alguns fólios.

O exemplar ao qual tivemos acesso material se encontra na coleção de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro⁴¹, e embora esteja completo, a primeira

³⁷ IRURETA-GOYENA SÁNCHEZ, Pilar, e ESTEBAN HERNÁNDEZ, Maria Luisa. “Pacheco de Narváez y el arte de la esgrima”, in: *El deporte en el libro antiguo*, Biblioteca del Instituto Nacional de Educacion Física de Madrid – Consejo Superior de Deportes e pela Biblioteca Sportiva Nazionale de Roma – Comitato Olímpico Nazionale Italiano, Comunidad de Madrid, 1994 p. 35.

³⁸ VALLADARES REGUERO, Aurelio. “Luis Pacheco de Narváez: apuntes bio-bibliográficos” In: *Boletín del Instituto de Estudios Giennenses*, nº 173, 1999, pp. 519 e 524. Ao fim do artigo o autor aponta em quais obras e autores D. Luis Narváez é citado, desde o século XVII até o XIX.

³⁹ Idem, pp. 517 e 521.

⁴⁰ Ibidem, p. 530.

⁴¹ Catálogo de Obras Raras, localização W02-02-01.

metade do livro está corrompida por traças. Em alguns fólhos é possível identificar anotações marginais feitas por algum leitor, o que não aparece na versão digitalizada com a qual temos trabalhado. Este exemplar é propriedade da biblioteca da Universidade de Valencia, que disponibilizou-o na rede mundial de computadores⁴², e tal facilidade de acesso nos proporcionou a possibilidade de estudo do manual.

Já no primeiro contato com os manuais de Pacheco de Narváez e Diogo Gomes nos impressiona o quão parecidos os livros são; assim como no caso da *Oplosophia*, parece que o *Libro...* foi a primeira incursão de D. Luis no mundo letrado⁴³, assim que este retornou das Ilhas Canárias, onde serviu o rei, Filipe IV, como soldado – outro traço em comum com Gomes de Figueiredo e diversos outros fidalgos, uma vez que tanto o treino militar quanto as aventuras literárias constituíam traços comuns na formação dos indivíduos de tal segmento social, o que lhes valeu a famosa alcunha de homens de letras e de armas.

Pacheco de Narváez mudou-se para Madrid em 1599 como consequência de uma promoção em sua carreira militar, “y con la logica esperanza de que la publicación de esta obra lo consagrara en los ambientes culturales de la Corte como teorizador de la materia y le abriera nuevas perspectivas profesionales”⁴⁴. Mas se para Diogo Gomes a escrita de um manual de Destreza deu-se no período em que começava sua carreira no exército, para D. Luis marcou a estabilização de sua vida em Madrid, realizando somente viagens curtas de negócios; também é conhecida sua intenção de dirigir-se a Portugal no ano de 1622, embora não tenham sido encontradas muitas evidências a respeito da mesma. Em 1624 D. Luis foi nomeado Maestro Mayor de la armas, que lhe dava o direito de examinar todos os mestres de armas do reino⁴⁵.

As semelhanças entre o *Libro...* e a *Oplosophia...* não se restringem às vidas de seus autores: como já adiantamos, durante a redação de seu manual Diogo Gomes deixa claro que foi a obra de Pacheco de Narváez que lhe impulsionou a escrita. De fato, a

⁴² Este exemplar, assim como diversos outros documentos digitalizados, pode ser encontrado em http://lubna.uv.es:83/R_1_213/R_1_213_fich_1.html.

⁴³ No já citado artigo de Valladares Reguero há uma lista de todas as obras que o autor conseguiu encontrar em fundos ao redor do mundo e que podem seguramente ser atribuídos a D. Luis Pacheco de Narváez. Nela o *Libro...* figura não só como a primeira obra impressa, mas também como o primeiro grande escrito de D. Luis em geral.

⁴⁴ VALLADARES REGUERO, Op. Cit., pp. 514 e 515.

⁴⁵ Idem, pp. 516, 517 e 519.

Oplosophia... foi gestada como uma resposta à Destreza falha e incorreta ensinada pelo espanhol, que, como dissemos, deturpa os ensinamentos da Verdadeira Destreza do mestre D. Jerónimo de Carranza⁴⁶. Mas mais do que uma base na qual apoiar sua argumentação, vemos que o *Libro...* inspirou Diogo Gomes para além – a formatação da *Oplosophia...* é a mesma do *Libro*, embora este tenha cerca de 400 fólios, contra os aproximadamente 100 da *Oplosophia*.

Divido em cinco livros, a primeira parte do ensino da Destreza é constituída pelas partes da Destreza, a interna – a sua doutrina – e a externa – os combatentes – e pelos movimentos e tretas. Na segunda e quarta partes demonstra-se os preceitos e manobras explanadas nas primeira e terceira partes; a partir do segundo livro o manual é ricamente ilustrado: os movimentos dos pés e das armas figuram cada explicação, tornando o entendimento da lição muito mais fácil para o leitor-aprendiz. O último livro é sobre como conhecer o oponente – seu ânimo, tamanho, compleição – assim como a classificação dos movimentos – violento, natural, remisso e misto – e a graduação da espada.

Os ensinamentos *per se* parecem os mesmos em ambos manuais; quer dizer, os movimentos que o destro deve realizar são os mesmos, provenientes da doutrina de Carranza – são apenas detalhes de passadas e movimentos que Diogo Gomes “corrige”. É na parte teórica que a *Oplosophia* se mostra distinta do *Libro...*; por isso talvez que a *Oplosophia...* comece justamente nas questões sobre as quais D. Luis discorre por último.

Outro ponto no qual os manuais de Diogo Gomes e de Pacheco de Narváez diferem é o das ilustrações: se, como dissemos anteriormente, a *Oplosophia* conta apenas com uma figura principal e que encerra em si os movimentos mais importantes de maneira esquemática e enxuta, o *Libro...* é ricamente ilustrado e pormenorizado, seja nas figuras, seja no texto.

Cada movimento de espada que formam círculos estão discriminados em diferentes fólios, e cada lição de manejo de armas é composta pela descrição textual e por uma ilustração dos movimentos que devem executar os pés do praticante, além da posição e direção em que deve estar a espada. Pacheco de Narváez é tão minucioso neste

⁴⁶ *Oplosophia*, fls. 35v e ss.

seu primeiro manual que o *Libro...* chega ao ponto de trazer duas ilustrações peculiares: nelas D. Luis quer demonstrar como deve levar a espada o destre estando vestido adequadamente para o ambiente de corte – com seu chapéu, capa e afins – e estando, literalmente, despido⁴⁷.

Já nos primeiros fólhos Pacheco de Narváez faz sua crítica ao manual de D. Jerónimo de Carranza, que “escriuio tan profundamente el ella [Destreza Verdadeira], como sus escritos lo manifiestan: pero fue en teorica, y no en pratica demonstratiua”⁴⁸.

Quanto ao *Libro...*, escreveu Valladares Reguero,

las novedades teóricas que presentaba, especialmente com respecto a la doctrina del hasta entonces indiscutible maestro Jerónimo de Carranza, debieron de causar impacto en los ambientes culturales madrileños. A partir de aquí empezó a gozar de la estima de muchos e importantes autores, aunque también de la enemistad de algún otro⁴⁹.

O *Libro...* foi um valioso meio de difusão da Destreza na Espanha; nele não só os movimentos são ensinados, mas encontramos também todo um discurso atestando sua eficácia e a necessidade que o reino tem de sua prática. Para Valladares Reguero, sobre a relação entre Pacheco de Narváez e a esgrima “sí hay que afimar que en esta materia (muy en boga entonces) fue durante mucho tiempo referente inexcusable, extremo que avalan las sucesivas ediciones de sus obras”⁵⁰.

O que lhe garantia ser o melhor e mais fiel método de estudo da Destreza era o fato de que o que estava descrito em sua páginas era a Verdadeira Destreza, pois

de la verdad dize Marco Tulio, que es tan grande su fuerça, que ella por si, sin ayuda de nadie, se defiende de las affechanças de los que maliciosamente la quieren encubrir. La destreza, por lo q’ tiene de verdad, haze el mismo efecto, y siempre sale vitoriosa. La verdad es la que rige los cielos, alumbra la tierra, sustenta la justicia, gobierna la Republica, confirma lo que es cierto, y aclara lo que es dudoso⁵¹.

⁴⁷ Exemplos das ilustrações a que nos referimos podem ser encontradas no Anexo I desta dissertação, Imagens 7 a 9.

⁴⁸ PACHECO DE NARVÁEZ, *Libro...*, fl 03 da “Epistola a un amigo”.

⁴⁹ VALLADARES REGUERO, Op. Cit., p. 517.

⁵⁰ Idem, p. 510.

⁵¹ PACHECO DE NARVÁEZ, D. Luis. *Libro de las grandezas de la espada*, Madrid, 1600, fls, 01v. e 02.

A outra parte sobre a qual se apóia a Destreza é tão excelente quanto a verdade: a *ciência* lhe garante jamais ser consumida ou enegrecida pelo tempo⁵², “pues, segundo alega Geronimo de Carrança, sciencia no es otra coisa sino vn exercicio scientifico del que sabe”⁵³. Continua Pacheco de Narváez defendendo que

esta Destreza es sciencia, y se prueua muy claro por el lugar de Dialectica, y Retorica, que es prouando por difinicion, lo que es definido. (...) Esto supuesto, prueuase, que esta difinicion quadra a esta arte: porque procede por tales demonstraciones, assi claras y manifestas en Filosofia, como en Geometria: porque trata de mouimientos naturales, tardos y veloces, y de los efectos, y de las complexiones naturales de los hombres, y de sus fuerças y miembros, que es necessario para el conocimiento de herir e defender⁵⁴.

Numa época em que tudo deve escorar-se numa base científica, Pacheco o logra em seu manual ao utilizar termos matemáticos – notadamente, a geometria – para ensinar as manobras que compõem a Destreza. Mas mais do que a ciência, a Destreza que nos apresenta D. Luis possui algo que lhe garante, sem dúvidas, o valor: se trata de uma técnica enviada por Deus

para que se refrenassen los animos dañados de los hombres desconcertados y temerarios: y para que los quietos, pacíficos, amadores de la gloriosa paz no padeciessen a manos de los primeros, por falta de defensa, dar lugar, permitiendo q’ por su estabilidad y certeza, no faltasse, y permaneciesse siempre como las demas sciencias y no dudo en esto, antes lo tengo por muy cierto, que quiso que esto fuesse en este rincon de España, donde su santa Fé se professa y guarda, y su santissimo nombre es adorado y reverenciado⁵⁵.

Pois bem, podemos identificar neste trecho duas questões caras a Pacheco de Narváez que elucidam o valor que o autor via na Destreza: a necessidade de defesa que têm os homens “quietos, pacíficos e amadores da paz” contra os “desconcertados e temerários” e o fato de que a técnica foi dada aos sevilhanos – o “rincón de España” a que refere D. Luis é Sevilha, onde morava D. Jerónimo de Carranza, inventor da Destreza – por Deus para suprir tal necessidade.

⁵² Idem, fl. 02v.

⁵³ Ibidem, “Prologo al lector”

⁵⁴ Idem, ibidem.

⁵⁵ PACHECO DE NARVÁEZ, *Libro...*, “Prologo al lector”.

Porque não faz parte da natureza humana que os homens ataquem uns aos outros, ainda mais *católicos* atacando uns aos outros,

pues en los animales ya es muy conocido la diligencia que cada vno, por flaco que sea, para defenderse de quien le quiere ofender, y ofenderlo por su defensa: y como el hombre, por ser mas noble que todos ellos juntos, tuuiesse nas necesidad de conseruarse y muchas vezes (que es harto dolor y lastima) fuesse ofendido de sus semejantes, pues como dixe el adagio: El hombre es el lobo del hombre, fuese necessario ua arte que le enseñase como auia de hacer esta defensa⁵⁶.

A ameaça à Igreja também o é aos seus fiéis, e o embate, embora não-natural e contra inimigos não nomeados, se torna necessário. Mas, veja bem, o ponto da argumentação de D. Luis é a *defesa*: pois, “la guerra q’ el hombre tiene apregoadã cõtra el hombre, no procede de la naturaleza, sino de la malicia y embidia”⁵⁷; há que se proteger contra a malícia e a inveja alheias que ameaçam o mundo. Este discurso, porém, não é novo, muito menos original: no manual de Carranza podemos encontrar este discurso que, se Pacheco de Narváez temperou com o recente Hobbes, tem suas origens em Platão, Plínio e Galeno.

Pacheco de Narváez tornou-se uma figura proeminente no meio em que vivia, devido aos seus escritos, sem dúvidas, mas especialmente por ter sido Mestre Maior de Armas de Filipe IV; em ambas as áreas colecionou admiradores importantes e inimigos poderosos, como já dissemos. Sua mais famosa – ainda lembrada – contenda foi com Francisco de Quevedo, poeta e escritor coevo. Juan Luis Alborg, em sua *Historia de la literatura española*, conta-nos sobre esse episódio no capítulo dedicado a Quevedo:

Por aquellos años de su estancia en Madrid [década de 1620] tuvo lugar el famoso incidente con el maestro de armas Luis Pacheco de Narváez. Quevedo, que era consumado esgrimador, discutió con el “maestro” – estando ambos en casa del conde de Miranda – sobre un género de acometimiento explicado por aquél en uno de sus libros, y Quevedo la demostró su error quitándole el sombrero de un botonazo. Desde entonces fueron enemigos irreconciliables; Quevedo ridiculizó a Pacheco en varios de sus libros, y éste le atacó violentamente en el *Tribunal de la justa venganza* y denunció a la Inquisición varios de sus escritos. Bastantes años

⁵⁶ Idem, *ibidem*.

⁵⁷ Idem, *ibidem*.

más tarde Pacheco fue encarcelado por haber agraviado a Quevedo en una “comedia en prosa”; todo lo cual arroja suficiente luz sobre lo enconado de su enemistad⁵⁸.

A propagação e continuação do episódio por parte de estudiosos quevedistas – ou seja, aqueles que são ou eram partidários de Quevedo, desde o século XVII – fez com que a imagem que restou de D. Luis não fosse das mais prestigiosas. Ao estudá-lo, e à sua obra que permaneceu manuscrita, *Peregrinos discursos*, Valladares Reguero pretende desfazer a má impressão, revisando o personagem de Pacheco de Narváez⁵⁹.

De qualquer modo, o trabalho escrito de D. Luis foi extremamente profícuo. Segundo Valladares Reguero, “cada nueva publicación de Pacheco en materia de esgrima era ocasión para reafirmar teorías anteriores suyas y criticar las opiniones contrarias, manteniendo viva una polémica que no parecía cesar. Precisamente, la aparición de *Las cien conclusiones* (1608) motivó el famoso incidente entre Pacheco y Quevedo”⁶⁰.

Um dos livros publicados por D. Luis foi um estudo do manual que deu início à teorização da Destreza: o *Compendio de la filosofía y destreza de las armas de Gerónimo de Carranza*, de 1612, analisa a obra de D. Jerónimo de Carranza intitulada *Libro de Hieronimo de Carranca, natvral de Sevilla, que trata de la philosophia de las armas y de su destreza y de la agresiõ y defension christiana*, na qual Carranza coloca os termos teóricos da sua Destreza. Até o fim de sua vida, em 1640, Pacheco de Narváez escreveu e publicou obras sobre a Destreza, como já dissemos. Uma delas é intitulada *Carta al Duque de Cea*, um livro curto de 50 páginas numeradas impresso em oitavo no qual ele discorre sobre os defeitos que encontrou no manual de Carranza dirigindo-se ao Duque de Cea – a quem D. Luis já havia dedicado o *Compendio...* – a respeito de algumas dúvidas que o duque teria sobre a Destreza e o *Libro de Hieronimo de Carranca*.

Datada de maio de 1618 a carta traz os pontos que D. Luis sempre discutiu nos seus escritos sobre o manejo de armas. Ao contrário do *Libro...*, a carta segue a retórica

⁵⁸ ALBORG, Juan Luis. *Historia de la literatura española*. Madrid, Editorial Gredos, 1999, 2ª ed., vol II: época barroca, p. 593.

⁵⁹ VALLADARES REGUERO, Op. Cit, pp. 510, 517 e ss. É interessante notar como ainda se expressam os pesquisadores partidários de um ou outro autor: Alborg nega a Narváez o título de Don, o que Reguero faz com Quevedo, além de utilizar o qualificativo entre aspas (“maestro”). E se para Alborg a contenda começou com uma disputa sobre esgrima, Reguero acredita que esta se deu por conta de desacordos na área literária. Este autor escreveu um artigo dedicado exclusivamente à rixa entre Narváez e Quevedo: “La sátira quevedesca contra Luis Pacheco de Narváez”, In: EPOS, XVII, 2001, pp. 165-194.

⁶⁰ Idem, p. 518.

da escrita de cartas do século XVII⁶¹: destinada a alguém em particular, o texto é impresso e acessível a quem desejasse lê-lo, e não segue a retórica de escrita barroca. A primeira crítica que Narváez faz a Carranza é a respeito da origem da Destreza: como veremos mais adiante, D. Jerónimo de Carranza atribuiu-se o papel de criador da técnica, que ele chamou de Verdadeira Destreza. D. Luis afirmou ao duque que a Verdadeira Destreza em nada diferia da Destreza praticada em Itália no mesmo período por mestres como

el Iayme Pons de Perpiñan, con antigüedad de ciento y treinta y cinco años, Achile Marozo, y Camilo Agripa con la de ocheta y tres; y despues en su imitacion Angelo Vizani, Giacomo de Grasi, Nicoletto Giganti, Saluador de Fabres, Federico Grisillero, Ioachin Meyer, Maestre Bico, Maestre Claso, Babote, y Marco Diocilini, todos maestros estrãgeros⁶².

Para além disso, D. Luis corrige os exercícios de espada que Carranza colocou em seu manual, encurtando ou estendendo passadas e círculos ou alterando direções de giros do corpo do espadachim – ou seja, dizendo como acha que tais movimentos devem ser feitos para que a prática da Destreza fosse de fato a mais correta.

Embora tenha deixado vasto legado literário sobre a Destreza, os livros de Pacheco de Narváez não podem ser entendidos em si mesmos; quer dizer, pode, mas apesar de toda sua vasta produção, a base para seu trabalho está em Carranza. Por cerca de trinta anos D. Luis escreveu defendendo, provando e contrariando ensinamentos sobre Destreza a partir daquilo que leu no *Libro de Hieronimo de Carranca*.... Não queremos dizer que seja impossível analisar a obra total de Pacheco de Narváez sozinha, mas nos parece importante contextualizá-la para fazê-lo – e tal contextualização envolve, necessariamente, a obra de Carranza, que analisaremos agora.

O MESTRE SEVILHANO

“Para los españoles del Siglo de Oro, ‘ser un Carranza’ significaba ser diestro en el manejo de las armas”, nos conta Claude Chauchadis no seu artigo “Didáctica de las

⁶¹ Para mais a este respeito v. CONCEIÇÃO, Adriana Angelita. *Sentir, escrever e governar. A prática epistolar e as cartas de D. Luís de Almeida, 2º Marquês do Lavradio (1768 - 1779)*. 2011. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-16042012-164420/>>.

⁶² PACHECO DE NARVÁEZ, D. Luis. *Carta al Duque de Cea*, Madrid, 1618, p. 2.

armas y literatura: *Libro que trata de la Philosophía de las armas y de su destreza de Jerónimo de Carranza*”⁶³. Impresso em 1582 (embora o autor alegue que o manuscrito já estava pronto em 1569⁶⁴; sua primeira autorização para impressão data de 1571⁶⁵), seu manual, intitulado *Libro de Hieronimo de Carranca, natvral de Sevilla, que trata de la philosophia de las armas y de su destreza y de la agresiõ y defension christiana*, alcançou grande sucesso ao disseminar a prática – que ele nomeou como Verdadeira Destreza – em oposição à chamada Destreza Vulgar, de origem italiana; a técnica de Carranza estabeleceu-se, devido à ampla aceitação no reino, como a técnica oficial espanhola.

O manual de Carranza constitui uma leitura diferente da dos outros manuais, a começar por seu formato: ao contrário dos estudos que surgiram a partir deste, o *Libro que trata de la Philosophía...* é escrito em forma de diálogo: as lições são dadas através de uma conversa que alguns personagens tem sobre o tema da Destreza. Por esta razão as partes em que se divide o manual são conhecidos como *Diálogos*; no total são quatro, cada um correspondente a um dia de conversação e um tema ligado à Destreza; o manual completo é composto, então, pelos *Diálogos 1, 2, 3 e 4*.

Também conhecido por sua carreira militar, D. Jerónimo de Carranza tornou-se conhecido durante a segunda metade do século XVI como capitão do exército espanhol, protegido do Duque de Medina Sidonia por muitos anos, e chegou ao fim de sua vida com o título de Comendador da ordem de Cristo – que é como D. Luis Pacheco se refere a ele – e governador de Honduras⁶⁶. Segundo Chauchadis, o Comendador teria preferido escrever um livro de manejo de espadas e abandonar suas façanhas, e,

si nos es difícil valorar la habilidad de Carranza en el manejo de las armas, podemos por lo menos hacernos una idea de su destreza en la pluma, ya que Carranza es uno de estos escritores soldados que intentaron compaginar armas y letras⁶⁷.

⁶³ CHAUCHADIS, Claude. “Didáctica de las armas y literatura: *Libro que trata de la Philosophía de las armas y de su destreza* de Jerónimo de Carranza”, In: *Criticón*, nº 58, 1993, p. 73.

⁶⁴ Cf. Chauchadis, Op. Cit., p. 73 nota de rodapé 1.

⁶⁵ Na primeira página do manual escreve o rei quando dá sua autorização para impressão que a obra já desfrutava de uma autorização prévia de duração de seis anos, e que ele estendia naquele momento por mais doze anos, resultando na publicação do *Libro de la Philosophia...* onze anos após sua primeira aprovação.

⁶⁶ Chauchadis, op. cit., ibidem.

⁶⁷ Idem, ibidem.

Já nos primeiros fólhos D. Jerónimo conta o que o levou a escrever uma obra sobre sua Verdadeira Destreza das armas: a convite de D. Alonso Perez de Guzman, duque de Medina Sidonia

tuuo por bien, que dexasse mi Patria y viniesse a su seruicio: al qual yo fui no tanto por librarme de la Arrogancia odiosa de algunos que con mal animo inuidiauan, y adulterauan mis cosas, como por seruirle, para que de su mano recompensasse el fructo de mi humilde ingenio⁶⁸.

Neste momento, como o autor relata mais adiante nesta pequena introdução, ele resolveu afastar-se da prática da Destreza para concentrar-se em sua teoria – daí a escrita deste manual.

Como já dissemos, o manual é escrito em diálogos, e são os personagens que ensinam a Destreza conforme a conversa avança. Assim como no manual de comportamento de Baldassare Castiglione, *Il Cortegiano*, impresso algumas décadas antes (1528), no qual as lições de etiqueta são dadas pelos nobres presentes na corte do duque Guido Ubaldo⁶⁹. Se no *Il Cortegiano* as instruções são dadas por todos os nobres durante um jogo, no qual as qualidades do bom cortesão são elencadas, nos *Diálogos* de Carranza a Destreza vai sendo ensinada, e seus mal-entendidos desfeitos, no decorrer da conversa de um pequeno grupo de amigos.

Em ambos os casos, o diálogo é direto entre os personagens que não se sucede, como no teatro, e sem a rigidez dos jogos de catequese de perguntas e respostas; a interrupção da fala por outros personagens, expondo dúvidas e exemplos, somente torna mais rico o texto, fazendo com que o leitor sinta-se parte da conversa, identificando suas dúvidas nas falas. Apesar disso, o narrador está sempre presente – exceto pelo segundo diálogo, como veremos adiante –, controlando o que se passa, de algum modo⁷⁰. Segundo Domingo Yndurain, o diálogo

es la forma preferida de los humanistas, por su sabor clásico, y porque permite un desarrollo fluído, animado, que hace más persuasivo la intención didáctica, pues, tanto en Italia como en España, los diálogos no son discusiones libres e

⁶⁸ CARRANZA, D. Jerónimo. *Libro de Hieronimo de Carranca, natvral de Sevilla, que trata de la philosophia de las armas y de su destreza y de la agresiõ y defension christiana*, 1582, fl. 9.

⁶⁹ BALDASSARE, Castiglione. *O Cortesão*, trad. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

⁷⁰ Chauchadis, Op. Cit., pp. 77-79, 81.

improvisadas, sino exposiciones pedagógicas de determinadas doctrinas, es decir, un medio de enseñanza menos denso que los tratados y las Summas medievales⁷¹.

Para Chauchadis “se puede decir que no sólo Jerónimo de Carranza no desconoce las virtualidades pedagógicas del género dialogal sino que las explota a fondo”⁷²; a consequência do uso deste método seria a sensação de que em cada momento se expressa o personagem mais competente sobre o tema em debate – e as conclusões resultariam do esforço conjunto de homens cultos e inteligentes, colocando o leitor em uma relação de confiança com o texto semelhante à que se expressa entre os protagonistas do diálogo⁷³.

A mudança da forma, do diálogo para a narrativa, nos textos de ensino de manejo de armas, teria sido provocada pelo grande volume de escrita e publicação de obras a respeito, não só em Espanha, mas em toda a Europa. Segundo Chauchadis,

Efectivamente, si en el siglo XVII se multiplican los tratados de esgrima, ninguno adopta el modelo dialogístico y todos se presentan como austeros tratados técnicos.

Parece ser que en tiempos de Carranza la dignidad de la enseñanza de las armas pasaba por el prestigio de las letras. En cambio, en el siglo XVII, el prestigio de la didáctica de las armas ha de prescindir de los adornos de la literatura⁷⁴.

Passemos, então, ao diálogo propriamente dito. Ele ocorre num lugar de Espanha vizinho ao mar, “con vna Barra que sirue de garganta a ambos Mundos”⁷⁵, “donde el grande y nauegable rio Guadalquivir coronado con sus oliuas llega hermosissimo”⁷⁶ – uma das praias de Sanlúcar de Barrameda, parte dos domínios do ducado de Medina Sidonia.

Lá encontram-se cinco homens “doctos que por la grandeza de sus ingenios, eran entre todos esclarecidos”⁷⁷: Eudemio, “noble y bien instruydo en las letras humanas cõ razones graues: y palabras elegantes”; Polemarcho, “doctissimo en el derecho canonico y ciuil”; Philandro, “dado cõ gran cuydado al estudio de la Philosophia y Medicina”; Meliso, “maestro de todas las disciplinas, doctissimo en las Mathematicas” e, finalmente,

⁷¹ YNDURAIN, Domingo. “Introdução”. In: JIMÉNEZ DE URREA, Jerónimo. *Diálogo de la Verdadera honra militar*. Con Prólogo de Domingo Yndurain. Madrid, Ministerio de Defensa, 1992, p. 14.

⁷² Chauchadis, Op. Cit., p. 80.

⁷³ Idem, p. 81.

⁷⁴ Ibidem, p. 84.

⁷⁵ CARRANÇA, *Diálogos*, fl. 09v.

⁷⁶ Idem, fl. 10

⁷⁷ Idem, ibidem.

Charilao, que “auiendose exercitado en la Destreza, con el vso que della tenia auia alcançado entre los suyos algun nombre”⁷⁸.

Pois bem, como podemos perceber, D. Jerónimo não compõe um grupo qualquer para debater os méritos da Destreza: são todos indivíduos doutos em diversas áreas de conhecimento e que se encontram servindo ao mesmo sernhor, na mesma corte. Desde as apresentações fica claro que o personagem de Charilao se refere ao próprio D. Jerónimo de Carranza; não é surpreendente, pois, que será ele quem esclarecerá seus companheiros na matéria, defendendo a Destreza por quase toda a narrativa⁷⁹.

O primeiro *Diálogo* é sobre as qualidades da Destreza, e as virtudes que imputa àqueles que praticam a Verdadeira – pois aqueles que se fiam da Destreza vulgar, ou até mesmo da falsa Destreza demonstram nada além de sua ignorância. Defende-a Charilao justamente “pues es tan generosa y llena de virtud”⁸⁰, e o faz porque “por la ignorancia del Artifice la arte no es digna de culpa”⁸¹: Carranza deixa claro que o motivo pelo qual a Destreza estava tão mal afamada eram os praticantes de esgrima que ousavam proferir serem destros na matéria quando, na visão do mestre, não o eram.

Provocado por Polemarcho, que, baseando-se em Platão, afirma que em todas as artes encontram-se “muchos hombres baxos y de ningun momento, y pocos buenos y dignos de estimacion”, Charilao lhe responde que a Destreza se achava como a Poesia, “que por auer tantos y tan malos Poetas esta en grande menosprecio”⁸². A diferenciação entre as Destrezas vulgar e verdadeira é, justamente, a ignorância daquele que a pratica; melhor nos explica Charilao/Carranza:

si quereys que de todo pu[n]to se descubra el engaño de la Destreza, mirà quan poco
se funda en razon, sin la qual no puede auer cosa racional, y que la mayor fuerza

⁷⁸ Idem, fls. 10 e 10v.

⁷⁹ D. Luis Pacheco de Narváez, em seu *Compendio de la filosofia y destreza de las armas de Gerónimo de Carranza* expõe a identidade real dos personagens que participam da conversa dos *Diálogos*; segundo Chauchadis “los personajes introducidos en su diálogo por Carranza son famosos letrados sevillanos que le ayudaron en la redacción de su tratado: Así Meliso sería el famoso humanista Mal Lara, Philandro el poeta Fernando de Herrera, y Polemarcho el médico Peramato. Cabe notar que el carácter plausible de tales atribuciones se ve reforzado por la comunidad de iniciales y cierta paronomasia entre el personaje clave y su correspondiente real: Charilao-Carranza, Meliso-Mal Lara, Polemarcho-Peramato, Filandro-Fernando”. O personagem Eudemio não é identificado por Pacheco de Narváez, e Chauchadis tem como possibilidade que seja Christóval de Mosquera de Figueroa, que dedicou um poema a Carranza publicado com os prólogos de seu livro. In: Chauchadis, Op. Cit., p. 78.

⁸⁰ Diálogos, fl. 11.

⁸¹ Idem, fl. 11v.

⁸² Idem, ibidem.

della es la ignorancia del contrario, pues todo su fundamento está en ventura, finalmente los que mas le tratan y de mas valientes se precian: los que menos sabe y los que mas cobardes son, porque auiedo gastado en ella la mayor parte de su vida: no saben dar razon de lo que aprendieron, ni la tuuo el que los enseñó, conosciendose entonces; vna cosa perfectamente quando se sabe la causa della, aunque la naturaleza nos enseña muchas cosas sin Arte, que va descubriendo la experiencia con el discurso del tie[m]po, y por esso no es saber seguyrse por la opinion agena, y dar fee a la beheteria del vulgo sin prouar el ingenio, a considerar las razones de los effectos⁸³.

Carranza insiste, neste primeiro *Diálogo* no status de arte e ciência da Destreza; ela é diferente das outras técnicas porque está embasada em todo um arsenal teórico que acompanha a prática das armas. Neste momento inicial, os ensinamentos são mais filosóficos que teóricos uma vez que é necessário combater a má imagem que circula da Destreza, para depois ensinar a técnica propriamente dita; além, Carranza disponibiliza todo um acervo de argumentos que seus discípulos poderiam utilizar para defender a prática.

O segundo livro é, para Chauchadis, o mais interessante dos quatro *Diálogos*: Charilao sai do centro da conversa, que passa a ser ocupado por um mestre de esgrima valentão, que de tão genérico permanece um personagem anônimo. A intenção do capítulo é mostrar como a ignorância está longe da Verdadeira Destreza: embora saiba esgrimir e seja corajoso, o tal mestre não passa de um néscio que mal sabe pronunciar os termos que Carranza-Charilao utiliza na teoria da Destreza⁸⁴. Descreve Chauchadis:

el bravo, imbuido de su saber y de sus prejuicios, apenas se da cuenta de la hilaridad que sus demostraciones excitan. Sola su cobardía le impide reaccionar a la falta de respeto que su auditorio le manifiesta. Centrado en la denuncia moral de las hipocresías de los valentones, el segundo diálogo presenta sin embargo un contenido técnico por su exposición minuciosa de las falsas tretas de los bravos. Prepara a *contrario* la demostración del diálogo siguiente⁸⁵.

O *Diálogo 3*, que Diogo Gomes cita na *Oplosophia*, constitui o livro no qual as instruções dos movimentos são apresentadas. É aqui que finalmente o aprendiz vê a parte

⁸³ Idem, fl. 12.

⁸⁴ Por exemplo, Chauchadis diz que o mestre valentão diz *Gormetria*, invés de Geometria (fl. 70v), *astrolophia* invés de philosophia (fl. 72) e utiliza *retrónica* por retórica (fl. 76v). Apud Chauchadis, Op. Cit, pp. 78-79.

⁸⁵ Chauchadis, Op. Cit., p. 74.

prática da Destreza, e aqui todos os personagens contribuem com seus conhecimentos de outras áreas das ciências para formar a doutrina de modo que esta constitua, por si mesma, uma ciência – como a matemática, a geometria, a filosofia e etc. Como as lições são dadas através do diálogo entre os cinco doutos elas não são organizadas como nos manuais posteriores de Pacheco de Narváez e Diogo Gomes, que estabeleceram tópicos separados para cada tipo de movimento e classificaram-nos segundo o papel que desempenhariam em um combate real. Quer dizer, o acesso à informação não é tão direto quando na forma de diálogo quanto no discurso direto ao interlocutor – o tipo de ensino que se propunha com o diálogo talvez fosse mais apropriado a um conhecimento mais teórico, retórico, que de fato prático.

De qualquer modo, nesta parte Carranza utiliza-se de mais um método de ensino: as ilustrações. É neste diálogo que elas aparecem, sempre como auxiliar da lição escrita. Assim como fizeram depois Pacheco de Narváez e Diogo Gomes, são os movimentos da espada e do corpo do destre aprendiz que estão representados nas figuras; como já dissemos, trata-se mais de um apoio ao ensino da doutrina do que algo em separado ou em especial desligado do corpo principal do texto – e tal pode ser dito sobre todos manuais aqui estudados.

Finalmente, o quarto livro trata, como coloca Carranza na Suma, “de la Defensa Natural”, que ele expande no início do capítulo para “Capitulo quarto, que trata de la destreza christiana, y de la defension, y agresion de obra y de palabra, en presencia y en ausencia, a donde se hallará, qual es la verdadera honra, y como se puede perder y ganar: declarando que cosa es traycion y aleuosia, y los casos que pueden suceder, en que se halla vno y otro”. Nele é discutido o modo de aliar a Destreza à doutrina cristã: como ser destre sem ofender a Deus ou ao próximo, questão que também é abordada por Pacheco de Narváez quase verbatim – a guerra entre cristãos não é natural, e, portanto, não pode ocorrer⁸⁶.

Carranza se mostra aqui preocupado tanto com as leis civis quanto com as leis da Igreja, embora as últimas lhe sejam bem mais caras. Para ele a defesa da própria vida é tão importante quanto o ato de não matar o próximo, já que a vida é uma dádiva divina e, portanto, deve ser conservada a todo custo. Ser morto sem tentar defender-se é, para Carranza, pecado equivalente ao do suicídio, já que não houve nenhuma ação ou reação para preservar a vida⁸⁷. Matar, por outro lado, pode constituir um ato de defesa – e, deste modo, não ser considerado crime nem pelo direito canônico nem pelo civil.

⁸⁶ PACHECO DE NARVÁEZ, *Libro...*, “Prologo al lector”

⁸⁷ Carranza, *Diálogo 4*, pp. 155-157.

O personagem Polemarcho – douto nas questões do direito – explica a seus interlocutores que há quatro casos nos quais o ato de matar alguém em contenda não pode ser considerado criminoso:

Primeramête defender la Fè Catolica, que es acto espiritual. El segundo, defender la patria, linage, y amigo, que es mirar por la conseruacion humana. El tercero seruir a su Rey que es cumplir con la obligacion natural, que de deue al mayor. El quarto es mirar por los miserables, que es acto noble, virtuoso, y caritativo⁸⁸.

Como podemos perceber, estes casos são basicamente reflexos da ideologia cavaleiresca, que visava a proteção do senhor, da Igreja e dos incapazes de defesa própria – ou seja, em razão de terceiros que seriam, de alguma maneira, superiores ao cavaleiro.

Existia ainda um caso em que, ocorrendo morte em um embate entre dois homens, esta não seria passível de punição, novamente apelando para o argumento da defesa. Apresentado por Meliso, e ao contrário do que ocorre nos quatro casos descritos por Polemarcho, aqui o que vemos é a não-criminalização de uma morte que ocorre entre particulares – quer dizer, sem relação com o rei ou a religião ou a humanidade. Diz Meliso

advertiendo a esto los Doctores de las leyes, concedieron facultad, y declararon que la tenian los hōbres, en poder matar sin pena, defendiendo sus personas. Mas para que la defensa sea licita y justificada, es necessario que concurran tres cosas, las cuales induzem la moderacion que llamã las leyes de inculpable tutela⁸⁹.

Seriam as três “coisas” a igualdade de armas entre os combatentes, a prova de que aquele que requer um embate de armas o faz com o propósito de defender-se de alguma injúria contra ele perpetrada e, finalmente, “para que la defensa sea licita, y justificada en conciencia, es menester, que no sea por vengarse el hombre”⁹⁰ – pois, se o fosse, então trataria-se de um crime resolvido pelo monarca em ocasião de corte⁹¹.

Conforme coloca Chauchadis, “la reflexión parte de consideraciones sobre la naturaleza del hombre, su superioridad sobre el animal, la calidad de sus realizaciones artísticas y científicas, entre las cuales se sitúa la destreza, considerada como una invención permitida por Dios”⁹²; a argumentação gira em torno da defesa: quando esta é natural, ou legítima, e não fere os princípios divinos e também civis.

O *Libro que trata da Philosophia das armas...* termina com relatos coevos e com o convencimento de todos aqueles homens que participaram do debate de que a Destreza é

⁸⁸ Idem, idem, p. 181.

⁸⁹ Ibidem, pp. 157-158.

⁹⁰ Ibidem, idem.

⁹¹ Nos aprofundaremos a este respeito no terceiro capítulo desta dissertação

⁹² Chauchadis, Op. Cit., p. 75.

uma ciência que deve ser estudada e adotada por todos que querem saber manejar as armas do melhor modo.

Chauchadis, ao longo do artigo, nos dá a entender que Carranza, na redação de seu manual, o fez utilizando-se de diversas estratégias para obter sucesso – o que conseguiu, disseminando sua doutrina e fixando-a como traço distintivo da corte espanhola (e, mais tarde, como traço de nacionalidade). Diz Chauchadis:

Si Jerónimo de Carranza pone de relieve el alto nivel cultural e intelectual de los protagonistas de su diálogo, no es sólo para captar la atención de su lector, es también para hacer su propia promoción de escritor en su intento de elevar la destreza a la dignidad de la obra literaria. En efecto existe un paralelismo entre el propósito del libro, que es alzar la destreza al nivel de las demás ciencias o artes, y el esfuerzo de Carranza - Charilao por asegurar su posición entre los hombres graves y letrados que intervienen en el diálogo. Toda la composición de la Filosofía de las armas participa de la estrategia de Carranza, que consiste en afirmarse no sólo verdadero diestro sino también letrado *inter pares*⁹³.

Bem, temos então três autores que viveram momentos diferentes em cortes diferentes, mas que escrevem sobre a mesma matéria – a Verdadeira Destreza das Armas. O primeiro deles, seu inventor, redigiu sua teoria por sugestão de seu senhor: para calar as más línguas que deturpavam seu trabalho, acreditava ele, Carranza escolheu retirar-se da prática da Destreza para escrever sua teoria. E nela o autor utiliza-se de todas as suas armas para provar que sua Destreza é uma arte.

Seu manual deu início aos estudos da Destreza para vários discípulos. O mais famoso deles, D. Luis Pacheco de Narváez, escreveu seu próprio manual, com a intenção de retificar aquilo que considerava serem os erros de seu mestre – justamente na parte prática, como já dissemos. Reunindo argumentos que demonstram que a Destreza é uma ciência, o *Libro...* de Pacheco foi tão somente o primeiro de toda uma vasta trajetória literária, na qual D. Luis continuou defendendo sua Destreza de inúmeros críticos e desafetos até sua morte.

⁹³ Idem, p. 82.

Um dos críticos das obras de Pacheco de Narváez foi Diogo Gomes, o jovem oficial português que achou-se inspirado tanto pelas obras de Carranza e D. Luis quanto pelos autores, a quem deve ter conhecido pessoalmente – podemos alentar a hipótese talvez não de um encontro pessoal, mas de eventos em academias de esgrima, já que ambos os mestres espanhóis viajaram até Portugal. De qualquer modo, inspirado pela doutrina, Diogo Gomes tinha a intenção de atrair mais jovens fidalgos à prática das armas e o preparo para o combate que, percebe ele, pode ser iminente.

A Destreza das armas aparece como resposta a preocupações tão diversas quanto às que tiveram Diogo Gomes, Pacheco de Narváez e D. Jerónimo de Carranza em suas respectivas épocas. A preocupação do mestre Carranza em mostrá-la como um modo de *defesa natural* dos cristãos, de defender sua Destreza enquanto uma arte legítima cujo conhecimento deveria ser buscado por todos; a intenção de Narváez de transformá-la em *ciência*, insistindo no uso das matemáticas em sua teoria, e validando seu uso contra o maior inimigo da Igreja: os reformistas que ameaçavam o conjunto católico que era o reino de Espanha. E, finalmente, um então jovem soldado que viu na prática da técnica um bom meio de manter a fidalguia bem treinada nas artes bélicas.

Porém, a definição de Destreza vai mais além do que a primeira – e óbvia – de que se trata de uma escola de manejo de armas para combates entre dois oponentes. Para estes homens – e talvez muitos outros mais – a prática da Destreza constituía parte de sua identidade, de seu modo de vida. Pois ser um destro significava mais, muito mais, do que simplesmente o conhecimento de uma determinada arte marcial; significava que o praticando era um homem honrado, reto, nobre, leal a seu rei e bom católico (ao menos em teoria). Pois é o próprio Carranza que, utilizando sua voz, afirma no seu *Libro de la philosophia de las armas* que o homem “inuentò la destreza de las armas, con la qual mejora su animo, alienta y exercita el cuerpo, defiende la vida, aumenta la honra, conserua su fama y estimacion, y guarda el uso della para las necessidades, en que suelen poner los malos a los buenos”⁹⁴.

Agora que conhecemos um pouco melhor os textos com os quais trabalhamos, passemos aos ambientes nos quais seus escritores circularam, que é onde se encontrava o

⁹⁴ Carranza, Op. Cit., p. 155.

público ao qual tais manuais de armas – assim como outros tipos de manuais de conhecimento nobiliárquico – era dirigido: as cortes.

CAPÍTULO II: O AMBIENTE DE CORTE

CAPÍTULO II: O AMBIENTE DE CORTE

DU CROISY – Como, senhoras, podemos suportar ver nossos lacaios serem mais bem recebidos do que nós? Que eles venham às nossas custas cortejá-las e lhes oferecer um baile?

MAGDELON – Seus lacaios?

LA GRANGE - Sim, nossos lacaios, e não é nem bonito nem honesto desencaminhá-los como fazem as senhoras.

MAGDELON – Oh, céus! Que insolência!

LA GRANGE – Mas eles não terão a vantagem de se valer de nossas roupas para cortejá-las, e se as senhoras quiserem amá-los, será, garanto-lhes, pelos belos olhos deles. Rápido, vamos despojá-los aqui mesmo.

JODELET (criado) – Adeus nossa elegância!

MASCARILLE (criado) – Era uma vez o marquesado e o viscondado.

Esta cena é o momento-clímax da curta peça de Molière *As Preciosas Ridículas*⁹⁵. A trama toda se passa em Paris, onde as primas Magdelon e Catho passam a temporada. Desapontadas por não conhecer ninguém de importância e acreditando-se *preciosas* (ou seja, parte do grupo de damas bem-educadas e espirituosas que frequentavam os salões da Marquesa Rambouillet, uma alternativa à corte francesa durante a minoridade de Luis XIII), desdenham das atenções de dois senhores que lhes tentaram fazer a corte. Afrontados, eles decidem se vingar das preciosas, vestindo seus criados como nobres e enviando-os para fazer-lhes a corte.

Note o comentário que faz Mascarille ao ser despido: “era uma vez o marquesado e o viscondado”. Quer dizer, a aparência nobre conferia nobreza à pessoa. Não legitima, claro, nem lhe confere os privilégios que acompanham o título, mas é o suficiente para que as duas mocinhas da província acreditem estar de fato entretendo um marquês e um visconde.

Ingênuas elas? Um pouco. Mas o fato é que a nobreza moderna era caracterizada exatamente pelo “levar-se como nobre”: as indumentárias – aí incluídas as cores, os materiais, as insígnias e as armas; o aparato – os criados, os cavalos, as liteiras; as danças, os livros, os gostos. O poder é exibido para que possa ser visto e reconhecido enquanto tal, dessa forma legitimando-se.

⁹⁵ MOLIÈRE. *As preciosas ridículas*, trad. M. C. Guimarães. São Paulo, Editora Veredas, 1997, pp. 79-80.

Cerca de oitocentos anos antes, quando o poema épico anglo-saxão *Beowulf* foi (presume-se) composto, o personagem do rei Hrothgar é identificado como um velho guerreiro, e a ele é reservada a cadeira grande na mesa alta, onde são servidas as melhores porções dos alimentos. Essas distinções do rei dinamarquês são elementares, e a historiografia mostra que eram as dos reis e senhores medievais: ele era o primeiro dos nobres porque era seu chefe militar, porque conseguiu mais vitórias – e portanto mais riquezas e pode distribuí-la a seu bel-prazer para formar alianças. A nobreza era formada por cavaleiros, como rei, e, portanto, militarizada, masculina, rude – talvez o exemplo mais conhecido na literatura de tal corte seja a de Camelot, do rei Arthur.

O que nos propomos a analisar neste capítulo é como essa corte medieval, formada por guerreiros, lentamente muda seus comportamentos, conforme muda também sua composição, até que alcança uma complexidade tal que todos os momentos e movimentos vividos – ao menos na presença de terceiros – é planejada e controlada, como uma dança na qual cada passo de cada bailarino deve ser executado minuciosamente para que o resultado final seja o pretendido.

Para tanto, estudaremos o *processo civilizador* e a formação das cortes ibéricas, colocando nosso enfoque nestas cortes e, mais especificamente, aquelas nas quais os autores de nossos manuais viveram e fizeram suas carreiras.

O PROCESSO CIVILIZADOR

Sabemos que nossos autores, Carranza, Pacheco de Narváez e Diogo Gomes eram homens da corte. Quer dizer, estamos falando de pessoas que passaram parte de sua vida cortejando pessoalmente seus monarcas, vivendo no mesmo espaço que eles e junto de outros homens e mulheres que faziam o mesmo; seus manuais foram redigidos tendo em mente que outros nobres cortesãos eram seus leitores. Mas o que significava ser cortesão? O que um manual significa para essas pessoas? É o que pretendemos estudar neste capítulo.

Para entender o que é ser cortesão no século XVII é preciso recuar alguns séculos, de modo a examinar como se deu o processo de formação das cortes Modernas; para tanto nos apoiaremos aqui no trabalho de Norbert Elias. Quando escreveu o primeiro volume do *Processo Civilizador* Elias realizou todo um estudo sobre a gênese e a

sociedade de corte, nomeadamente francesa e alemãs, escolheu o manual de Erasmo de Roterdã, *De civilitate morum puerilium*, como ponto de referência para guiar a reflexão. Elias justifica o estudo de hábitos e modos medievais dizendo que

limites precisam ser traçados a uma indagação retrospectiva, preferivelmente correspondendo às fases do próprio processo. Aqui o padrão medieval deve ser suficiente como ponto de partida, sem ser em si mesmo minuciosamente examinado, de modo que o movimento, a curva de desenvolvimento que o liga à era moderna, possa ser seguido.⁹⁶

Para nós, a escolha por tal delimitação apresenta ainda mais um motivo: foi durante a Idade Média que a sociedade cavaleiresca estabeleceu-se como a dominante, a detentora dos ideais e dos modos que norteavam a vida cotidiana – afinal, como entende Ernest Gellner, os cavaleiros controlavam a produção, já que controlavam os mecanismos de coerção/ dominação social (as armas e a violência)⁹⁷. Os ideais da cavalaria, e grande parte de sua simbologia, foi adotado pela nobreza como signos de distinção, como veremos mais adiante.

As primeiras cortes que surgem foram as que se formam ao redor dos senhores feudais, uma vez que eram eles que detinham os meios militares e econômicos dos reinos. Os reis não possuíam renda suficiente para manter um exército próprio ou delegados nas regiões remotas; a remuneração possível àqueles que lhe haviam prestado serviços militares de campanhas ou de manutenção de terras fronteiriças era a doação de terras por parte do rei. “Por outro lado,” diz Elias,

não havia juramento de fidelidade ou lealdade que impedisse os vassalos que representavam o poder central de afirmar a independência de suas áreas tão logo sentissem pender em seu proveito a balança de poder. Esses senhores territoriais ou príncipes locais possuíam, na verdade, a terra que o rei outrora controlava. Exceto quando ameaçados por inimigos externos, não mais necessitavam do rei. Colocavam-se fora de seu poder. Quando dele precisavam como líder militar, o movimento era invertido e o jogo recomeçava, supondo que o suserano fosse vitorioso na guerra⁹⁸.

⁹⁶ ELIAS, Op. Cit, Vol 1, pp. 73-74.

⁹⁷ Gellner, Ernest. *El arado, la espada y el libro : la estructura de la historia humana*, trad. México, Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 22

⁹⁸ ELIAS, Op. Cit., vol. 2, p. 26.

A guerra tem papel preponderante na vida medieval, na conquista e manutenção de territórios; se trata de uma sociedade guerreira predominantemente agrária na qual os senhores são chefes militares, conquistadores e distribuidores de terras⁹⁹. Quando não mais houve terras disponíveis a serem dominadas na Europa Ocidental o processo de conquista avançou em direção à Península Ibérica, então ocupada pelos muçulmanos, e à Terra Santa.

Os guerreiros que acompanhavam os senhores de terras durante as campanhas continuavam a seu serviço mesmo em tempos de paz, protegendo as propriedades (ou seja, o território, a construção senhorial, os camponeses e as lavouras) em troca de moradia, em alguns casos, ou até mesmo pequenos pedaços de terras, dependendo da posição do cavaleiro e da generosidade e poder de seu suserano. Temos então que as primeiras cortes – que ainda não possuíam tal caráter – são formadas por guerreiros, homens preparados para a batalha iminente.

Mas o processo de expansão iniciado no século XI chegou ao fim, já que acabaram-se os territórios disponíveis; “o denominado ‘sistema feudal’ que emergiu com mais clareza no século XII, e ficou mais estável no século XIII, nada mais foi do que a forma final desse movimento de expansão do setor agrário da sociedade”, segundo Elias¹⁰⁰.

Sem mais terras a dominar ou inimigos tão imediatos a combater, essa sociedade guerreira encarou uma grande mudança de comportamento ao longo dos séculos seguintes; como veremos adiante, é essa corte de cavaleiros do senhor feudal que vai se transformar na corte da monarquia dos séculos XVI e XVII. Como demonstrou Elias no *Processo Civilizador*, esse grupo, inicialmente, sofreu todo um trabalho (embora de modo inconsciente) de controle das pulsões e desenvolvimento de maneiras consideradas adequadas de comportamento.

A corte dos senhores feudais se tornaram pólos de atração não só de cavaleiros, mas também de administradores, menestrelis, escribas, cantores, bufões. Os senhores buscavam manifestar o esplendor de sua corte com a presença de gente que poderia

⁹⁹ Idem, p. 35.

¹⁰⁰ ELIAS, Op. Cit., vol 2, p. 59.

cantar, narrar e gravar seus feitos e de seus cavaleiros¹⁰¹. Nesse meio social heterogêneo, onde não se justificava mais a violência inesperada, os cavaleiros tiveram de mudar seus hábitos, ao menos quando na companhia de outros, especialmente da castelã: a presença de mulheres, ou, ainda, da esposa do suserano, a quem deviam seu conforto, fazia com que os cavaleiros se portassem de modo mais comedido. “Mas certamente esta situação não deve ser exagerada”, alerta Elias. “A espada continuava solta na bainha, e a guerra e as rixas estavam sempre por perto. Mas a moderação das paixões, a sublimação, tornaram-se inequívocas e inevitáveis na sociedade de corte feudal”¹⁰².

O homem medieval possuía suas paixões, seus sentimentos, à flor da pele; segundo Johan Huizinga, “a vida diária oferecia continuamente ilimitado espaço para um ardoroso apaixonamento e uma fantasia pueril”¹⁰³. Conforme o autor nos apresenta, a era medieval foi um tempo no qual as emoções, as diferenças, até mesmo as sensações como fome, frio e calor, eram mais pronunciadas do que seria depois experimentado; a cólera e a vingança poderiam mover uma vida, assim como o ser partidário de seu príncipe¹⁰⁴. Viviam-se intensamente o presente, porque não havia futuro¹⁰⁵ - que não só a Deus pertencia, como já estava escrito na Bíblia. À medida que a vida cotidiana ganha uma certa regularidade, o auto-controle se torna mais fácil; é possível prever o dia de amanhã com mais chances de acerto¹⁰⁶.

A vida na corte passou, então, a ser regrada. Não do modo rígido que conheceram as cortes modernas, séculos adiante, mas com uma etiqueta recém-nascida que deveria ser observada por aqueles que compartilhavam tal meio. Elias demonstra que “a mudança no controle das paixões e conduta que denominamos ‘civilização’ guarda estreita relação com o entrelaçamento e interdependência crescente das pessoas”¹⁰⁷. Continua o autor:

mas mesmo neste contexto, num círculo ainda pequeno em comparação com as futuras cortes absolutistas, a coexistência de certo número de pessoas cujas ações constantemente se entrelaçavam, compelia mesmo os guerreiros, que descobriam estar numa situação de interdependência mais forte, a observar algum grau de

¹⁰¹ Idem, p. 73.

¹⁰² Idem, p. 74.

¹⁰³ HUIZINGA, Johan. *El Otoño de la Edad Media*, trad. Madrid, Alianza Editorial, 1982, p. 21

¹⁰⁴ Idem, pp. 13-45.

¹⁰⁵ Huizinga, *Homo ludens*, trad. J. P. Monteiro. São Paulo, Perspectiva, 2007, 5ª edição

¹⁰⁶ Elias, Op. Cit., vol 2, p. 200 e pp. 229 e ss.

¹⁰⁷ Idem, vol 2, p. 54.

consideração e espírito de previsão, um controle mais rigoroso da conduta e – acima de tudo, no tocante à senhora da casa, de quem dependiam – um maior domínio das emoções, uma transformação na economia das pulsões¹⁰⁸.

Os modos de corte, ou mesmo a etiqueta como conhecemos hoje, foram desenvolvidas como um signo distintivo; os grupos sociais com maior poder, seja militar, monetário, de produção, que seja, procuram meios de distinguirem-se de outros grupos de forma a ostentar essa diferença. Artigos de luxo, artigos raros, vestimentas, serviços, moradias, tipos de alimentação, tudo isso é utilizado como símbolo de *status* e poder – ou falta dele. O grau de complexidade do quê é ostentado, e de como o é, varia conforme a complexidade da sociedade em questão.

A sociedade feudal é relativamente simples em sua organização: em linhas gerais existem os que lutam, os que oram e os que trabalham – a nobreza, detentora dos meios militares, os religiosos, e os que não se encaixavam em nenhuma dessas funções: camponeses, artesãos, comerciantes. Porém, se a interdependência entre essas pessoas é máxima, a noção de boas maneiras também é limitada ao necessário e ao que mais se destaca – quer dizer, a etiqueta praticada nas cortes senhoriais é relativamente simples e observada de maneira frouxa; as pessoas ainda não eram controladas por seus modos.

Numa sociedade em que tudo se divide em antagonismos, as maneiras também serão classificadas como tal. Quer dizer, no mundo medieval há a vida e a morte, o bom e o mau, a noite e o dia, amigos e inimigos, desejo e aversão; não há matizes de cinza nas relações. O mesmo se dava entre o que se considerava de bom-tom e o que não o era: o cavaleiro, epítome da aristocracia, e o rústico¹⁰⁹. Elias ilustra a diferença com um exemplo do *Hofzucht*, de Tannhäuser, da metade do século XII: “as normas do *Hofzucht* se destinam expressamente à classe superior, aos cavaleiros que vivem na corte. O comportamento nobre, cortês, é comparado com as ‘maneiras rudes’, a conduta dos camponeses”¹¹⁰. Em relação ao processo de padronização do comportamento de todos aqueles que freqüentavam as cortes dos senhores feudais diz ele que

todos esses conceitos se referem diretamente (e de modo muito mais claro que outros, posteriores, com a mesma função) a um determinado lugar na corte. Com

¹⁰⁸ Idem, *ibidem*, p. 217.

¹⁰⁹ Elias, *Op. Cit.*, vol 1, pp. 76-77.

¹¹⁰ Idem, *ibidem*.

esses termos, certos grupos importantes do estrato secular superior, o que não significa a classe de cavaleiros como um todo, mas principalmente os círculos cortesãos que gravitavam em torno dos grandes senhores feudais, designavam o que os distinguiu, a seus próprios olhos, isto é, o código específico de comportamento que surgiu inicialmente nas grandes cortes feudais e, em seguida, se disseminou por estratos mais amplos. (...) Comparado a períodos posteriores, a grande uniformidade nas boas e más maneiras aqui referida – o que chamamos de um dado ‘padrão’ – é impressionante¹¹¹.

O ápice deste processo, segundo Elias relata no volume 1 do *Processo Civilizador*, foi a corte de Luis XIV – o padrão, nas cortes feudais concebido para destacá-los dos camponeses, fixou-se na forma de uma etiqueta tão rígida que nem o próprio monarca podia escapar dela. O processo que começou nas cortes dos grandes senhores medievais continuou ao longo da Modernidade, quando o rei passou a ser o centro do universo cortesão e a etiqueta foi formalizando-se e cristalizando-se cada vez mais.

Os pesquisadores que investigam a história das cortes portuguesas, embora façam suas críticas a Elias, não divergem do modelo por ele concebido. Mafalda Soares da Cunha, em *A casa de Bragança*¹¹², diz que alguns autores, questionando a tese de Elias, uns sublinhando a reciprocidade das relações nos espaços cortesãos, desvalorizando a corte enquanto centro de domesticação da nobreza e de afirmação do poder real, outros sugerindo que o processo civilizador não significou a perda de poderio político-econômico por parte da nobreza, nem gerou antagonismos ou conflitos de interesse entre o monarca e grandes senhores¹¹³.

O que a historiografia nos trouxe até agora sobre o desenvolvimento da monarquia e das cortes portuguesas não escapa muito do modelo proposto por Elias: a primeira nobreza do reino foi formada pelas famílias dos guerreiros que participaram das guerras de Reconquista. José Mattoso, n’*A nobreza medieval portuguesa: a família e o poder*, marca que as guerras de Reconquista foram acompanhadas da ocupação do

¹¹¹ Idem, *ibidem*.

¹¹² CUNHA, Mafalda Soares. *A Casa de Bragança, 1560-1640. Práticas senhoriais e redes clientelares*. Lisboa, Editorial Estampa, 2000.

¹¹³ Idem, pp. 89-90.

território e da distribuição do mesmo entre as famílias da nobreza que seguiam a D. Afonso Henriques¹¹⁴. Diz Mattoso que

A Reconquista, , tão activamente conduzida por D. Afonso Henriques, ajuda a manter o equilíbrio entre a terra disponível e o aumento demográfico da nobreza, porque em expedições contra os Mouros absorvem directamente as suas forças excedentárias. A tal ponto que durante quase todo o século XII raramente aparecem novas linhagens nas zonas recém-conquistadas das Beiras e das Estremaduras. Os poucos nobres que ocupam tenências nessas regiões só o fazem temporariamente. Os que combatem no exército real são, provavelmente, na sua maioria, filhos segundos, que em não poucos casos morrem em combate, sem fundarem novas casas, a não ser por bastardia¹¹⁵.

Ao contrário do que se passa mais ao norte, onde a Reconquista já havia sido concluída e o território, assim como as famílias, estavam em situação mais estável.

Rita Costa Gomes, em seu livro *A corte dos reis de Portugal no final da Idade Média*, diz-nos que as primeiras cortes portuguesas já surgiram estruturadas como tais:

a reivindicação da dignidade régia por parte dos nossos primeiros monarcas foi, naturalmente, acompanhada pela estruturação da corte segundo o uso comum às zonas mais ocidentais da Península. Assim encontramos já na corte dos condes portugalenses, como mais tarde na de Afonso Henriques, a mencionada distinção entre *maior domus* e *armiger* (designado também por *alferes* nos documentos deste último) que caracteriza das cortes ibéricas¹¹⁶.

Gomes não critica o modelo de Elias, adotando-o como base para elaborar suas reflexões, mas apresenta um aspecto importante da formação das cortes que este não levou em conta: a itinerância do monarca e, portanto, da corte. É dessa mobilidade que advém a primeira definição de corte como sendo o lugar onde está o monarca. Porque onde ele estiver, estará seu séquito – ao menos na Idade Média. A possibilidade de acompanhar – ou não – o rei determina quais famílias compunham as cortes, e em quais momentos¹¹⁷. A autora conclui dizendo que

¹¹⁴ MATTOSO, José. *A nobreza medieval portuguesa: a família e o poder*. Lisboa, Editorial Estampa, 1981, pp. 356-358 e 364-366.

¹¹⁵ Idem, pp. 356-357.

¹¹⁶ GOMES, Rita Costa. *As cortes dos reis de Portugal no final da Idade Média*. Linda-a-Velha, DIFEL, 1995, p. 24.

¹¹⁷ A esse tema Gomes dedicou todo um capítulo de sua tese; ver idem, cap. IV.

de tal modo, a itinerância surge como factor estruturante da sociedade cortesã, que pensamos que se deve relacioná-la não só com as suas formas de vida, mas também reflectir sobre os seus efeitos nas dimensões da corte, à luz do iminente natural do seu crescimento que é ditado pela frequente movimentação no espaço. (...) relacionando seu crescimento [das cortes] que, como já observámos, caracterizou a passagem do período medieval para a época moderna (séculos XVI-XVIII), com o contemporâneo processo de sedentarização mais ou menos efectiva dos diversos monarcas. A corte torna-se mais numerosa e, concomitantemente, menos móvel senão totalmente fixa, a partir do século XVI¹¹⁸.

Além da sedentarização há a institucionalização dos privilégios da nobreza. Nuno Gonçalo Monteiro no artigo “O Ethos Nobiliárquico no final do Antigo Regime: poder simbólico, império e imaginário social” diz que na primeira dinastia portuguesa (1149-1383) a nobreza era identificada conforme as funções que desempenhavam (os que combatem, os que detêm poderes jurisdicionais, etc.)¹¹⁹. O que mudou já antes do século XVI – de acordo com Monteiro, a mudança na taxionomia – de ricos-homens, infanções e cavaleiros para fidalgos, cavaleiros e escudeiros – espelha o ideário cavaleiresco e acentuava a dimensão de hereditariedade sugerida pela própria palavra fidalgo¹²⁰.

Monteiro conclui que “como em muitas outras paragens, a nobreza corresponderá cada vez menos a uma função, para passar a ser cada vez mais uma ‘qualidade’”¹²¹, mas que o ideal nobiliárquico vai permanecer preso a esse referencial cavaleiresco medieval associado a funções militares – como ocorreu em toda a Europa.

A monarquia lusitana experimentou um aumento de fundos financeiros após as Conquistas do ultramar: as colónias proporcionaram aos reis portugueses dividendos suficientes para que a realza conseguisse centralizar em si os poderes, já que contava com novos, e maiores, recursos distributivos. Segundo Mafalda Cunha, “A monarquia distanciou-se definitivamente de todos os seus potenciais concorrentes internos, deixando, assim, de recear quaisquer excessos de acumulação de poder. Podia mesmo

¹¹⁸ Idem, pp. 254-255.

¹¹⁹ MONTEIRO, Nuno Gonçalo. “O Ethos Nobiliárquico no final do Antigo Regime: poder simbólico, império e imaginário social” In: Almanack Braziliense, nº 02, nov/2005, p. 5.

¹²⁰ Idem, p. 6.

¹²¹ Ibidem, idem.

permitir que alguns pólos políticos se reforçassem e consolidassem”¹²² – como a Casa de Bragança, cujo poderio pôde se desenvolver ao longo de séculos concomitantemente ao da monarquia, embora não sem se tornar, por vezes, uma ameaça à Casa Real e precisar ser contida pelo monarca.

A nova circulação de metal não favoreceu somente o rei¹²³; um segmento da sociedade também se beneficiou desta forma de acumular riqueza: a burguesia. A corte real, impulsionada pela necessidade de diferenciar-se desta crescente (e enriquecida) burguesia, criou todo um aparato de faustosidade que envolvia os mais diversos aspectos da vida cotidiana¹²⁴. Não só, a corte real atraía tantas pessoas quanto as cortes feudais – o que significou uma abertura, uma chance de servir ao rei em troca de um lugar (social e/ou físico) para aqueles que não tinham acesso às cortes senhoriais. Segundo Elias, “os velhos laços sociais estão, se não quebrados, pelo menos muito frouxos e em processo de transformação. Indivíduos de diferentes origens sociais são reunidos de cambulhada. Acelera-se a circulação social de grupos e indivíduos que sobem e descem na sociedade”¹²⁵.

E, apesar da entrada de novos membros, a aristocracia permaneceu um grupo fechado e ensimesmado. Para Eduardo França, tal fechamento se dava para a imposição de uma certa disciplina; “certo, não eram mais as ordens tradicionais quase imutáveis de outros tempos. Os indivíduos da mesma classe procuravam padronizar seu comportamento e refugiaram-se num altivo isolamento em face das demais classes, barrando entrada aos adventícios. Ou impondo uma verdadeira carreira social desde a pequena burguesia que se confundia com o povo até a nobreza à sombra do trono”¹²⁶ diz ele.

¹²² CUNHA, Op. Cit., pp. 14-15.

¹²³ Elias, Op. Cit., vol. 2, pp. 50-51.

¹²⁴ Tal idéia da burguesia como agente que impulsiona a criação e adoção de meios de diferenciação social parece não encontrar dissonância entre os pesquisadores da área. Cf. ELIAS, Op. Cit, nos 2 volumes, e FRANÇA, Eduardo D’Oliveira. *Portugal na época da Restauração*, São Paulo, Hucitec, 1997, especialmente na p. 36 e ss. O consenso é de que, quando a burguesia acumula capital o suficiente para ter poder enquanto grupo social, ela se torna uma base na qual o monarca pode apoiar-se para manter-se no poder.

¹²⁵ Elias, Op. Cit, vol. 1, p. 91.

¹²⁶ França, Op. Cit, p. 37.

Nuno Monteiro aponta, no artigo já citado, que em Portugal “essa banalização da nobreza implicou que se desenhassem múltiplas e diversificadas fornteiros de estatuto no seu interior”¹²⁷; foi, então, adotada uma classificação que separava a nobreza – categoria que se torna excepcionalmente ampla, nas palavras do autor – da primeira nobreza do reino: os Grandes, ou fidalgos; “a nobreza passou a incluir, assim, uma grande diversidade de ofícios e funções, diversas das tradicionais”, diz ele¹²⁸.

Monteiro conclui dizendo que, ao longo de sua existência, a estratificação nobiliárquica portuguesa se caracterizou por dois processos simultâneos, mas de sentidos inversos: de um lado, a ampla abertura da base desse grupo (ou seja, o ingresso na nobreza era, relativamente, fácil, embora os privilégios tenham reduzido-se cada vez mais) e do outro uma fidalguia cada vez mais restrita e separada do restante da nobreza¹²⁹.

Quando falamos nesta etiqueta refinada, nesses novos modos de comportamento social nos referimos à maneira que as pessoas deveriam levar seus corpos: a palavra-chave aqui é o autocontrole – sobre as paixões, as emoções, enfim, o psicológico, mas também sobre o corporal, sobre o físico. O modo de andar, especialmente com as vestimentas adequadas (capas, chapéus, sapatos com ou sem saltos, plumas, peles), o modo de falar, de gesticular, de jogar: todo movimento é previsto, é *observado*, é pensado. De acordo com França,

esse permanente clima de teatralidade induzia a um comportamento artificial. Uma impressão de contínua alienação. Um gosto pelo virtuosismo. Preocupação com os efeitos. Com a aparência. Dizer-se que isso é superficialismo seria injusto. A atenção à forma, à maneira de fazer, aos resultados visíveis, não exclui nem profundidade, nem sinceridade. O artificialismo da civilização barroca paradoxalmente não é artificial. Nesse sentido: corresponde a um estado de espírito, a um jeito de ser do homem. É sincera essa *mise-en-scène* permanente. O homem não se faz de artista, ele vive no seu papel de artista¹³⁰.

¹²⁷ Monteiro, Op. Cit., p. 15

¹²⁸ Idem, p. 7. O autor trata mais alargadamente o tema em “Poder Senhorial, Estatuto Nobiliárquico e Aristocracia”, In: MATTOSO, José (dir.). *História de Portugal*, s/l, Editorial Estampa, 1998, vol. IV, pp. 297-349.

¹²⁹ Ibidem, p. 17.

¹³⁰ Idem, p. 53.

Quer dizer, ao mesmo tempo em que a etiqueta serviu para distanciar a nobreza de corte de seus “rivais sociais” ela também criou uma identidade: só poderia fazer parte daquela sociedade quem soubesse seus códigos. E estes só poderiam ser aprendidos dentro deste grupo¹³¹.

Este processo de controle das pulsões e modificações no comportamento social dos indivíduos levou séculos – desde as primeiras cortes do século XII, compostas majoritariamente de cavaleiros unidos em diversas batalhas, até as cortes dos reis modernos, onde toda e qualquer ação é observada de modo a expor e marcar as diferentes posições que os nobres ocupam junto ao rei¹³².

Não se trata, em absoluto, de um processo consciente e planejado pelos membros de tal sociedade; as pressões de outros grupos – a burguesia, numa ponta, e o rei na outra – não aconteceram de caso pensado, e muito menos o foi a reação da nobreza ao adotar todo esse cerimonial. Nas palavras de Elias a corte

não foi concebida e criada subitamente, em algum momento, por indivíduos, mas formada aos poucos, tendo por base uma transformação específica das relações de poder social. Todos os indivíduos foram tangidos, por uma dependência específica de outros para essa forma particular de relacionamentos. Através de sua interdependência mútua, eles se prendiam uns aos outros na corte; esta não só foi gerada por esse entrelaçamento de dependências, como criou uma forma de relacionamentos humanos que sobrevivia aos indivíduos, como uma instituição de profundas raízes, enquanto esse tipo particular de dependência mútua era continuamente renovado, com base numa estrutura específica da sociedade em geral¹³³.

Pois bem, vimos rapidamente a formação das cortes Modernas a partir das obras de Norbert Elias. De modo algum esgotamos aqui o assunto; pelo contrário, inúmeras questões surgem com a leitura e reflexão dos textos do autor. Focaremos agora em dois pontos que consideramos particularmente relevantes para a construção da nossa dissertação: o lugar físico da corte Moderna (já que o lugar social que ela ocupa

¹³¹ Elias, Op. Cit, p. 214.

¹³² Por exemplo, a rigidez do protocolo da corte de Luis XIV foi muito bem explorada por Elias n’*A Sociedade de Corte*, trabalho que pode ser considerado uma espécie de continuação de seu *Processo Civilizador*: neste livro o autor estuda o processo de formação das cortes, naquele, o funcionamento da corte que se tornou o símbolo da sociedade civilizada em seu ápice.

¹³³ Elias, Op. Cit, p. 222.

acreditamos já estar bem delimitado nesta parte) e a importância dos manuais de comportamento para essa nobreza cortesã.

O ESPAÇO DA CIVILIDADE

A corte delimita-se espacialmente de modo muito simples: sua razão de ser é o rei, logo é ao seu redor que se estabelecem as pessoas – materialmente falando, já que aqueles que o conseguem fazem da moradia do rei a sua habitação. A corte está onde se encontra o monarca, já que, como coloca Diogo Ramada Curto no capítulo “A cultura política” da coleção *História de Portugal* dirigida por José Mattoso, “começando por analisar o interior da corte, é importante notar que o grau de proximidade com o rei se constitui em ideal (...). Este ideal de proximidade com o rei, no interior da corte, orienta as práticas dos cortesãos e encontra nos conselhos à posição do próprio rei um dos seus complementos”¹³⁴.

O serviço era pessoal: não se servia ao reino, ou mesmo à monarquia, mas ao rei; não havia, por exemplo, ministros da fazenda, mas cuidador da casa do príncipe. A corte representou o lugar onde se fazia política num momento em que o exercício da política não estava institucionalizado nas funções, mas nas pessoas que exerciam os cargos¹³⁵.

Estavam neste espaço as pessoas que cuidavam não só do rei, mas também do reino – a *Segunda Partida*, de Alfonso X, define corte tanto como uma localização espacial quanto um grupo determinado de pessoas que detinham o poder; de acordo com a *Segunda Partida*, o lugar de servir ao rei tomou o nome de *cohors* “ca allí se allegan todos aquellos que an a onrar e a guardar al rey e al reino”¹³⁶.

Assim sendo, tanto este espaço de poder, quanto as pessoas que dele faziam parte, têm constituído um interessante objeto de estudo para historiadores nos últimos anos, quando a visão de que na corte estaria somente o supérfluo e o decorativo foi superada e verificou-se aí a política, a criação cultural e intelectual e outras formas de poder não-institucionais.

¹³⁴ CURTO, Diogo Ramada. “A cultura política”. In: MATTOSO, José. *História de Portugal*, volume 4, Lisboa, Estampa, s/d, p. 115.

¹³⁵ MARTÍNEZ MILLÁN, José. “La corte de la monarquía hispánica” In: *STVDIA HISTORICA*. Salamanca, Ed. Universidade, vol. 28, 2006, p. 57.

¹³⁶ Apud Martínez Millán, p. 30.

No artigo “La corte de la monarquía hispánica”, José Martínez Millán lista três grandes linhas de estudos da corte: a sociológica, a administrativa e política e a antropológica. O primeiro a realizar a abordagem da corte da perspectiva sociológica foi Norbert Elias, com seus *O Processo Civilizador* e *A Sociedade de Corte*. Esta linha de pensamento entende que a gênese social do absolutismo está ligada à vida na corte e os padrões de comportamento em que predominava o autocontrole e a contenção dos impulsos¹³⁷.

A abordagem a partir da administração e da política identificou a importância das relações não-institucionais na construção das monarquias modernas: nesta perspectiva a corte é considerada uma instância fundamental desde onde se articulava o poder por todo o reino, já que nesse espaço ocorriam diversos acordos e trocas entre o rei e as elites do reino. De um lado os cortesãos conseguiam que seus pleitos fossem atendidos; de outro, o rei consegue manter a fidelidade de seus súditos, além de seu território unido e sob seu comando. O estabelecimento de novas estruturas de poder que eram claramente pessoais foi qualificado por alguns historiadores ingleses como “bastard feudalism”¹³⁸.

Finalmente, a antropologia e a história da cultura focam suas atenções na cosmovisão cortesã – que teria grande influência classicista, aspecto marginalizado por Elias –, na elaboração de ritos e cerimônias não como representação da liturgia e da política, mas como um modo de construção da trama entre liturgia e política. A noção de representação também permite observar melhor fragmentos da propaganda real: emblemas, imagens, símbolos que formam sistemas¹³⁹.

Martínez Millán nos avisa que “a pesar de los distintos enfoques temáticos con los que las distintas escuelas han abordado la investigación sobre la corte, todos han coincidido en mostrarla como un núcleo de poder que articuló la organización de las monarquías europeas a partir de la baja Edad Media”¹⁴⁰.

Porque foi nesse grupo, nesse espaço material, que se formaram os cerimoniais; cada corte criou seu protocolo, seu modo de estar e de comportar-se quando na presença

¹³⁷ Idem, pp. 19 e ss.

¹³⁸ Ibidem, pp. 21 e ss. Na nota de rodapé da p. 21 o autor fornece uma lista de pesquisadores que propagaram o termo “bastard feudalism”.

¹³⁹ Ibidem, pp. 23 e ss.

¹⁴⁰ Idem, p. 26.

do monarca – ou mesmo sem ele – nos mais diversos momentos do dia. Cada função desempenhada marcava a posição social deste ou daquele nobre que a cumpria, como e quando o fazia. Segundo António Camões Gouveia no capítulo “Estratégias de interiorização da disciplina” no volume 4 da já citada *História de Portugal* de Mattoso, “o cerimonial de corte visava, através do protocolo, aqui se englobando as maneiras de estar, de presenciar, as precedências e as formas de tratamento, colocar o rei no centro das atenções, o que queria dizer no centro do poder”¹⁴¹.

Porque, como afirma Nuno Monteiro no já citado artigo, a configuração da sociedade, baseada numa ordem natural, trinitária (herdada da Idade Média), devia ser imediatamente apreensível. “Por isso”, diz ele, “os podereres e as hierarquias legadas pela história reforçavam-se e legitimavam-se na medida em que podiam ser olhados e ouvidos”¹⁴². O poder só existe se é visível e compreendido por todos.

Voltemos para Rita Costa Gomes. N’*A corte dos reis de Portugal...* ela define corte, logo no início, como o espaço em que se encontra o rei e também os homens que o acompanham, “um organismo cujos contornos são fluidos (incluindo todos os que se integram nesse espaço, mesmo que temporariamente)”¹⁴³. Vejamos o que diz a pesquisadora sobre a corte baixo-medieval:

A corte surgiu, afinal, como o lugar por excelência do “tornar-se nobre”, através de processos que patenteiam a relatividade das classificações sociais da época e a atitude intrinsecamente ambígua do monarca face a uma fronteira tão importante da sociedade de então – conceder generosamente os atributos da nobreza era, também, engrandecer a corte e, naturalmente, a sua própria figura. (...)

Agrupando-se em torno do rei, a corte constitui também um meio particular pelo tipo de relações de interdependência que nela se estabelecem. A importância que assume neste espaço a autoridade patriarcal do monarca é de tal forma grande que podemos aperceber-nos da sua afirmação noutros contextos sociais, não só através da multiplicação das pequenas cortes (em torno de membros da família real ou de grandes senhores) que reproduzem este modelo de sociabilidade, mas também através da difusão dos estatutos e práticas da nobreza cortesã¹⁴⁴.

¹⁴¹ GOUVEIA, António Camões. “Estratégias de interiorização da disciplina”. In: MATTOSO, Op. Cit., vol. 4, p. 416.

¹⁴² Monteiro, Op. Cit., p. 8.

¹⁴³ Gomes, Op. Cit, p. 09.

¹⁴⁴ Idem, p. 328.

Até agora temos falado em como a corte se agrupa em função da interdependência de seus indivíduos, sem realmente tocar neste ponto. O que queremos dizer com isso, em linhas gerais, é que essa nobreza cortesã da qual tanto temos falado depende do rei para manter sua posição enquanto tal. Mas é também verdade que o rei depende dessas pessoas para manter sua própria posição, claro que não na mesma medida.

A nobreza precisa permanecer nas boas graças do rei para conseguir privilégios e manter os que já adquiriu. Fazer parte de um cerimonial como o *lever*, ou despertar do rei francês, não serve para conquistar as benesses, mas é em si uma que evidencia para todos os indivíduos que dividem aquele espaço o quanto esta ou aquela pessoa é benquista pelo monarca. Tal cerimônia do despertar de Luis XIV, contada por Elias, era toda regulamentada: quem entraria nos aposentos reais e quando, para desempenhar funções incrivelmente específicas – quer dizer, aquele que acorda o rei não é quem lhe calça os chinelos, por assim dizer, e a cada uma das tarefas eram associados honra e prestígio¹⁴⁵. As posições na corte, as honras, os privilégios, são armas que o rei utiliza a seu favor, para manter a elite do reino ligada à sua pessoa, como já vimos. Ele podia remover as pessoas das funções, promovê-las ou rebaixá-las conforme o que mais lhe fosse vantajoso no momento.

O rei, por sua vez, também precisava daquelas pessoas a seu serviço. Primeiro por uma razão lógica: os relacionamentos sociais se davam *inter pares*, ou seja, os nobres conviviam entre si, e com mais ninguém¹⁴⁶. Ora, o rei podia ser o mais poderoso deles, o *primus inter pares*, mas continuava a ser nobre. É na nobreza que o rei encontra seus companheiros de caça, os conselheiros; é uma relação que vem desde a época feudal, do suserano e seus vassalos, com quem conviviam e ao lado de quem lutavam; o monarca moderno precisa da nobreza para ter quem o sirva.

É essa interdependência que formou a corte moderna, não só real como as senhoriais. O que podemos depreender de Elias nos dois volumes d'*O Processo Civilizador* é que as cortes se organizavam em torno de uma figura que detinha o poder (ou poder suficiente para) distribuir riquezas e privilégios – sem essa figura não há corte,

¹⁴⁵ Elias, *A Sociedade de Corte*, pp. 100-102.

¹⁴⁶ Estamos aqui pensando no grupo; o grupo “cortesãos” só se relacionava com outro grupo de similar status – o que Elias chama de relações horizontais. É claro que os indivíduos não estavam restritos somente à companhia uns dos outros: haviam criados a serem mandados e camponeses para punir, por exemplo.

pois não há troca a ser realizada. Por isso a possibilidade de servir ao rei não é a única, desde que hajam senhores ricos e poderosos o suficiente para atrair aquela nobreza disposta a servi-lo.

A mudança entre a Idade Média e a Moderna é o centro do poder, que se confunde com a maior reserva de fundos: se na Idade Média era mais vantajoso estar a serviço de um senhor feudal, com mais possibilidades de privilégios do que o rei, na Modernidade é nele que o poder vai ser centralizado, o que significa que é ele o detentor das melhores benesses. O que não quer dizer que a corte real seja a única opção – as cortes ducais continuam sendo um grande pólo de atração: por exemplo, Castiglione estava na corte do duque de Urbino quando escreveu *Il Cortegiano*; artistas de toda sorte eram atraídos até a corte dos duques de Bragança, em Vila Viçosa, até a ascensão desta a Casa Real; a corte do duque Medina Sidonia, a serviço do qual estava D. Jerónimo de Carranza quando escreveu seus *Diálogos*, poderosos senhores castelhanos.

O que verificamos também é que nesse ponto – das monarquias centralizadas – a etiqueta de corte se torna algo tão relevante que ultrapassa a esfera de controle do rei, e passa a caracterizar o espaço da corte; na concepção de Martínez Millán, a etiqueta, o comportamento que os cortesãos adotam quando em grupo, constitui um elemento definidor da corte¹⁴⁷.

Quer dizer, não basta, na época moderna, a nobreza estar no espaço material da corte, ela deve também adotar determinado padrão de comportamento. Embora o mecanismo de funcionamento continue dependendo de um centro de irradiação de benesses, a funcionalidade/a organicidade, enfim, a entidade *corte* se torna um algo maior que a esfera de influência dos senhores, e que independe dele – a ponto de a etiqueta continuar a funcionar mesmo quando o centro do poder não se encontra presente.

APRENDENDO A COMPORTAR-SE: OS MANUAIS

Elias nos diz que “nos movimentos desse período [a Renascença], as cortes foram se tornando o modelo concreto e os centros formadores do estilo”¹⁴⁸.

¹⁴⁷ Martínez Millán, Op. Cit., pp. 44 e ss.

¹⁴⁸ Elias, *Processo Civilizador*, vol. 2, p. 16.

Estilo este que ditava as regras de etiqueta das cortes; que diferiam de corte a corte e, conseqüentemente, forjava uma identidade para os cortesãos que compartilhavam o mesmo código de conduta¹⁴⁹, lembrando que as relações sociais na época são horizontais: a nobreza só convive com a nobreza, os clérigos com outros religiosos e assim por diante¹⁵⁰. Com a heterogeneidade de pessoas vivendo naquele espaço não era mais possível aprender todas as regras do bom comportamento individualmente; quer dizer, nas cortes feudais, onde as regras não eram tantas e se tratava de um grupo fechado, as boas regras eram aprendidas em família, desde a infância.

Nas cortes modernas o aprendizado dos modos era requisito para frequentar este espaço, e não só haviam tornado-se mais complexas como existiam indivíduos que não as praticavam desde crianças. A solução: manuais de comportamento compilavam o que deveriam saber as pessoas que viviam na “boa sociedade”, mantendo o registro delas e ensinando aos recém-chegados as normas às quais deveriam obedecer.

Talvez o maior de todos os manuais de etiqueta tenha sido *Il Cortegiano*, de Baldassare Castiglione. Uma cópia humanista do *De oratore* de Cícero, o manual de Castiglione foi impresso em 1528 e tornou-se um grande sucesso durante muitos anos¹⁵¹ – inclusive atualmente, quando diversos pesquisadores debruçam-se sobre ele.

Em *Il Cortegiano*, Castiglione narra o que se passa na corte do duque Guido Ubaldo, na cidade de Urbino, na Itália. Devido a um problema de saúde que o forçava a retirar-se para seus aposentos logo após o jantar, o entretenimento de seus cortesãos ficava a cargo da senhora duquesa Elisabetta Gonzaga¹⁵². Um dia, após o jantar, a senhora Emília Pia, constante companhia da duquesa, fez com que cada fidalgo sugerisse um jogo que os divertisse. Chegada sua vez de falar Dom Federico Fregoso propôs um jogo no qual cada nobre discorreria sobre as características do bom cortesão, de modo

¹⁴⁹ Cf. Curto, Op. Cit, p. 118. Martínez Millán, citando os professores italianos Papagno e Quondam, diz que “desde el punto de vista político-institucional, la corte se constituyó a partir de la propia identidad material: el espacio de su territorio estatal, que produjo una serie de relaciones”. In Martínez Millán, Op. Cit, p. 27.

¹⁵⁰ Elias, *Processo Civilizador*, vol. 2, p. 18.

¹⁵¹ Cf. BURKE, Peter. *As Fortunas d'O Cortesão*, São Paulo, Editora UNESP, 1997, p. 159.

¹⁵² CASTIGLIONE, Baldassare. *O Cortesão*. Paulo, Martins Fontes, 1997, p. 11 e ss.

que todos os presentes demonstrassem portar-se dignamente, compartilhando o conhecimento de cada um sobre o assunto¹⁵³.

Conforme segue a narrativa vai sendo mostrado ao leitor o comportamento que seria esperado dos nobres da corte – através das falas dos cortesãos, que discorrem sempre sobre um par ideal, perfeito – e o comportamento adotado pelos mesmos enquanto o fazem, não-codificado pelo discurso; seria um modo de portar-se já pressuposto que todos houvessem interiorizado. Durante cada uma das falas descobrimos como deve ser a educação “básica” de um nobre que aspire ser querido em alguma corte: ele deve saber manusear bem as armas, saber declamar, ler, ser gracioso e agradável, tanto de corpo quanto de personalidade. É claro que o cortesão perfeito é nobre, pois a virtude e a inclinação para as características exigida dele vêm de seu sangue, sua linhagem. A nobreza é a primeira característica do bom cortesão¹⁵⁴.

Bom declamador, sabedor de estórias divertidas e com boa moral, de presença agradável, aparência amável, culto, de boas amizades, de boa família, de bons modos, urbanizado e cavaleiresco. Saber manejar bem as armas e cortejar as damas; ser discreto, bom dançarino, generoso e humilde. Erudito, versado nos poetas, exercitado em escrever verso e prosa – em língua vulgar. O conde Ludovico de Canossa sumariza as características que deve ter o perfeito cortesão:

Assim, o cortesão, além da nobreza, pretendo que seja favorecido nesse aspecto e tenha por natureza não só inteligência e bela forma de físico e rosto, mas uma certa graça e, como se diz, uma expressão que o torne à primeira vista grácil e amável, e seja esse um elemento que harmonize e acompanhe todas as suas ações, e o

¹⁵³ Idem, p. 19 e ss.

¹⁵⁴ Dom Ludivico de Canossa começa a caracterizar o cortesão ideal: “quero, portanto, que esse nosso cortesão tenha nascido nobre e de rica família; porque muito menos se critica um plebeu por deixar de fazer operações virtuosas do que um nobre, o qual, ao se desviar do caminho de seus antecessores, macula o nome da família e não somente deixa de adquirir, mas perde o já adquirido; porque a nobreza é como uma clara lâmpada, que manifesta e permite ver as obras ruins, acende e estimula a virtude, tanto com o temor do opróbrio como com a esperança de louvores: e, como esse esplendor de nobreza não é revelado pela obra dos plebeus, a estes falta o estímulo e o temor daquela infâmia, e não se sentem obrigados a ir além de onde foram seus antecessores; e aos nobres parece censurável não chegar pelo menos ao ponto que lhes foi assinalado por seus ancestrais”; podemos perceber nessa fala a pressão exercida pelo grupo para que os nobres comportem-se de acordo, conforme vimos em Norbert Elias (*A sociedade de Corte*, vol. 2), pp. 27-28 e ss.

identifique imediatamente como digno da convivência e dos favores de todo grande senhor¹⁵⁵.

Tanta perfeição não passa despercebida aos outros senhores que estão a jogar. Após o discurso sobre a importância das letras na formação do cortesão, o senhor Ludovico Pio se vê inclinado a comentar que muito já fora dito a respeito da educação do cortesão. “Porque creio”, diz ele, “que no mundo não seja possível encontrar um vaso tão grande que caiba todas as coisas que vós desejais que estejam nesse cortesão”¹⁵⁶. Castiglione previra este tipo de comentário por parte de leitores, criticando a perfeição inatingível de uma pessoa. Na introdução temos uma carta de Castiglione endereçada ao “Reverendo e Ilustre Senhor dom Miguel de Silva, Bispo de Viseu”¹⁵⁷; na carta, o autor retruca tais críticas:

Outros dizem que, sendo tão difícil e quase impossível encontrar um homem tão perfeito como pretendo que seja o cortesão, foi supérfluo escrevê-lo, pois inútil é ensinar aquilo que não se pode aprender. A esses respondo que me contentarei por ter errado junto com Platão, Xenofonte e Marco Túlio, deixando a contenda entre o mundo inteligível e o das idéias, dentre as quais, assim como (segundo aquela opinião) se insere a idéia da perfeita república, do perfeito rei e do perfeito orador, agora se agrega a do perfeito cortesão, de cuja imagem, se não pude me aproximar com o estilo, menor esforço ainda terão os cortesãos para se aproximarem com suas obras do termo e da meta que eu lhes propus ao escrever¹⁵⁸.

Claramente, trata-se de uma obra-espelho, a qual refletia o comportamento que os nobres cortesãos deveriam adotar. Considerados “geralmente como manuais frívolos de etiqueta e, no melhor dos casos, como formulação idealista ou utópica, com fins artificiosos e compensatórios”¹⁵⁹ até que os estudos sobre a racionalidade da corte começaram a ser realizados – sobretudo com a obra de Elias – os manuais nos apresentam toda uma gama de ideais que a nobreza cortesã aspirava ser – o que não significa que o eram de fato.

¹⁵⁵ Castiglione, op. citado, p. 29

¹⁵⁶ idem, p. 71.

¹⁵⁷ ibidem, p. 3.

¹⁵⁸ ibidem, p. 8.

¹⁵⁹ Cf. PÉCORA, Alcir. “A cena da perfeição”. In: *O Cortesão*. São Paulo, Martins Fontes, 1997, p. VII.

Em seu livro *As artes de governar*, Michel Senellart¹⁶⁰ dedica um capítulo aos espelhos e livros de conselhos escritos para aqueles que detinham a “tarefa” de governar. O autor arrola espelhos desde a antiguidade romana até os do século XVI, enfocando nas mudanças de mentalidade que encontra nesses livros. Desse modo, Senellart identifica no espelho que Sêneca escreveu a Nero uma circularidade entre o príncipe, o espelho e as virtudes que ele reflete – quer dizer, é um livro que convida o príncipe a ver suas próprias virtudes nele refletido para que ele possa conhecer-se melhor e demonstrar tais qualidades em suas condutas¹⁶¹.

O moto do “conhecer-se” continua nos espelhos medievais; porém, “ele não se inscreve numa relação narcisíca consigo mesmo, mas numa prática ascética. Remete aquele que governa os outros à necessidade de governar-se a si mesmo para conformar-se, não à excelência de sua natureza, como o Nero do *De clementia*, mas à eminência de seu ofício”¹⁶², explica Senellart.

O século XVI vê a introdução de um novo aspecto aos espelhos: além do príncipe está aí também a sala ou ambiente em que ele se encontra. Para o pesquisador, essa imagem do príncipe em um ambiente “reflete a emergência do território como domínio concreto, geograficamente estruturado (...) do exercício do poder. A ‘face’ do príncipe que se inscreve dentro de coordenadas espaciais com as quais ele forma um todo”¹⁶³; a inserção do governante num âmbito maior que ele mesmo num espelho foi justamente a virada que houve entre esses livros e os “livros secretos” de razão de Estado. Nesses livros de Estado do século XVI o príncipe não aprende mais a conhecer-se na meditação solitária sobre si mesmo e sua posição no mundo. A partir de então o governante aparece como uma parte da máquina do Estado, e só pode comandar se submeter-se a esse mecanismo¹⁶⁴.

Podemos pensar no *Il Cortegiano* nessa perspectiva: o livro não é, em absoluto, sobre personagens meditando solitariamente sobre sua condição e quais virtudes são necessárias para este ou aquele momento. As delimitações de Castiglione são precisas: se

¹⁶⁰ SENELLART, Michel. *As artes de governar*, trad. Paulo Neves. São Paulo, Editora 34, 2006.

¹⁶¹ Idem, pp. 50-51.

¹⁶² Ibidem, p. 53.

¹⁶³ Ibidem, p. 55.

¹⁶⁴ Ibidem, pp. 62-63.

trata de um grupo de nobres cortejando um grande senhor, que vive numa bela casa e oferece deliciosos banquetes. Ou seja, tudo isso, toda essa etiqueta, todos esses ensinamentos, só fazem sentido quando inseridos num contexto maior que as capacidades individuais de cada um: a prática da etiqueta cortesã só faz sentido quando há a socialização do grupo.

No capítulo “Os usos da civilidade” de Jacques Revel que faz parte do volume 3 da coleção *História da Vida Privada*, dirigida por P. Ariès e R. Chartier, o autor faz uma comparação interessante entre *Il Cortegiano* e o *De civilitate morum puerilium* de Erasmo, um dos manuais escolhidos por Elias para analisar as mudanças na etiqueta. Diz Revel que, aproximando ambos manuais, temos obras de cunho absolutamente diferentes, embora tratem do mesmo tema (comportamento do indivíduo em sociedade): Erasmo inicia uma tradição na qual as civilidades não só podem ser aprendidas e ensinadas de maneira útil, como servem para todos, sem muitas distinções, enquanto Castiglione propõe um modelo de civilidade que respeita o status dos indivíduos e suas diferenças sociais, assim como a distância que os separa.

No *Il Cortegiano* as qualidades do perfeito cortesão não são apreendidas, elas são *reconhecidas*, tanto exteriormente – ou seja, ligado ao sucesso social do indivíduo: o favor do príncipe, a estima dos pares – quanto interiormente – que situam-se no âmbito da “graça”, das características inatas à posição de nobreza. “Do que decorre logicamente uma terceira consequência: a excelência cortesã não se aprende, reconhece-se em todos os comportamentos como uma evidência partilhada”, segundo Revel¹⁶⁵. Continua ele: “em Castiglione e seus sucessores, a norma é distintiva; as boas maneiras repousam na convivência de um grupo fechado que é o único dono dos critérios de perfeição. O cortesão se identifica com a construção de um personagem social capaz de agradar pela quantidade e pela eminência de seus talentos”¹⁶⁶.

Daí, então, a aproximação que os autores de corte tem em relação a seus leitores: o manual não tem serventia para aqueles que não são de nascimento nobre, pois o sangue nobilita – as ações são meras externalizações daquilo que a pessoa é feita. Não importa

¹⁶⁵ REVEL, Jacques. “Os usos da civilidade” In: ARIÈS, P. e CHARTIER, R. (dir). *História da Vida Privada*, trad. H. Feist. São Paulo, Cia das Letras, 2004, p. 193.

¹⁶⁶ Idem, p. 194.

que na verdade todo esse teatro cortesão seja aprendido; o que está em jogo aqui é a manutenção da ordem social e a reprodução do estilo de vida que garante a um grupo de indivíduos que continuem ocupando o lugar social que lhes cabe.

Claro que isso muda; os comportamentos das cortes que se formavam no Quinhentos eram bastante flexíveis e permissivos quando comparados com os padrões que foram adotados no séculos XVII e XVIII. Surgiu, então, todo um leque de manuais e mestres para ensinar os novos pormenores que agora já não eram mais meramente reconhecidos e espelhados – e o diálogo cede espaço para um outro tipo de escrita, como pudemos observar em nossos manuais de manejo de espadas. O enrijecimento das regras de comportamento cortesão pode ser acompanhado durante o governo da família Habsburgo em Castela; nos cerca de 150 anos que Carlos e os Filipes foram monarcas a etiqueta passou de instrumento de sociabilidade controlada pelo rei a algo que controlava também o monarca, como veremos adiante.

LA PLUS FOLLE VADA AVANTE!

A chegada do herdeiro dos Monarcas Católicos a Castela causou comoção. Não só chegava o novo rei – um estrangeiro como ele fazia acompanhar-se de todo um séquito de estrangeiros agindo conforme a voga de Borgonha.

Até então a corte formada pelos reis Trastamaras não aparentava ser muito diferente do que vimos para Portugal: uma nobreza formada geneticamente pela camada guerreira que combateu durante a Reconquista e que se tornou cidadina e palaciana¹⁶⁷. A chegada de uma nova corte significou que novos hábitos foram incorporados à etiqueta local, não sem muitos choques entre a nobreza já estabelecida e a que chegava com o monarca Habsburgo.

Não foi até a década de 1540, depois de coroado imperador, que Carlos V demonstrou ter algum tipo de programa que envolvesse a corte como instrumento de governo. De acordo com John Elliot, “ningún hombre ha sido tan profundamente consciente de la forma en la que los símbolos pueden ser empleados y manipulados con

¹⁶⁷ Cf. IRADIEL, P.; MORETA, S.; SARASA, E. *Historia Medieval de la España Cristiana*. Madrid, Cátedra, 1995, especialmente cap. 7 sobre a composição das primeiras cortes e da corte dos Trastamara, e cap. 9 sobre a formação da etiqueta moderna e influências do Humanismo na corte dos Monarcas Católicos.

propósitos políticos”¹⁶⁸. Os costumes de Borgonha foram paulatinamente impostos e mesclados aos já existentes nas cortes dos Monarcas Católicos; na prática, a nova etiqueta era composta pelos modos borgonhês, castelhano, aragonês, flamengo e papal¹⁶⁹.

Além destas características, o próximo monarca, Filipe II, ainda adicionou à corte um marco de sua própria personalidade: a sobriedade e a reclusão – que, combinada com o jogo iniciado por seu pai de ausência e exibição da figura real, proveu-a de um ar de mistério que servia como reforço de sua autoridade e mistificação de seu corpo; a construção do Escorial, onde o rei refugiava-se com uma certa regularidade¹⁷⁰, é encarada por Elliot como o resultado da propensão natural de Filipe II para a reclusão e da política de ocultação do corpo real. A este respeito Elliot faz uma interessante comparação entre os Áustrias de Espanha e os Luises de França: enquanto no reino ibérico o aparato de legitimação de poder do rei passava por sua “ausência”, pelo privilégio de vê-lo ou estar em sua presença, os reis franceses tinham suas figuras constantemente expostas aos cortesãos – o ritual do despertar do rei, sobre o qual já falamos, é um exemplo de ocasião na qual o monarca francês está às vistas daqueles que fazem parte da cerimônia. Os aposentos dos monarcas espanhóis eram de acesso restritíssimo – somente poucos além dos próprios reis tinham permissão de entrar no recinto¹⁷¹.

¹⁶⁸ ELLIOT, John. *España y su mundo (1500-1700)*, trad. Madrid, Taurus, 2007, p. 196.

¹⁶⁹ Idem, p. 198, e MARTÍNEZ MILLÁN, José. “Introducción” in: idem (dir.), *La corte de Felipe II*. Madrid, Alianza, 1999, p. 18. A respeito das cortes papais, ver VISCEGLIA, Maria Antonietta. *Guerra, Diplomacia y Etiqueta en la Corte de los Papas (siglos XVI y XVII)* (trad.). Madrid, Ediciones Polifemo, 2010.

¹⁷⁰ LHERMITES, Jehann. *El Pasatiempos de Johann Lhermites* trad. José Luis Checa Cremades. Madrid, Doce Calles, 2005. Este relato foi escrito por um nobre flamengo que foi à Madrid com a intenção de servir Filipe II, e que lá esteve entre 1587 e 1602; Lhermites acompanhou os últimos anos do monarca, seguindo-o em suas numerosas viagens, e encantou-se com o edifício do Escorial, onde passou muitos meses junto ao rei. Lhermites logrou seu intento, tornando-se o professor de língua francesa do herdeiro do trono D. Filipe – segundo o autor do relato, porque o rei acreditava ser essencial que o próximo monarca fosse versado neste idioma e cultura. O flamengo retornou à Flandres após a aclamação de Filipe III, já não estando interessado em continuar na corte espanhola, que ele considerava um lugar cheio de pessoas maledicentes e invejosas. O relato foi escrito entre 1597 e 1604, e é considerado por seus prefaciadores (Fernando Checa e Jesús Sáenz de Miera) um documento pouco estudado pela academia espanhola. O primeiro entrave seria o da língua, uma vez que *El pasatiempos* original foi publicado ainda no século XVII em neerlandês; a tradução que os autores apresentam nesta edição é de uma versão reduzida traduzida para o francês em 1890 e 1896. O original da obra encontra-se na Real Biblioteca Alberto I de Bruxelas. Para mais informação pode ser consultado o artigo de Teresa Ferrer Vals, “De los medios para mejorar estado. Fiesta, literatura y sociedad cortesana en tiempos de El Quijote”, em B. J. García García y M. L. Lobato (coords.), *Dramaturgia festiva y cultura nobiliaria en el Siglo de Oro*, Iberoamericana-Vervuert, 2007, pp. 151-167.

¹⁷¹ Elliot, Op. Cit., pp. 191-195.

Seu herdeiro, Filipe III, por sua vez não deixou marcas distintas nos cerimoniais cortesãos. Mesmo sua tentativa de mudar a corte de volta para a cidade de Valladolid acabou frustrada – e tal impotência perante a nobreza cortesã é explicada por Elliot como sendo ele um governante cujo carisma não possuía força suficiente para quebrar as exigências impostas pela etiqueta de corte – ao que Elias chamou de *perpetuum mobile*. Para o historiador, somente três personagens conseguiram o feito durante toda a dinastia Habsburgo: Carlos V, Filipe II e o Conde-Duque Olivares.

Sobre a corte de Filipe III temos o testemunho que nos legou Thomé Pinheiro da Veiga na forma de sua *Fastigimia*¹⁷². Escrito nas primeiras décadas do século XVII a *Fastigimia* é um relato irônico e sarcástico da vida na corte em Valladolid quando nasceu o príncipe herdeiro. Nas palavras de Pinheiro da Veiga, sua intenção ao escrever tal obra, e de tal forma, foi que “quando meus bons netos lessem estas memorias ao soalheiro, pudessem dizer: No tempo em que nasceu o Principe Felipe Domingues, esteve o nosso dono, que come a terra fria, vendo na Corte tantas festas, sem hum real na bolsa...”¹⁷³.

Escrita na forma de diário, no qual foram registrados quase todos os dias do primeiro semestre de 1605, a *Fastigimia* nos dá uma amostra do que seria a vida cotidiana de um cortesão português em Valladolid. Pinheiro da Veiga acompanha e relata a vida religiosa – na forma de missas e procissões – e a vida mundana da corte de Filipe III; o autor deixa claro seu assombro perante a falta de sobriedade com que os espanhóis vivem a Semana Santa, quando comparados aos portugueses, trajando-se sem modéstia e até mesmo – para maior espanto de Pinheiro da Veiga – interrompendo as celebrações sagradas para festejar o nascimento do herdeiro do trono.

Dentre todas as insinuações feitas por Pinheiro da Veiga a que mais se sobressai é a da proeminência dos Grandes de Castela sobre a figura do rei. Atendendo ao ofício da Cruz na capela de Filipe III, Pinheiro da Veiga verifica que estavam presentes os quatro Grandes do monarca,

o Duque do Infantado, o Duque de Sessa, o Condestable, o Marquez de Pescara; os
quaes sómente estavam sentados em um banco da parte da cortina de El-Rey, e não

¹⁷² VEIGA, Thomé Pinheiro. *Fastigimia*, prefácio de Maria de Lurdes Belchior. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.

¹⁷³ Idem, p. 7.

têm precedencia, senão sentar-se o primeiro que chega na cabeça do banco e o mais após elle, conforme o tempo que chegam¹⁷⁴.

Ou seja: o rei não se manifesta sobre a organização cerimonial de seus nobres num espaço utilizado para a ostentação dos poderes e fixação das posições sociais de cada um dos Grandes. Uma outra anedota narrada por Pinheiro da Veiga concerne o nascimento do príncipe Filipe – segundo o autor da *Fastigimia*, nascida a criança,

acudiu o Duque de Lerma aos gemidos do menino (...) e, perguntando se era macho, não quiz a comadre lhe responder, senão que chamassem a El-Rey, escondendo o sobrescrito, porque não o conhecessem pela pinta. Foi o Duque muy alegre, dizendo, «Dessa suerte, Principe tenemos»¹⁷⁵.

Assim como seu pai, Filipe IV estava preso às amarras do comportamento social civilizado. Mais ainda: durante o secretariado do Duque de Lerma, o rei tornou-se refém das vontades dos Grandes de Castela – que souberam utilizar de artifícios próprios da nobreza – casamentos, alianças, acordos – para galgarem mais espaço e poder junto ao governo do reino. A solução encontrada por Olivares para resolver tal impasse foi o de substituir as famílias nobres que detinham tanto poder no reino por seus rivais¹⁷⁶.

Uma das famílias contra quem o Conde-Duque dirigiu suas forças foi a dos Guzmán (da qual o próprio Olivares fazia parte), que detinham o ducado de Medina Sidonia; como dissemos no capítulo anterior, foi sob a proteção desta família que se encontrava D. Jerónimo de Carranza quando compôs seus diálogos sobre a Destreza das armas na segunda metade do século XVI. O duque de Medina Sidonia era responsável por guardar uma parte da costa sul espanhola; Segundo Rafael Valladares, este ducado era o mais poderoso de todo o reino espanhol moderno – somente a Casa Real era maior que os Guzmán. Diz o pesquisador que

Localizados na costa de Huelvas e Cádiz, os seus senhorios encontravam-se, todos eles, numa invejável encruzilhada: estavam simultaneamente voltados para para o Atlântico e para a embocadura do Estreito de Gibraltar, no meio do único “foco urbano” existente naquela parte da Península, formado pelo eixo Lisboa-Sevilha. Os

¹⁷⁴ Ibidem, p. 23.

¹⁷⁵ Ibidem, p. 29.

¹⁷⁶ Cf. Elliot, op. cit., pp. 200-202.

duques desfrutavam do monopólio da pesca do atum, para além de possuírem o cargo de Capitão-General da costa da Andaluzia¹⁷⁷.

A posição geograficamente estratégica do ducado – além do cargo militar – fez com que caísse sobre o duque de Medina Sidonia a responsabilidade de proteger o estreito e a costa espanhola, especialmente após declaradas hostilidades contra França, de um lado, e a restauração do reino português, por outro lado. Enquanto os reinos estiveram unidos, Medina Sidonia deveria trabalhar em conjunto com o Governador do Algarve, que era responsável pela segurança da província. Tanto cuidado com as costas que tinham acesso ao Mediterrâneo explica-se pela crença do Conselho de Guerra espanhol de que França atacaria por mar, saindo dos portos de Marselha – que também estavam sob vigia de espiões espanhóis¹⁷⁸.

Como já dissemos, tratava-se de uma casa ducal já poderosa que conseguiu expandir sua rede de influências durante o reinado de Filipe III. Como aponta Elliot, até o reinado de Filipe IV o monarca não agia como o grande mecenas do reino; tal cargo cabia à nobreza cortesã¹⁷⁹. Não é incabível, portanto, pensar na casa de Medina Sidonia como um dos grandes patrocinadores das artes – como, aliás, podemos deduzir do primeiro *Diálogo* de Carranza, que não só redigiu seu manual em dita corte, como utilizou-a como cenário para os encontros entre os doutos e sábios que discutem a Destreza. Conta Valladares que, quando Filipe IV viajou até Sanlúcar de Barrameda em 1624, “alguém qualificou aquele momento como o encontro de duas cortes”¹⁸⁰.

Mas nos adiantamos; voltemos para a corte de Filipe IV. Como já dissemos, seu pai, o monarca Filipe III, foi um refém da etiqueta de corte. Deve ser apontado, porém, que é a primeira vez que a corte estabelece-se na Espanha em sua configuração total – quer dizer, com etiquetas e cerimoniais bem delimitados e fixados, a ponto de não necessitar mais da presença do rei para que os modos cortesões continuassem a ser praticados, uma vez que Filipe III constantemente ausentava-se da capital de governo –

¹⁷⁷ VALLADARES, Rafael, Op. Cit., p. 54.

¹⁷⁸ Cf. pode depreender-se das leituras das cartas enviadas ao Governador pelo rei; após a Restauração, a província do Algarve também deveria vigiar, além do Atlântico e costa norte da África, a Andaluzia. V. Códice da Biblioteca da Ajuda 51-VI-12 (Cartas variadas a diversos capitães do exército português durante a Guerra de Restauração) e *Cartas dos Governadores do Algarve (1638-1663)*, preparação do texto e prefácio de Alberto J. Iria. Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1978.

¹⁷⁹ Elliot, Op. Cit., p. 201.

¹⁸⁰ Valladares, Op. Cit., p. 60.

fosse Madrid, fosse Valladolid – para, segundo Elliot, escapar por alguns momentos das pressões da vida de corte¹⁸¹.

E, durante o reinado de Filipe IV, a monarquia tomou para si o papel de grande mecenas do reino – papel que, como dissemos, estava disperso entre as grandes casas¹⁸²; não foi mera coincidência ou acidente que durante o período em que Filipe IV esteve no poder a Espanha tenha visto surgir academias das mais diversas formas de arte, desenvolvendo estilos que chegaram até outros reinos e cortes.

Assim como não se trata de uma coincidência que o rei se torne um marionete da etiqueta quando a corte se fixa e se consolida. Elliot atribui tal submissão à fraqueza de personalidade e falta de carisma de ambos Filipes III e IV¹⁸³ – será que o pesquisador diria o mesmo a respeito de Luis XIV, o rei-Sol? Somente o fator apontado por Elliot não explica o poder que a etiqueta teve sobre os últimos monarcas Habsburgo de Espanha. Existem outros fatores a serem considerados, como a balança dos poderes da monarquia com a grande nobreza e as elites locais e as relações do monarca com os outros reinos europeus; especificaremos somente dois aspectos, que estão por natureza intrinsecamente ligados.

O primeiro é a composição da nobreza de corte: a chegada de Carlos V a Castela, com todo seu séquito, desestabilizou a nobreza que já estava alocada na corte dos Reis Católicos não só com novas pessoas, mas com pessoas estrangeiras, que adotavam outro tipo de cerimonial. Seu herdeiro, Filipe II, ao agregar províncias ao reino, agregou também novos cortesãos e novos estilos de cortejar. Filipe III mantém a corte como a herdou e mais – a política do Duque de Lerma permitiu que a grande nobreza fosse acumulando mais e mais poderes. Quem jogou com a nobreza para tentar recuperar algum poder foi o Conde-Duque Olivares, mas com poucos efeitos, primeiramente por não ser ele o rei, segundo porque as pretensões políticas de Filipe IV estavam sob ataque de quase toda Europa, que já não aceitava passivamente os projetos do monarca.

O segundo ponto é a fixação geográfica do monarca num único lugar. Quando Carlos V herdou a coroa de imperador ele fez questão de viajar pela Europa para vistoriar

¹⁸¹ Elliot, Op. Cit., pp. 199-200.

¹⁸² Idem, p. 201.

¹⁸³ Ibidem, pp. 197-204.

seus domínios, nomeando vice-reis e regentes para governar. Como o imperador não se estabelecia permanentemente em cidade alguma, tampouco o fazia a corte, que o acompanhava onde quer que fosse. Embora não nas mesmas proporções que seu pai, Filipe II também deslocava-se com alguma freqüência, especialmente no começo de seu reinado. Filipe III, embora tenha tentado mudar a capital de Madrid para Valladolid, permaneceu mais ou menos fixado, e suas viagens mais freqüentes eram entre suas propriedades de campo, para onde ia a lazer.

A itinerância da corte ainda traz mais um ponto a ser considerado: como vimos com Rita Costa Gomes no começo deste capítulo, não são todos os nobres que possuem condições de saírem de seus domínios para seguir o rei de acordo com a necessidade do momento sua régia vontade (como fazia Filipe III, na visão de Elliot), o que implica que enquanto o monarca permanece na estrada o grupo de nobres cortesãos a seu redor não só é diminuto como tende a mudar de configuração de tempos em tempos. A sedentarização do rei permite que a nobreza estabeleça-se e fixe raízes perto da residência real e acompanhe todas as atividades desenvolvidas pelo monarca – ou seja, o mesmo grupo, sempre, sem muitas alterações. Tal confluência de fatores permitiu que a etiqueta fosse ficando cada vez mais elaborada, complexa e rígida – como podemos observar tanto nas cortes de Filipe IV quanto nas de Luis XIV.

Jerónimo Jiménéz de Urrea, em seu *Diálogo de la Verdadera honra militar*, de 1566, conta-nos uma anedota na qual o imperador resolve uma questão de precedência entre duas senhoras fidalgas:

Me habéis hecho recordar la más graciosa y avisada sentencia del mundo, que el Emperador, nuestro señor, dio a dos damas muy principales de Flandes sobre un pleito tan gracioso como éste. Madama de Vergas, madre del marqués de Vergas, y madama de Bredetrodes, del linaje del Emperador, encontrándose al entrar en una capilla en la iglesia de Santa Gudela de Bruselas, pasaron grandes porfias sobre quién entraría delante y pasaría a la mano derecha. Fue tal la porfia entre ellas, y la gente que las acompañaba se alborotó de tal manera que faltó poco para trabarse una gran cuestión. Pero la cosa no paró aquí, sino que cada una de ellas quiso saber si precedía a la otra, y su causa llegó al Consejo Supremo, y éste halló tanta igualdad en sus noblezas y estados que no supo declarar quién precedía a quién, y las juzgaron iguales. Las Señoras, no contentas con la igualdad, suplicaron al Emperador para que él, como fuente de honra y justicia, sentenciase aquel pleito. El

Emperador, comprendiendo su liviandad, no les respondió otra cosa sino LA PLUS FOLLE VADA AVANT, que quiere decir, la más loca vaya adelante¹⁸⁴.

Cerca de cem anos mais tarde, em 1655, conta-se que Filipe IV teria recusado a oferta de um esplêndido cavalo feita a ele pelo duque de Medina de las Torres, pois um antigo costume castelhano pregava que um cavalo – qualquer cavalo – que uma vez montado pelo rei não poderia voltar a ser cavalgado por outra pessoa, e o monarca pensava ser lástima que um animal tão magnífico nunca mais voltasse a ser montado.

Ou ainda, num caso bem mais grave, diz-se que a morte de Filipe III teria sido apressada por causa de uma febre fatal contraída porque tinha um braseiro muito próximo, e o gentilhomen de câmara, o duque de Alba, não tinha autorização para mexer nele – somente o sumiller de corps o teria, e este – o duque de Ucea – não se encontrava no palácio¹⁸⁵.

Tais historietas não passam de anedotas, sejam elas verdadeiras ou não. Porém, elas expressam exatamente o que estamos aqui a dizer: Carlos V conseguia controlar seus cortesãos, sua nobreza; era ele quem lhes atribuía, em última instância, suas posições junto aos outros nobres. O tom de troça em relação às duas damas que Jimenéz de Urrea adota é característico da época: a etiqueta, as regras de precedência, não são mais importantes (ou não deveriam ser) para o nobre cortesão do que o serviço ao rei.

O que já não se passa com seu neto e bisneto: um teve de recusar um presente justamente por ter gostado tanto dele, o outro caiu mortalmente adoentado porque o fidalgo que lhe fazia companhia no momento não podia simplesmente quebrar o protocolo para movimentar um mísero braseiro. Ou seja, a etiqueta se torna mais importante do que o serviço ao rei; os modos ultrapassaram o convívio social para se tornar o regulamentador daquela sociedade cortesã a ponto de beirar o irracional. E por maior o tempo que tenha levado para atingir tal patamar, a sua quebra foi ainda mais longa.

“TODA FIDALGUIA ERA IGUAL. MAS INFERIOR AOS BRAGANÇA”

¹⁸⁴ Jimenéz de Urrea, Op. Cit., p. 195.

¹⁸⁵ Ambos casos dos Filipes apud Elliot, Op. Cit., p. 195.

Com a união da Coroa de Portugal ao reino de Filipe II de Espanha em 1580 a nobreza cortesã perdeu seu espaço físico de corte, uma vez que o rei estava em Madrid. Certo, houve um intervalo no qual o novo monarca estabeleceu-se por Lisboa, mas tal durou menos de três anos; nos sessenta anos de duração da União os portugueses não deixaram de pedir aos Filipes que, se não trocassem Madrid por Lisboa, que ao menos visitassem Portugal com maior frequência¹⁸⁶.

À nobreza lusa coube optar pelo que lhe seria melhor – ou menos oneroso: os que quiseram e puderam deslocaram-se até Madrid para servir na corte régia. Alguns permaneceram em Lisboa. Mas não era o mesmo quando não havia onde praticar as cortesias habituais. A saída encontrada por outros foi servir na corte de aldeia: o Paço dos Duques de Bragança, localizado em Vila Viçosa. A escolha por estabelecer o Paço ducal longe do centro da monarquia é mais um fator que afirma a preeminência da Casa sobre as outras do reino; de acordo com Mafalda Cunha, “a opção de não partilhar os mesmos espaços, as mesmas estratégias cortesãs e as mesmas sociabilidades da restante nobreza constituía, assim, um outro elemento de afirmação da alteridade da Casa de Bragança”¹⁸⁷.

Os Bragança eram considerados a primeira família do reino, à exceção da Casa Real. Desde o recebimento do primeiro título, à época da crise dinástica de 1383-1385 pelo Condestável Nuno Álvares Pereira¹⁸⁸, a família foi paulatinamente aumentando seus poderes e títulos a ponto de receberem a permissão real para distribuir comendas de ordens militares – o que lhes aumentou o poder de atração e a capacidade de dispor de mais nobres a seu serviço. É claro que tal poderio incomodava os monarcas: não só o poderio, mas a proximidade com o trono português fez com que os duques de Bragança estivessem sob vigia constante. Em 1483 D. João II aniquilou a casa, exilando seus membros e confiscando seus bens. Tal disposição teve vida curta: o rei seguinte, D. Manuel, restituiu à Casa seus bens, honras e privilégios, permitindo que regressassem do exílio em 1496.

¹⁸⁶ Sobre a estada de Filipe II em Lisboa, sua entrada régia e os rogos portugueses por mais atenção ver MEGIANI, Ana Paula. *O Rei Ausente*. São Paulo, Alameda, 2004.

¹⁸⁷ Cunha, *A Casa de Bragança...*, Op. Cit., p. 35 e ss.

¹⁸⁸ Cf. Costa e Cunha, Op. Cit., p. 42. Tal família foi profundamente estudada por Mafalda Soares da Cunha, no seu já citado *A Casa de Bragança. Práticas senhoriais e redes clientelares (1560-1640)*, no qual a autora analisa a formação das redes de senhorios e títulos espalhados por todo o reino português que lhes permitia alcançar as mais diversas localidades de Portugal com sua suas influências e poderes.

Leonor Costa e Mafalda Cunha atribuem tal gesto à nova conjuntura política, uma vez que as novas possessões no além-mar permitiam à monarquia novas lógicas de relacionamento com a nobreza já que

No século XV os recursos distributivos de que a Coroa passou a usufruir em resultado da administração e da exploração comercial das conquistas permitiram uma maior harmonização entre os esforços de intervenção política do centro sobre o território e o espaço social do reino. A monarquia distanciou-se definitivamente de todos os seus potenciais concorrentes internos, deixando, assim, de recear quaisquer excessos de acumulação de poder. Podia mesmo permitir que alguns pólos políticos se reforçassem e consolidassem¹⁸⁹.

Porque não importava mais o quanto poder tais pólos arraigassem dentro do reino: o monarca sempre teria a vantagem das colônias espalhadas pelo mundo – afinal, é justamente *este* o império onde o sol nunca se põe. Pesavam também as ligações familiares, já que a irmã de D. Manuel, D. Isabel, era a mãe do jovem duque D. Jaime.

Não foi, portanto, grande surpresa os Bragança se apresentaram como potenciais herdeiros do trono quando D. Sebastião desapareceu no norte da África em sua fracassada expedição. Tanto que D. Catarina foi considerada uma candidata possível à monarquia, assim como Filipe II de Espanha e D. Antônio, prior do Crato e filho dito bastardo d Infante D. Luís. Se desta vez o Bragança pleitante entrou em acordo com o rival – Filipe II – e cedeu-lhe os direitos sucessórios¹⁹⁰, o mesmo não aconteceu sessenta anos depois, quando um Bragança – primeiro o irmão do duque, D. Duarte, e depois o próprio duque – foi escolhido pelos restauradores para ser o rei de Portugal.

Assim como seus pares em Espanha, os Medina Sidonia, os Duques de Bragança contavam com uma corte a seu redor. Sobretudo enquanto o duque foi D. Teodósio II (1568-1630, titular desde 1583), pai do futuro D. João IV, “príncipe distante, de uma austeridade enleante, ciso da hierarquia e do cerimonial”¹⁹¹, nas palavras de Eduardo D’Oliveira França. Continua o professor dizendo que

Em torno dele tinha que vicejar uma corte. Seus vassalos chegavam a 80 mil. Seus familiares chegavam a 800. Como um verdadeiro soberano distribuía os ofícios de sua casa entre fidalgos que dele dependiam. Como num paço régio (...). Essa

¹⁸⁹ Idem, p. 45.

¹⁹⁰ Cf. Ibidem, pp. 50-55.

¹⁹¹ França, Op. Cit., p. 106.

hierarquia de ofícios era a organização da magnificência discreta e teimosa da grande casa. Assim existia toda uma fidalguia que se refinava na corte dos Bragança, independentemente das subvenções e nomeações de Madri¹⁹².

Corte de aldeia, mas corte. Podia não ser como a de Madrid, ou mesmo Lisboa antes da União, mas ainda era um espaço onde a cortesia era praticada e aprendida, um lugar onde era possível pôr em prática tudo aquilo que se havia aprendido sobre convívio com outras pessoas de qualidade nobre. E D. Teodósio II fazia com que todas as cerimônias e hierarquias fossem observadas e respeitadas em seu domínio. D. Francisco Manuel de Melo, grande cronista do reinado de D. João IV após a Restauração nos oferece uma visão do que seria esperado no Paço Ducal de Vila Viçosa:

Recebia sob o dossel do trono os cavaleiros, sentando-os em cadeira iguais, que os reposteiros lhes ofereciam. A sua ficava sobre uma curta tapeçaria, a do hóspede próxima de si e na sua frente. Ao entrar não a achava na sala, porém ao sentar-se tinha-a ali sempre porque lha traziam. Os cavaleiros da sua casa, compareciam primeiro na sala, e ao longo das paredes davam toda a solenidade à sua entrada. Do seu lugar, depois, o Duque retribuía suas homenagens e saía a receber seu hóspede, avançando mais ou menos passos conforme sua categoria, fazendo depois sinal para que os outros retirassem. Mas se a visita era só de cumprimentos, deixava ficar ali sua corte, os criados de pé, cobertos ou descobertos, segundo as precedências de cada um¹⁹³.

D. Teodósio era um homem ciente de sua posição, orgulhoso dela, e disposto a fazer cumprirem-se todas as disposições que ela acarretava. Exigia ser tratado conforme seu poderio, negociando com os Filipes e recusando mercês por serviços que submeteriam a casa à monarquia espanhola. São conhecidos episódios sobre sua recusa em descobrir a cabeça perante o monarca na visita de Filipe III de Espanha a Portugal, assim como a comitiva preparada para receber e seguir o rei às cortes de Lisboa, 1619. Diz Mafalda Cunha que “a actuação de D. Teodósio II deve, assim, ser inscrita na tradição de defesa intransigente dos direitos senhoriais adquiridos e na ética e práticas

¹⁹² Idem, pp. 107-108.

¹⁹³ MELO, D. Francisco Manuel de. *D. Teodósio II, segundo o código 53-III-30 da Biblioteca da Ajuda*. Trad. e prefácio de Augusto Casimiro. Porto, Livraria Civilização Editora, 1944, pp. 193-194.

culturais das casas de Grandes peninsulares que a Casa de Bragança, naturalmente, partilhava”¹⁹⁴.

Austero e antiquado, a corte conduzida por D. Teodósio II possuía também um certo quê de antihispânico – traço que provocaria conflitos com seu herdeiro, D. João¹⁹⁵. E, estando Vila Viçosa localizada entre Lisboa e Madrid, o Paço ducal tornava-se ponto de paragem dos viajantes. Conta D. Francisco Manuel de Melo que

Seu feitio generoso [de D. Teodósio II] mostrou-se e brilhou sobretudo na forma magnífica com que recebia os forasteiros, sem distinguir aqueles que se valiam da sua grandeza por necessidade dos que o faziam para lográ-lo. A situação da sua corte, não atraía menos os constantes hóspedes e passageiros, que a fama da sua fidalga e generosa hospedagem. Vila-Viçosa fica nas fronteiras do reino, próxima de Castela e pouco desviada do caminho real que vai da capital portuguesa à corte de Madride. Durante todo o ano, cavaleiros, religiosos, nobres e plebeus, desejosos de ver despachados seus requerimentos, por ali passavam¹⁹⁶.

Nos registros da época sobre o Paço sobressaem as referências à opulência, à riqueza e à etiqueta do Paço¹⁹⁷; e se D. Teodósio tratava a todos a quem recebia sem fazer distinções era porque, nas palavras de Eduardo França, “a seus olhos toda a fidalguia era igual. Mas inferior aos Bragança”¹⁹⁸. Todo seu cerimonial era pensando para manter a distância entre a Casa de Bragança e a nobreza dos reinos. Nada lhe faltava: mecena das artes, contava com músicos, escritores, meninos de coro¹⁹⁹. E foi esta corte que herdou D. João, II de este nome.

A mudança mais significativa que D. João fez no Paço foi a de diminuir a formalidade e a distância entre o duque e a fidalguia que por aí transitava ou residia; mais aberto ao contato que D. Teodósio, o duque levou consigo estes costumes para a corte de Lisboa quando foi aclamado rei – e que lhe seriam motivo de reparos²⁰⁰. Outro aspecto

¹⁹⁴ CUNHA, Mafalda Soares. “D. Teodósio II, sétimo duque de Bragança. Práticas senhoriais como política de reputação” In: *Monumentos*. Revista Semestral de Edifícios e Monumentos, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana, Lisboa, vol. 37, dezembro/2007, p. 55; também Cunha, *A Casa de Bragança*, p. 33 e ss, e p. 16, e Costa e Cunha, Op. Cit., pp. 95-96.

¹⁹⁵ Cf. Costa e Cunha, p. 61, p. 76 e ss.

¹⁹⁶ Melo, *idem*, p. 179.

¹⁹⁷ Cunha, “D. Teodósio II...”, p. 58.

¹⁹⁸ França, Op. Cit., p. 115.

¹⁹⁹ Sobre a corte de D. Teodósio no Paço Ducal de Vila Viçosa ver: França, Op. Cit., pp. 110-116; Costa e Cunha, Op. Cit., pp. 61-71 e Cunha, “D. Teodósio II...”, pp. 53-59.

²⁰⁰ Costa e Cunha, Op. Cit., p. 76.

que diferenciava D. João de seu pai era a maior abertura em relação a Castela e aos costumes castelhanos: tanto que os trâmites de seu casamento com D. Luisa Guzmán só puderam ser concluídos após a morte do velho duque, que buscava uma noiva para seu filho nas mais importantes Casas da Europa – menos na Espanha.

Os casamentos não só de D. João, mas também o de D. Teodósio, ilustram muito bem a política matrimonial adotada pela Casa de Bragança desde quase seu início. Comparando os casamentos realizados pela Casa durante o século XV com os acordados durante os séculos XVI e XVII, Leonor Costa e Mafalda Cunha mostram que, no século XV a família procurou casar quase todos seus membros, estabelecendo ligações com as maiores casas do reino – situação que se inverte nos séculos seguintes, quando os matrimônios foram pouco, e os cônjuges, escolhidos entre os Grandes de Castela, a Casa Real ou famílias derivadas dos Bragança²⁰¹. Tal sugere, para as autoras, uma mudança de política, de alargamento de recursos detidos pela linhagem e de formação e diversificação de alianças, para uma política de manutenção do poderio da Casa e distanciamento da mesma de seus pares reinóis²⁰².

Enfim, os contatos para acordar o casamento de D. João com D. Luisa só tiveram início no final de 1630, seguindo, como dissemos, à morte de D. Teodósio II; as núpcias, porém, só ocorreram três anos depois, sendo que o herdeiro, também batizado Teodósio, nasceu no ano seguinte. Cabe dizer que foi uma união muito desejada pelo valido de Filipe IV, o Conde-Duque Olivares, que pretendia assim atrair os Bragança para sua esfera de influências²⁰³, após ter lidado por muitos anos com o refratário D. Teodósio.

Para os Guzmán resultava quase natural que um dos maiores – senão o maior, excluído o monarca – Grandes de Espanha unisse sua família ao Grande de Portugal, especialmente no contexto de união das Coroas. Em 1633 D. Luisa Guzmán, filha do oitavo Duque de Medina Sidonia e irmã do nono, D. Gaspar Alonso Pérez Guzmán, casou-se com D. João, oitavo Duque de Bragança. Não que a monarquia espanhola não

²⁰¹ Idem, pp. 47-50.

²⁰² Para Costa e Cunha, o que se seguiu foi “uma estratégia para evitar alianças com a nobreza portuguesa (...). Casar fora, em Castela, era a estratégia da monarquia de Avis e também a que se afigurou mais conveniente para os Bragança. E era, de facto, uma solução vantajosa para a Casa de Bragança de vários pontos de vista. Evitavam-se excessos de proximidade e de familiaridade com a nobreza do reino e conseguiam-se uniões socialmente aceitáveis, o que dificilmente ocorreria no mercado matrimonial dos titulares portugueses”, Op. Cit., p. 50.

²⁰³ Idem, p. 81.

tivesse planos para a casa ducal portuguesa: em 1639 D. João foi nomeado governador-geral das armas de Portugal numa tentativa de acalmar os ânimos dos que viam a gradual transformação do reino em província com agravo²⁰⁴.

Com este matrimônio ficavam unidas, não só as maiores famílias dos reinos de Portugal e Espanha, como colocaria o Grande português sob influência da coroa espanhola de vez – a política de neutralidade e ambigüidade da Casa certamente não contribuía para as aspirações dos validos dos Filipes. Ademais, o Conde-Duque poderia colocar em prática mais facilmente seu plano para vencer as resistências que começavam a surgir entre os portugueses em relação à união das coroas, nomeando D. João governador geral das armas portuguesas – cargo que D. João demorou tanto a aceitar que, ao final dos acordos ficou estabelecido que ele teria poderes equiparáveis ao da vice-rainha, D. Margarida de Mântua²⁰⁵.

Além de tudo isso, D. João, se não era abertamente fiel a Filipe IV e Olivares, ao menos nunca havia dado provas do contrário. “Por que havia de inquietar-se o conde-duque de Olivares se D. João fora fiel por ocasião do levantamento de Évora? Se vivia retirado em seus domínios, longe de Lisboa? Se não manifestava ambições de mando? Se era, em verdade, um timorato, deliberadamente prudente?”, perguntou-se Eduardo França²⁰⁶. E de fato, D. João esteve de fora da conspiração que restauraria a Portugal sua antiga glória até pouco antes de seu acontecimento.

De sua parte, provavelmente D. Gaspar não imaginou que um dia seu cunhado se uniria à conjuração portuguesa quando do casamento de sua irmã com D. João de Bragança – não só os relatos coevos como a historiografia a respeito da Restauração afirmam que o duque não mostrava sinais de interesse nos projetos dos restauradores, nem inclinação para participar da revolta: tal papel teria sido de D. Duarte, irmão mais novo de D. João²⁰⁷. De qualquer modo, quando a oportunidade fez-se presente logo após a Restauração portuguesa, o próprio duque de Medina Sidonia, D. Gaspar, em conjunto com um parente menor seu, o Marquês de Ayamonte, lançou um levante na região

²⁰⁴ Cf. COSTA, Leonor Freires e CUNHA, Mafalda Soares. *D. João IV*, Coleção Reis de Portugal. S/I, Temas e Debates, 2008, pp. 15-16.

²⁰⁵ Ibidem, pp. 15-17.

²⁰⁶ França, Op. Cit., p. 253.

²⁰⁷ Idem, capítulo 1, “Fazer um rei”, pp. 9-41.

andalusa, e rumores que chegaram até Lisboa davam conta de que ele havia nomeado a si mesmo “rei da Andaluzia”²⁰⁸. As pretensões de D. Gaspar, embora um tanto improváveis, não eram completamente impensáveis: desde a década de 1630 Filipe IV vinha enfrentando sucessivas revoltas em várias províncias do reino. Talvez encorajado pelo sucesso de seu cunhado, o duque de Medina Sidonia tenha se deixado levar por planos separatistas.

Malogrados os planos de D. Gaspar, este foi convocado pelo rei a ir até Madrid dar conta de seus atos. O duque procrastinou o quanto pôde a viagem e, antes que ele chegasse à capital, o marquês havia sido capturado e confessado a traição à Coroa. Sobre Ayamonte recaiu o pior castigo: foi condenado ao desterro perpétuo em Segóvia; a situação entre o monarca, seu valido e o duque resolveu-se com o juramento de fidelidade de D. Gaspar e a obrigação deste de lançar um desafio público contra D. João de Bragança por conta das injúrias perpetuadas contra Medina Sidonia e a Coroa espanhola²⁰⁹.

O saldo final para o duque foi a perda de seu senhorio em Sanlúcar e a proibição de sair de Madrid até o fim da vida. Apesar disso, o grau de participação do duque e do próprio marquês no levante ainda é desconhecido; não se sabe quem foi o mentor da conjura, ou quem deu o primeiro passo. A resposta por parte da monarquia foi rápida e impiedosa – Filipe IV e o Conde Duque queriam evitar a todo custo mais uma sublevação no reino que se partia²¹⁰.

DEBUXO DO NOSSO REI

²⁰⁸ Valladares, Op. Cit., p. 60.

²⁰⁹ Idem, pp. 54-63. Cartazes no qual D. Gaspar chama D. João para um duelo foram afixados em todas as cidades entre Sevilha e Lisboa, e um deles está conservado na Biblioteca Nacional de Madrid, cota VC/250/2.

²¹⁰ Em uma publicação recente, José Martínez Millán sugere que a queda do governo de Filipe IV foi uma reação às pretensões do monarca de ser a cabeça da Monarquia Universal, posição que a situação da Europa da época já não admitia, ao contrário do que havia ocorrido com seu avô, Filipe II, e seu bisavô, o imperador Carlos V. Tal hipótese coloca-se como uma das razões por que tantos reinos e vice-reinos – e, principalmente, o papado – opuseram-se a Filipe IV na mesma chave de tempo. In MARTÍNEZ MILLÁN, José. *El mito de Faetón o la imagen de la decadencia de la Monarquía Católica*. Granada, Editorial Universidad de Granada, 2011.

A literatura sobre a Restauração do reino de Portugal é vasta e bem conhecida, assim como o desenrolar da sublevação vem sendo bastante estudado desde, bem, sua ocorrência – veja-se, por exemplo, a *História do Portugal Restaurado*, de D. Luis de Meneses, conde de Ericeira. A conspiração em si, os conspiradores e mesmo o papel que D. João teria tido (ou não) nela não nos interessa. O que nos importa é que, ao menos para os portugueses restauradores, Portugal voltava a ser um reino com um rei próprio e, portanto, uma corte própria.

E o contexto no qual essa corte se formaria deveria parecer incrivelmente maravilhoso para aqueles que tanto pleitavam mercês e privilégios, fosse em Madrid – e sendo sumariamente ignorados pelo monarca espanhol – fosse em Vila Viçosa, servindo o ainda senhor duque. Pois se tratava de uma Casa Real nova, um monarca que contava com as terras e títulos daqueles que decidiram permanecer em Madrid (e, assim sendo, eram considerados traidores) para distribuir novamente, conselheiros e secretários a serem nomeados, um rei que já vinha praticando o mecenato em seu Paço ducal e, por fim, um rei que não fora educado nas artes da boa governança – e, logo, estaria aberto a conselhos.

A saída para tal problema não tardou a aparecer: nas palavras de Leonor Costa e Mafalda Cunha,

um rei que não fora educado para sê-lo encontrava em obras coetâneas, como a de Carvalho de Parada, impressa no ano da execução de Lucena e intitulada *A Arte de Reinar*, referências a essa virtude indispensável ao bom governo e compatível, em certos contextos, com a dilação, outra das táticas governativas, muito utilizada por D. João, sobretudo na cena diplomática²¹¹.

Nesta luz gostaríamos de apresentar dois documentos sobre assuntos aparentemente desconexos, mas que cujos autores se mostram preocupados com um tema em comum: a construção da nova monarquia lusitana.

O primeiro deles foi escrito em 1641 por Antônio de Freitas Africano, um doutor em direitos civis natural de Tânger²¹², e foi intitulado *Primores politicos e regalias do nosso Rei*. Dedicado ao recém-aclamado D. João, se trata de um livro curto (na sua versão atual conta com 97 páginas, contando com um estudo introdutório) no qual o autor

²¹¹ Costa e Cunha, Op. Cit., p. 259.

²¹² Cf. Machado, Diogo Barbosa, Op. Cit., vol. 1, p. 283.

justifica e legitimiza a coroação de D. João²¹³ e apresenta aquela que seria, em sua opinião, o governo ideal – e que Portugal deveria adotar, já que não estava mais submetido aos caprichos dos Habsburgo.

No livro Africano elencou quais seriam as regalias reais, que garantiriam a imortalidade da fama do monarca; seriam elas: fazer leis, investir magistrados, bater moeda, pôr tributos, estabelecer a paz e publicar a guerra e usar de cerimoniais que demonstram sua majestade e diferenciam as nações – ou seja, atributos materiais e de etiqueta que evidenciam sua posição²¹⁴. Em seguida ele explica porquê o rei deve ser virtuoso, dedicando um capítulo (ou Primor) a cada uma das virtudes imprescindíveis ao monarca: o rei deve ser um bom católico, deve ser justo e administrar a justiça, deve ser clemente com os culpados e liberal com os virtuosos e deve praticar a temperança, a fortaleza e a prudência – que encaminha as outras virtudes.

Até aqui nada de novo nos é apresentado: as regalias reais permitem que o rei governe e as virtudes fazem com que ele seja respeitado por seu povo e consiga desempenhar bem seu papel; em suma, não é nada mais do que outros escritores como Maquiavel, Erasmo, Morus, Hobbes, Sêneca – e a lista poderia continuar – já não haviam recomendado a seus monarcas, ou voltariam a recomendar em séculos vindouros. É quando Africano foca no caso do novo rei e a potencial defesa que deveria ser feita em favor dele que seu livro ganha uma dimensão própria.

E ele o faz no primeiríssimo capítulo, antes de enumerar suas regalias e virtudes, a que ele chamou “Debuxo do nosso rei”. Aqui, Antônio Africano defende a aclamação de D. João como rei de direito de Portugal, pois ele teria sido eleito por Deus como o foi Moisés, a quem Deus escolheu para livrar seu povo do “jugo tirano em que estava”; nas palavras de Africano,

Sempre na reedificação das obras mais excelentes, que Deus fez, prosseguiu o modelo primeiro de sua idéia, e havendo começado este Reino pelo Conde Dom Henrique, levantado para a cabeça desta monarquia, era em certa maneira conveniente que da mesma estirpe e prosápia elege-se Deus um Duque grande para

²¹³ AFRICANO, Antônio Freitas. *Primores Políticos e Regalias do Nosso Rei [1641]*, estudo introdutório de José Adelino Maltez. São João do Estoril, Principia, 2005. Um original desta obra pode ser encontrada na Coleção Barbosa Machado da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, cota 26, 3, 3.

²¹⁴ Idem, pp. 29-30, 35-37.

Rei, que ressuscitasse o mesmo Reino, em quem tinha livrado o logro de seus desígnios²¹⁵.

Continua ele:

Tal foi a eleição do nosso Rei, por quem este Reino goza tantas felicidades. Depois que esteve mais de sessenta anos no jugo dos Castelhanos, esperou Deus que Castela o desmerecesse, e que as virtudes que Deus lavrava no nosso Rei mreessem gozar do céu e aplauso da terra soberanos. (...) Assim como Deus lavrou a David na frágua do sofrimento com Saúl, assim parece certo pensam deste Reino padecer os Reis dele com Castela²¹⁶,...

Mas, apesar de este ser um rei escolhido por Deus – seguindo a mesma lógica pela qual o primeiríssimo rei de Portugal havia sido – ainda cabiam alguns conselhos. Por isso Africano faz um adendo ao texto logo após enumerar as regalias do monarca para explicar as vantagens que há na sucessão hereditária do trono – mas que deixam o reino em estado de anarquia caso não hajam herdeiros. A outra opção, a eleição (como ocorria em algumas repúblicas) é a pior saída de todas para o problema, mas caso ela seja incontornável, diz o autor, que ao menos seja eleito um rei natural da terra, que por ela terá afeição e porque “a grandeza duma monarquia estriba no amor que os vassalos têm a seu rei”²¹⁷. O rei estrangeiro, além do desconhecimento dos costumes da pátria sobre a qual governa, ainda traz consigo a chance de que o centro de seu governo seja em outro lugar. Para Africano

Se o rei estrangeiro assiste por si mesmo, sempre o governo é desacertado; e bastam os poucos mal contentes para desacezoar [sic] os muitos, que vivem de esperanças. Se por governadores é odioso e confuso, se o Rei reside ausente, é a República corpo sem alma. Se o governo é por consultas, os serviços mudam a natureza, e com eles a qualidade dos prémios. A justiça é aparente, os pretendentes não acham em coisa alguma firmeza, cada um se considera *vagus et profugus super terram*, como Caim, porque no Reino não se lhe difere, na corte o pretender é vital, empobrece-se o Reino para peitas, desnaturalizam-se os naturais, porque as cortes têm virtude atractiva e ligam os corações de todos os estados e se depravam os costumes com os novos usos²¹⁸.

²¹⁵ Idem, p. 31.

²¹⁶ Ibidem, p. 32.

²¹⁷ Ibidem, p. 60.

²¹⁸ Ibidem, p. 60.

Isso não queria dizer, porém, que D. João era muito mais confiável; Africano acreditava ser preferível ver uma mulher suceder no trono do que haver uma eleição, pois embora tal costume não se exercesse nos morgadios privados, as mulheres não deveriam ser excluídas das linhas de sucessão “porque é a diferença grande entre os sucessores de um reino e os herdeiros de um morgado particular”²¹⁹. Ou seja, a inaptidão do novo rei era patente – ao menos para Africano – e, sendo eleito, deveria ser instruído nas artes do bom governo, além de constantemente vigiado para que não incorresse na cobiça ou na guerra indevida.

Em seguida, ainda neste adendo, Africano faz um cotejo entre qual seria a melhor forma de governo – discussão essa que também se arrastou por séculos – e que ele conclui ser a monarquia, pois nela o reino estaria mais unido, o povo mais sujeito e a sujeição mais nobre. E porque “para resolver é melhor um só, porque a deliberação há-de ser espaçosa e é bem que se consulte com os muitos; porém, a execução há-de ser aprestada, e para isso é melhor um só”²²⁰. Tal posição só se entenderá ao final do texto quando Antônio Freitas faz suas críticas ao privado, ou valido, cujo uso foi introduzido pela prevaricação dos tempos. Percebe-se que a experiência que os portugueses tiveram tanto com o duque de Lerma, quanto com Olivares, deixou marcas profundas²²¹ nos juristas; vejamos o que diz Africano sobre os validos:

O privado assegura seus logros na fé de suas palavras, não entende que a verdade se define pela comunicação do bem, troca a razão católica pela razão de estado. (...) É o privado a quinta essência da hipocrisia (...) É condição em o privado ser mal quisto e na estimação do povo falado, e calando erra. É muito para temer as resoluções dum valido, seus longes são verdades e os pertos lisonjas e desvanecimento. (...) Sempre o povo olha suspeitosos os efeitos do valido, e menos justificados. (...) É ímpio o privado, que com falsa razão de estado dissimula os sucessos adversos da república, fazendo festas, para que não se reparem os males,²²² ...

²¹⁹ Ibidem, idem.

²²⁰ Ibidem, p. 64.

²²¹ Veja-se, por exemplo, um trecho da definição de “Privado” no dicionário de Raphael Bluteau: “aquele que tem valimento, que pode ser alguém mais que os outros. (...) O que ensina a reinar, pode dizer que ele mesmo reina; o valido, que com o príncipe faz quanto quer, na realidade é o próprio príncipe. Esta é a maior desgraça de um Reino, reduzir-se toda a administração do Estado a um só, e a um que não é seu próprio senhor”.

²²² Africano, Op. Cit., p. 92.

Ou seja, quando Africano defende o governo de um só homem é contra o valido que ele se coloca, e não os conselhos. Finalmente, voltando um capítulo no livro dos *Primores Políticos...*, o autor discorre sobre o que ele considera parte fundamental da república: os vassalos poderosos. Antônio Freitas parte do princípio de que a sociedade é formada pelo povo, pelo rei e por tais vassalos; o povo precisa do rei que o governe e refreie seus instintos destrutivos e selvagens, e o rei precisa de seus vassalos, pois são eles que sustentam a grande república. Aconselha o autor que

Beneficiem os príncipes seus moradores para que não saiam a povoar outros reinos, que como o corpo natural não vive somente de bom sangue, assim o corpo místico se deve conservar próprio e natural, porque os homens e o dinheiro são nervos e sangue da república e o passo que este lhe der se acabará²²³.

Uma chamada de retorno dos grandes que estavam em Madrid? Um conselho para que o novo rei se mostrasse generoso com as mercês a serem distribuídas? Um pedido indireto de um lugar junto ao monarca? Talvez todos; talvez nenhum. Mas é inegável o fato de que o doutor Antônio de Freitas Africano houvesse publicado um livro com conselhos tão coeso e bem acabado apenas meses após a Restauração do reino de aclamação do novo rei de Portugal.

O outro documento foi amplamente estudado por Ana Maria Leal Homem Faria em seu *Duarte Ribeiro de Macedo. Um diplomata moderno*²²⁴. Duarte Ribeiro foi diplomata no reino francês já quase no final da Guerra da Restauração, e foi lá que ele conheceu e levou para Portugal um manual de cortesias escrito no início dos seiscentos por Jean-Louis Guez de Balzac intitulado *Aristippe ou de la Cour*. Para Ana Maria Faria, “ao traduzir *Aristippe*, Duarte Ribeiro de Macedo seguia uma arte de todos os tempos, inspirava-se no modelo francês e vertia para a sua língua um texto considerado também modelo de prosa. Esperava com isso influenciar a sociedade de corte, em Portugal, na correcção linguística e reforma de procedimentos e atitudes”²²⁵. O motivo para tanto é claro:

Portugal tinha, finalmente, alcançado o pleno reconhecimento político, mas para Duarte Ribeiro de Macedo a obra da Restauração só ficaria completa com medidas

²²³ Idem, p. 88.

²²⁴ Faria, Ana Maria H. L. Op. Cit.

²²⁵ Idem, p. 227.

económicas, que permitissem recuperar forças, e com uma formação da sociedade cortesã no sentido da autodisciplina e da ordem impostas, não como sujeição passiva, mas antes assumidas com o entusiasmo de quem se transforma asi próprio para se tornar mais eficaz. Ora, a educação do príncipe e da corte não exigia obras originais, mas sim que fossem apresentados textos úteis para sua formação²²⁶.

A explicação para tal ânsia de aprender Ana Maria Faria encontra em François Bluche²²⁷ e o que ele chama de revolução cultural, quando a burguesia perdeu o monopólio sobre a educação²²⁸ e formou-se toda uma geração de nobres – duques, marqueses, condes – altamente educados e eruditos; a autora cita, por exemplo, os irmãos Ericeira, D. Miguel de Portugal, António de Sousa Macedo, João Nunes da Cunha, D. Rodrigo de Meneses, o Marquês de Nisa, o Marquês da Fronteira e o Conde de Soure²²⁹; trocou-se, de vez, o imaginário do cavaleiro medieval, ignorante e fanfarrão, pelo do fidalgo culto de espírito.

Não é, porém, uma idéia nova: em 1932 Alfred Von Martin já afirmava no seu livro *Sociologia do Renascimento* que a mudança dos tempos acarretou uma mudança na mentalidade do cortesão. De acordo com ele, o novo ideal de cavaleiro é o sujeito mundano, educado como um senhor perfeito e que domina a cultura urbana; que sabe bem as artes cavalleirescas de equitação, torneios e jogos de espadas, e também filosofia platônica, moda, artes – enfim, que consiga passar pelas mais diversas situações sabendo dominá-la, mas sem ostentações, com evidente superioridade: “con *virtú*, si, pero con suave dominio señorial. *El bon ton* cortesano supone gusto y dignidad, y en la dama, especialmente elegancia”²³⁰.

²²⁶ Ibidem, pp. 227-228.

²²⁷ BLUCHE, François. *Au temps de Louis XIV. Le Roi-Soleil et son siècle*. Paris, Hachette, 1941, p. 41, Apud FARIA, Ana Maria H. L., Op. Cit., p. 235.

²²⁸ Nossa leitura nos leva a crer que a autora tem a intenção de afirmar que a aristocracia tomou gosto pelas letras e pela erudição, procurando tornarem-se doutos, informados, sábios. A formação antes reservada para a burguesia letrada que buscava na educação uma forma de ascensão social passou a ser perseguida também pela nobreza, em especial a de corte. Sobre o tema afirma Ana Maria Faria que “um público [a aristocracia], até então estranho às grandes controvérsias reservadas aos doutos, passava a frequentar as reuniões sociais e seguia com interesse as querelas literárias, esbatendo-se a fronteira entre as duas culturas. Nos salões seiscentistas discutia-se a língua; nos setecentistas as idéias filosóficas serão o tema das conversas. Contudo, o espírito mundano, por volta de 1640, não era nem de frivolidade, nem de ignorância completa da cultura antiga. Os *honnêtes gens* e as senhoras queriam, como leitores de traduções, ser tratados com consideração”. In: Faria, Op. Cit., pp. 234-235.

²²⁹ Idem, p. 235.

²³⁰ MARTIN, Alfred Von. *Sociología del Renacimiento*, trad., México, Fondo de Cultura Económica, 2005, p. 123.

A nobreza de corte recebe uma nova função do Estado que se formava; eram homens de letras dos quais o rei fazia uso, homens de armas a quem o controle do exército era entregue, homens responsáveis por aconselhar o rei em suas decisões de governo. E neste novo contexto em que o valor de um indivíduo advém de seu estudo, seu diploma de doutor, o nascimento deixou de ter a preeminência que tinha – e mais uma porta à ascensão a este mundo restrito foi aberta²³¹. Como explica Martin,

Castiglione dice que quien realiza una acción grande por el lucro que de ella obtiene, merece ser llamado un *vilissimo mercante*. El nuevo *ethos* se basa en una elevación de la voluntad política por encima de lo económico y en un humanismo orientado hacia la *vita activa*, a diferencia del contemplativo. Detrás de él se percibe al humanista como funcionario del príncipe (del tipo de Pontano) y alienta la idea de que la profesión política es la única que cuadra el hombre importante. Se vuelve, como en Aristóteles, al hecho de una “división del trabajo” entre gobernantes y gobernados, y se proclama abiertamente la preferencia por pertenecer a la primera de esas categorías²³².

E é bem isso que vemos no que diz Ana Maria Faria não só sobre a obra, mas sobre Duarte Ribeiro: um homem de nascimento nobre, que exerce uma função dentro da sociedade de corte da qual faz parte, e que quer educá-la para maximizar sua eficiência no assessoramento ao rei. E se havia um bom momento para introduzir um manual de etiquetas era exatamente este que Duarte Ribeiro vivia. Pois, como aponta Ana Maria Faria, durante a União das Coroas

Os cavalheiros (...) eram bem educados, tinham gosto em conversar como iguais, sem ser pedantes. No entanto, faltava-lhes o convívio com as damas e um príncipe a quem servir. Num país em que a corte não funcionava, as matérias políticas estavam deliberadamente afastadas das conversas. Depois, desde 1640, que se sentia a urgência e a necessidade de uma reconstituição dos quadros da nobreza cortesã, como acentuou Borges de Macedo, no sentido da ordem, obediência e disciplina necessárias ao desempenho das funções que dela se esperavam, tanto mais que o fim da Guerra da Restauração libertava muitos nobres de funções militares no terreno²³³.

²³¹ Idem, 124.

²³² Ibidem, p. 125.

²³³ Faria, Op. Cit., pp. 239-240.

Claro que os interesses de Duarte Ribeiro em escrever tal manual não se limitavam à restauração da glória da vida de corte e sua nova inserção social como corpo atrelado ao rei: a escrita de *Aristippe* havia feito com que Richelieu nomeasse seu autor Conselheiro de Estado em 1628. Com tantas oportunidades em aberto na nova corte que se desenha, e sob novos princípios, quem poderá dizer que Duarte Ribeiro não acalentava semelhantes ambições?

Nesta nova corte que se forma e que tantos espaços promete para aqueles que querem destacar-se junto ao rei e assim galgar posições e poderes, o exército que se formava representava mais uma oportunidade – talvez a melhor de todas, já que a guerra contra Castela, sabia-se, era inevitável²³⁴. Segundo Fernando Dores Costa um dos traços da organização do exército nestes primeiros anos após a Restauração é justamente a instabilidade na ocupação dos cargos de governo militares, uma vez que alguns fidalgos acreditavam que o rei não valorizava devidamente seus esforços, “num ambiente que está obsessivamente tomado pela preocupação com as acções dos ‘inimigos’²³⁵ – os outros fidalgos cortesãos.

E não foi somente a alta e baixa nobrezas que se aproveitaram desta nova porta de promoção social: a profissionalização gradativa do serviço ao exército gerou oportunidades para que muitos se destacassem e pudessem fazer um nome para si mesmos dentro dos postos militares.

²³⁴ Costa, Fernando Dores, Op. Cit., p. 23 e ss; Almeida, Fortunato. “Organização portuguesa – cap. XV: O Exército” In: HESPAÑA, António Manuel (org.). *Poder e Instituições na Europa do Antigo Regime. Colectânea de textos*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, pp. 371-379.

²³⁵ Idem, p. 48.

CAPÍTULO III: AS ARMAS DA NOBREZA E A NOBREZA DAS ARMAS

CAPÍTULO III: AS ARMAS DA NOBREZA E A NOBREZA DAS ARMAS

Detestabilis duellorum usus, fabricante diabolo introductus, ut cruenta corporum morte, animarum quoque perniciem lucretur, ex christiano orbe penitus exterminetur. Imperatur, reges, duces, principes, marchiones, comites, et quocumque alio nomine domini temporalis, que locum ad monomachiam in terris suis inter christianos concesserint, eo ipso sint excommunicati, ac jurisdictione et dominio civilitatis, castri aut loci, in quo vel apud quem duellorum fieri permiserint, quod ab ecclesia obtinent, privati intelligantur, et si feudalia sint, directis dominis statim acquirantur. Qui vero pugnam commiserint, et qui eorum patrini vocantur, excommunicationis, ac omnium bonorum suorum proscriptionis, ac perpetua infamiae poenam incurrant, et ut homicidae juxta sacros canones puniri debeant, et, si in ipso conflictu decesserint, perpetuo careant ecclesiastica sepultura. Illi etiam, qui consilium in causa duelli tam in jure quam facto dederint ut alia quacumque ratione ad id quemquam suaserint, nec non spectatores excommunicationis ac perpetuae maledictionis vinculo teneantur non obstante quocumque privilegio, seu Prava consuetudine, etiam immemorabili.

Concílio de Trento, Sessão 25; canon 19²³⁶.

Os temas “espadas”e “manejo de armas” evocam sempre a lembrança do duelo. Um cavaleiro ou cavalheiro para a esquerda, outro para a direita, ambos portando a arma que trará, irrevogavelmente, a morte para um deles. Qual arma varia conforme a época à qual a imaginação se reporta: espadas grandes e pesadas, espadas finas e rápidas, pistolas ricamente adornadas, revólveres de caubóis – nesse caso, os cavalheiros são prontamente substituídos por um mocinho e um bandido.

²³⁶ “O uso destestável dos duelos, introduzido por fabricação do diabo, para que desfrutasse da perniciosa morte sangrenta do corpo e da alma fora do mundo cristão, deve ser exterminado. Imperadores, reis, duques, príncipes, marqueses, condes e qualquer posição [ou] outro nome qualquer do domínio temporal, que houveram concedido local em suas terras para monomaquias entre cristãos, sejam por isso excomungados, e [também suas] jurisdições e domínio civil, castelo ou terras obtidos da Igreja, dentro dos quais ou na proximidade dos quais permitiram que o duelo acontecesse, conhecidos como privados, se sejam feudais, invés de domínios diretos adquiridos. Aqueles que verdadeiramente iniciaram a luta, e que chamaram os padrinhos dela, incorrem em pena de excomunhão, e proscrição de todos os seus bens e perpétua infâmia, mesmo porque um assassino deve ser punido do mesmo modo pelos sacros cânones, e se houver de morrer no mesmo conflito, carecerá perpetuamente de sepultamento eclesiástico. E ainda aqueles, que deram conselhos a favor do duelo, tanto na lei quanto no ato, para estimular alguém sob qualquer motivo, como os observadores da excomunhão e da perpétua maldição, não obstante qualquer privilégio ou desautorizado costume, devem ser mantidos no vínculo, também inesquecível”, tradução livre nossa. Agradecemos a Charles Bonares pela revisão e correção. Apud BILLACOIS, François. *Le duel dans la société française des VIe- XVIIe siècle : essai de psychosociologie historique*. Paris, Ed. de l'Ecole des hautes études en sciences sociales, 1986, p. 453.

Assim como a espada, o duelo (ou ao menos a idéia dele) sobreviveu ao tempo estando envolto em mistificações e romantismos dos mais variados. Defesa da honra, própria ou alheia, embates passionais pelo amor de uma dama, dívidas de jogo: quase tudo era um motivo em potencial para um encontro de armas – ao menos no mundo da literatura, que, narrando aventuras fantásticas, nos tem levado a outros mundos e épocas desde tempos imemoriais. Nos livros a questão é resolvida facilmente: um encontro ao amanhecer, as armas prontas, os padrinhos a postos (a presença da dama aterrorizada com a violência que está a ponto de ocorrer por sua causa – ou não – é facultativa, e depende do papel de dita dama na trama).

E tudo isso apesar – ou por causa – de sua proibição pela Igreja nos cânones do Concílio de Trento. O interdito papal, seguido por todas as monarquias católicas, que por sua vez editaram e reeditaram diversas leis garantindo a punição para os participantes de duelos, parecem não ter tido qualquer efeito, uma vez que a prática seguiu ocorrendo à solta – o que, por sua vez, abria oportunidades para que as mais diversas pessoas escrevessem contra o duelo, de clérigos a militares, de juristas a cortesãos.

As novas armas de guerra impelem os homens a adquirir novos conhecimentos: sobre os terrenos, sobre outras formas de organizar as tropas, sobre como e quando fazer melhor uso de determinadas armas, sobre a manutenção do exército quando em campanha e nos meses de inverno, nos quais não se batalha. Como acontece com o cortesão, que abandona o ambiente cavaleiresco em prol da urbanidade e da riqueza de espírito, também o militar muda; novas virtudes lhes são esperadas, como a obediência, a disciplina e o trabalho com outros soldados, em substituição completa da guerra batalhada pelo cavaleiro – individual, sem superiores nem ordens a serem cumpridas.

Como veremos neste capítulo, a espada acaba por perder sua função bélica, restando apenas seu significado simbólico, este sim, forte e duradouro. Embora as novas formas de se fazer a guerra exijam que a nobreza encarregada do comando dos exércitos seja educada de forma diferente nas artes militares, o ensino e a prática dos jogos de espada permanecem nos círculos nobiliárquicos – que, finalmente, acabam tomando outra dimensão na vida cotidiana da sociedade de corte.

A DESTREZA DAS ARMAS, A DESTREZA DOS HOMENS

Como pudemos ver no primeiro capítulo, a Destreza das armas não era uma novidade muito grande quando D. Jerónimo de Carranza escreveu e publicou seus *Diálogos*: conforme disse D. Luis Pacheco de Narváez ao duque de Cea na *Carta*, a Verdadeira Destreza de Carranza nada mais é do que a Destreza italiana – que o comendador chamou de Vulgar – à qual o mestre adicionou alguns toques pessoais, com grave erro, para Pacheco de Narváez. De qualquer modo, se nos basearmos na lista de mestres que o próprio D. Luis fornece ao senhor duque, D. Jerónimo seria o primeiro a ensinar a Destreza no reino espanhol – ou, ao menos, aquele de quem se tem maiores notícias – e arroga a si sua elaboração ao denominá-la Verdadeira, em contraste com a já existente Vulgar.

O aprendizado da Destreza implicava um conhecimento prévio nas artes do manejo de armas; sabendo o mínimo de esgrima, o aprendiz poderia então avançar em seus conhecimentos e tornar-se um Destro. Em seu *Diccionario Militar*, José Almirante define Destreza do seguinte modo:

Cualidad que parece sinónima de HABILIDAD (V. Y comp. e. v.); pero que realmente es más corporal y más peculiar del que obedece, que del que manda. Hasta la INVENCION DE LA PÓLVORA, es evidente que la DESTREZA personal era la primera cualidad del soldado; pero no porque ahora sea inútil el rudo ejercicio de los atletas antiguos, ó de los ESGRIMIDORES y DIESTROS más modernos, hemos de dar en el extremo opuesto. LA GIMNASTICA militar, en vez de estar sometida á esos accesos ó intermitencias que en España suele sufrir, debería reglamentarse con prudencia, para dar á la robustez ejercicio, soltura y agilidad, sin pretender que el soldado se convierta en acróbata. – *en el siglo XVII, tiempo más floreciente de la ESGRIMA, los libros numerosos que sobre este arte se publicaban siempre llevaban por título: << De la destreza>>*²³⁷.

À primeira leitura dos manuais de Destreza o que nos vem à mente é uma dança: cada movimento dos envolvidos já pré-estabelecido, cada reação já pensada e determinada. O espaço para qualquer espontaneidade é tão pouco que nos leva a pensar sobre a real eficiência da Destreza durante um combate – o que, por sua vez, nos encaminha em direção a outro raciocínio: que a Destreza não era usada ou praticada

²³⁷ ALMIRANTE, José. *Diccionario Militar*. Madrid, Ministerio de Defensa, 2002, Vol. 1, p. 326-327, grifo nosso.

fora dos espaços destinados treino das armas pela nobreza, assim como, por exemplo, a esgrima atual é restrita aos clubes, competições esportivas e às artes cênicas.

A primeira obrigação de um destro aprendiz é conhecer sua espada; sua lâmina é dividida em dez partes, cada parte tem sua serventia e força, dependendo do movimento a ser realizado. Aliás, é preciso conhecer cada uma das partes para saber qual delas utilizar em cada movimento desenvolvido na Destreza: a primeira parte, ou a ponta da espada, é fraca para defender, mas forte para atacar; ao contrário, a décima parte, ou próximo à empunhadura, é forte para defender, mas fraca para atacar²³⁸. O peso da espada também é importante: em uma espada equilibrada o peso da lâmina é igual ao peso da copa, de modo que ao posicionar dois dedos sob a lâmina próximos à empunhadura a espada não penda para nenhum dos lados.

Há também que saber os dois movimentos básicos do manejo de armas, que são os talhos – golpe dado da direita para a esquerda – e revezes, dados da esquerda para a direita²³⁹, e as posições em que são dados: de unhas acima ou abaixo. A partir daí cabe ao julgamento do mestre de armas decidir se o pleiteante a aprendiz é apto a aprender a Destreza examinando-lhe o ânimo, o temperamento, as forças, o físico, o porte e a altura. Se julgar o mestre ser o pupilo faltoso em alguma destas ele deveria treinar seu aluno de modo a suprimir a falta ou – em teoria – recusar-se a ensinar ao jovem fidalgo se este apresentasse defeitos que não pudessem ser contornados. Deixemos que Diogo Gomes nos explique melhor:

sempre elegerá o Mestre para aver de ensinar, decipulos nobres, conhecidos pella opinião e Virtude, porque estes requizitos de ordinario persuadem ao bem, e palla mayor parte os nobres, por lhe correr mais obrigação, sempre são animosos e Valentes, coadjutores necesarios para a consequencia da perfeyta Destreza: (...) observara o mestre a inclinação de cada hũ dos decipulos, para que destintamente lhe applique as venidas, pois não devem ser as mesmas as do Colerico, que as do flematico; e não se canse muyto cõ o decipulo a que não vir bastante natural e inclinação para as armas, porque lhe será muyto trabalhoso fazello Destro, que a natureza não he outra couza que o ingenho, e capacidade natural, que cada hũ tem

²³⁸ Como é demonstrado na Imagem 5, que pode ser vista no Anexo I desta dissertação.

²³⁹ Cf. António Corrêa de A. Oliveira nos seus comentários a respeito d'*O auto do Fidalgo Aprendiz*, de D. Francisco Manuel de Melo. MELO, D.Francisco Manuel. *O fidalgo aprendiz*. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1915, p. 43.

para acquerir o bom, ou o mau; e pello contrario se esmerará com o que vir inclinado à verdadeyra Destreza, e desejoso de aprender, porque sobre este excelso Dom do natural realça com mayor grandeza toda a ciencia e arte a que os homens se applicão...²⁴⁰.

A seguir, os dois movimentos básicos da Destreza, o natural e o violento; ainda segundo Diogo Gomes,

A natureza de movimento natural he forte no fim, e fraca no principio, e a violenta pelo contrario no principio forte, e fraca no fim, e a cauza he porque não se pode mover o violento sem applicação de forsa, que não tem quando fenece e vay a formar o natural, cujo principio tambem carece de forsa, porque lhe falta ainda aquella quantidade de movimento, que he a que quando acaba lhe faz o impeto mais forte, assi que todos os movimentos são de natureza diferentes hũns dos outros²⁴¹.

A partir da combinação dos tipos de movimentos – talhos ou revezes – e suas naturezas – natural ou violenta – aliada à posição dos corpos dos combatentes é que se formam as estocadas e defesas da Destreza. Estas, por sua vez, realizam-se seguindo linhas e ângulos formados entre a espada e o espadachim; no manual de Carranza as mais importantes linhas e ângulos estão ilustrados, no de Pacheco de Narváez todas elas estão ilustradas junto de sua explicação narrativa, e na *Oplosophia* todas estão condensada na Demonstração Universal²⁴². Ao contrário do que parece (e do que acredita Diogo Gomes), as variantes não são infinitas: a doutrina limita a quantidade de movimentos corretos que podem ser realizados o que, então, faz com que seja possível que cada ataque tenha uma quantidade limitada de defesas que lhe sejam mais eficazes e/ou corretas do ponto de vista da doutrina.

Vejamos alguns exemplos de como é ensinada a Destreza; comecemos por nosso manual principal, a *Oplosophia*, de Diogo Gomes:

Se o contrario tirar hũa estocada sacudida, e a espada ficar por dentro pella mesma parte perfilando o corpo, se lhe impedirá o effeito, ferindoo com a linha do Diametro no rosto: e se ficar por fora por ahi mesmo se lhe assestará ao proprio ponto bem agraduada e de maneyra, que fique desviando a contraria, como braço direito e na mesma linha do Diametro: E nestas venidas averá execução ou por vir o contrario com o corpo em caminho, ou por querer ferir dezarrumado da espada, como são as

²⁴⁰ Figueiredo, Diogo Gomes, *Oplosophia*..., Op. Cit., fls. 52-53v.

²⁴¹ Idem, fl. 15.

²⁴² Vide as imagens do primeiro capítulo.

estocadas sacudidas que se formão de cauza livra, e não impossibilitão a espada para que deixe de fazer igual effeito por outra parte, que he a falsa destreza receber uma ferida por dar outra; E por este modo se dá sem receber, que se Dous homens forem ambos prudentes Destros andarão batalhando todo o tempo que quizerem sem tocar hũ ao outro, e quando algũ receba danno será porque lhe faltou de algũa das tes ouzas sobreditas, qualquer pequena parte ou pello menos que teve de prestes, sciente, e animoso, porque he esta sciencia em tudo tam ajustada, que em não concorrerão estes tres requisitos, e se fara o mais acazo e pella falha materia que tiverão as preposições e não por sciencia: e assi devem os Destros de se fiar pouco do que particularmente não exprimentarão, por estes meos, pois melhor se topa com a verdade de seus discursos regendoos por estas tres couzas, que hão de concorrer de forsa para se formar qualquer venida perfeitamente, e de não esperar bem dos accidentes e acazos, porque o sucesso costuma ser mestre de necios, que sempre se dezenganõ a sua custa, e escarmento de prudentes que prevem os riscos delles com as razões em que se fundão²⁴³.

D. Luis Pacheco de Narvaéz ensina: “Si el contrario quisiere estrechar, estrecharle al principio del movimiento”:

Y si vuetro cõtrario, siêdo Diestro, quisiere estrecharos, a que hagays algun extremo, o mouimiento, como vos hezistes a el, conocereis el principio del suyo q’ hiziere para quitaros de la buena postura en q’ estuuie redes: y en aq’l punto, recogiedo su espada encima de la vuestra, sin permitirle q’ el la regane, dareis cõ pascurbo por el lado de la circûferêcia de vuestra mano derecha, cmo el propio queria, haziêdo enel lo q’ el queria hazer en vos, estrchãdole en la propia forma q’ e auisado, y têdreis los propios caminos q’ el podria tener, q’ si el fuere Diestro, cõsiderãdo, q’ el mouimineto q’ de alli hiziere, ha de ser para su daño, si quisiere boluer a deshazer la proposicion dicha, le serã forçoso desgraduar medio cõpas, para reconocer la flaq’za de vuestra espada, y luego vos podreis hazer lo propio, cõ q’ jamas os herireis: pues lo q’ fuere haziendo el vno, yrã deshaziêdo el otro²⁴⁴....

D. Jerónimo de Carranza, por sua vez, utiliza o diálogo entre dois personagens para reafirmar a sapiência do Destro sobre os não-destros:

Eud [Eudemio]. Pues como tratandolo tanto saben tã poco dello sin acertar sus tretas sino es con sus Discipulos, porque los ensayan para ello porque de otra manera tan poco (a lo que creo) les darian golpe: Phyl [Philandro]. Como quereis que ellos acierten lo q’ no saben aunque siempre lo tratan, porque no sabiendo vos que tab

²⁴³ Figueiredo, *Oplosophia...*, fls. 20-20v.

²⁴⁴ Pacheco de Narvaéz, *Libro de la grandeza de la espada*, pp. 142-142v

lexos esta el Cuerpo del contrario de vuestra espada, ni la contraria del vuestro segû los diuersos perfiles y Angulos de las posturas con lo de mas porque bien sabeys que el estar incierto de vna cosa pone temor al emprêderla, y como dize Vegesio ninguno teme hacer en el peligro aquello que confia auer bien aprendido, porq' quien à de vêcer no à de combatir por surte ni acaso mas con Arte, y assi el buê diestro ninguna cosa haze por acontecimiento.²⁴⁵

A maior causa para discórdias entre os autores é na questão dos compassos (movimentos dos pés) e estocadas (movimentos da mão/espada): quantas passadas devem compôr um compasso? Quantos talhos ou revezes são suficientes para a execução de uma estocada perfeita? Sendo aquele quem primeiro delineou a doutrina, é com base nos *Diálogos* de Carranza que tal querela se funda. Na *Carta al duque de Cea* Narváez cita todas as dúvidas do referido duque, para em seguida apontar as contradições que ele encontrou no manual de Carranza, por exemplo:

Y verdaderamente si lo que Carrãça escriuió se huuiera de reduzir a lo practico como fin de lo teorico, seria hazer otra esgrima como la vulgar, pues se verá en f. 154. y 156. que la funda en reparos de vñas abaxo y arriba: y assi es notable desalûbramiento, q' en f. 158.159. y 160. le dè el desvio a la capa, como lo hazêlos vulgares: y a la daga el desuio e los reparos menores, q' es otro mayor desacuerdo en querer introducir q' ay reparos mayores y menores, pues aû quãdo huuiera reparos, no auia de auer esta diferencia, pues no la ay, en ser el tajo ò el reues mayor ò menor, nien esto puede auer particular especie.

Algumas das afirmações de Narváez, tanto na *Carta...* quanto no *Libro...* foram rebatidas por Diogo Gomes, para quem as idéias de Carranza eram mais acertadas que as de D. Luis – embora passíveis de críticas. No primeiro capítulo da *Oplosophia* Diogo Gomes defende que a Verdadeira Destreza foi ensinada aos homens por D. Jerónimo de Carranza, sendo que os mestres que vieram antes dele – e que Narváez arrola como prova de que o Comendador não inventou coisa alguma – não ensinavam mais do que a Falsa Destreza. Diz o português que

Depois [de Roma] a ensinarão por toda Europa varios mestres particularmente estimados em suas nações, sendo o mais antigo Põns de Perpinham, Achile Marazo, e Camilo Agripa, que o foi o primeyro que intentou reduzila a sciencia, ou que a condenou a mayores escuridades, a cuja imitação florecerão Angelo Vizoni Salvador deFabres, e Jacome de Grasi, e outros diversos em que ainda vivera mais habatida e

²⁴⁵ Carranza, *Diálogo* 3, p. 145v

depravada, se na nossa Hespanha o Comendador Jeronimo de Carrança levado de hũ sublime e puro ingenho senão aventajara aos de seu tempo em aperfeiçoar illustrandoa na impressão de hũ livro, em que eruditamente quis provar a essencia da Verdadeyra Destreza conferindo sua certeza com a firme Verdade das [*à margem direita Narvaez no*] sciencias, porem como diz Dom Luis Pacheco sobre o mesmo livro, [*à margem direita Proto*] ou porque as cousas não podem chegar logo a seu supremo estado, e estão todas sujeitas a erros e descuydos, ou pella aspereza novidade e dificuldade da materia, suas obras sempre se crerão e estimarão porem nunca se esntenderão; seguirãose a esse livro outros, entres os quaes, e mais modernos [*em nota marginal: hũ que Rodolfo capoferro mestre da Nação Alemã imprimio em italiano com estampas da espada só, espada e punhal, capa, e rodella compusturas descompostissimas e sem nhũ fundamento*] os que Compediou o mesmo Dom Luis da doutrina de Carrança, mas tambem como ele proprio affirma materias graves novas, e não mui familiares, não hũa ves senão muytas, não em hũ senão em muytos dias, se hão de ver e ler, que as cousas grande, queremse mui bem trabalhadas e espiculadas, porque não pode com pureza de hũa vez alcansar tudo a imperfeição humana²⁴⁶.

Neste outro trecho Diogo Gomes expõe um dos motivos para ter escrito seu manual:

que não quero aquerir opinião por sensurador de tudo, mas só que sirvão estas minhas regras de abrir os olhos á nobreza de Espanha, para ponderar a doutrina em que se fia; pois não servem aquelles termos demais, que de arriscar, e confundir aos curiosos que querem aprender como se alcança daquelle aforismo comum que afirma que as especies de feridas [*à margem direita Narvaez na carta fol: 45.*] que há como genero generalissimo no total rigor são sette, a saber quatro de talhos e revezes verticaes, e diagonaes, meo revez, meo talho, e estocada, o que não só embaraçoso mas falso, porque toda a Verdadeyra Destreza se inclue em só hũa estocada, hũ talho e hũ revez que são as feridas que nos ensinou a natureza, e somente à estas servem esta ciencia de as aperfeiçoar para se executarem sem rico, dando conhecimento para senão fazerem em parte donde se recebe algũ danno, e demonstrar como se há de constranger o contrario a que desvie, e atalhe, porque entãoo anda servindo com perdas de que se o destro aproveita; E nem são infinitas as especies das feridas como erradamente escreveo [*à margem direita Carranca*] outro mestre, suposto que seja quase infinita a deversidade de estocadas [*à margem direita fol. 110.*] talhos e revezes; pois apertando ainda mais esta cauza tenho por

²⁴⁶ *Oplosophia*, fls. 5-5v

imprudencia dizerse que há meo talho, e meo revez, porque consequentemente ouvera mea ponta, nem mais especies de feridas que as tres declaradas, pois a verdade he que não ha com numero certo diversos talhos Revezes nem pontas, mas só em que se gaste mais ou menos tempo, não se diminuindo nem acrescentando os movimentos, pois são os mesmos posto que mais vagarosos ou mais ligeiros, mais apanhados, e não tam resumidos, ou executados pella materia que o contrario dá, e conforme descobre pontos²⁴⁷;

Quem teria a razão? Será possível responder a esta pergunta de modo objetivo? No final tudo pode ser resumido a uma questão de estilo – e D. Luis Pacheco de Narvaez defendeu o seu com todas suas armas até o final da vida. De D. Jerónimo não podemos fazer semelhante afirmação, afinal só conhecemos uma obra sua sobre o tema; sabemos, contudo, que foi uma obra de carácter decisivo, já que sua Destreza disseminou-se pelo reino espanhol – como dissemos anteriormente, seu nome virou sinónimo de excelência nos jogos de armas. É a *Oplosophia* que mais dúvidas nos incita neste sentido: qual teria sido seu alcance? É sua cópia manuscrita uma mera cópia? E, se sim, porque localizamos somente uma? Ou seria algo do arquivo pessoal de Diogo Gomes? Qual o interesse do Duque de Cadaval, D. Nuno Álvares Pereira de Melo, nos escritos dos Diogo Gomes de Figueiredo, pai e filho? Sabemos que Figueiredo pai foi mestre de armas do reino, tendo D. Teodósio por pupilo – teria sido a Destreza ensinada ao jovem príncipe?

DA GUERRA PARA O SALÃO

Os antropólogos, os arqueólogos e os historiadores que trabalham com sociedades antigas dizem que para que algo se torne de fato um símbolo seu significado deve se partilhado por todos os indivíduos do grupo – senão ele não se configura como tal. Podemos dizer que um dos grandes símbolos das sociedades europeias desde a Idade Média é a espada.

A primeira associação da espada com uma classe se deu justamente neste período, quando os cavaleiros constituíam a ordem social considerada responsável pelas batalhas e pelas armas; como somente eles tinham permissão de portá-las a identificação de um com o outro foi imediata. Todas as virtudes associadas à cavalaria foram incorporadas no objeto que era de uso exclusivo daqueles homens – as espadas. Desde logo características

²⁴⁷ idem, fl. 23.

foram sendo imputadas às espadas: força, beleza, riqueza, poder. Sua empunhadura poderia abrigar jóias de família ou relíquias sagradas, e sua forma de cruz evocava a divindade cristã que tanto defendiam seus portadores. Sir Robert Burton, um já citado entusiasta das espadas do século XIX, conta-nos sobre o papel que a arma desempenhou na época medieval:

A Espada era o símbolo da justiça e do martírio, e acompanhava o usuário ao túmulo assim como à festa e à luta. ‘Deite em meu esquife uma Espada’, disse o moribundo Heinrich Heine, ‘pois eu guerreei valentementepara ganhar liberdade para a humanidade’. (...) em mãos cavaleirescas a Espada conheceu nenhum destino outro que a liberdade e livre arbítrio ; e gerou o espírito de cavalaria, um intenso sentimento pessoal de respeito próprio, de dignidade e de lealdade, com o nobre desejo de proteger a fraqueza contra o abuso de força. A Espada cavaleiresca sempre foi a idéia representativa, o presente e eteno símbolo de tudo que o homem mais estimava – coragem e liberdade. Os nomes descrevem sua qualidade: ela é Joyeus, e La Tisona; ele é Zú’l-Fikar (senhor da rotura) e Quersteinbeis, abocanhador da pedra do moinho. A arma era considerada em todos os lugares como a melhor amiga da bravura, e a pior inimiga da perfídia; a companheira da autoridade, e o sinal de comando; o signo externo e visível de força e fidelidade, de conquista e domínio, de tudo que a Humanidade deseja possuir e deseja ser²⁴⁸.

Ao escrever sua *Oplosophia*, Diogo Gomes atribui a grandiosidade de virtudes da espada a aquele que fez o primeiro uso dela, o Arcanjo São Miguel na guerra contra Lúcifer, que citamos no primeiro capítulo. O autor continua, então, narrando como a arma chegou até seus contemporâneos:

A noticia de tam excellente arma, e o importante de seu galhardo exercicio, esteve por muito tempo sepultado, até que em Grecia os Lacedemonios a introduzirão elegendoa para continua e fiel companheira dos homens, para goarda, e conservação de suas patrias, e para adorno e pompa de todas as Monarchias; com tam felice acerto, e com tam acertada felicidade que por lisonja desta antiga memoria, quando não por paga desta venturosa noticia ate a mesma grandeza de outras armaslhe cede ventagens, e posta cobardias, pello airoso, pello valente, e pello antigo, porque he o luzimento de toda a gala, o remate de toda a valentia, e descobre bem na perfeição de sua imagem, ser digna fabrica de seu primeyro Artifice: E são tam magestuosas suas particularidades, que foi por hũa dellas escolhida para ser sua figura simbolo da perfeita justiça, virtude tam [*à margem direita Plinio lib: 7.*] levantada e absoluta,

²⁴⁸ Burton, Op. Cit., pp. Xvi-xvii, tradução livre nossa.

que abraça e contem em sy o uzo de todas as outras, dandonos a entender nesta representação que não deve faltar justiça ao que quizer melhor exercitala, porque sempre fallecem as foras donde esta senão acha, e tudo he incerto e duvidoso: se anda apartado do que direito e justiça por ser esta hũa observaçãodas leis, hum mandamento das obras de todas as virtudes e hũ freo dos vicios de todos os delectos. Atos trassenos juntamente e incluesse na espada a Virtude da fortaleza comprehendendoa em sy para dispor melhores meynos na esperança dos bons successos, porque a fortaleza he o coração da espada e o norte da boa fortuna²⁴⁹.

Sobre a forma da espada medieval nos fala Michel Pastoreau:

O tamanho e a forma variam bastante; mas a mais comum é a espada “normanda”, de um metro de comprimento e cerca de dois quilos de peso. A lâmina é larga (de sete a nove centímetros), feita de um aço pesado amenizado por um ou dois sulcos de cada lado, e às vezes damasquinada. Os gumes são duros e acerados. Utiliza-se mais como arma de corte do que como arma de estocada, e não tanto para matar o adversário quanto para espancá-lo. A ponta é usada apenas para furar os escudos ou rasgar a cota de malha. O punho é a parte da espada mais ricamente decorada; estreita e comprida – pois costuma-se segurá-la com as duas mãos –, é protegida pelos dois guarda-mãos, retos ou curvados no sentido da lâmina. O botão do punho tem a forma de um disco de seis a dez centímetros de diâmetro²⁵⁰.

Inovações tecnológicas e de uso foram modificando o formato da espada, deixando-a mais leve e mais afiada; a arma que antes matava o inimigo moendo-lhe o corpo passou a ser uma arma de corte e perfuração. A espada moderna – a que D. Jerónimo, D. Luis e Diogo Gomes ensinam a manejar – é bem distinta das armas descritas por Pastoreau, embora os punhos continuem a ser ricamente adornados. Sua lâmina tem cerca de cinco centímetros de largura e não mais que 80 de comprimento; sua empunhadura é proporcional ao tamanho das mãos, sendo que o punho não poderia ser muito grande, somente o suficiente para proteger as mãos, e poderia ser decorado com motivos em alto ou baixo relevo, dependendo do gosto de seu dono; se trata de uma espada relativamente leve, que pode ser manejada confortavelmente com somente uma das mãos²⁵¹.

²⁴⁹ *Oplosophia*, fls. 4-4v.

²⁵⁰ Pastoreau, *Op. Cit.*, pp. 113-114.

²⁵¹ Acreditamos que muito destas novas tecnologias utilizadas nas forjas se deva, também, ao contato com os árabes, suas armas e o modo de fabricá-las; contudo, ainda nos falta mais materiais a respeito.

Foi essa “nova espada” que permitiu que as técnicas de esgrima como a Destreza fossem desenvolvidas; afinal, manipular uma espada de um metro e meio de comprimento não deveria ser muito fácil, nem os movimentos executados com elas possuíam algum tipo de graça que proporcionasse o mesmo tipo de prazer estético que a esgrima moderna. Enfim, a maneira de manejar as espadas de modo que todos os movimentos fossem coordenados exigiam que houvessem aqueles que ensinassem a esgrima para aqueles que tinham a obrigação moral e social de aprendê-la. Sobre o ensino dos jogos de armas conta Sousa Viterbo

Que os moços fidalgos recebiam no paço uma educação esmerada, e que havia mestres especiaes para lhes ensinarem não só as letras, mas a dança, a equitação e a esgrima, é isso evidente em face dos documentos que temos encontrado a este respeito e que confirmam as indicações mais ou menos vagas dos chronistas. Os nomes de mestre Antonio, de mestre Jeronymo, de Gonçalo Barbosa, de Filippe de Lemos, de Francisco de Abreu de Lima, além de outros, são uma prova de quanto a esgrima era cultivada no paço²⁵².

Não só no Paço, mas também por nobres particulares que desejavam refletir sua posição social. Mestres eram contratados para suprir as necessidades educacionais daqueles que desejavam melhorar ou aprender habilidades cortesãs, entre outros motivos. Sobre tais nobres D. Francisco Manuel de Melo redigiu o *Auto do Fidalgo Aprendiz* em 1645; nele, um nobre de menor estirpe, D. Gil Gominho, contrata diversos mestres para aprender a comportar-se como um homem refinado da corte real. No estudo introdutório que faz à peça António Corrêa de Oliveira nos conta que o personagem do homem rude, bronco, que deseja ascender socialmente – e, portanto, deve aprender a ser um cortesão – é explorado largamente por vários autores no século 17; o estudioso cita P. Aretino (*La Cortigiana*) e Molière (*Bourgeois Gentilhomme*) como autores que exploraram o tema; o personagem de fidalgo empobrecido também foi amplamente utilizado por Gil Vicente em trabalhos como *Quem tem farelos?*, *Inês Pereira*, *Juiz da Beira*, *Farsa dos Almocreves*, *Barca do inferno* e *Auto da Índia*²⁵³.

Entre os personagens principais do auto constam D. Gil, seu lacaios, um mestre de esgrima, um mestre de danças, um poeta e um moço de cavalos. A peça tem um enredo

²⁵² Sousa Viterbo, Op. Cit., pp. 7-8.

²⁵³ Cf. António Corrêa, “Introdução” In: Melo, Op. Cit., pp. 7-8.

simples: durante um dia D. Gil recebe os mestres que contratou para que lhe ensinem dança, manejo de espadas, literatura e poesia. O mestre de esgrima é o segundo a visitar-lhe, e chega vestido com “grandes guedelhas, colete de ante [para proteção contra armas de ponta – conforme a nota 1 por António Corrêa], espada muito comprida, e embuçado como valente”²⁵⁴: ou seja, D. Francisco Manuel de Melo compõe um personagem altamente caricato e burlesco a quem falta educação, já que se trata de um homem rude e de poucas palavras doces. Tal “mestre” mostra ter pouco conhecimento de golpes, sendo inclusive admoestado por D. Gil por isso – mas mesmo assim o professor de esgrima intitula-se mestre.

Seguindo a trama, ao contratar o mestre D. Gil deseja receber lições de esgrima, porém lhe falta o essencial: as armas; a falta é contornada ao conseguir chapins emprestadas de vizinhos para a aula. Acompanhemos a cena:

MESTRE: Há espadas?

GIL: sou quieto.

Mestre: Nem adaga?

Gil: Faz-me mal.

Mestre: Há montante?

Gil: Não.

Mestre: Magual?

Gil: Menos que tudo

Mestre: Há espeto?

Gil: Tenho a casa sem adorno: / vim há pouco... (...)

Mestre: Há cana de esfulinhar?

Gil: Nem há cana, nem há fuso

Mestre: vou-me logo²⁵⁵.

A comicidade do auto continua com o prosseguimento da aula; veja-se que o mestre instrui D. Gil de forma semelhante à Diogo Gomes, tentando dizer-lhe onde deve pôr os pés e para qual posição deve fazer o corpo²⁵⁶:

Mestre: Seja a primeira lição,/ que desta arte se vos dê,/ que andeis ligeiro de pé,/ muito mais do que da mão.

Gil: Tá, tá! Escusai a prosa,/ que eu sei que sois de primor.

²⁵⁴ Melo, Op. Cit., pp. 42-43.

²⁵⁵ Idem, p. 44.

²⁵⁶ Ibidem, pp. 46-47.

Mestre: Logo os peis hav'reis de pôr...

Gil: Já sei.

Mestre: Onde?

Gil: Em polvorosa²⁵⁷.

Mestre: Depois dessa, entendei logo/ que em vos chegando a puxar/ o ponto, haveis de tomar...

Gil: Já sei: as de Vila-Diogo!²⁵⁸

Embora seu mestre não seja dos melhores, ou mais confiáveis, este ato conclui com a saída dele da casa de D. Gil Gominho, após desistir de tentar ensinar-lhe qualquer coisa, já que D. Gil se mostra o pior dos aprendizes. O mesmo se dá com o mestre de danças e o poeta – ambos tentam ensinar-lhe o que de mais refinado se vê nos círculos cortesãos, mas D. Gil simplesmente não mostra interesse nem disposição de aprendê-lo, preferindo suas contrapartes ditas populares.

Cremos que a leitura destes trechos elicitam várias reflexões, e há três pontos aos quais gostaríamos de nos ater: primeiramente, a clara diferença entre o que é praticado na corte e fora dela, como no caso do baile (praticado nas ruas) e da dança (praticada nos salões) e da poesia alta (sonetos e epigramas, geralmente seguindo o modelo de Camões, no caso de Portugal) e baixa (rimas simples, mnemônicas).

Em segundo lugar, que saber manejar as armas brancas, especialmente espadas, é tão importante no rol de habilidades cortesãs que até a pequena nobreza, bronca e tosca (como formula D. Francisco Manuel), precisa sabê-la. E, finalmente, que essa necessidade fez com que surgissem vários esgrimistas que se consideravam mestres e estavam dispostos a ensinar a quem quer que fosse. Carranza, Pacheco de Narváez e Diogo Gomes alertam contra aqueles que chamam de falsos mestres, que sem ter conhecimento suficiente sobre a matéria, acabavam por ensinar aos pupilos lições erradas e que resultaria em maus esgrimistas.

Para combater o problema Diogo Gomes sugere que fossem examinados publicamente todos aqueles que pretendessem o título de mestre, tanto na parte prática quanto na teórica. Diz o autor da *Oplosophia* que o professor de manejo de armas deveria

²⁵⁷ Cf. Comentário de António C. A. Oliveira do verso: pôr os pés em polvorosa: fugir

²⁵⁸ Cf. Comentário de Oliveira do verso: tomar as de Vila-Diogo – expressão emprestada do espanhol; mesmo que fugir sem calças nem borzequins, ou de pés e pernas nuas.

ter cuidado ao arrogar-se o título de mestre sem ser examinado, e que todos os examinadores deveriam ser o mais rigorosos possíveis, pois um mau mestre causaria danos quase irreparáveis para o reino. Para Diogo Gomes

convem a hũ homem prezarse tanto, de ser decipulo de bom Mestre, como de ser filho de pais nobres, porque destes se recebe o principio de viver, daquelles o caminho de bem viver; e assy em primeyro lugar será todo o Mestre que ouver de ensinar a Verdadeyra Oplosophia, virtuoso, e de bõns costumes, para que os decipulos lhos retratem, e se não dannem com os perversos, será de vida limpa, e de fama estimada, porque naquella segurem os pais o credito da honra de seus filhos, e nesta a esperança de o poderem assemelhar gloriosamente; será bem proporcionado porque como esta ciencia se aprende na primeyra idade, e os moços tem nella mayor efficacia para imitar, e para aprender, he necessario inquirir com muyta diligencia, que até nisto seja o Mestre (...) E não me espanta ver que tem chegado a nobreza desta ciencia a tam infimo ponto, quando qualquer official mecanico, cujo entendimento não alcança o menos importante de seu offício, o deyxa e se faz mestre das armas, sendo que há muyto que aconselhou Apelles que ningham intentasse meterse em couza que não professasse²⁵⁹.

A forma da espada continuou se modificando e, junto com ela, o modo de esgrimir. A invenção do florete, fino, comprido e letal, levou ao desenvolvimento de outra técnica de manejar as armas. O avanço das tecnologias das armas de fogo fizeram com que estas se tornassem as protagonistas nas guerras; a espada, contudo, permaneceu como símbolo até hoje, sendo que seu uso foi alargado para as forças armadas.

O uso das espadas se tornou cada vez mais cerimonial e cada vez menos pragmático. Da arma que acompanhava o cavaleiro e que era desembainhada na primeira oportunidade, merecendo loas, glórias e canções escritas e dedicadas a seus feitos, a espada ficou relegada ao ritual, ao acessório em somente algumas ocasiões. Do campo de batalha ao salão; de objeto a ritual.

OS HOMENS DE ARMAS DE D. JOÃO IV

A corte de D. João conheceu uma composição bastante singular: cortesãos que retornaram de Madrid, os conspiradores da Restauração, o séquito que acompanhou o

²⁵⁹ *Oplosophia*, fls. 51-51v.

novo monarca desde Vila Viçosa, onde já serviam o duque²⁶⁰. Como já dissemos, logo após a Restauração do reino a guerra contra Filipe IV era iminente, o que tornava os cargos de organização militar muito prestigiados e procurados – apesar de a alta nobreza permanecer pouco tempo com a responsabilidade, conforme colocamos no capítulo anterior.

Nos sessenta anos de União não só o aparato de corte foi desmontado – a força militar do reino português também foi transferida para Madrid, e durante esses anos não foi permitido que em Portugal fossem fabricadas armas ou munições, assim como foi desfeita a guarda que estava a serviço do rei²⁶¹; às grandes casas da nobreza foi conservado o privilégio de manter seus homens de armas, embora estes não tivessem acesso a novos armamentos. Assim sendo, a primeira necessidade do reino era a formação de um exército que estivesse sob o comando do monarca, e somente dele, e em 11 de Dezembro de 1640 foi criado o Conselho de Guerra.

O Conselho de Guerra era responsável por organizar as informações que chegavam e repassá-las ao rei – o Conselho não possuía nenhum poder deliberativo. Mais importante que ele era somente o Conselho de Estado, e dizia-se que um era a porta de entrada para o outro. Como outras instâncias, o Conselho era composto por nobres, mas neste caso a experiência de vida junto aos exércitos contava, e bastante, para a ocupação dos cargos. Um dos conselheiros de maior confiança de D. João IV foi Joane Mendes de Vasconcelos, filho do célebre Luis Mendes de Vasconcelos, autor de *Do Sítio de Lisboa – Diálogos e da Arte Militar*.

A situação da Guerra foi determinante para a promoção social de muitos indivíduos, fossem eles plebeus que se alistavam esperando que o soldo oferecido fosse melhor que seus ganhos regulares, ou ladrões e condenados que trocavam suas penas pelo serviço militar, fossem eles pertencentes à pequena nobreza que esperavam receber mercês pelo serviço prestado no exército. Um fator que muito pesava, como colocamos acima, era o da experiência: muitos dos comandantes do exército português durante a primeira fase da Guerra haviam servido no exército espanhol, participando de batalhas e

²⁶⁰ Cf. Costa e Cunha, Op. Cit., p. 121.

²⁶¹ Conforme nos disse o professor doutor José Saraiva (Universidade de Lisboa) em conversa particular; agradecemos-lhe as informações cedidas na ocasião.

movimentações nos mais diversos pontos do reino de Filipe IV, em especial na Itália e nos Países Baixos; a soldadesca comum reclamava serviços prestados tanto no Brasil, lutando contra os holandeses nas ocasiões de invasão, quanto na Índia e norte de África²⁶².

Vimos dizendo que as novas formas de lutar a guerra mudaram não só os moldes do combate como o imaginário e as ideologias a ela atrelados. Mas o que seria essa tal “nova guerra”? Pois bem, em 1953 Michael Roberts apresentou uma comunicação na qual defendia que uma série de novidades introduzidas por Maurício de Nassau e por Gustavo Adolfo nas guerras travadas por eles no século XVII constituíam o que ele denominou Revolução Militar²⁶³. Nesta comunicação, Roberts anunciou quatro mudanças que caracterizam a Revolução Militar, sendo o aumento do números de soldados nas tropas, o controle do Estado sobre o exército, a formação de tropas permanentes e as novas táticas de guerra, já que as armas utilizadas eram outras. Para Roberts, as armas de fogo substituíram lanças e arcos porque demandavam menos tempo de treinamento dos soldados²⁶⁴.

Cerca de vinte anos depois Geoffrey Parker retomou a comunicação de Roberts, que não havia causado muito impacto, e desenvolveu as idéias que ali estavam apresentadas; o resultado disso é que Parker se tornou especialista em história da guerra, talvez o mais conhecido atualmente. Parker não desafia as premissas de Roberts; aliás, nenhum dos pesquisadores que trabalham com o tema o faz, pois os quatro fatores por ele elencados são factuais, quer dizer, não há como argumentar contra ou a favor deles: o debate é focado nas datas e nas tecnologias utilizadas. O que Parker questionou no trabalho de Roberts adveio de suas pesquisas a respeito da Espanha dos Áustria: a existência de exércitos permanentes, mesmo em menor tamanho, já era prática usual para os monarcas espanhóis antes de ser adotada por Gustavo Adolfo. Parker também

²⁶² Conforme a leitura das cartas de indicação para promoção ou nomeação de sargentos; ver cartas com assuntos militares da Biblioteca da Ajuda, cota 44-III-20, 19-20, Conselho de Guerra – Consultas e Decretos, *Cartas dos governadores de armas do Alentejo e Cartas dos governadores de armas do Algarve*.

²⁶³ ROBERTS, Michael. “The Military Revolution, 1560-1660” In: Rogers, Op. Cit., pp. 13-29.

²⁶⁴ Idem, p. 14.

introduziu um tópico que atraiu a atenção de diversos pesquisadores, tornando-o um dos mais estudados: a arquitetura militar²⁶⁵.

O general Thelmudo Barata e Nuno S. Teixeira deram uma grande contribuição para a historiografia portuguesa quando dirigiram a coleção *Nova História Militar*²⁶⁶, composta por cinco volumes, que engloba artigos de diversos pesquisadores lusófonos sobre o tema da guerra travada pelos portugueses em Portugal e no além-mar. A leitura de alguns destes artigos mostra que a questão da Revolução Militar é cara para muitos que investigam a área, ao mesmo tempo que constitui uma primeira aproximação para os que não estão familiarizados com ela. De modo geral, há que se notar que os estudos de Parker sobre história militar são mais conhecidos do que o artigo de Roberts que os gerou, e que a Revolução Militar costuma ser confundida com o uso das armas de fogo²⁶⁷.

Se o conceito de Revolução Militar é plausível ou não, não nos cabe aqui discutir; o fato é que muitas oportunidades de destacamento social surgiram com as mudanças no modo de conduzir a guerra. Além dos soldados, eram necessários escrivães e secretários para manter a comunicação entre o posto e a Coroa, por exemplo. Teóricos da guerra encontraram um campo fértil de trabalho, assim como aqueles que escreviam para legitimar a guerra em curso – não só em Portugal, mas por toda a Europa tomada pelas mais diversas batalhas. Rui Bebiano diz que

É ao redor de Seiscentos que as coisas da guerra adquirem uma dimensão nacional e um alcance internacional sem precedentes. O «século de ferro», tal como o designou um contemporâneo, corresponde a uma fase extremamente violenta da história europeia (...) na qual, devido ao crescimento dos exércitos e ao aumento da sua capacidade de ferir, matar ou destruir, se atingiram níveis de devastação nunca antes conhecidos, afectando mesmo zonas que não presenciaram directamente quaisquer conflitos. Por isso mesmo, a época conheceu um vasto conjunto de documentos escritos que testemunharam a necessidade de legitimar, de enquadrar, de preparar e

²⁶⁵ Podemos citar como exemplo o trabalho de Luís Costa e Sousa sobre a renovação dos fortes portugueses segundo a moda italiana – o famoso *trace italienne*. V. SOUSA, Luís Costa e. *A Arte na Guerra. A arquitectura dos campos de batalha no Portugal de Quinhentos*. Lisboa, Tribuna, 2008.

²⁶⁶ BARATA, Manuel Themudo, e TEIXEIRA, Nuno Severiano (dir). *Nova História Militar*. Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003, 5 vols.

²⁶⁷ Como o faz, por exemplo, António M. Hespanha na “Introdução” do segundo volume; é bastante claro que o pesquisador baseou-se nos escritos de Parker, embora cite o pioneirismo de Roberts, e no senso comum, tornando o uso das armas de fogo o centro do debate da Revolução.

de incorporar nas iniciativas do governo a actividade militar. O número e variedade de livros publicados, sobretudo em francês, italiano e alemão, que se relacionam com este problema é assombroso e eloquente²⁶⁸.

Apareceu ainda outro modo de destacar-se e ganhar prestígio durante as batalhas, ao menos para a fidalguia combatente: o papel de herói salvador²⁶⁹. A existência de tal figura mostra que, apesar de todas as mudanças que ocorreram com o exército, a nobreza que dele ainda fazia parte continuava ligada a uma certa visão medieval de guerra; se da soldadesca comum exigia-se disciplina, obediência e trabalho em conjunto, a nobreza que geralmente estava no comando das tropas buscava atos de solitário heroísmo – ao menos nas Relações de Sucesso que circulavam após as batalhas. “É que os teatros de guerra continuam a funcionar, justamente, como o lugar ideal onde, por via da glória que aó podia ser obtida, se conseguia também aquela que, para a gente dessa estirpe, representava sem dúvida a mais bela, a mais preciosa e a mais durável das recompensas humanas: a honra socialmente reconhecida”²⁷⁰, explica Bebiano.

Do pouco que conhecemos da vida de Diogo Gomes podemos dizer que ele se encaixa nesta lógica; ao mesmo tempo que poderia ser dito que o general foi somente mais um dos indivíduos que galgou postos e glórias no exército, naquela que foi uma das mais importantes guerras travadas por Portugal, Figueiredo também foi mestre de armas de moços fidalgos, inclusive do príncipe herdeiro. As cartas que pedem por suas promoções atestam sua competência dentro do aparato militar, e as demoras e recusas por parte de D. João IV nos mostram que o monarca não se deixou levar pela proximidade de Diogo Gomes com a família real na posição de mestre de armas²⁷¹.

As *Cartas dos governadores de armas do Alentejo* mostram a evolução da carreira militar de Diogo Gomes, seus aliados e desafetos – embora neste volume Figueiredo assine algumas cartas somente junto com os outros sargentos-mór de campo, quando da realização de um conselho entre eles. As cartas mostram que Diogo Gomes era

²⁶⁸ BEBIANO, Rui. “A Guerra: o seu imaginário e a sua deontologia” In: HESPANHA, A. M. *Nova História Militar*. Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003, vol. 2.

²⁶⁹ BEBIANO, Rui. *A Pena de Marte. Escrita da guerra em Portugal e na Europa (sécs. XVI-XVII)*. Coimbra, Minerva, 2000, p. 278.

²⁷⁰ Idem, p. 279.

²⁷¹ Uma destas cartas, assinada por Joanes Mendes de Vasconcelos, inclusive, diz que a promoção que ele indicava para Diogo Gomes já havia sido pedida em outra ocasião, quando foi negada pelo rei. Tais cartas fazem parte da coletânea *Cartas dos governadores do Alentejo*.

um dos oficiais mais valorizados dentro do exército não só por ser experiente nos cargos que ocupou, mas também pelo sucesso com que conseguiu manter um regimento alocado na região de Elvas sem muitas perdas de soldados por fugas e motins²⁷².

O sucesso em Elvas tornou-o um oficial requisitado: as *Cartas* mostram que mais de uma vez tentou-se que Diogo Gomes assumisse outros terços em outras províncias do Alentejo, na esperança de que ele os transformasse, nos mesmos moldes do que Figueiredo havia logrado em Elvas. A recusa sistemática do general de deixar Elvas ou suas tropas não foi recebida com muito agrado pelos governadores de armas, que viam em Diogo Gomes a solução para os problemas enfrentados com os soldados – a grande dificuldade encontrada pelos altos comandos da época, não só em Portugal, mas na Europa como um todo, era o alto índice de fugas e evasões dos soldados, o que ocasionava o esvaziamento das tropas, sem muitas esperanças de preenchê-los novamente. O motivo para a permanência de Diogo Gomes em Elvas nos é desconhecida; a única justificativa que temos é a que foi apresentada nas *Cartas*: que ele não gostaria de abandonar seus soldados.

Há ainda uma característica de Diogo Gomes que consideramos das mais interessantes: o autor da *Oplosophia* transita com propriedade e domínio tanto no exército – configurado no novo modelo de guerra – quanto nos círculos de corte, onde ensina aos jovens fidalgos os jogos de armas que sua educação nobiliárquica e palaciana exige. Um antigo moderno? Um moderno antigo? Ou simplesmente um homem de seu tempo – mais bem educado e sucedido do que a maioria de seus pares, sem dúvidas, mas alguém afinado com seu tempo.

Nesta temática dos antigos e modernos, Maravall desenvolveu um trabalho intitulado *El humanismo de las armas en Don Quijote*²⁷³. Nele o autor discute justamente a sobrevivência da espada, mesmo como símbolo, quando as guerras já são lutadas com as armas de fogo. Ao analisar o clássico de Cervantes, o Don Quixote, Maravall busca na história moderna espanhola elementos que formam o cavaleiro da triste figura. O autor

²⁷² FREITAS, Jorge Penin. *O combate durante a Guerra de Restauração. Vivências e comportamentos dos militares ao serviço da coroa portuguesa – 1640-1668*, Lisboa, Prefácio, 2007, pp. 171-172.

²⁷³ MARAVALL, José Antonio. *El humanismo de las armas en Don Quijote*, Madrid : Instituto de Estudios Políticos, 1948.

nos mostra uma sociedade na qual um cavaleiro andante, embora fosse uma figura anacrônica, não era totalmente estranha. Segundo o pesquisador, “hay toda una larga discusión en la época sobre el valor de los antiguos y el de los modernos, en relación a armas de cuyo uso se servieron para demostrar en la práctica ese valor”²⁷⁴.

Pois, embora a nobreza tenha adotado o uso das armas de fogo – veja-se as pistolas linda e ricamente decoradas que fazem parte da Armería Real Espanhola, por exemplo – elas nunca ocuparam o lugar simbólico e ritual da espada. O valor da pólvora estava associado ao dano que ela poderia causar e à sensação de poder associado a ele; e tanto para Burton quanto para Maravall, não há honra na morte instantânea do inimigo.

Talvez a questão não seja o debate entre antigos e modernos, idade das trevas e idade da luz; para os homens e mulheres do século XVII não havia essa delimitação. Faz sentido que nós, então, fiquemos procurando traços de modernidade ou de medievalidade, de “rupturas” ou “permanências” em todo e cada ato das sociedades que estudamos, quando para essas pessoas se trata simplesmente de “vida”, das “coisas como elas são”? Claro, há mudanças, e mudanças significativas que afetam a todos quase instantaneamente, mas será que precisamos nos assombrar com as “medievalidades” e “modernidades” que encontramos?

Do DUELO

Como já adiantamos, o tema do duelo é um que desperta paixões e curiosidade, já que narrativas que incluem o evento vêm prendendo a atenção – e os corações – de leitores há séculos. Quase sempre envolto nas brumas de todo um imaginário construído à sua volta, cremos que o primeiro passo a ser dado no estudo da questão do duelo é retirá-lo deste contexto apresentado pela literatura, especialmente aquela produzida a partir do século XVIII, como a dos Dumas, pai e filho, por exemplo.

A primeira consideração a ser feita é que o duelo era – ao menos na época Moderna – uma instância jurídica desde a Idade Média, e, se seu formato foi modificado, o momento em que ele ocorria e a finalidade não. Durante as décadas de 1920-1930 houve uma profusa produção de obras jurídicas a respeito do duelo medieval espanhol, e

²⁷⁴ Idem, p. 144.

os autores (todos juristas) são unânimes ao afirmar que o duelo era uma das conclusões possíveis para os processos de aleivosia e repto²⁷⁵.

Relativamente à história do duelo, todos novamente estão em acordo de que se trata de uma invenção medieval, já que não existiria na Antiguidade, ao contrário do que se acreditava. O próprio Diogo Gomes, na *Oplosophia*, corrige tal erro, apontando que a associação entre as virtudes da espada e o desfecho do duelo seria responsável por tal concepção; segundo ele,

daqui naceo dizerem que o duello era hũ juizo militar, porque nelle tudo se determinava com a espada na mão, e bem o testificação aquelles dous valeroso mancebos Espanhoes Corbua e Orsua, que não aceytando os juizes que Cipião lhe queria dar responderão que o seu juiz na terra avia de ser sua espada, e no ceo o Deos Marte e não só he juiz, mas com o privilegio de igualar a todos os homens nobres, e não nobres, porque como por ella se acrisola a mayor valentia, não estima a condição e dignidade de cada hũ, senão o valor e esforço²⁷⁶.

O trabalho de cunho jurídico mais antigo de que temos notícias é um artigo de D. Martin Ulloa que consta do primeiro volume das *Memorias de la Real Academia de la Historia*, publicado em 1796²⁷⁷. Nele o autor arrola todas as leis medievais que regulamentavam a prática do duelo dentro dos processos de traição, aleivosia e repto – e que serão citadas, verbatim, pelos pesquisadores futuros.

Ao cruzar fontes jurídicas com fontes literárias – mais especificamente, o *Cantar del mio Cid* – Afonso Otero Valera realizou um interessante trabalho sobre o tema das razões que levariam ao um duelo. Nele o pesquisador arrola as leis sobre traição, desafio, aleivosia e repto dos reinos espanhóis medievais; outro ponto que corre entre os pesquisadores do tema na área jurídica é a recorrência das mesmas citações de fontes, sejam elas jurídicas (Ordenações e Partidas) sejam de outra natureza, sendo que o trabalho de Ulloa é a base de todos os que seguiram. Adverte Otero Valera que

Debemos recordar que el Fuero Real y las Partidas, con el corto intervalo de tiempo que las separa, contienen las primeras regulaciones del riepto que han llegado a

²⁷⁵ De acordo com a definição do Dicionário Priberam da Língua Portuguesa Online, repto significa “desafio, emprazamento”; reptar, por sua vez, quer dizer “provocar para o duelo ou disputa”. Disponível online para consulta em <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=repto> em 19/01/2012.

²⁷⁶ *Oplosophia*, fl. 04v, nota marginal.

²⁷⁷ ULLOA, D. Martin de. “Disertacion sobre los duelos, desafios, y leyes de su observancia, con sus progresos hasta su total extincion” In: *Memorias de la Real Academia de la Historia*, Madrid, en la Imprenta de Sancha, 1796, vol I.

nosotros. Y es sumamente curioso que todas las disposiciones acerca de él que aparecen posteriormente, se derivan de las Partidas. (...) Si, como creemos, existe una íntima relación entre las regulaciones del riego del Fuero Real y de Partidas, hasta el punto de que nos parece probable que los redactores de las Partidas se han servido del Fuero Real, llegamos a la conclusión de que no hay más regulación legal original del riego que la Alfonsina. Pero es indudable que el Fuero Real tuvo que basar su regulación en la costumbre o en otra escrita que ha llegado a nosotros, la cual pudo servir también de modelo a las Partidas, si es que éstas no se sirvieron del Fuero Real, como sus coincidencias parecen sugerir. Y que esta regulación consuetudinaria anterior existió, nos lo atestiguan el Cantar de Mio Cid, y el hecho de que Alfonso X haya podido y querido introducir en ella algunas modificaciones limitativas, cuya existencia proclaman el Ordenamiento de Alcalá y, más eficazmente aún, las fazañas. (...) Por consiguiente, los redactores de F. Real 4,21 tuvieron que haber tomado este título de una fuente que nos es desconocida, o lo han debido hacer de primera mano, recogiendo la costumbre no escrita, puesto que el riego estaba perfectamente regulado en tiempos de Alfonso VII, según puede deducir-se del testimonio del Cantar de Mio Cid, compuesto en esta época²⁷⁸.

A maior discussão entre o autores que escreveram após Ulloa – e aqui citamos o próprio Otero Varela, Manuel Torres²⁷⁹ e Paulo Merêa²⁸⁰ - é sobre qual seria a diferença jurídica entre aleivosia, traição e repto. E, de acordo com todos, tal confusão seria originária já da literatura jurídica medieval, pois nos próprios textos os termos alternam-se sem algum aparente motivo – cremos que seja porque quando tal costume era de fato praticado a diferença seria tão óbvia para todos que não era necessário nenhum tipo de distinção entre os termos.

A diferença foi estabelecida pelos pesquisadores atuais: o repto era um processo curial no qual se recorre em caso de traição e aleivosia; aleivosia seria a quebra de confiança entre pares – diferente da traição, em cujo processo o duelo é usado como vingança. E, finalmente, Merêa esclarece que “Repto não quer dizer duelo, mas sim a

²⁷⁸ OTERO VARELA, Alfonso. *Dos estudios historicos-juridicos*. Madrid-Roma, 1955, Cuadernos del Instituto juridico Español nº 4, p. 14-15.

²⁷⁹ TORRES, Manuel. *Naturaleza jurídico-penal y procesal del desafio y riego en Leon y Castilla en la Edad Media*. Madrid, Tipographia de Archivos, 1933, separata do *Anuario de Historia del Derecho Español*.

²⁸⁰ MERÊA, Paulo. *O poema do Cid e a história do duelo*. Coimbra, 1962, separata do Boletim da Faculdade de Direito, vol. XXXVII.

provação ao duelo – o que hoje denominamos desafio”²⁸¹. O duelo seria a conclusão do processo, quando as partes se confrontavam em armas para decidir quem sairia vencedor, resolvendo assim a questão.

A definição da *Partidas* (7,3,1) diz que “Riepto es acusamiento que faze un fidalgo a otro por Corte, profaçandolo de la traycion, o del aleve, que le fizo”, ao que Otero Varela acresce: “se puede decir, por consiguiente, que el riepto es un procedimiento especial ante la Curia del rey para casos de traición y aleve. Es un procedimiento especial en dos aspectos: uno, por ser ante la Curia regia, y otro, por no alcanzar sino a los delitos de traición y aleve”²⁸². Diz o Foro Real, 4, 21, Ley 5:

Fidalgo que otro quisiere raptar, rieptelo ante el Rey, è no ante rico home, ni ante Merino, ni ante otro home ninguno, ni de Orden, ni de Religion: ca no ha otro home poder sino el Rey, de dar fidalgo por alevoso, ni de quitarle de riepto, si no le fuere probado aquello de que fue reptado: è maguer le sea probado, ò sea juzgado por alevoso, el Rey lo puede dar por quito, è por leal, si tanta merced le quisiere fazer: ca tan grande es el poder del Rey, que todas las cosas, è todos los derechos tiene so si, y el su poder no le ha de los homes, mas de Dios, cuyo lugar tiene en todas las cosas temporales²⁸³.

O duelo como “instrumento solucionador” de questões jurídicas tem raízes na Alta Idade Média, quando as disputas eram resolvidas em campo fechado em um combate entre acusador e acusado. Era uma forma privada de resolução de conflitos, fora da alçada de controle dos reis, e muito praticada pelos senhores europeus; em tais duelos jurídicos os embates não ficavam restritos ao uso das espadas, sendo muito comum também a ocorrência de justas, e podiam contar com dois ou quatro duelistas²⁸⁴.

No processo de concentração e arraigamento de poderes na figura do monarca o processo de repto também passou para a alçada real: como dissemos, se trata de um processo que acontecia na presença de toda a corte²⁸⁵ e o desafio deveria ser deferido pelo

²⁸¹ Idem, p. 16.

²⁸² Otero Varela, Op. Cit., p. 53.

²⁸³ Idem, p. 28.

²⁸⁴ Cf. LETAINTURIER-FRADIN, Gabriel. *Le duel a travers les ages*. Paris, Librairie Marpon & Flammarion, 1982, pp. 05-16.

²⁸⁵ No caso, as cortes que eram reunidas pelos monarcas com propósitos jurídico administrativos; para a diferença entre a corte-séquito e as cortes jurídicas, ver CARDIM, Pedro. “O quadro constitucional. Os grandes paradigmas de organização política: a coroa e a representação do reino. As cortes”. In: MATTOSO, José. *História de Portugal*, volume 4, Lisboa, Estampa, s/d, pp. 145-150.

rei antes de ser lançado publicamente. Em linhas gerais, o processo começa com uma petição ao monarca, no qual o acusador expõe seus motivos para desafiar quem lhe traiu ou aleivou. Caso o rei permitisse o desafio, cartazes deveriam ser elaborados chamando o desafiado para um duelo que resolveria a questão pendente entre ele e o desafiador. Os cartazes deveriam conter os nomes dos participantes, a razão do processo e um prazo de 30 a 180 dias no qual o desafiado deveria responder publicamente ao desafio, além do local onde ambos deveriam encontrar-se para resolver a querela.

Cartazes deveriam ser pendurados em locais públicos, de modo que o desafiado não pudesse alegar desconhecimento, fosse do desafio, das datas ou do local. O processo poderia não acabar em duelo: havia a possibilidade de um acordo entre as partes, ou ainda, algum dos homens simplesmente não aparecessem no dia e local marcados; neste caso, a causa era dada como ganha por quem lá estava, com detrimento da honra pública daquele que se recusou a participar de repto e defender-se das acusações.

O desafio poderia ainda acabar em nada, como foi o caso entre D. Gaspar Guzmán, duque de Medina Sidonia, e D. João IV de Portugal: como dissemos no capítulo anterior, D. Gaspar foi coagido por Filipe IV a desafiar D. João em 1641 por conta dos boatos de que o duque andaluz teria promovido um levante contra a Coroa²⁸⁶. Apesar de os cartazes convocando D. João para um duelo em Valência de Alcântara entre os dias primeiro e 19 de Dezembro do dito ano terem sido distribuídos, o embate não ocorreu – ou não foi registrado (embora esta hipótese nos pareça improvável: um duelo entre o grande duque de Medina Sidonia e seu cunhado, aclamado rei em Portugal, renderia inúmeros relatos e narrativas de todos os gêneros).

Sobre o duelo em si pouco se fala; sabe-se que os duelistas deveriam portar armas de igual valor e poder para que a justiça do ato não fosse afetada e, embora a morte não fosse inevitável, esse não era o objetivo principal do duelo – afinal, como disse Maravall, a honra não estava em matar o oponente, mas em travar e lutar a batalha²⁸⁷.

O Concílio de Trento, entre muitas coisas, promulgou a proibição do duelo no mundo católico; pois, no espírito da Contra-Reforma, os católicos deveriam se unir, e não

²⁸⁶ V. Capítulo II, especialmente as páginas 78 e 79.

²⁸⁷ Maravall, Op. Cit., p. 145.

lutar uns contra os outros – situação na qual ocorriam os duelos. As punições eram severas, e não se restringiam àqueles que pegavam em armas: seriam excomungados todos os que dele participavam, inclusive os senhores que permitissem que um embate destes fosse travado em suas terras. A partir de então a legislação dos reinos ibéricos passou a condenar o duelo, ao contrário do que vinha fazendo até então, que era normatizar o antigo costume do repto.

Duas obras escritas no fim da década de 1980 tratam do tema do duelo: *Le duel dans la société française des VIe- XVIIe siècle : essai de psychosociologie historique*, de François Billacois²⁸⁸, e *The duel in European History: honour and the reign of aristocracy*, de V. G. Kiernan²⁸⁹. É interessante notar que nenhum dos autores menciona processos de repto, aleivosia ou traição; muito menos há nestas obras lugar para o rei, Billacois por focar seu trabalho nos duelos privados e Kiernan por sua visão política, que, como veremos, nega a figura do monarca enquanto desqualifica a nobreza. Em nossas leituras deparamo-nos ainda com uma terceira obra, esta escrita em 1892 por Gabriel Letainturier-Fradin, *Le duel à travers les âges*. Apesar de focarem suas pesquisas sobre a França, Billacois e Letainturier-Fradin expandem brevemente sua reflexão para outros reinos europeus, o que não faz Kiernan, que mantém-se circunscrito à Inglaterra.

Letainturier-Fradin apresenta as leis das Ordenações e Partidas como tentativas de regulamentação do duelo, já que não era possível proscrevê-lo. Diz ele que os duelos continuaram a ser praticados apesar das proibições da Igreja e da Coroa – e é interessante notar que na redação do pesquisador ele dá a entender que o desejo dos reis ao redigir as leis sobre os duelos é conter seu uso em obediência a Trento, e não normatizar o costume do reino; Letainturier-Fradin não leva em consideração que os Foros Reais e as Partidas foram elaborados antes que o duelo fosse proibido pelo Concílio. Quando o autor discute o caso espanhol ele lista todas as leis que foram escritas sobre o duelo, seja sua regulamentação, seja sua proibição, o pesquisador alega que nenhuma surtiu efeito, já que o duelo continuou a ser praticado, e que as autoridades faziam vista grossa para o mesmo.

²⁸⁸ BILLACOIS, François. *Le duel dans la société française des VIe- XVIIe siècle : essai de psychosociologie historique*. Paris, Ed. de l'Ecole des hautes études en sciences sociales, 1986.

²⁸⁹ KIERNAN, V. G. *The duel in European History: honour and the reign of aristocracy*, Somerset, Oxford University Press, 1988.

François Billacois desenvolveu um trabalho a respeito do duelo com uma grande verve aristocrática; ele enfoca o duelo a partir da visão que a aristocracia tinha do tema. O pesquisador analisa as leis a respeito do duelo, investiga suas origens (que ele traça até os povos bárbaros da Europa, especialmente os germânicos) e discute termos relacionados ao duelo, e como se relacionam, por exemplo honra, virtude e sangue. Para o autor, o duelo na França acontecia por causa da honra: a honra de uma família, a pureza do sangue nobre de alguém poderia ser provada, ou defendida, num duelo – é por isso que, ao analisar o caso espanhol, Billacois afirma que no reino espanhol o duelo tem outra função, já que a pureza e nobreza de um indivíduo ou família eram atestadas pela Inquisição.

Do outro lado da escala, V. G. Kiernan escreveu sobre o duelo adotando uma perspectiva marxista, acusando a nobreza de envolver toda a sociedade em seus jogos de guerra – no qual o duelo seria apenas sua expressão menor e privada. Num trabalho um tanto confuso, onde as fontes são trabalhadas sem qualquer contextualização, Kiernan ataca a aristocracia e a Igreja, incluindo aí suas cerimônias, rituais e liturgias. A maior preocupação do pesquisador é acabar com o romantismo e a empolgação que circulam o duelo, substituindo-os pela visão que um homem de seu tempo – as décadas de 1970 e 80 – deveria ter a respeito de um ato restrito à aristocracia opressora e antiquada. Pese na visão de Kiernan não só sua filiação ao marxismo, mas também a onda anti-monarquista que varria a Inglaterra nestas décadas.

O que nossas leituras nos apresentam é um processo de transferência de poderes que acompanha o desenvolvimento do chamado Estado Moderno. Veja bem, em sua gênese o duelo fazia parte de um processo judicial cujo desfecho era sancionado pelo costume; privados apresentavam seus motivos ao monarca e em frente dele se angajavam numa luta que determinaria o vencedor do processo legal – ou seja, embora a presença do rei estivesse no cerne da legislação (vide o excerto das *Partidas* já citado) a justiça era decidida entre os nobres em querela. Séculos mais tarde ele será proscrito dos meios legais de obtenção da justiça, primeiro por conta da proibição da Igreja, segundo porque os próprios monarcas começam a coibir a prática como meio de resolução de contendas – as leis que antes normatizavam passam a proibir os duelos, indiferente da presença do rei.

Porque também havia um outro aspecto que deve ser levado em consideração: os duelos judiciais só poderiam ocorrer quando da convocação de cortes, o que passou a acontecer cada vez menos, até terminaram por ser extintas. O duelo pode, então, ser considerado mais um aspecto no processo de centralização dos poderes na figura do rei, já que este se torna o responsável pela decisão sobre a justiça, antes delegada a privados.

Para concluir, retomemos uma utilidade conferido por D. Jerónimo de Carranza e D. Luis Pacheco de Narváez: a defesa cristã dos indivíduos. O discurso que, para nós, à primeira vista parece inocente e bem intencionado, se refere ao duelo. Claro, nossos autores não chegariam ao ponto de incentivar a prática, isso era contrário à lei promulgada por Filipe III que proibia tanto os duelos quanto os bilhetes, cartas ou cartazes de desafio²⁹⁰. A saída encontrada foi escrever sobre o direito de defesa inerente a todos os cristãos, e como a Destreza poderia ser utilizada no processo. Afinal, a proibição estava em *lançar* o desafio, não em *responder* a ele – e nem poderia sê-lo, afinal, rei nenhum poderia proibir seus vassallos de defender sua honra.

Tal não aparece na *Oplosophia* por um simples motivo, cremos: a intenção de Diogo Gomes seria a utilização da doutrina para a prática militar, para a manutenção física e de uso de armas por parte da nobreza. Nesta perspectiva nem cabe pensar na situação do duelo, já que o combate com armas estaria restrito às academias e outros locais de treinamento; o uso cortesão das armas encontraria uma função na vida militar nobiliárquica.

²⁹⁰ Em 1612 Filipe III mandou que se afixasse por todo o reino panfletos que reiteravam a proibição da prática do duelo no reino de Portugal, assim como as punições para aqueles que entregassem bilhetes de desafio. Cf. IAN/TT Lv. 3553, Mf. 3985, documento 15.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

Depois de tudo posto, gostaríamos de fazer algumas considerações finais. A primeira é que nestas páginas aparece de modo claro a primeira lição ensinada quando iniciamos um curso de graduação em História: só é possível fazer a história do tempo presente. Aparentemente simples, mas que leva tempo para ser aprendida. Esta dissertação é, sem dúvidas, um reflexo de seu próprio tempo. O que talvez explique a fascinação causada por um manual de manejo de espadas em pleno movimento cunhado de Revolução Militar, em cujo ponto vértice estão as mudanças causadas pela introdução das armas de fogo. As vidas de Diogo Gomes de Figueiredo, D. Luis Pacheco de Narváez e D. Jerónimo de Carrança e teor de suas obras provocam a imaginação de uma pessoa do século XXI, que, como estes homens, vive um momento no qual o modo de se fazer a guerra muda drasticamente e leva a inúmeras indagações de cunho moral e ético.

No primeiro capítulo conhecemos três manuais de Destreza das armas e seus autores, assim como seus ambientes de circulação e contextos de escrita. Vimos que cada autor tinha um propósito de emprego da doutrina: Carrança desejava que seus *Diálogos* estabelecessem uma nova doutrina de manejo de espadas, embasada na matemática e na geometria, que poderia ser usada para a defesa daquele que sofresse uma calúnia que levasse a um desafio. Pacheco de Narvaéz mostrou-se preocupado com a correção da doutrina de Carrança – sobre o que construiu toda sua carreira – e da defesa dos cristãos face aos protestantes, grandes inimigos da Monarquia Católica da qual ele fazia parte. Gomes de Figueiredo, por sua vez, tinha a intenção de admoestar seus pares em relação ao preparo para a batalha, afinal o treino da mente passava pelo treino do corpo.

No segundo capítulo nos aprofundamos nos ambientes de corte, onde viveram nossos autores e seus pares, a quem seus manuais eram escritos. Vimos a formação das cortes européias modernas a partir do que Norbert Elias denominou Processo Civilizador, e como este foi levado ao auge no século XVII, aprisionando até mesmo os monarcas Filipe III e IV na etiqueta que regia a vida de corte. Terminamos por analisar a re-formação da corte portuguesa quando da Restauração, e como esta permitiu a entrada de novos membros e a possibilidade de pensar e sugerir formas de governo através da escrita de espelhos de príncipe.

Finalmente, no terceiro capítulo, analisamos a teoria que embasa a Verdadeira Destreza; pudemos acompanhar melhor as disputas a respeito da doutrina que houve entre nossos autores e outros conhecedores, como o Duque de Cea, cujas indagações sobre a Destreza levaram à escrita da *Carta al Duque de Cea*, por Pacheco de Narvaéz. Neste capítulo aprofundamos também a reflexão acerca da espada e seu papel social enquanto símbolo de nobreza, que não é usurpado pelas novas armas de fogo com as quais as guerras passaram a ser lutadas. Por fim tratamos a questão do duelo, de como seu uso judicial durante a Idade Média e a legislação pensada para normatizar seu uso passam gradualmente para a proscricção do mesmo, concentrando o poder de justiça e punição na figura do monarca.

Quisemos com este trabalho mostrar um dos elementos constitutivos da educação da nobreza de corte – o manejo de armas – e como ele está ligado à vida nos Paços, não nas trincheiras. São prerrogativas completamente distintas, e que se encontraram na pessoa de Diogo Gomes de Figueiredo que, como afirmamos anteriormente, não se trata de um indivíduo com uma trajetória de vida única, mas o que foi mais bem sucedido em ambas carreiras, a militar e a cortesã. Nele ambas dimensões do homem de corte moderno se mostram perfeitamente: é o homem de letras que maneja as armas, é um homem de armas que bem empunha a pluma. E, se Diogo Gomes atingiu o pico de sua carreira militar depois de escrever sua *Oplosophia*, caminho contrário fizeram D. Luis Pacheco de Narváez e D. Jerônimo de Carrança, que escreveram suas obras quando retiraram-se – embora não completamente – da vida militar.

Os estudos sobre sociedade de corte não estão de modo algum esgotados, especialmente sobre a corte que Carlos V forma em Castela quando aí chega para tornar-se rei. Assim como ainda está por fazer uma análise de cunho jurídico a respeito do duelo em Portugal antes do Concílio de Trento. Seria interessante também uma pesquisa que contemplasse o duelo na França e na Inglaterra também a partir das leis, e não só da ideologia e do imaginário da época moderna, nem dentro da lógica da luta de classes.

Não temos conhecimento da existência de outro escrito sobre a Destreza em Portugal na primeira metade do século XVII; isso não significa que ela fosse desconhecida dos portugueses, nem que não houvesse gerado outras reações além da de Diogo Gomes e sua *Oplosophia*. Gostaríamos de finalizar dando notícia de mais dois

manuais citados por Sousa Viterbo que também tratam da Destreza, embora não de forma tão enfática quanto Diogo Gomes em sua *Oplosophia* e posteriores a ela: o *Tratado das liçoens da espada preta, e destreza, que hão de usar os jogadores della. Por Thomas Luiz, Rey de Armas, natural desta cidade de Lisboa*, impresso em 1685, e o *Compendio dos fundamentos da verdadeira destreza e filosofia das armas. Dedicado á sacra e augusta magestade de ElRey Fidelissimo Nosso Senhor D. Jozé 1º*, escrito por José de Barros Paiva e Moraes Pona em 1768, cuja publicação foi suprimida pela Real Mesa Censória²⁹¹. O *Tratado* de Thomas Luiz foi reproduzido por Sousa Viterbo em seu *A Esgrima em Portugal*, onde dá conta da existência de um exemplar, embora incompleto, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, que ainda o mantém. Já do *Compendio* de José de Barros diz Sousa Viterbo que estava alocado na Torre do Tombo; deste não temos notícias.

²⁹¹ Viterbo, Op. Cit., pp. 34-36 e p. 76.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES:

MANUSCRITAS

Cartas com assuntos militares – Biblioteca da Ajuda, cota 44-III-20, 19-20.

Conselho de Guerra – Consultas, maços 2, 4A, 6 e 6B – Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo.

Conselho de Guerra – Decretos, maços 1, 6 e 10 – Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo.

FIGUEIREDO, Diogo Gomes. *Oplosophia e Verdadeira Destreza das Armas*, Lisboa, 1630 – Academia das Ciências de Lisboa, Mss vermelho, no 91.

_____. *Memorial da prattica do montante*, Lisboa, 1651 – Biblioteca da Ajuda, cota 44-III-20;21.

GUERRA DE LA VEGA, Alvaro, *Comprehension de la Destreza*, Santander, 1681 – Biblioteca Nacional de Madrid, cota10/868.

LUCIO ESPINOSA Y MALA, Francisco. *Verdadera fama contra la ley del duelo*, Madrid, 1633 – Biblioteca Nacional de Madrid, cota MSS/12952/6.

IMPRESSAS

AFRICANO, Antônio Freitas. *Primores Políticos e Regalias do Nosso Rei [1641]*, estudo introdutório de José Adelino Maltez. São João do Estoril, Principia, 2005

BALDASSARE, Castiglione. *O Cortesão*, São Paulo, Martins Fontes, 1997

Beowulf, a prose translation with an introduction by David Wright. New York, Penguin Books, 1959.

BURTON, Richard Francis, Sir. *The book of the sword*, New York, Dover Publications, 1987.

CARRANÇA, Don Jerônimo Sanchez. *Libro de Hieronimo de Caranca, natvral de Sevilla, que trata de la philosophia de las armas y de su destreza y de la aggression y defension christiana*, Sanlucar de Barrameda : en casa del mismo autor, 1582.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de La Mancha*, Madrid, Alianza Editorial, 1996.

COELHO, Possidónio Mateus Laranjo (pub.). *Cartas dos Governadores da Província do Alentejo a El-Rei D. João IV e a El-Rei D. Afonso VI*, publicadas e prefaciadas por P. M. Laranjo Coelho. Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1940, 3 vols.

IRIA, Alberto Joaquim (pub.). *Carta dos Governadores do Algarve (1638-1663)*, preparação do texto e prefácio por Alberto J. Iria. Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1978.

JIMÉNEZ DE URREA, Jerónimo. *Diálogo de la Verdadera honra militar*. Com Prólogo de Domingo Yndurain. Madrid, Ministerio de Defensa, 1992.

LA BARCA, D. Pedro Calderón de. *Comedias de Capa y Espada*, Madrid, Espasa Calpe, 1962

MACHADO, Diego Barbosa. *Noticia dos sucessos militares entre as Armas Portuguesas, e Castelhanas, reynado em Portugal o serenissimo Monarcha D. Ioão IV*, colegido por Diogo Barbosa Machado, 1682-1772.

_____. *Bibliotheca Lusitana*, Coimbra, Atlântida Editora, versão fac-símile de 1967.

Manifiesto de lo sucedido a don Iuan de Herrera, en el duelo, con el Marques del Aguila, Barcelona, 1638

MARIANA, Juan de. *La dignidad real y la educacion del rey (de rege et regis institutione)*, Madrid, Centro de Estudios Constitucionales, 1981.

MELO, D. Francisco Manuel de. *Auto do Fidalgo Aprendiz*, Coimbra, França Amado, 1915.

_____. *D. Teodósio II, segundo o códice 53-III-30 da Biblioteca da Ajuda*. Trad. e prefácio de Augusto Casimiro. Porto, Livraria Civilização Editora, 1944.

MENESES, D. Luis. *História do Portugal Restaurado*, edição anotada e prefaciada por António Álvaro Dória. Porto, Livraria Civilização, 1946

MOLINET, Jean. *Chroniques*, 1473. In: BUCHON, Jean Alexandre C. *Collection des chroniques nationales françaises*, Paris, Verdière, 1827, vols. 43-48.

PACHECO DE NARVÁEZ, D. Luis. *Libro de las grandezas de la espada*, Madrid, por Luis Sanchez, 1600.

_____. *Carta ao Duque de Cea*, Madrid, 1618.

_____. *Compendio de la filosofia y destreza de las armas, de Geronimo de Carrança por D. Luis Pacheco de Naruaez*, Madrid, por Luis Sanchez, 1612.

PÉREZ GUZMÁN, Gaspar Alonso (Duque de Medina Sidonia). *Cartel de desafio de D. Alonso dirigido a Juan de Braganza*, 1641.

Report on the manuscript of J. M. Heathcote, Esq., of Conington Castle. Historical Manuscripts Commission, Printed in Norwich for Her Magesty Stationery Office by the “Norfolk Chronicle” Company, 1899.

ROTTERDAM, Erasmo de. *Enquiridion. Manual del caballero cristiano*, trad. e notas Pedro Rodriguez Santidrian, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1995.

SOUSA, Frei Luis de. *Anais de D. João III*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1936.

ULLOA, D. Martin de. “Disertacion sobre los duelos, desafios, y leyes de su observancia, con sus progresos hasta su total extincion”. In: *Memorias de la Real Academia de la Historia*, Madrid, en la Imprenta de Sancha, 1796, vol I, pp. 35-98.

VALERA, Mosen Diego. *Tratado de los rieptos y desafios*, Valência, 1517.

VASCONCELOS, Luis Mendes. *A Arte Militar*, 1612.

VEIGA, Thomé Pinheiro. *Fastigimia*, prefácio de Maria de Lurdes Belchior. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.

VITERBO, Sousa. *A esgrima em Portugal. Subsídios para sua história*. Lisboa: Manoel Gomes Editor – Livreiro de suas Magestades e Altezas, 1899, IAN/TT 1417

ACERVOS DIGITAIS:

Universidade de Valencia – acervo digital de livros antigos: <http://lubna.uv.es:83>

MANUAIS

ALBORG, Juan Luis. *Historia de la literatura española*. Madrid, Editorial Gredos, 1999, 2ª ed.

ALMIRANTE, José. *Diccionario Militar*. Madrid, Ministerio de Defensa/ Secretaria General Tecnica, 2002, 2 vols.

ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges (dir). *História da Vida Privada*. Volume 3: da Renascença ao Século das Luzes, trad., São Paulo, Cia das Letras, 2004, 10ª reimpressão

BARATA, Manuel Themudo, e TEIXEIRA, Nuno Severiano (dir). *Nova História Militar*. Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003, 5 vols.

GODINHO, Vitorino Magalhães. *Estrutura da antiga sociedade portuguesa*, Lisboa, Arcádia, 1977.

MATTOSO, José. *História de Portugal*, Lisboa, Estampa, s/d.

SERRÃO, Joel. *Dicionário de História de Portugal*, volume 1, Porto, Figueirinhas, 1971.

TENGARRINHA, José (org.). *História de Portugal*, São Paulo, EDUSC, 2000.

MATTOSO, José. *História de Portugal*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1939.

_____. *Identificação de um país : ensaio sobre as origens de Portugal, 1096-1325*, Lisboa, Editorial Estampa, 1985.

BIBLIOGRAFIA

D'ÁÇA, Francisco Zacharia. *Portugal Antigo. Um D. João de Castro de capa e espada; estudo histórico sobre a aristocracia e a sociedade portuguesa*, Lisboa, Imprensa de L. da Silva, 1900

BEBIANO, Rui. *A Pena de Marte. Escrita da guerra em Portugal e na Europa (sécs. XVI-XVII)*. Coimbra, Minerva, 2000.

BERLENGUER CEBRIÀ, Ernest. *Cataluña: da la unión de coronas a la unión de armas (1479-1626)*, Madrid, Arcos Libros, 1996.

BEZZOLA, Reto R, *Les origines et la formation de la littérature courtoise en occident (500-1200)*, Paris, Ancienne Honore, 1944.

BILLACOIS, François. *Le duel dans la société française des VIe- XVIIe siècle : essai de psychosociologie historique*. Paris, Ed. de l'Ecole des hautes études en sciences sociales, 1986.

BOUZA, Fernando. "A nobreza portuguesa e a corte de Madrid. Nobres e luta política no Portugal de Olivares". In *Portugal no Tempo dos Filipes. Política, Cultura e Representações (1580-1640)*, trad., Lisboa, Cosmos, 2000

_____. *Palabra y Imagen em la Corte. Cultura oral y visual de la nobleza em el Siglo de Oro*, Madrid, Abada Editores, 2003.

_____. *Corre Manuscrito. Una historia cultural del Siglo de Oro*, Madrid, Marcial Pons, 2001, Intro, Caps 1 (pp.27-83) e 4 (pp.137-177)

- _____. *Comunicação, conhecimento e memória na Espanha dos séculos XVI e XVII*, Lisboa, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 2002.
- BURKE, Peter. *As Fortunas d'O Cortesão*, trad., São Paulo, Editora UNESP, 1997
- _____. *Uma historia social do conhecimento : de Gutenberg a Diderot*, trad., Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2003
- CARDIM, Pedro. “O quadro constitucional. Os grandes paradigmas de organização política: a coroa e a representação do reino. As cortes”. In: MATTOSO, José. *História de Portugal*, volume 4, Lisboa, Estampa, s/d, pp. 145-150.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio. “La corte de Cadmo. Apuntes para una historia social de la Cultura Escrita” in *Revista de historiografía* nº 3, II, pp. 18-27.
- _____. *Entre la pluma y la pared. Una historia social de la escritura en los Siglos de Oro*, Madrid, Akal, 2006, caps. VII e VIII.
- CHAUCHADIS, Claude. “Didáctica de las armas y literatura: *Libro que trata de la Philosophía de las armas y de su destreza* de Jerónimo de Carranza”, In: *Criticón*, nº 58, 1993.
- COSTA, Fernando Dores. *A Guerra de Restauração, 1641-1668*, Lisboa, Livros Horizonte, 2004.
- COSTA, Leonor Freire e CUNHA, Mafalda Soares. *D. João IV*, coleção Reis de Portugal, s/l, Temas e Debates, 2008.
- CUÉNIN, Micheline. *Le duel sous l'Ancien Régime*. Paris, Presses de la Renaissance, 1982.
- CUNHA, Mafalda Soares da, *A Casa de Bragança. Práticas senhoriais e redes clientelares (1560-1640)*. Lisboa: Estampa, 2000
- CURTO, Diego Ramada, “A cultura política – a formação dos agentes”. In: MATTOSO, José. *História de Portugal*, volume 3, Lisboa, Estampa, s/d, pp. 115-118.
- DAVIS, Natalie Zemon. *The Gift in Sixteenth-Century France*, s/l, The University of Wisconsin Press, 2000.
- DELEITO Y PIÑUELA, José. *El rey se divierte*, Madrid, Alianza Editorial, 2006.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*, vols 1 e 2, trad., Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993
- _____. *A Sociedade de Corte*, Lisboa, Estampa, 1995

- ELLIOT, John. *Espanha y su mundo (1500-1700)*, trad. Madrid, Taurus, 2007
- FARIA, Ana Maria H. L. *Duarte Ribeiro de Macedo, um diplomata moderno – 1618-1680*, Europress, 2005.
- FERRER VALLS, Teresa, “De los medios para mejorar estado. Fiesta, literatura y sociedad cortesana en tiempos de El Quijote”, in: GARCÍA GARCÍA, B. J. e LOBATO, M. L. (coords.). *Dramaturgia festiva y cultura nobiliaria en el Siglo de Oro*. s/l, Iberoamericana-Vervuert, 2007, pp. 151-167.
- FRANÇA, Eduardo D’Oliveira. *Portugal na Época da Restauração*, São Paulo, Editora Hucitec, 1997.
- FREITAS, Jorge Penin. *O combate durante a Guerra de Restauração. Vivências e comportamentos dos militares ao serviço da coroa portuguesa – 1640-1668*, Lisboa, Prefácio, 2007.
- GARIN, Eugenio (dir.). *O Homem Renascentista*, trad. Lisboa : Presença, 1988.
- _____. *Idade Média e Renascimento*, trad. Isabel Teresa Santos e Hossein Seddighzadeh Shooja. Lisboa, Editorial Estampa, 1989.
- GELLNER, Ernest. *El arado, la espada y el libro : la estructura de la historia humana*, México, Fondo de Cultura Económica, 1992.
- GOMES, Rita Costa. *A Corte dos Reis de Portugal no Final da Idade Média*, Linda-a-Velha, DIFEL, 1995.
- GOUVEIA, António. “Estratégias de interiorização da disciplina – o modelo cortesão”. In Mattoso, José. *História de Portugal*, v. 4 – No alvorecer da humanidade, Lisboa, Estampa, s/d
- HANSEN, João Adolfo. *Alegoria : construção e interpretação da metáfora*, São Paulo, Atual, 1986.
- HARTOG, F. *Os antigos, o passado e o presente*, org. José Otávio Guimarães, trad. S. Lacerda, M. Veneu e J. O. Guimarães. Brasília, Ed. UNB, 2003.
- HESPANHA, António Manuel. *História das instituições: épocas medieval e moderna*, Coimbra, Livraria Almedina, 1982
- _____. *História de Portugal moderno : político e institucional*, Lisboa, Universidade Aberta, 1995

- _____. *La Gracia del Derecho*, Madrid, Centro de Estudios Constitucionales, 1993.
- _____. (org.). *Poder e Instituições na Europa do Antigo Regime. Colectânea de textos*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.
- HUIZINGA, Johan. *El Otoño de la Edad Media*, trad., Madrid, Alianza Editorial, 1982.
- _____. *Homo Ludens*, trad. João Paulo Monteiro, São Paulo, Perspectiva, 2007, 5ª edição.
- IRADIEL, P., MORETA, S., SARASA, E. *Historia de la España cristiana*. Madrid, Cátedra, 1995.
- IRURETA-GOYENA, Pilar (coord.). *El deporte en el libro antiguo*, Comunidad de Madrid, TF Artes Gráficas, 1994.
- KEEN, Maurice. *Chivalry*. Essex, Yale University Press, 1984.
- KIERNAN, V. G. *The duel in European History: honour and the reign of aristocracy*, Somerset, Oxford University Press, 1988.
- LABRADOR ARROYO, Félix, y LÓPEZ ÁLVAREZ, Alejandro. “Las caballerizas de las reinas en la monarquía de los Ásturias: cambios institucionales y evolución de las etiquetas, 1559-1611” IN *Studia Historica, Historia Moderna: Las cortes de la monarquía hispánica*, Salamanca, Ediciones Universidad, vol 28, 2006, pp. 87-140.
- LETAINTURIER-FRADIN, Gabriel. *Le duel à travers les âges*. Paris, Librairie Marpon & Flammarion, 1892.
- LIMA, Luis Filipe Silverio. *O Império dos Sonhos: narrativas proféticas, Sebastianismo e Messianismo Brigantino*. Tese de doutoramento defendida junto ao Programa de História Social do Depto. de História da FFLCH/USP, agosto de 2005
- MARAVALL, José António. *Estado Moderno y Mentalidad Social*, Madrid, Revista do Ocidente, 1969 – Tomo I, Cap. III – Monismo y Pluralismo, pp. 161-214
- _____. *El humanismo de las armas en Don Quijote*, Madrid : Instituto de Estudios Políticos, 1948.
- MARQUES, A.H. de Oliveira. *Sociedade medieval portuguesa: aspectos da vida quotidiana*, Lisboa, Sá da Costa, 1981.
- MARTIN, Alfred Von. *Sociologia del Renacimiento*, trad., México, Fondo de Cultura Económica, 2005.

MARTÍNEZ MILLÁN, José. “La corte de la monarquía hispánica” IN: *Studia Historica, Historia Moderna: Las cortes de la monarquía hispánica*, Salamanca, Ediciones Universidad, vol 28, 2006, pp. 17-61.

_____. (dir.). *La corte de Filipe II*. Madrid, Alianza, 1999.

_____. *El mito de Faetón o la imagen de la decadencia de la Monarquía Católica*. Granada, Editorial Universidad de Granada, 2011.

MATTOSO, José. *A nobreza medieval portuguesa: a família e o poder*. Lisboa, Editorial Estampa, 1981.

MEGIANI, Ana Paula Torres. *O Rei Ausente*, São Paulo, Alameda, 2004.

_____. "Política e letras no tempo dos Filipes: o Império português e as conexões de Manoel Severim de Faria e Luís Mendes Vasconcelos". In: BICALHO, Maria Fernanda e FERLINI, Vera Lúcia Amaral (orgs). *Modos de Governar. Idéias e práticas políticas no império português, séculos XVI a XIX*, São Paulo, Alameda, 2005.

MERÊA, Paulo. *O poema do Cid e a história do duelo*. Coimbra, 1962, separata do Boletim da Faculdade de Direito vol. XXXVII.

MÍNGUEZ, Rafael. *Cervantes*, Coleção Historia del mundo para jóvenes, Madrid, Akal Ediciones, 2000.

MOLIÈRE. *As preciosas ridículas*, trad. M. C. Guimarães. São Paulo, Editora Veredas, 1997.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo. “O ‘Ethos’ Nobiliárquico no final do Antigo Regime: poder simbólico, império e imaginário social”, in *Almanack Braziliense* nº. 2 – novembro de 2005

Monumentos. Revista Semestral de Edifícios e Monumentos, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana, Lisboa, vol. 37, dezembro/2007.

MORENO, Humberto Baquero. “O princípio da Época Moderna”. In TENGARRINHA, José (org), *História de Portugal*, Bauru/São Paulo, Edusc/Unesp, 2000.

OLIVAL, Fernanda. *As ordens militares e o Estado Moderno. Honra, Mercê e Venalidade em Portugal (1641-1789)*, Lisboa, Ed. Estar, 2001.

OTERO VARELA, Alfonso. *Dos estudios historicos-juridicos*. Madrid-Roma, 1955, Cuadernos del Instituto juridico Español nº 4.

- QUINTANA LACACI, Guillermo. *Armería del Palácio Real de Madrid*, Madrid, Editorial Patrimonio Nacional, 1987.
- ROGERS, Clifford J. (ed). *The Military Revolution Debate. Readings on the military transformation of Early Modern Europe*, Colorado, Westview Press Inc., 1995.
- SAMARA, Eni de Mesquita, DIAS, Madalena Marques e MARQUESE, Vanessa dos Santos B. *Paleografia e Fontes do período colonial brasileiro*. Série Fontes de Pesquisa. São Paulo, CEDHAL, 2004, versão preliminar.
- SENEILLART, Michel. *As artes de governar*, trad. Paulo Neves. São Paulo, Editora 34, 2006.
- SEPULVEDA, Cristovão Aires. *Historia do Exercito Portugues*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1902/06, vols. I-III.
- SIMON, Antoni. *La España del siglo XVII*, Coleção Biblioteca Basica de Historia, Madrid, Anaya, 2007, 4ª edição.
- SOUSA, Luís Costa e. *A Arte na Guerra. A arquitectura dos campos de batalha no Portugal de Quinhentos*. Lisboa, Tribuna, 2008.
- STRADLING, R.A. *Felipe IV y el gobierno de España, 1621-1665*, trad. Carlos Laguna. Madrid, Ediciones Cátedra, 1989.
- TERRIN, Aldo Natale. *O Rito. Antropologia e fenomenologia da ritualidade*, São Paulo, Paulus, 2004
- WARNKE, Martin. *O artista da corte: os antecedentes dos artistas modernos*, trad., São Paulo, EDUSP, 2001.
- VALLADARES REGUERO, Aurelio. “Luis Pacheco de Narváez: apuntes bio-bibliográficos” In: Boletín del Instituto de Estudios Giennenses, nº 173, 1999.
- _____. “La sátira quevedesca contra Luis Pacheco de Narváez”, In: EPOS, XVII, 2001.
- VALLADARES, Rafael. *A Independência de Portugal. Guerra e restauração 1640-1680*, trad. Pedro Cardim, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2006.
- _____. *Portugal y la Monarquía Hispánica, 1580-1668*, Madrid, Arcos Libros, 2000.
- VERGER, Jacques. *Homens e saber na Idade Média*, trad., Bauru : EDUSC, 1999.

VILLARI, Rosario (dir). *O Homem Barroco*, trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa, Editorial Presença, 1995.

VISCEGLIA, Maria Antonietta. *Guerra, Diplomacia y Etiqueta en la Corte de los Papas (siglos XVI y XVII)* (trad.). Madrid, Ediciones Polifemo, 2010.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a literatura medieval*, trad. A. Pinheiro, J. Ferreira. São Paulo, Cia das Letras, 1993.

ANEXOS:

IMAGENS

TRANSCRIÇÃO DA OPLOSOPHIA E VERDADEYRA DESTREZA DAS ARMAS

ANEXO I: IMAGENS

OPLOSOPHIA

EVERDADEIRA

DESTREZA

DAS ARMAS.

AUTOR

DIOGO GOMES DE FIGVEREDO.

Imagem 1: Capa da *Oplosophia*, feita à mão nos primeiros fólhos do livro.

Imagem 2: Fólios da *Oplosophia* (acima) e do *Memorial...* (abaixo), ambos de Diogo Gomes de Figueiredo; note-se que a caligrafia é a mesma em ambos documentos.

[illegible]

137

com os outros cujo conhecimento he muy necessario e importante
para a consequencia destes offylos; e suposto que estes numeros
seja perturbados com acerta, por serem os movimentos da espada
muyto accidentaes, a Destreza se distingue e he muy perigoso
hao conservar sua ordem, a qual se vera na presente figura para
mayor clareza.

Nazenta da espada esta a figura que declara a unidade por
como he o Character que mendo Valor tem na Arithmetica, e todo
seu principio e fundamento ahi tambem morba na espada, e aqui
aparte que tem mais finca, e aqui he principio e fundamento de
todas as acções de sua grandade. Como a unidade não diz
ora nunca de ser parte aliada a outros os numeros, assim tambem não
laxa de ser a ponta da espada a qual certa, e o mestrador dos diversos
movimentos da Verdadeira Destreza.

O numero dois convenientissimamente sinala seu lugar porque tem
respeyto ao numero nove, que he o que melhor esgheita quanto a esga-
da espada, e porque tambem he a sua raiz, he cede quando se
lhe agrega não temar, esgheitar da espada.

O numero tres tambem occupa seu lugar com misterio porque he na-
ve justa de numero nove, para mestres que quando mais cabalme-
te se domina a espada contraria he quando estes dois numeros se
ajuntam.

O numero quatro com propriedade sinala aparte que a theoria pri-
meira he racional, e tem raiz discreta (quatro dezer justa) e propriedades como
o nove e ahi convem que com este se tome e supere aquelle, por mul-
tiplicando ou partindo quatro por nove faz numero quadrado raiz
final.

O numero cinco he o primayve dos deus que se tem a Arithmetica,
Circular, porque multiplicado por si mesmo sempre produz o acabo
em cinco. E não he pequena excellencia porque a figura Esphenica
he a mais perfeita. E porque omeo de todos os coizeiros deve ser
melhor exornado sinala este numero omeo da espada da cruz pa-
ra a ponta, enão tem pouca semelhança, porque ahi como todo o co-
izo fenace no ponto em que principia, e este numero na multiplica-
ção sempre se termina na letra em que comeca, he muy apropriado
a esta parte da espada, porque sempre na Destreza para se supri-
r alguma desordem, ou restaurar alguma perda, se ha de vir de fora
deste numero que he omeo da destreza; e porque o numero cinco
he

Imagem 4: Fólio da *Oplosophia*; o espaço em branco estava reservado para a ilustração da graduação da espada segundo as forças de suas partes. Provavelmente tal ilustração seria bastante parecida com a que aparece nos *Diálogos*, de D. Jerónimo de Carranza.

Dialogo Terçero

la magnitud; como la Unidad á los demas números, aunque no es número y de la manera que anda homopre la parte del movimiento siguiendo á las que ella por venir, como se van engendrando, y el instante á los demás que componen al tiempo, como lo enseñará la Demonstracion que se sigue. A lo segundo.

Demof
tración.

Sea el triángulo de este conq. quita el Centro prin-
cipal en el Angulo solid o punto. El qual es en la punta
des el Cérro menor principal. Mas la parte má
fuerza q es la punta de la espada principal. A. para sacar el
medio de este estando en proporciones de fuerça se
quiere como de sumario con la y sena en. sacando
la mitad de la. lo ha este sintes medio entre diez
quatro y quince habra una proporcionalidad de
proporciones de la primera de 10. a 14. y la segunda de 14.
a 15. porq el Diez excede al Siete en tres y el Siete al
Quatro en otros tres y en esto menor la fuerza de la
quaza de la punta de la espada como la fuerça del Cé-
tro, el qual tiene a exceder en tres partes de fuerça
al medio de la espada y el medio en otras tres a la
mayor de ella, de fuerça q queda la punta de la es-
pada tan en fuerça como la yndad q la señala en va-
lor a respecto del punto mayor, y la proporción q
habe Doze a Fies, está haze el Quatro a la yndad.

Imagem 5: Ilustração da graduação da espada conforme as forças de suas partes. Provavelmente era uma figura parecida com esta que deveria ter sido feita na *Oplosophia*, como visto na página anterior.

La suma d lo que contiene este libro ha
en este del

Imagem 6: Capa do *Libro de las Grandezas de la espada*, de D. Luis Pacheco de Narváez.

De la verdadera Destreza. 56
Llaue y gouierno de la Destreza.

L OS Titulos le damos justamente a esta demostracion, tá propios en los nombres, quãto semejaes en los efectos: pues le dezimos llaue y gouierno de la Destreza, por que los efectos que haze la llaue (que es el primero) los tres, abrissecrar, y guardar: estos propios haze en la Destreza, la demostracion preçientes: por que si quisieredes entrar en los calos mas inapçerçiables suyos, q̃ es la defelãcierta y verdadera, esta es la llaue maestra de

Verdadera Destreza. 36

L Sabio artifice que a cargo toma hazer algun edificio, para que sea perfecto, firme y durable, poncũmo cuydado en sacar los cimientos de la hõdara y entrañas de la tierra: y con suma diligencia, con regla, y otro

Imagem 7: Ilustrações dos movimentos a serem executados pelos discípulos segundo o *Libro* de Pacheco de Narváez. Note-se que os esquemas de movimentação referem-se à lição a ser aprendida naquele capítulo – ao contrário do que acontece na Demonstração Universal da *Oplosophia*, que condensa numa única ilustração todos os movimentos a serem desenvolvidos por todo o corpo do Destro.

Imagem 8: O Destro de Pacheco de Narváez em dois momentos: portando somente a espada e paramentado como cortesão; veja que o *Libro...* distingue o Destro em dois momentos de sua vida – na corte (com todas as obrigações que a vida aí apresenta) e fora dela (onde o homem pode ser “natural”).

Y los remedios, contra ella. 89
Contra la comun postura de los vulgares.

O M N Y vñda manera es, y ha sido entre los que tratan la Destreza ordinaria, afirmarse, el brazo curbo, todo hecho angulos, que es doblando la coyuntura del codo, y la guarnicion de la espada ca si arimada al muslo derecho, y la punta alta, a quica ellos dicen puerta de hierro, y los pies desproporcionadamente abiertos, cargandole sobre el pie yzquierdo no considerando, que todo aquello que está en cogido, el brazo, y la espada en la tal postura, dexan de alcanzar a su contrario, demas de estar en postura vltimada, que

De la verdadera Destreza. 66
Passada. Passo senzillo, Geometrico.

Porque figamos en todo el ordẽ de los autores, a quĩ hemos citado, serã justo comẽcesmos lo primero por la passada, q̃ como os he auisado, es aquella q̃ vno da, quando se passa, y juntamente declarar la passada simple, que es el passo q̃ se da quando andamos ni a priessa, ni a despacio, q̃ como ya queda dicho, es a quien Carrãça llama passo Geometrico. La passada, que es la mas pequena, ha de tener de largura dos pies: la cantidad del vno, es la q̃ ocupa el pie yzquierdo, como parece dõde dize: P I E, hañla numero 1, y el otro, q̃ está de vazio, hañla numero 2, es el pie hueco q̃ ha de auer del vno al otro, como se vee en la linea recta de pũto. A. a pũto. B. y así está diuidida en dos partes iguales, la vna maza: porq̃ la ocupa el pie, y la otra hueca: y lo mismo en la linea curva de pũto. A. a pũto. I. y en la otra linea curva de pũto. A. a punto. R. y en las laterales

Imagem 9: Fólíios do *Libro...*; cada lição de Destreza é acompanhada de uma figura que ilustra como os movimentos devem ser executados corretamente. Por sua semelhança com este manual, presumimos que a *Oplosophia* também apresentaria tais ilustrações caso houvesse sido impreso

Imagem 10: Capa dos *Diálogos* de D. Jerónimo de Carranza.

Imagem 11: Fólhos dos *Diálogos*; note-se que as ilustrações aparecem em meio à narrativa, conforme as explicações de Charilao a respeito da Destreza. Podemos ver no fólho acima a disposição geométrica dos movimentos, semelhante à Demonstração Universal da *Oplosophia*, embora também não tão detalhado e compreensivo.

ANEXO II:
OPLOSOPHIA E VERDADEYRA DESTREZA DAS ARMAS

ANEXO II:

OPLOSOPHIA E VERDADEYRA DESTREZA DAS ARMAS

Arquivo: Academia de Ciências de Lisboa

Referência: Catálogo Vermelho, Mss. 91

Documento: Manual de Destreza das armas

Assunto: Manejo de espadas

Data: 1630-1632

Local: Lisboa

Descrição: livro em quarto, manuscrito, com 14, 97 e 7 fólios numerados escritos frente e verso. Transcrição realizada a partir de cópia microfilmada pertencente ao arquivo pessoal da professora Ana Paula Megiani.

Observações: notas marginais que no original constituem adendos ao corpo de texto foram transcritos como notas de rodapé. Numeração dos fólios não segue numeração prévia do autor por esta estar incorreta.

A transcrição do livro segue as regras convencionadas pela ABNT e copiladas pela professora dr.^a Eni de Mesquita Samara, Madalena M. Dias e Vanessa S. B. Marquese em *Paleografias e Fontes do período colonial brasileiro*, o que significa: que o texto é mantido o mais próximo o possível do original, sendo as palavras grafadas unidas separadas somente em casos em que a leitura seja prejudicada; a linguagem não foi atualizada; as abreviações foram desenvolvidas, sendo que o texto incorporado se encontra sublinhado; as linhas e fólios em branco estão anotados na posição em que aparecem no texto; quaisquer adições ao texto original encontram-se sublinhadas e/ou entre colchetes.

A edição de *Paleografias e Fontes do período colonial brasileiro* consultada foi a Versão Preliminar da mesma.

[Fl. 01]
OPLOSOPHIA
E VERDADEIRA
DESTREZA
DAS ARMAS
[Brasão]
AVTOR
DIOGO GOMEZ DE FIGVEREDO

[Fl. 01v., em branco]

[Fl. 02]
CENSVRAS
[em branco]
[em branco]

Não tem este livro algũa cousa contra a fé, ou bõns costumes, e será de proveyto aos que uzão armas, e pretendem ser Destros nellas, e assi me parece que se pode imprimir. em São Domingos 27 de Mayo de 1630 [assinatura] frey Diogo Ferreira
[em branco]

Vi este livro, que tem por titulo Oplosophia e Verdadeyra Destreza das armas, recopilada em regras universaes, e Alforismos graves autor Diogo Gomez de Figueredo Portugues, não há nelle cousa grave contra nossa santa fé ou bons costumes; antes deve ser bem recebido dos que se prezarem das armas, assi pela matéria, pois trata de sua Destreza cousa tam necessaria ao politico cristão, como por seu estilo, que he tal que até aos de estado recolhido agrada, e quase por natural influxo acende para o uso das armas: principalmente quando o autor cõ artificio singular, e igual Destreza em seus preceytos e Aforismos ensina ao Destro não aferir de primeira tenção, mas a se defender que he acto e [?] inclinação natural, e a offensa que das armas aqui se aprende se ordena como afim seu à propria defensão. Será de muyta utilidade aos curiosos das armas sua lição, e muyto mais o seu exercicio, e servirá este livro de Roteyro à valentia, e de flagelo a ociosidade, e de envergonhar a inutil Poezia de nossos tempos corruptiva do esforço Portuguez, pello que julgo o livro por muy digno da Licença que pede o autor para o imprimir, em São Domingos de Lisboa 11 de junho de 1630 frey Thomas de São Domingos
[em branco]

LICENÇA

Do tribunal supremo da Santa Inquisição

[em branco]

Vistas a informações podesse imprimir este livro intitulado Oplosophia e Verdadeyra Destreza das armas, e depois de impreso torne confellido com seu original, para se dar licença para correr e sem ella não correrá, Lisboa 11 de junho de 1630

Gaspar Pereyra. Dom João da Silva. Dom Miguel de Castro

[Fl. 02v]

LICENÇA

Do ordinario

[em branco]

Dou licença para se poder imprimir este livro intitulado Oplosophia e Verdadeyra Destreza das aramas composto por Diogo Gomez de Figue=redo: he o primeyro que sobre esta materia se escreveo neste Reyno, cõ tanta singularidade, que não só he hũa luz nova, para que os mes= tres das armas ensinem menos as escuras, mas para que os curiosos Destros resplandeção, e se aperfeycoem mais, assi como a erudição dos capitulos e clareza dos Aforismos, como com o politico [?] e dis= creto do estilo cujas excellencias ategora [sic] não nos mostrarão nhũs dos que escreverão sobre esta ciencia; e eu pella experiencia que tenho assi de mestres como de outras pessoas doutas nestes Reynos, e nos mais de Espanha, não vi nhũ que com mais elegancia e facilidade mostrasse esta ciencia; pois sendo quasi impossivel redduzir a preceytos a natureza humana, este livro as sogeyta as regras tam claras e infaliveis, que parecem suas razoes a mesma obra da Verdadeyra Destreza: pello que merece que Vossa Magestade lhe conceda a licença que pede, para que não nos falte hũ demos= trador de todos os bõs costumes, e este Reyno não necessite do nobre exercicio das armas, pois he tam importante assi para honra e adorno [?] deste Reyno. Lisboa 28 de junho de 1630

Simão Cabral

[em branco]

LICENÇA

Del Rey

[em branco]

Vistas as licenças do Santo officio e ordinario podesse imprimir este

[Fl. 03]

este livro intitulado Oplosophia e Verdadeyra Destreza das armas, e não correrá sem primeiro tornar a esta meza para se taxar.

Lisboa 12 de julho de 1630

Araujo Cabral Salazar

[em branco]

[em branco]

Authori

Plumo, et gladi dexteritate

Clarissimo

Dom Hieronymus Mascarenhas Sacri Collegy

Divi Petri Collega, et in Conimbricensi

Sede Canonicus

EPYGRAMMA

[em branco]
Plumam ne, an gladium potius mirabor [?] ? utrunque;
[em branco]
Hic est Cosar (ait fama) in utroque meus
[em branco]
[em branco]
Cosare quin maior, gladios vibratque, rotatque,
[em branco]
Cosaiosque docet digladiare duces
[em branco]
[em branco]
Pluma etiam alatus super othra maior in ardet;
[em branco]
Iuliaque illustri proterit astra pede:
[em branco]
[em branco]
Fama aude mauis: Eomane Cosare Cosar
[em branco]
Clarior irridiat quando in utroque tuus

[Fl. 03v]
Jacobo Gomesio à Figueredo
Militi Strenuo Gladiaturo exploratori insigni
[em branco]
Emmanuel de Rego à sosa A [?]
[em branco]
EPYGRAMMA
[em branco]
Mars gladio, Alcides animp, tibi cedat Vlysses
[em branco]
Ingenio, nam tres, sis licet unus, agis
[em branco]
[em branco]
Ense quis egregior [?] ? pugnīs animosior ? Astra
[em branco]
Testentur mentem, qua saper ipsa volas
[em branco]
[em branco]
Quadque voles, operis nimium probat hujus acumen
[em branco]
Quo, fera Lusyades, procipis, arma regant
[em branco]
[em branco]
Elmineo [apagado] Mauros quiequid tua robore dextra
[em branco]
Exercit mira promis, eu art doces

[em branco]

[em branco]

Quis nom laudet opus? penitus cui dextera torpet

[em branco]

Vel cui tabificus viscera livor edit

[em branco]

[em branco]

Profem vero quisquis certamine gaadet

[em branco]

Extollat, discat terque quaterque legens

[Fl. 04]

Joannes Gomesius à Figueredo

Fratri suo amantissimo Jacobo Gomesio à Figueredo

digladiandi artem scribenti

[em branco]

EPYGRAMMA

[em branco]

Ingenio quondam sublimi prodita Pallas

[em branco]

Et Dea sanguineo cognita militio:

[em branco]

[em branco]

Cosar utraque manu librum gestabat et ense,

[em branco]

Cum decertabat perfera bella ruens

[em branco]

[em branco]

Pallade tu maior, tu cosare maior in armis

[em branco]

Nam quo summa duos lais beat unus arma,

[em branco]

Sic ab utroque tonas maior utroque: vale

[em branco]

[brasão]

[Fl. 04v]

Da Venus Portuguesa

A Diogo Gomes de Figueredo

[em branco]

DECIMAS

[em branco]

Tam raramente escreveis

Das armas que profeesaes

Que a fama que oje alcançaes

Vencerá da morte as leis

Tànu [?] a todos excedeis
Que venho a crer que aprendestes
de amor, e delle escolheste
Tretas de tanto primor,
Porque das treatas de amor
Parece que estas colheste
[em branco]
[em branco]
[em branco]
Vosso estilo nam recea
O nome eterno que adspira
Pois se por valente admira
Sutil a todos recrea
E tanto applause grangea
De vosso engenho a pureza
Nesta desuzada empreza
Que chego a considerar
Que por ser mais singular
Vos deu Marte sua Destreza

[Fl. 05]

De Paulo Gonçalves d'Andrade
A Diogo Gomez de Figueredo

[em branco]

[em branco]

SONETO

[em branco]

[em branco]

Dando preceytos ao furor da espada

[em branco]

Ia por vos moderado e discursivo

[em branco]

Livre redduz a effeyto executivo

[em branco]

Nas Destrezas a colera atinada

[em branco]

A virtude por si determinada

[em branco]

A effeyto nobre de valor altivo

[em branco]

Com o que de vos aprende, exemplo vivo

[em branco]

Se atreve justamente assegurada.

[em branco]

Assi do ingenho claro, e braço forte

[em branco]

Pratticada tambem, como esgrimida
[em branco]
Vos livra a espada da pensão da morte
[em branco]
Porque já discursada, e já regida,
[em branco]
Eximida das duvidas da sorte
[em branco]
Seguraes no valor a propria Vida

[Fl. 05v]
De dom Francisco Manoel e Mello
A Diogo Gomez de Figueredo
[em branco]
[em branco]
SONETO
[em branco]
[em branco]
Quando leo os capitulos que ensinas
[em branco]
(o claro Portugues) julgoos de sorte
[em branco]
Que não por Destra a morte, mas por morte
[em branco]
As leis quebrantara destas doutrinas
[em branco]
Mas quando nas Palestras perigrinas
[em branco]
Igualmente te vejo destro, e forte
[em branco]
Certo parece, que a inimiga sorte
[em branco]
Entre a vontade o braço determinas
[em branco]
Espada e pena pois que com vontade
[em branco]
O mesmo que hũa intrépida pelleja
[em branco]
A outra Scientifica derrama:
[em branco]
Ambas chaves serão da eternidade
[em branco]
Esta para serrar boccas da enveja
[em branco]
Aquella para abrir boccas da fama

[Fl. 06]

Dom Francisco Rollim de Moura
Senhor da Caza d'Azambuja

[em branco]

A Diogo Gomez de Figueredo

[em branco]

DECIMA

[em branco]

Com regulada eloquencia

Recopila esta nova arte,

Já scientifico a Marte,

Já beligera a sciencia.

Donde, com a experiencia

De que espiculando obrais

Quanto obrando espiculaes

Na razão, e nos sentidos

Imperios tam devididos

Nã só imperio juntaes?

[em branco]

Do Doutor Gregorio de Balçaçar de Moraes

Dezembargador da Caza da

Supplicação

A Diogo Gomez de Figueredo

[em branco]

DECIMA

[em branco]

Com tal destreza mostrais

Lo que elegante escribis,

Que maestro produzis

Com las artes que enseñais,

Uma y outra executais

Tan prefetas, que quisiera,

Que devos la aprendiera

Quien vuestra diestra imitara

Escriviendo quando obrara

Y obrando quando escriviera

[Fl. 06v]

De Manoel de Sousa Coutinho

A Diogo Gomez de Figueredo

[em branco]

SONETO

[em branco]

Izentar ao valor das maos da morte

[em branco]

Offender na defensa assignada

[em branco]
Sciente reparar, ferir ouzado
[em branco]
Dar regras ao furor, dar leis a sorte
[em branco]
Só a douta pess[o]a, só a espada forte
[em branco]
Do heroyco Figueredo o tem mostrado
[em branco]
Deixando tudo atras, tudo admirado
[em branco]
O seu menor rascunho, ou menor corte
[em branco]
Da Commum atenção tam respeitada
[em branco]
Tanto por vosso nome conhecida
[em branco]
A de ser a destreza desta espada
[em branco]
Que enquanto Phebo dar ao mundo vida
[em branco]
Ella sera por vossa eternizada
[em branco]
Sempre admirada, e nunca competida

[Fl. 07]
De Francisco de Faria Correa
A Diogo Gomez de Figueredo
[em branco]
SONETO
[em branco]
[em branco]
A pena douta, a espada experimentada
[em branco]
Igualmente se ajudão na doutrina
[em branco]
Que as lições que discreta a pena ensina
[em branco]
As exercita destra a forte espada
[em branco]
Na paz (a gladiatoria exercitada)
[em branco]
Graves questoes a pena determina;
[em branco]
Na guerra a forte espada predomina
[em branco]

No sangue dos inimigos já banhada
[em branco]
Assi vossa doutrina em vosso exemplo
[em branco]
Mais certa a considero do que quando
[em branco]
Em seus mesmos principios a contemplo
[em branco]
Assi gram Figueredo, ireis honrando
[em branco]
Da memoria immortal o sacro templo
[em branco]
A pena escrevendo, a espada obrando

[Fl. 07v]

Dom Jorge Henriques
A Diogo Gomez de Figueredo

[em branco]

SONETO

[em branco]

[em branco]

Infundis com valor e ingenho claro

[em branco]

[em branco]

Brior à espada e almas á Destreza;

[em branco]

[em branco]

Porque nesta offereceis rara Grandeza,

[em branco]

[em branco]

E na quella ostentais esforço raro.

[em branco]

[em branco]

Por hũa vosso nome he tam preclaro

[em branco]

[em branco]

Quanto erguestes a outra à mor certeza;

[em branco]

[em branco]

E igualando com arte a natureza

[em branco]

[em branco]

Dais à morte remedio, à vida emparo.

[em branco]

[em branco]

Não será vossa fama nunca breve,

[em branco]
[em branco]
Mas antes sobre os Astros sublimada,
[em branco]
[em branco]
Pois mais que à natureza a vós se deve:
[em branco]
[em branco]
Porque para viver eternizada;
[em branco]
[em branco]
Hé buril vossa pena, que a descreve
[em branco]
[em branco]
Na lamina immortal da Vossa Espada.

[Fl. 08]
De Egas Coelho da Cunha
Ao Leytor
[em branco]
SONETO
[em branco]
[em branco]
Nesta immortal retorica palestra
[em branco]
[em branco]
De elegantes figuras adornadas
[em branco]
[em branco]
Donde o papel é campo, a pena espada
[em branco]
[em branco]
Destra no difender, no ferir destra
[em branco]
[em branco]
O pensamento occupa, o braço adestra
[em branco]
[em branco]
Leytor, porque apezar da sorte irada
[em branco]
[em branco]
Te infunda vida, e gloria dilatada
[em branco]
[em branco]
A doutrina felis da espada mestra.
[em branco]

[em branco]
Observa seus preceytos appurados
[em branco]
[em branco]
Para alcançar coroa esclarecida
[em branco]
[em branco]
Com seu Author no templo da memoria
[em branco]
[em branco]
Que reciprocamente acreditados,
[em branco]
[em branco]
Gloria elle te dará de eterna Vida,
[em branco]
[em branco]
Vida tu lhe darás de eterna gloria.

[Fl. 08v]
De Diogo de Novaes de Carvalho
A Diogo Gomez de Figueredo
[em branco]
SONETO
[em branco]
[em branco]
Ao bélico clamor do irado Marte
[em branco]
Bellona forte e Pallas eloquente
[em branco]
Postrou Roma o poder mais eminente
[em branco]
Rendeu Grécia o flamigero estendarte
[em branco]
Das divindades que alcançarão parte
[em branco]
Todas teu braco [sic] epiloga valente
[em branco]
Pois teu valor e ciencia nos consente
[em branco]
Ver que de todas compoes hũa Arte
[em branco]
Assi cesse Belona Marte e Pallas
[em branco]
Que de teu raro nome interferir venho
[em branco]
Que os aventajas mais do que igualas

[em branco]

Pois dando de seu baço hum desempenho

[em branco]

Neste Epitome breve nos sinala

[em branco]

Tres Divindades em teu grande ingenho

[Fl. 09, em branco]

[Fl. 09v., em branco]

[Fl. 10, em branco]

[Fl. 10v., em branco]

[Fl. 11, em branco]

[Fl. 11v., em branco]

[Fl. 12, em branco]

[Fl. 12v., em branco]

[Fl. 13]

CARTA

[em branco]

Que o Doutor Duarte da Silva Protonotário

Apostólico mandou a Diogo Gomez

De figueredo

[em branco]

[em branco]

A magestade imperial para sua conservação e aumento dever ser
não somente ornada das armas, mas tambem ornada das letras segu=
do diz o Imperador Justiniano no proemio de suas instituições.

Bem se conformou Vossa Magestade com esta sentença desde os primeyros annos de
sua puericia, pois os empregou assi no exercício das armas, como no estudo
das letras humanas; professando hũa regulada milicia, hũa politica
eloquencia de que se seguio não pouca utilidade a este Reyno
Facilmente virá no conhecimento desta verdade quem ler este livro de
[corroído]; porque pella materia, e pello estilo mostra ser digno emprego de
seus estudos. A materia que por si he utilissima esta trattada scientifi=
camente, porque dedusida de principios, e regulada por preceytos se
dirige a fins certos e infalliveis. E [?] para abonação do estilo baste que
sendo tam varios os movimentos do homem no jugar da espada: Vossa Magestade os
explica por termos tam claros e intelligiveis, que não parecem rasões,
senão demonstraçoens, cujos impulsos poderá comprehender, e executar

ainda a pessoa que tiver menos conhecimento da arte.

Esta razão me desculpa de interpor meu juizo em materia, que pa=
rece alhea de minha profição, e me anima a pedir a Vossa Magestade que pois com
a excellencia da obra alvoroçou os animos dos curiosos, com a ppubli=
cação della satisfaça a seus dezejos, que he bem que se conheça, que
quando este Reyno mais necessita do exercício das armas, lhe acode
Vossa Magestade não só com a pessoa, appondo o peyto aos mayores perigos, mas
tambem com a doctrina, instruindo e addestrando pessoas que o pos=
são imitar; Guarde Deos Vossa Magestade. Lisboa, 29 de Mayo de 1630
Duarte da Silva

[Fl. 13v., [em branco]]

[Fl. 14, em branco]

[Fl. 14v., em branco]

[Fl. 01]

OPLOSOPHIA
E VERADEIRA DES
TREZA DAS AR
MAS

[em branco]

[em branco]

Recopilado em regras universaes e
Aphorismos graves, por Diogo=
Gomez de Figueredo

[em branco]

[em branco]

M. DC XXVIII

[em branco]

[brasão]

EM LISBOA

[Fl. 01v., em branco]

[Fl. 02]

DEMONSTRA
ÇAM
VNIVERSAL

[gravura]

- A. Linha do Diametro que reprezenta o braço, e espada, he o que mais alcança
- B. Linha obtusa
- C. Linha aguda
- D. Circulo que procede da munheca, he o mais breve
- E. Circulo que nace da junta do cotovelo

F. Circulo que se faz com a junta do ombro e nacimiento do braço

G. Meo proporcionado

H. Meo de proporção

I. Linha infinita

L. Circulo, que se representa entre o corpo, e o corpo no chão

M. Superficie do homem, linha de contingencia ou tocamento

N. Circulo que se representa entre os hombros dos combatentes

R. Angulos e linhas rectilneas do meo de proporção

S. Linhas rectilneas do meo proporcionado

Por estes angulos e linhas rectilneas se caminha para abreviar, e chegar mais ao contrario [dando o com=

passo recto porque como a linha he recta o compasso o há de ser tambem.

Outro caminho se faz pella linha do diametro com paço recto, e outro pellas circunferencias [com com=

passo curvo, porque as linhas são curvas

A espada que representa a linha A tem duas vezes o comprimento do braço depois de [impunhada, e occu=

pão braço e espada na linha do Diametro os tres passos simples, que há entre corpo e corpo.

[Fl. 02v., em branco]

[Fl. 03]

AO SCIENTE

DESTRO

[em branco]

[em branco]

Não por dar luz aos scientes na Verdadeyra Destreza das armas, pretendi escrever este breve trattato dellas, mas para os estimular a que com pinseis de doutrina mais superior se estendão com novas cores poe este tosco rascu= nho sobrepondo as que lhe faltão, ou para livrar com mais delicados matizes da obscuridade a que condenam minha confiança, ou para o exi= mir com mais vivos realces do labarinto em que meu humilde ingenho o deixará principiado. E porque ninguem melhor ou com mais ventagem po= derá sentir desta sciencia que os doutos professores que a emparão (constran= gido de amigos e persuadido de alguns homens eminentes) tratey de divul= gar sua Verdadeyra Destreza, não sem muytos receos de que me notem por= dar em partes regras aos mestres, de quem todos devem tomar preceitos o que não será conhecendoser estilo de muitos escriptores fallar com al= guãs pessoas de couzas que sabem, e entendem melhor ou por crer que lhes são agradaveis, ou por ser tam grave a materia, que não merece fallar= se della com pessoas menos graves: e será só o castigo que podery ter por sair a luz com novidades, oirem [2] a dar estas em sogeito, que ou por defeito da inclinação ou por cuydar que o entende melhor com a rudeza de seu entendimento, culpe meu trabalho sem alcançar a sciencia, e vitupere o estilo sem saber o que julga, devendo respeitarse que deixarão os anti=

gos tam intrincada sua noticia, e ser tam pouca a luz com que os modernos nestes Reynos a aperfeioarão, que não foi menor em preza a depor em razão sciencia tam pouco apurada da negligencia de hũns, como confuza com as enredadas digressoes de outros; e assi somente levado do bem comum, e movido do effectivo obrar do insigne Goncalo Barbosa, me pareceo mui necessario resumir nesta Oplosophia, as flores mais principaes que em o discurso de algũs annos colhi da continua expiculaçam com que experimentey os termos desta sciencia, para que os curiosos que não sabem possam aprender nos Aforismos Gerais deste tratado a

[Fl. 03v.]

a theorica Destreza, e os scientificos se aperfeicoem imitando em tudo sua pratttica verdadeyra: E por não ignorar que ha de descobrir este livro a apaixonada cegeira de muitos, que tem constituido o fundamento de sua sciencia na detacção como se fosse o mesmo demonstrar que notar e entender que censurar espero ver grandezas de sua excellencia em sua enveja; demais de que me e animo a publicalo sem temores de censura que me offenda, ou por ter certa a desculpa de seus erros em minha ignorancia ou pello terem revisto homens tam doutos que de necessidade por encobrir sua falta, devem calar as que lhe acharem, pois quando eu fiava menos delle lhe não notaram nhũa, e assy na evidencia de que tenho por my a opinião dos mais scientes importará pouco que aos ignorantes desagrade, que quando de seu torpe engano não achem castigo no riso de todos, ao menos devem comfessar sempre a novidade dos termos e o infalivel das regras, e o resumo dos preceytos vendo claramente no succinto deste Epitome o mais essencial da perfeyta Destreza, sem a varia mistura de especies Philosophicas, Mathematicas, Anatomias e Aritmeticas, e sem o embaraço de fallar por linhas, Hippotenusas, ffetuosas [?], Paralelas e perpendiculares nem outras deversidade de couzas, que escondem a hũ entendimento moderado o sustancial e puro desta sciencia.

[Fl. 04]

LIVRO

PRIMEIRO

Da theorica da verdadeyra Destreza

[à margem direita] Mas ainda que foi a espada mais
[à margem direita] antiga, e que o uso, e principio della que
[à margem direita] se fez no ceo antes que ouvesse homens na
[à margem direita] terra, naquella grande batalha entre
[à margem direita] o Archanjo S. Miguel, e Lucifer, na qual
[à margem direita] foy vencido com seus sequazes, de
[à margem direita] sorte que a primeyra vez que se vibrou
[à margem direita] a espada foi para vencer, e suposto que
[à margem direita] esta batalha não foi com armas mate=
[à margem direita] riaes, e foi entre espiritus com razoes e

[à margem direita] lutas espirituas, comtudo o Evange=
[à margem direita] lista lhe dá nome de batalha e por tradi=
[à margem direita] ção se pinta ao glorioso Arcangel arma=
[à margem direita] do com espada.
[à margem direita] Joan: Apoc: 12.

Capitulo Primeyro.

Da Antiguidade da espada e de suas excellencias.

[em branco]

Grandiosamente authorisa, as maravilhosas excellencias da espada o lerse [à margem direita] genes: cap.3.

nas letras divinas que fora hũ Cherubim o primeyro em cujo braço a vio o mundo, para defender com ella a entrada do Praizo a nossos primeyros paes quando delle forão lançados pello pecado)) e bem bastara para abonar e dar credito a suas grandezas, tam divino fundamento e tam sublime origem se= tambem a não tiveramis, por amparo, e resgoardo da fé, por patrocínio e segurança da honra, e por defesa, e arrimo da propria vida*. A noticia de tam excellente arma, e o importante de seu galhardo exercicio, esteve por muito tempo sepultado, até que em Grecia os Lacedemonios a introduzirão elegendoa para continua e fiel companheira dos homens, para goarda, e conservação de suas patrias, e para adorno e pompa de todas as Monarchias; com tam felice acerto, e com tam acertada felicidade que por lisonja desta antigua memoria, quando não por paga desta venturosa noticia ate a mesma grandeza de outras armas lhe cede ventagens, e posta cobardias, pello airoso, pello valente, e pello antigo, porque he o luzimento de toda a gala, o remate de toda a valentia, e descobre bem na perfeição de sua imagem, ser digna fabrica de seu primeyro Artifice*:

* Bello Rey de Babilonia, neto de Noe, foi o primeyro que uzou espada de ferro, e delle (como em profecia de que este avia de ser o arnez que mais resplandecesse na guerra) se dirivou bellum que a significa. porê. Pened: com: Tert. d. spect: c.19. n. 162.

* O que não ignorando os Politicos e valerosos Romanos como tam perfeitos e universaes em tudo lhe derão sempre o primeiro lugar, assim na paz como na guerra; naquela porque nhũ cidadão deyxava de a cingir, e nesta porque todas as ordens de soldados em

E são tam magestuosas suas particularidades, que foi por hũa dellas escolhida para ser sua figura simbolo da perfeita justiça, virtude tam [à margem direita] Plinio lib: 7.

[Fl. 04v]

levantada e absoluta, que abraça e contem em sy o uzo de todas as outras, dandonos a entender nesta representação que não deve faltar justiça ao que quizer melhor exercitala, porque sempre fallecem as forsas don= de esta senão acha, e tudo he incerto e duvidoso: se anda apartado do que derecho e justiça por ser esta hũa observaçãodas leis, hum mandamento das obras de todas as virtudes e hũ freo dos vicios de todos os delectos*. Atos trassenos juntamente e incluesse na espada a Virtude da fortaleza comprehendendoa em sy para dispor melhores meynos na esperança dos bons successos, porque a fortaleza he o coração da espada e o norte da boa fortuna. E não he tambem limitado lou= vor o averse feito a sua semelhança (por inspiração divina) o habito da ordem do Apostolo Sãotiago, que trazem em seus peitos os cavaleiros della obrigados (como aquelles seus primeyros instituidores) a refrear

que ambos os autores dividem a milicia

Romana: se armavão com espadas

quazi como as nossas de dous

cortes e boa ponta e anida [?]

que varião nas outras armas

nunca na espada como por

dar a entender que sem ella

nem o soldadopode reprezen=

tar que o professa [?] nem o corteção

descobrir o que representa

porque hũ deixaraia de ser prat=

tico, e só bizonho, e outro pate=

tico, e só inutil.

* e daqui naceo dizerem que o duello

era hũ juizo militar, porque nelle tudo se

determinava com a espada na mão, e bem

o testificação aquelles dous valeroso mancebos

Espanhoes Corbua e Orsua, que não acey=

tando os juizes que Cipião lhe queria dar

responderão que o seu juiz na terra avia

de ser sua espada, e no ceo o Deos Marte

e não só he juiz, mas com o privilegio de

igualar a todos os homens nobres, e não

nobres, porque como por ella se acrisola

a mayor valentia, não estima a condição

e dignidade de cada hũ, senão o valor e

esforço

o impeto de todos os infieis, assi por credito de tam nobre e authorisada relligião, como por honra de tam santa e maravilhosa insignia” Demais destas grandezas são tam magnificos os poderes da espada que com hũa outra arma parecem clustrãs [?] melhor os homens que com ella, sendo a com que se dão por mais seguros e a com que os animos mais se satisfazem, e só por esta se pode dizer que foi a principal cauza desse dilla= tar pello mundo o Valor do braço espanhol, fazendosse admirar em Asia, Temer em Africa, admitir em America, e respeitar em Europa como gloriosamente testemunhão os triunfos de hũns e outros Anaes, quiça por dezempenho da ajustada correspondencia que tem com seu animo pois he tam igual, que parece, que nem foi com mor acerto inventada para outro, e que em nhũ esta tam arrogante e airosa como nelle julgandosse claramente, assi pello temor de não querer chegar a espada com esta nação, qualquer outra, como pella ventagem que nella resplandece, se algũa quis aguardar seus rigurosos effeitos.[∞]

[em branco]

Capitulo Segundo.

[em branco]

Da origem e da antiguidade desta sciencia.

He de tanta consideração para qualquer Republica a sciencia da Verdadeyra Destreza das armas, assi para se conservar como para se de=

» e se a lança do emperador Constantino por ser feita em forma de cruz foi tam estimada de seus sucessores, principalmente de Henrique e Otho seus filhos não menos estimada se deve a espada pella cruz que reprezenta, antes maior porque não há nhũa a quem ou o costume diminua as guardas, ou a novidade a crecente invenções que perca na impunhadura tam divina forma e tam conviniente utilidade para seu manejo – Cardeal Barros in Epito: Bisiol. nação. 316.

[∞] Porque em todos os 14 annos continos que anibal guerreou em italia, vencendo aos Romanos nas 4 memoraveis batalhas de Tesin, Transimeno, Trevia e na sanguinolenta de Canas, assi como os Gallos pellejavão com montantes os malhorquirs [?] com fundas e os Numidas a cavallo em que erão muyto destros, os Hespanhoes batalharão com espadas, que tam propria como na tiga he neles esta singular arma.

fender de seus inimigos, que he por esta cauza sublimada entre as demais

[Fl. 05]

demais sciencias, suposto que he tam incerta a noticia que della nos deixarão as hystorias antigas, que nem ainda por tradição sabemos, que aja tido em algu tempo, nem em nação algũa, por firmes fundamentos de sua Verdade os provaveis discursos e resoluções da sciencia, fundados no alto conhecimento dos effeitos por suas cauza, mas somente com os principios da natureza que os mantinenses [à margem esquerda] alcançamos, que teve origem dos Jogos [Gladiadores de que uzavão os antigos inventarão e [à margem esquerda] os quaes exercitavão homens, que tinham por officio em [todas as festas (particularmente nas funebres) sair em campo e hũ por hũ matarse, por dar gosto aos vivos, e honra à memoria dos defuntos*, em seu principio se tomou do uso, que os antigos tiveram de comprar cattivos que matavão, nas exequias dos homens principaes que morrião; e parecendo pello discurso do tempo grande crueldade mattar gente humana a modo de feras uzando de hũa cruel misericordia os deixavão adestrar nas armas, para que dilatando algũ Tanto a morte, fizesse o acto mais celebre, e fossem elles proprios executores do sacrificio: E costumavãose tanto estes jogos, que qualquer pessoa commum se metia nestes apparatus, que não tam somente erão demonstraçoens funeraes, mas ensayos que na paz se fazião para a guerra, achando que cauzava tambem muito proveito o horror de tantas feridas para animar aos circuntasntes, donde se colige, que ate de ver exercitar as armas, se tira grande e particular utilidade; Diz Cesar na sua Poetica que o primeyro que introduzio este modo de batalhar hũ homem contra outro, que foi Decio Junio Brutto, e affirma Valerio maximo, e outros autores

* E de se fazerem algũas vezes junto dos monumentos se chamavão Bustuarios, à bustus que senifica a sepultura; e veo a gostar o povo tanto destas festas sanguinolentas que de exequias de mortos vierão a jubilos de vivos, de lagrimas e sinzas de defuntos se mudarão a triunfos e aplazos de vitoriosos, e assi nos Tertul: in lib. de [à margem esquerda] mais alegres specta: [à margem esquerda] banquetes que os Romanos Servio sobre Viv [à margem esquerda] davão os fagil: [à margem esquerda] ziam com espadas; e segundo a grandeza dos convidados se acrescentavão ou diminuião caindo mortos sobre as proprias mézas

na praça Boaria [à margem esquerda] que foy tambem o primeyro, que em Roma nas [honras de seu pay fes exequias [à margem direita] nard. deinvent.

❖ outros dizem que [à margem esquerda] publicas com a sobredita solennidade❖ E forão [insignes Gladiadores Pitto, [à margem direita] rerf. lib. 2.

Appio claudio, e [à margem esquerda] Bachio, Ersenio, Partacho, Turbo, entre outros [muytos, e finalmente para que se in=

julio consules [à margem esquerda] fira a antiga nobreza desta sciencia, e ninguem se [despreze de a exercitar

Commodo Emperador de Roma a uzou, e professor sendo Gladiador, po= [à margem direita] Phylip. Bero: in

rem poprque todos morrião brutaemente sem dilatar as vidas com sua sci= [à margem direita] comp. super Asino

encia, e senão introduzir mais sua falsidade os desterrou de Roma [à margem direita] aureo

Honorio seu Emperador, mas como os vicios são mui dificultosos de se ex= [à margem direita] Apuleo. lib. 4.

tinguir, com aquella barbara incerteza, e iniquidade, a erdarão muytos que ate oje a profissão; Depois a ensinarão por toda Europa varios mes= tres particularmente estimados em suas nações, sendo o mais antigo Põns de Perpinham, Achile Marazo, e Camilo Agripa, que o foi o primeyro que intentou reduzila a sciencia, ou que a condenou a mayores escuridades,

[Fl. 05v]

a cuja imitação florecerão Angelo Vizoni Salvador deFabres, e Jacome de Grasi, e outros diversos^ em que ainda vivera mais haba tida e depravada, se na nossa Hespanha o Comendador Jeronimo de Carrança levado de hũ sublime e puro ingenho senão aventaja= ra aos de seu tempo em aperfeiçoar illustrandoa na impressão de hũ livro, em que eruditamente quis provar a essencia da Verda= deyra Destreza conferindo sua certeza com a firme Verdade das [à margem direita] Narvaez [no

sciencias, porem como diz Dom Luis Pacheco sobre o mesmo livro, [à margem direita] [Proto

ou porque as cousas não podem chegar logo a seu supremo estado, e estão todas sugeitas a erros e descuydos, ou pella aspereza

^ enfarandosse [?] assi mesmos com a publicação de alguns livros que numerados [?] por elles, e cheios de cousas tam extra- humanas [?] como costumão sair daquelles que avendo com seus caprichos formado novos conceytos não tiverão depois discrição para o que me= dir com a prattica, que he a pedra de toque [?] que ensina a diferenças e quilates que hà entre o ouro fino da Destreza eo falso al= quime da esgrima.

novidade e dificuldade da materia, suas obras sempre se crerão e estimarão porem nunca se esntenderão; siguirãose a esse livro ou= tros, entres os quaes, e mais modernos^ os que Compediou o mesmo Dom Luis da doutrina de Carrança, mas tambem como ele proprio affirma materias graves novas, e não mui familiares, não hũa ves senão muytas, não em hũ senão em muytos dias, se hão de ver e ler, que as cousas grande, queremse mui bem trabalhadas e espicula= das, porque não pode com pureza de hũa vez alcansar tudo a im= perfeição humana; suposto que ningem pode negar deveremse lhe as suas obras mil aplausos com a admiração, pella suavidade do estilo com que as dispoem tam levantadamente, que só outro so= jeito como elle deve ser digno de as entender para as obrar prat= ticamente, pois fazendo em varios lugares tantos encomios às demonstraçoens e agudeza de Carrança, logo em hũa carta em que es= creveo a instancia de Duque de Cea não somente lhe encontra to= dos os preceytos que hũ tempo avia seguido por norte de seus mayores acertos mas assi mesmo se contradiz nas mais atinadas regras, e sustanciaes demonstraçoens do seu Compendio; como se consi= [à margem direita] [Comp: dial:

dera quando affirma com altos encarecimentos aver feridas uni= [à margem direita] fol. 6.

versaes que não fazem exceição de corpos, nem de armas, e depois com raras negaçoens, e excessivos espantos, diz que tem por imposi= [à margem direita] [Carta fol. 27.

vel aver ferida nem treta universal, não tomando nunca ponto fixo em seus fundamentos, como tambem se ve naquella Demons= [à margem direita] [Comp: fol. 137.

tração delle tam admirada dos comparsos para todas as especi= es das armas a quem na carta reprova imputandolhe mil obgeçoens [à margem direita] Carta [fol. 36.

a o que

[Fl. 06]

ao que pudera bem responder, e juntamente desculpar-se, confessando não aver gastado tanto tempo na experiencia pratica como na espiculação theorica, pois daquella se segue com singular conheciemnto a verdade [à margem direita] [Arist: lib: e meta

certa com prova infalivel, e desta muytas vezes no obrar, enganos manifestos com a certeza apparente; é que só por fazer ostentação [?] de outas scien= cias, confundio a que trattava, mesturandolhe infinitas cousas superflu=

^ hũ que Rodolfo capoferro mestre da Nação Alemã imprimio em italiano com estampas da espada só, espada e punhal, capa, e rodella compusturas descompostissimas e sem nhũ fundamento, e

as, mais para pompa da frase do que para o abono da Destreza; más comtudo nhũa de suas demonstraçoens censuro por não indiciar meu Juizo de temeroso, que são todas as censuras pella mayor parte nacidas de temerosos envejas; nem tampouco defendo, porque não ho meu intento, explicarme por figuras, que incluem em sy fundamentos de tantas e tam varias sciencias, pois fora necessario que primeyro soubessem cuydadosamente os muytos nomes exquisitos, e os diversos e occultos termos de faltar das sciencias, do que se aprendesse a verdadeyra Destreza: e assy para que em commum os que não fossem Doutos, senão desculpassem de deixar de aprender (dizendo que não avia della doutrina clara gerlamente para todos; ajustadas às naturezas e ao procedimento das espadas brancas) neste capitulo seguinte se escreverá como se apurou, e nos mais o que se deve seguir para a bem obrar.

[em branco]

Capitulo terceyro.

[à margem direita] Tacit: lib. 11. ana:

Da cauza porque se apurou esta sciencia.

[em branco]

A razam porque a sciencia da Verdadeyra Destreza não chegou ategora a consumarse de todo, foi por não aver nhũ que a bem obrasse, e muitos que a perveterão deixandoa passar com a ligeiresa do tempo de erro em erro, e de falsidade em falsidade, presumindo que o que mais se singularisava em termos fora da razão era o que só merecia nome de mestre, não lhe concedendo nunca algũa a pura Verdade de seus fundamentos* assi que

* assim que por estes defeitos, e porque as materias altas não podem de golpe [?] chega assim a pureza me não espanto das opinioes que hão maltratado esta ciencia. Claudio emperador avendo achado que a escritura grega senão avia posto em perfeção de hũa vez, acrescentou às letras latinas novas formas e carateres: os primeiros forão os Egipcios que por figuras de animaes declaravão os conceytos de seu entendimento, e estes se tem e publicação por inventores das letras; E daqui os Fenices (porque então erão os mais poderosos no mar, e navegavão por todas as partes) forão os que as meterão em grecia, e alcançarão a gloria, como se elles ouverão inventado o que receberão de outros, que não se podem de hũa vez acabar as couzas grandes, porque he nessessario despois de se lhe dar

inda vivera humilde, e desestimada se o insigne Gonçalo Barbosa não publicara nestes Reynos tantas excellencias della, vindo com a prudencia propria (que protentosamente fes sobrenatural seu ingenho)

[Fl. 06v]

ingenho) e com a continua experiencia de muytos annos a dar em hũa profunda consideração das principaes partes desta sciencia com que alcansou assy sua certa espiculativa como sua mais verdadeyra obra que he o ingenho humano tam industrioso, que até não constituir o que pretende apurar em sua ultima perfeição sempre meditando, nunca sossega a fim de inventar novos percytos, e de emmendar e facilitar os antigos*, pello que se pode crer que tem chegado a seu mayor estremo, pois logorou no grande ingenho do insigne Barbosa o mais seguro fundamento do ferir sem receber, e a mais clara verdade do atalhar offendendo dilicadezas de que foy supremo inventor, bem apesar daquelles queo sensurão por não alcansar tanto*; porque se a perfeição de cada sciencia em particular depende da noticia e conhecimento de todas, não se lhe escondeo a luz das que servem para a Veradeyra Destreza, porque se bem as não estudou particularmente, teve sempre dicipulos que professando as todas lhe cederão na viveza de as praticar, que não era seu ingenho menos prompto, nem menos aguda sua industria, e assy acharão sempre em seu admiravel natural doutrina as sciencias, impitu a Destreza, e valor as execuções com que à forsa de espiculativas experiencias grangeou seu nome a immortalidade, pondo os pés sobre a fama, e a espada

principio aver quem as perfeições

* que os engenhos gual[danificado] urdos se aquietao, poucas vezes com estado prezente, porque a felicidade se busca sempre nas cousas de que se carece, e nellas só descansa quem as consegue

* suposto que outrosatados coma ligadura do proveito destas novidades sempre o admirarão protentoso: nunca se achou Barbosa com mestre algũ, que não o espantasse: não he isto fallar dos tempos passados, aqui o avemos visto, e tratado; que estrangeiros (a quem em suas patrias tinham por assombros na Destreza) postos com elle não confessarão que não sabião nada?

sobre a enveja: e no methodo de ensinar o confessará Principe o melhor de Hespanha, assy com vozes, como com aplauzo, favor que lhe concedeo o brio das accoes, a clareza da Teorica, e o infalivel da prattica; porem comtudo, (furtuna dos grandes sogeitos) não puderão as azas de seu ingenho occultalo à vista de seus contrarios, mas que muyto se o resplandor de seus preceitos aclarava a escuridade de sua vista: famoso ha sido, celebre ha triunfado, e bastelhe para elogio de suas obras aver merecido aquelle decoro tão relevante de todos os que o conhecerão, e aquella admiração tam grande dos que tiveram noticia de suas couzas; e os muytos e graves dicipulos, que pello mundo dillatarão tanto seu Apellido, ora vencendo em varias disputas os professores desta sciencia mais doutos e iminentes

[Fl. 07]

e iminentes ora em publicas batalhas, dezenganando aos que injustamente usurpavão este nome, apartandoos de suas falsas opinioes com tanto vigor da espada, que me espanta averem ainda ceypas particulares que intentem depravar sciencia tam nobre, devendo tambem advertir, que nella senão acharão ategora exemplos, que na prattica se pudesse observar com segurança, e que lhe descobrira o tempo hũtam único sógeyto, que nem ensinou nunca com imitação, nem teve quem com propriedade o immitasse: estremos, que depois de sua morte devem solicitarlhe ser seu nome mais altamente celebrado, e seus perceitos a todos com mayor ventagem perferidos, ou porque a Vida prezente he sustento da enveja, e inimiga da fama, ou porque ate os humildes detractores de suas obras lhas hão de perpetuar, dezenganandosse com o mayor credito, que então se há de dar a sua Verdade.

[em branco]

Capitulo Quarto.

[em branco]

Da origem do nome Oplosophia e do fructo que se tera em a prender a Verdadeyra Destreza.

[em branco]

Porque sempre o instrumento principal das cousas, que se ensinão e tratão he o nome que se lhe poem; e anima muyto a quem ha de aprender alguma sciencia saber as utilidades que de sua doutrina se conseguem, julgey, que seria uma advertencia grande não dizer (antes de definir esta sciencia) assy a razão porque a intitulo Oplosophia, como calar aos curiosos os proveytos de a exercitar: pello que considerando a impropriedade dos nomes que se lhe punhão, e o muyto que merecia ser conhecida por algũ, que não desdicesse de sua grandeza, me pareceo chamarlhe Oplosophia, valendome para melhor authorisar a composição desta palavra, da união, e forsa destes

dous nomes Gregos, Oplon que quer dizer armas, e Sophos que senifica sabio, ou sapiente, que conjuntos formão o de Oplosophia e valem o mesmo, que sapiencia, ou sabedoria das armas; immitando desta sorte o modo dos nomes que os Philosophos antigos accommodarão com tam propria energia às melhores, e mais selectas sciencias: E porque tambem senão ignorem os proveitos

[Fl. 07v]

que com esta se grangeão em primeyro lugar se sabera que servem seus exemplos regras e preceytos de dar perfeição à natureza de excluir os movimentos que não são de nhũ fructo, e de liquidar com arte os mais necessarios para conseguir sua Verdade; porque com s Verdadeyra Destreza (em cuja sciencia concorrerão as mais nobres e excellentes) se aperfeição as despocicoes, se afinão os perfis do corpo, e se alcança como se ha da fazer toda a ofensa sem a receber, porque he hũa luz que mostra os mais seguros caminhos para a consequencia dos effeitos: E com a sciencia da Verdadeira Destreza se habilitão os animos para os apertos, e necessidades, se moderão os impetos perversos da paixão, e segundo a forsa da inclinação natural em que se cultiva faz aos homens valentes mais valentes sizudos e confiados, conservando e apurando estes, e suprimdo muytas faltas aos que o não são por natureza assy encobrindolhe com arte as accoes, como emmendandolhe com o exercicio o Valor: Tirasse tambem por fructo conhecer, que por razão natural, estamos primeyro obrigados a defendernos, que a prejudicar ao contrario, e depois debaixo dos meos infaliveis, que para isso ensina a Destreza offendelo, porque em querer dar muytas feridas está certo o perigo da falsa Destreza, que he dar uma por receber outra; erro em que de ordinario cae, quem não tem inteyra noticia desta sciencia, cujos preceytos mostrão que a sombra da defesa se conseguem melhor os effeitos[^] e em algũ modo o persuade assy a prudencia da natureza, em tudo tam provida, que não há animal por pequeno que seja, a quem não concedesse algũa virtude afim da propria defensa; e só por dar a entender que se deve tratar primeyro desta, antes que de offender ao inimigo, com singular acerto entre as leys heroycas dos Valerosos Gregos, mais se castigava quem perdia o escudo que quem largava a espada. E não he de menos proveito conhecer que com a sciencia da Verdadeyra Destreza se acquiem e acrecentão grandes confianças ao Valor, se alente, e exercita o corpo, se aumentão, e multiplicão as forsas, se defende e ampara

[^] e que a ofensa e defesa

são correlativos porque [à margem direita] sardi Archi:
hũa não pode estar sem [à margem direita] militar in prol:
a outra

a vida; se grangea e perpetua a honra; se dilata e conserva a fama;
se sublima e eternisa o credito; e finalmente se alcança com seu uzo
entre os inimigos respeyto, e entre os amigos estimação.
Cap.

[Fl. 08]

Capitulo Quinto

[em branco]

Da Difinição da Verdaeyra Des=
treza das armas, e o em que
consiste o ser destro.

[em branco]

He preceyto mui antigo começar qualquer doutrina pella difinição do sogeyto, por ser hũ thema tam fecundo, que não há contemplação na ciencia que nelle se não incluia: E porque o sogeyto desta obra he a verdadeyra Destreza= treza, importa escrever primeyro o que contem sua essencia, para que de= pois de entendida por tam perfeyto meo, se possa melhor demonstrar a no= vidade desta doutrina, declarando ser a Verdadeyra Oplosophia, hũ co= nhecimento, e habito, que ensina, e obriga a ferir, e a defender, e que o em que mais consiste o ser Destro he somente em duas couzas (a que to= das as outras da Destreza se redduzem) A primeyra em saber tomar, ganhar, ou sogeytar a espada, indo para ella do meo de proporção, ou pella parte de fora, ou pella de dentro, agraduando o numero mayor ao menor, para perverter com mais facilidade a linha do Diametro, e fe= rir ocupandoa; pois em outra senão fas sem risco, chegando o mais que puder ser a ponta da espada à guarnição da do contrario, por estar assy mais propinqua para o effeito; pois tendosse em lugar remoto, bem pode a espada estar agraduada, e não ter sogeyta a contraria: avendo discre= tamente elegido conviniente distancia, e meo proporcionado para se bem ferir, porque este he a chave de toda esta sciencia, e o mais seguro funda= mento de sua Destreza; E a segunda em que tambem consiste hé em saber dar espada, quando a toma, ganha, ou sogeyta o contrario, pondo a no meo da divisão, no ser em que se quis agraduar, sem descobrir o centro do braço e o seu ponto por nhũa parte, porque quem (dando a espada) quis cobrir algũ mais que este, de necessidade ha de descobrir outro, ficando então reservados todos os movimentos ao sentido do tacto (de que ao diante se dira as proporções que ha de ter para não ser falso) e de hũa e outra maneyra ferira infalivelmente sem receber danno o animoso, e cien= te Destro, supãdo que para ferir ao adversario, ou lha ha de faltar qualquer pequeno requisito de ciencia, animo, destreza, estatura, e foras, ou em algũ destes se lha ha de levar ventagem; porque ferir infalivelmente sem perjuizo, será impossivel sendo entre dous que batalhão iguaes estes

[Fl. 08v]

atributos, e esta vem a ser a desigualdade que tem o prudente Destro do imprudente, não fazer erros, e aproveytarse delles, pois quando aquel=

las partes forem com perfeição semelhantes, então só se conseguirá o principal fim da Verdadeyra Destreza, que he a defesa; que o ferir nesta ciencia, he somente pella porta que para isso abrem as perdas faltas, e descuydos, ou pellas ventagens e demasias que ouuer, que de outro modo não permite effeytos a verdadeyra Destreza; E ainda que neste lugar os termos de fallar da ciencia preção escuros com breues lições desta Oplosophia, se aclararão aos que de todo não forem de rudo ingenho demais que eu não dirijo a estes minhas regras nê preceytos porque ensinar cousas dilicadas a quem tem limitado entendimento he gastar tempo envão, e lançar a perder a doutrina, quando para a não confundir, me he forçado não dizer tudo neste principio, mas só dispor aos que quizerem ser Destros, com presupos= tos verdadeyros, e não muy remotos da concluzão, porque sem estas pervenções publicar tam novas sentenças contra o que o Vulgo tem persuadido, não serviria demais que de perturbar a afeyção dos cu= riosos das armas, e de fazer sospeytosa tam Verdadeyra doutri= na; e suposto que pareça oporse contra a verdade de ferir sem receber, a expiriencia ordinaria, he porque muytas vezes suc= cedem ao Destro differentes fins daquelles a que seus intentos se enca= minhavão (que são muytas as cousas que os podem alterar) e não porque a ciencia engane, que o Destro não he obrigado ao bom successo dos fins, porque sempre satisfas com a ciencia determinado aquillo que quer obrar conforme os preceytos della; visto serem tam incertos e infinitos os accidentes que podem impedir o fim das preposições, que quase he imposivel que os possa pervinir o Destro; pello que se mos= tra, que só he da ciencia(ou para melhor dizer da providencia do Destro) por os meos convinientes ao fim que intenta; parao que de= ve tracar no entendimento, as venidas que quizer fazer, dispon= do com perfeyta forma os termos infaliveis dellas, porque como da ciencia he não faltar ainda nos menores actos, assi à conta do Destro estão bem intentar, e o bem dispor, como só na mão de Deos o bom successo, com o perfeyto fim de todas as cousas, que a ciencia por sy só não pode com certesa conseguir.

Cap.

[Fl. 09]

Capitulo Sexto

[em branco]

Repartição da espada, e
excellencia dos numeros
com que se gradua

[em branco]

Hũa das razoes porque se errão as Venidas na Verda= deyra Destreza das armas he por senão ter pontual co= nhecimento em que se duvide, cuja certeza senão pode alcacar cientificamente se primeyro senão souber a quantidade

dos numeros com que se agrada: e porque nestes ouve
ategora varias, e não conuinientes opinioes, acomodandolhe
muytos e superfluos sem macisso fundamento, me pareceo
(considerada a importancia de sua agradação) declarar
esta materia como nova Doutrina.

Primeyramente mostrarey que o mais cabal e perfeyto numero
que tem a Arismetica he o de dez, assi porque todas suas le=
tras, e figuras se incluem nelle recopiladamente, e dentro
de seus confins estão os numeros de mayor misterio e excel=
lencia, como porque todos os numeros, que contem esta ar= [à margem direita] Moya na
[Arit:

te levão a este por fundamento em seu proceder infinito, [à margem direita] li: 1 cap. 1. e
4.

pois em chegando a dez se torna logo a começar outra vez
pella unidade, resumindosse tudo, que he fallar por de= [à margem direita] cananeo catal:
[glori 8:

zenas neste numero Denario, primeyro e forçoso termo de [à margem direita] mun:
consid 8

todos os numeros; e como este he o mais conuiniente que [à margem direita] Guillelmo
[Benedict:

achey na Arismetica para a agradação da espada, di= [à margem direita] in repetit
rey neste capitulo suas muytas grandezas, e as dos nume=
ros que incluye, e logo a propriedade que todos tem com
as partes que sinalão na espada.

A este numero Denario chama Santo Agostinho unicamente
perfeyto, ou ja levado da consideração de que nacera Cristo [à margem direita] Salomon.
[sap.

ao decimo mez, cuja excellencia disse de si mesmo Salamão, [à margem direita] Virg em
[Eglo

e Virgilio affirma de Romu, por cuja cauza fez o anno de [à margem direita] idem
dez mezes, ou porque he certo que muytos do antigo tive= [à margem direita] Ovid: lib:
2. [fast:

rão para si, que os que avião de ser grandes homens no mun=
do, não se contentavão com os nove mezes ordinarios dados
pella natureza, senão que passavão ao decimo, entendendo
que este era o tempo necessario para a fabrica de um Heroe
no ventre materno. A este numero são semelhantes as dez
esferas, que contem esta machina celeste até o primeyro
mobil, em cuja semelhança considero grande forsa para
apropriar este numero Denario aos graos da espada porque

[Fl. 09v]

assi como o primeyro mobil arrebatá a todos os nove globos
que lhe estão infiriores, assi o numero dez sinalla aquella
parte da espada que move, e governa a todos os outros nu=
meros que a dividem ate a ponta, serve de difinição comple=

ta a todos os Arismeticos; e em fim he este o numero par
primeyro, e excellentissimo dos desse genero pois se pode
Moya na espicul: [à margem esquerda] dividir em partes pares, e impares, assi com em
[sette e tres,

liv 5 cap. 1. ∞ 7: 1 [à margem esquerda] e em nove e hũ, em seis e quatro, e em oito e
dous, [e tambem

se divide em duas partes iguais sem fraccão da Unidade.

E suposto que na Arismetica aja outros numeros perfey=
tos, nas sagradas letras outros mistiriosos e na filosofia
algũs com excellencia, como o Denario abarca a todos a=
pontarey as particulares grandezas, e atributos de cada hũ
pois tam raramente se ajustão com as partes, e calidades
da espada.

Numero segundo Euclides, he hũa multidão que consta de
Eucl: na. 2. dif. [à margem esquerda] unidades, e como não inclua estas a primeyra figura
[da

do 4. [à margem esquerda] Arismetica lhe não podemos chamar numero, ainda que
seja perfeytissimo por ser parte alicita a todos os outros nu=
meros, atribuirhe se grande excellencia porque tudo o que
he raro he singular, e tudo que he hũ só he único, o mo=
vedor de todas as couzas creadas, he hũ só Deos omnipo=
tente, a luz que destingue os dias das noytes he hũ
Sol, somente, e aquelle milagre da natureza a ave Fe=
nix, pello unica se grangea tantas admiracoes.

Numero dois he perfeyto na Arismetica por duas razoes,
a primeyra, por ser o primeyro numero par, e a segunda
por ser parte alicota a numero tam cabal como o de dez,
tambem he de grande magestade por assemelhar as du=
as partes principais do mundo, a hũa elemental, e a ou=
tra Celeste, aquella contem em si todos os quatro element=
tos, e estas todas as esferas, iguala tambem este nume=
ro os dous Polos do mundo o Artico Septentrional, e o An=
tartico Austral, sobre cujos quicios se move a admiravel
machina desses Orbes.

O numero tres he perfeyto por ser o primeyro numero impar
que representa fortaleza, e o que por sua muyta estimação
foy tambem avaliado dos Deuzes gentios, que por isso can=

Virg: Egl: 8 [à margem esquerda] tou o Poeta que gostavão do numero tres, em particular
humere Deus impare gardet [à margem esquerda] vehemente, e potentissimo, por esta
cauza [os Caldeos leva=

vão tres couzas em oferta, como mostram os magos, no

S. Math. cap. 2 [à margem esquerda] ouro, ensenso, e mirra, que segundo o costume de
sua [patria

deytarão aos pés do Verbo encarnado, para agradarem

Arist. 1 de colo. [à margem esquerda] não só para agradar os does, mas tambem com tam
[estimado numero

Tria sunt omnia [à margem esquerda] Aristoteles disse que tudo se enserrava nelle, posto
[que
teve

[Fl. 10]

teve outra consideração, affirmando, que neste numero se achava principio, meo, e fim, onde todas as couzas se terminão. Os que melhor discorrem avirigão que a charidade se representa nelle, porque a União, que no Guarismo se chama unidade lhe ser= ve como de nõ, que ata os dous extremos, e os concorda entre si que he officio proprio do Amor; e quando não tivera estas grandezas, só lhe bastava a sagrada e summa excellencia de representar o inefavel, e incomprehensivel misterio da Santissima Trindade.

O numero quatro he tam excellente que os Egypcios contavão [à margem direita] Alex. ab. [Alex

por elle o anno de quatro em quatro mezes, cujo modo tambem [à margem direita] Lib. 3. [cap. 24.

se uzou antigamente em Espanha quando do Egypto aveo li= bertar Osiris das tiranias de Gerião, ate que os Romanos fo= [à margem direita] Xenoph. [lib.d.

rão senhores della, e tornarão o modo do tempo a ordem que [à margem direita] equivoc. agora temos. Era entre os Pitagoreos venerado, e assy juravão por elle inviolavelmente, dizendo que não avia couza mais completa, e perfeyta, que este numero, por lhe asseme= lharem infinitas outras, que consistem nelle, como os quatro elementos, os quatro tempos do anno, as quatro calidades do Ceo, e outras muytas.

O numero cinco entre os deziguais, reputão sempre os anti= gos pello mais apropriado para a celebridade de seus Hymi= neos, e assi acendião nelles somente cinco tochas, em com= [à margem direita] Plutarc: sideração de que se podião dividir em tres, e duas, numeros que representavão ambos os sexos com circumstancias particu= lares. Retratão tambem a este numero cinco as Zonas em que se divide a terra, que correspondem às cinco do Ceo, os cinco sentidos, e as cinco chagas sacratissimas, e dellas dirivadas as nossas cinco quinas das armas deste Reyno tam triunfa= doras em todas as partes do mundo.

Perfeyto he o numero seis, porque seus numeros divididos e so= mados fazem justamente seu todo, e se reduzem a sua mes= [à margem direita] Moy: lib. 5. [cap. 2.

ma quantidade, vindo a ser a soma de suas partes alicotas [à margem direita] Eucli: na. 3.9. [do 9.

iguaes a seu proprio numero, donde vem que a cauza entre outras de porem os antigos no dedo menor, mais que em outro hũ anel [à margem direita] [Macobrio. no. 7. dos

he porque sendo costume entre elles de contar pellos dedos sinala [à margem direita]
[Saturna:

va este o numero sexto, que he o primeyro dos perfeytos com
aquella redução alicota, e por denotar tam excellente nume=
ro, lhe punhão como em premio tam precioso adorno.

O numero septimo he perfeytissimo e com mais antiguidade que
nhũ, porque descansando Deos ao setimo dia da maravilhosa

[Fl. 10 v.]

exod. 16. [à margem esquerda] fabrica do mundo, e rematou e pos o sello a todas as obras
[de sua ad=

gen. 2. [à margem esquerda] miravel criação, pello que privilegiando este dia, e
[santificandoo

Ere [?] . 20. [à margem esquerda] com sua bensão, mandou nelle exemir os trabalhos
[corporaes, e

Leo. 23. [à margem esquerda] que se celebrasse com religioso culto, e fosse sempre dia
de [descan=

so, ja como em figura do que havia de ter seu santissimo corpo no

Clem: Alex. [à margem esquerda] sepulcro, depois do dia sexto de sua payxão sagrada e
[reme=

lib. 6. stromatum [à margem esquerda] dio nosso. Califica tambem a este numero o
[comporse de terna=

rio, e quartenario, que são os dous primeyros perfeytos deste ge=

Plin: de mundi [à margem esquerda] nero, e he de tam grande excellencia, que assi no
Ceo, [como em

opific. [à margem esquerda] muytas couzas da terra he uriginal de raras perfeyções, nelle
se copião os sette Planetas, os sette tryoes postos ao redor do po=

lo Artico, as sette estrellas notaveis chamadas Pleydes, as ida=

des do mundo e os climas da terra; não se abonando pouco nas

nossas armas de Portugal, que avendo os Castellos, que as orlão

Corrido varios numeros, ultimamente com grande poderação se

reduzirão ao de sette, por se achar que era o mais perfeyto. Os di=

cipulos de Pitagoras disserão que este numero era de Virginda=

de por se não poder dividir em duas partes iguaes, e assy foy

Verg. En: 1 [à margem esquerda] dos antigos consagrado a Pallas: senifica felicidade o
que

oterg quaterg beati. [à margem esquerda] mostra aquelle Vulgar apostrofe do Poeta, e de
[Tibulo em que

Tib. lib. 3. elegi [à margem esquerda] se comprehendem as felicidades dobradas dalma e
do [corpo. Os

O mitu felicem terg quaterg [à margem esquerda] sacraficios da gentilidade como diz
[Virgilio erão mais agrada=

diem [à margem esquerda] veis os que constavão de sette animaes; e por esta cauza só
per=

Lib. 6. Eney. [à margem esquerda] metia em seus banquetes o numero de sette pessoas,
[achando neste

nune grege de intacto septem[à margem esquerda] numero summa perfeição, donde naceo [o proverbio fallando dos mactare iuencos [à margem esquerda] Convidados, septem convivium, novem convitium, [parecendolhe que era confusão tudo o que passava deste numero, que he tam mis= tirioso que o tempo todo vay medindo de sette em sette dias, como he a somana, que com tanto acerto repartirão os mathematicos, e ultimamente na escretura sagrada, e nas humanas letras, he cheo de tanta eficacia e magestade, que se pudera de seus louvores fazer hũ grande volume.

octies pros d[?] pissime [à margem esquerda]O numero oito he pleno e de summo valor, e [assi Martial o tem por ingente, e por grande, quando se queria senificar hũa couza muytas vezes se punha onumero octonario, allem de que nelle se cifra a particular excellencia de ser Symbolo da Bem aventurança, e por esta cauza se deu este titulo a muytos salmos para que os Leytores guiassem o pensamento para a gloria: Be= da, com Santo Agostinho disserão que a ressurreyção fora ao oytavo dia, que oje chamamos Domingo, e com razão notou são Paulo S. Paulo. cort. 1.[à margem esquerda] que oyto almas somente se salvarão na arca de Noe [por ser cap. 3. [à margem esquerda] este numero dos bem aventurados, e he tanto assi, que não foi Cristo circunsidado senão ao oytavo dia, por ser numero dedi= cado à Salvação, e o mesmo senhor no primeyro sermão que fez tam celebre no Lugar, como na materia, todo elle cifrou em

[Fl. 11]

em oyto bemaventuranças, porque o numero servisse tambem de [à margem direita] Math [S.

prova para o assunto sobre que se pregava, tem mais este numero o favor da igreja catolica que sempre com oytavas celebra os grandes Santos.

o numero nove bem lhe bastara por excellencia ser o ultimo Carater da Arismetica, e o mais forcoso sem ajuda de outro na cantidade, mas tambem entre os Romanos era de grande estima porque não punham os nomes aos mininos, senão fechados os nove dias despois de nacidos, poderá ser que levados da razão dos Pitagoricos, que no numero achavão grande fecundidade, e o tinham por masculino, dando a entender que o homem avia de ser perfeyto, e no numero pares, como de femea muyta esterilidade. He numero agradavel ao ceo pois se assemelha com os nove coros dos Anjos, foy estimado de Apollo pelas suas nove muzas, e ultimamente he modello das novenas da Virgem Senhora nossa, e de todos os santos, que he a mayor fe=

licidade e honra deste numero.

Estas são as perfeições particulares destes numeros, que tudo com põe o de dez, e assi nelle mais, que ênhũ, achey mayores convinien= cias para a agraduação da espada; porque alem de gozar do atributo singular de ser fundamento de hũa ciencia, he genera= lissimo, e perfeyto por grandeza propria, e se faz complecto com tam excellentes e mistiriosos numeros como tenho referido; e todos tam accomodados a esta plena agraduação, que parece que senão for= marão para outro effeyto, como mais maravilhosamente se vera no Capitulo Seguinte.

[em branco]

Capitulo Setimo

Effeyto dos numeros na gradu= ação da espada.

[em branco]

Geralmente a agraduação da espada he para conhecer que assi como se multiplicão dos numeros, se vay nella aumentando a forsa, e pello contrario que vay faltando assi como se diminuem; Serve para que o Destro conheça, que ha de tomar, ganhar, e so= geytar a espada com os numeros dobrados, e mayores, nos numeros menores, e que sem ter inteyro conhecimento delles, não pode saber cientificamente agradauar a espada para melhorarse, ga= nhala para mais seguro accometter, nem restaurala quando mais perdido estiver, para o que todos os numeros, que incluye o Denario, em que a divido, alem da propriedade com que estão na parte que assinalão, tem na Aritmetica hũa certa proporção hũms

[Fl. 11v]

com os outros, cujo conhecimento he muy necessario e importante para a consequencia destes effeytos; e suposto que os taes numeros senão persebão com a vista, por serem os movimentos da espada muy accidentaes, a Destreza os destingue, e he muy perigoso não observar sua ordem, a qual se vera na seguinte figura para mayor clareza

[em branco aproximadamente 5 linhas]

Na ponta da espada está a figura que declara a unidade porque como he o Carater que menos Valor tem na Arismetica, e todo seu principio e fundamento, assi tambem mostra na espada ser aquella a parte que tem mais fraca, e a que he principio e fundamento de todas as outras de sua quantidade; E como a unidade não dey= xa nunca de ser parte alicota a todos os numeros, assi tambem não deyxa de ser a ponta da espada a guia certa, e o mostrador dos diversos movimentos da Verdadeyra Destreza.

moya. liv. 5 [à margem esquerda] O numero dois convinientissimamente sinala o seu lugar, [porque tem

cap. 4. [à margem esquerda] respeyto ao numero nove, que he o que melhor o sogeyta [quando se ga=

nha a espada; e porque tambem he a sua raiz lhe cede quando se lhe agrega, no tomar, e sogeytar da espada.

O numero tres tambem occupa o seu lugar com misterio, porque he ra=

idem [à margem esquerda] iz justa do numero nove, para mostrar que quando mais [cabalmente

se domina espada contraria he quando he quando estes dous numeros se ajuntão.

O numero quatro com propriedade se sinala a parte que lhe toca, porque he racional, e tem raiz discreta (quero dizer justa) e proporção com

Arit: moy. l. 7 [à margem esquerda] o nove, e assi convem que com este se tome e supere [aquelle, pois mul=

C. 3. art. 1. [à margem esquerda] tiplicando ou partindoo quatro por nove faz numero [quadrado raci=

onal.

O numero cinco he o primeyro dos dous que só tem a Arismetica

Circulares, porque multiplicado por si mesmo, sempre o producto acaba

em cinco, e não he pequena excellencia porque a figura Esferica

he a mais perfeyta: e porque o meo da todas as couzas deve ser

melhor exornado, sinala este numero o meo da espada da cruz pa=

ra a ponta, e não com pouca semelhança, porque assi como todo o cir=

culo fenece no ponto em que principia, e este numero na multipica=

ção sempre se termina na letra em que começa he mui apropriado

a esta parte da espada, porque sempre na Destreza para se suprir

algũ descuydo, ou restaurar algũa perda, se há de vir de forsa

a este numero que he o meo da devisão; E porque o numero cinco

hé

[Fl. 12]

he com igualdade a metade do numero Denario, e sua parte

alikota, e o meo do numero nove, sinala convinientissimamente

este lugar, e distinção da forsa da fraqueza; E assi tam=

bem com muyta razão mostra o meo da espada, porque quan=

do este numero se divide, sempre deyxa algũa parte comua [?],

ensinando, que dandosse a espada nelle quando o contra=

rio a vem ganhar as linhas são igualmente poderosas,

e o poder das espadas comum a ambos os combatentes.

O numero sexto não sinala o seu lugar sem cauza, porque

tem com o dois proporção multiplez, em respeyto de o inclu=

ir em si justamente tres vezes, e o dois tem proporção sub=

tripla com o seis, para mostrar que tem tres vezes mais

forsa que o dois, a fim de o sogeytar com ventagem nas

ganancias da espada.

O numero setimo tambem ocupa utilmente o seu lugar, porque tem

com o tres proporção menor inigual, e o sette com elle proporção su=

perpacien's, chamada assi dos arismeticos, porque o contem duas vezes e parte do numero menor, em prova de que na sogeyção da espada lhe he Ventajoso.

O numero oitavo denota o seu lugar não ociosamente porque tem como o de quatro proporção multiplex dupla, e o quatro com elle subdupla, em prova de que na espada o oito supera ao quatro; Serve tambem para examinar qualquer espada se está no pezo bem repartida, e se são os cabos justamente proporcionados à folha, pondosse por fiel sobre hũ dedo neste numero, que como he começando da maçam o segundo alicoto ao deduz e sua quinta parte, mostra que as quatro daly para a ponta hão de pezar igualmente o que esta só, assi como igualmente fazem todas o numero Denario, e se a espada ficar por nivel estará bem repartida, e quando não tanto mais ou menos pezar para qualquer dos lados tanto terá de falta ou de demazia.

O numero nove, que por si só he a letra mais significativa, e de mayor Valor que tem a Arismetica mostra os terços ultimos da espada com que se repara, por ser a parte mais forte della, e propriamente ca he este numero naquelle lugar porque tem tres partes iguaes em multitudine, para quando se divide por terços; e estes em partes continuas semelhantes em magnitudo temos o numero de dez que ultimamente como remate desta perfeyta agradação sinala o pomo da espada, sem a qual nhũa ficará conviniente para se poder batalhar, nem ayrosa para se poder trazer.

E porque o lugar dos numeros só o podem conhecer os Destro espiculativos, divido tambem a espada em partes, terços e palmos; as partes são duas na cantidade continua que forma a espada até a cruz, que he a sua magnitudo, separadas igualmente com hũ ponto, que se chama meo da devizão, porque a faz entre a forsa, e a fraqueza; e entre o aumento e diminuição, porem com desiguldade, segundo a calidade

[Fl. 12v]

de cada hũa, porque a parte que está junto dos centros (assi principal que he o corpo como menos principal que he a impunhadura) se chama propinqua, e esta mostrão os numeros de cinco ate nove, e a outra parte se chama remotta a que tambem sinalão os numeros de hũ até cinco, e a primeyra parte que tem mais forsa he o forte, e a segunda que he a remotta por estar mais distante da propinqua he o fraco.

Os terços são tres, o que está no principio da espada he forte para ferir, e fraco para reparar, o que se segue que he o do meo nem he forte nem fraco, e assi he comum a entrambos os combatentes sendo o tacto igual, e as forsas tambem iguais, e o ultimo junto à cruz da espada he fraco para ferir e forte para reparar, de cada qual delles consta de dous palmos e inclue em si tres numeros.

Os palmos são seis da ponta ate a maçam com que vem a ficar a folha com

a marca ordinaria de cinco e meo, que he a que se uza neste Reyno com acertadissima perfeição, cabendo a cada palmo hũ grao e meo: de maneyra que os numeros que ocupão estas duas partes, tres terços, e seis palmos servem geralmente (como já tenho dito) para que o Destro conheça que ha de tomar, ganhar, e sogeytar a espada com os numeros de mayor forsa, nos de menor calidade, quando de Destro a Destro se procede sem ventagem, nem defeyto algum.

E assemelhando essa mesma agraduação se supõe, e considerão outros graos na terra, na linha recta que vai de corpo a corpo, na da circunferencia, e nas que formão os angulos rectilineos, que todas se imaginão no chão. Como se ve na demonstração universal, para conhecer as distancias guiar os compaços, e melhorar os movimentos. e assy todas as vezes que disser ferir por graos de espada, ou ferir por agraduação, hé aplicar a calidade discreta mais forte da espada à mais fraca da do contrario, que he o mesmo que agregar os numeros dobrados aos singelos, e menores estando no meo determinado, e quando disser ferir por graos de terra he quando do meo de proporção se fere com a queda do Golpho dereyto, ou com quebro, e inclinação de corpo, ou quando para qualquer dos lados se encurta a distancia pella circunferencia.

[em branco]

Capitulo Oitavo

Que couza seja Venida, cauzas da que hé perfeyta, e como senão devem formar só a hũ fim.

[em branco]

Venida hé hũa preposição composta de movimentos differentes, feyta para ferir, ou defender, e nhũa se pode formar sem que inclua em si quatro cauzas; a primeira efficiente que he o Destro, a segunda a cauza final, que offender, e defender, A terceira a cauza material, que he o meo proporcionado; A quarta cauza formal, que são os movimentos, linhas, desvios, e reparos, de que consta a forma das preposições, e estas são as partes necessarias, que de todo dão ser a hũa Venida perfeyta, cuja composição nasce dos intentos que forma o animo.

[Fl. 13]

o animo na Destreza, elegendo no entendimento, os meos que mais convenhão para conseguir o intento que pretender, que segundo for a natureza do fim delle assi buscara o Destro as couzas que forem mais convinientes para o tal fim; porque atenção do que obra primeyro ve o fim, que os meos que são para conseguir, donde se segue que a cauza final, he cauza das causas e segundo o que pede o fim, a cauza efficiente há de eleger materia, e eleita se aquire emtão nella forma que mais compete ao fim do intento, o qual não fará nunca o prudente Destro sem que a espada fique para mais, pois deve de deyxar sempre algũa forsa para seu tempo, porque quem he primeyro na tenção final executa derradeiro, donde vem que

a Verdadeyra Destreza não tem na obra fim; e he de muito proveito o encaminhar de modo a espada, que não fique perdida, e para que possa recuperar algũ erro se acazo se fez quando se quis dar, que quem inclinou a Vontade, animo e foras só a hũa couza, atalhandola não tam somente receberá mas sem tirar o corpo senão poderá restituir a melhor postura, que todos os extremos na Destreza são evidentes perigos, E para conseguir o Destro de qualquer venida o effeito que pretende, tratará depois de posto em acto, e em potencia, de fazer feridas da primeyra tenção (cujo modo se dirá adiante) porque demais de se assegurar melhor começando a dar, faz que quando não de ande o contrario em seu serviço, dandolhe apenas lugar para que se remedie, e não fie nunca na obra de segundos, nem terceyros movimentos, se nos primeyros não começou com algũ effeito, porque as venidas são como numeros, que com hũ que se tire, ou acrecente se alterão, e deixão de ser o que são, assi que nellas qualquer circunstancia lhe muda a especie, e lhe suspende o effeito, e faz que a que pudera ser util e boa, lhe venha a ser perjudicial e dannosa.

[em branco]

Capitulo Oitavo

Difinição dos meos, e donde se mostra que só hũ he Vniversal.

[em branco]

Dous meos há na Verdadeyra Destreza, hũ de proporção, e outro proporcionado, o de proporção he hũa parte conviniente para todo o termo da Destreza, este se elege e conhece quando as pontas das espadas não passam das cruces, servem para duas couzas, a primeyra para conhecer

[Fl. 13v]

medindo as espadas se a do contrario he mais comprida ou mais curta e não ignorar o que há de aumentar, ou diminuir na distancia que he aquelle espaço de terra que há entre dous homens estando affirmados, e a segunda para saber o que há da ponta da espada ate o lugar donde se deve encaminhar a ferida, e que senão pode eleger seguramente outro meo sem passar por este. O proporcionado, he hũ lugar donde bastantemente se pode ferir sem movimento de corpo, estando em proporção justa e determinada para necessitar o contrario, pois pello que tem de determinação os movimentos que daly se dispoem lhe chamo tambem para mayor clareza, distancia, meo, parte, ou proporção determinada, e não há mais que este só meo proporcionado, que he universal, ainda que os modos de se eleger sejam particulares; Universal porque hũa vez elegido esta a espada disposta para ferir e suposto que se ganhe a contraria pello lado direito ou pello esquerdo, ou se eleja por baixo, ou por cima sempre o meo he o mesmo, por ser só hũa certa distancia proporcionada, que há entre corpo e corpo sem avancarem os diversos modos de ferida que são

particulares, e não universaes porque as não há, e esta doutrina he [à margem direita]
[Narvaes no com
contra a de D. Luis Pacheco, que na sua filosofia as demonstrou com [à margem direita]
[pendio Dialog 1.
grandes encarecimentos pois se ouvera venidas universaes que não [à margem direita]
fol. [6. vers.
fizerão (como elle afirma) exceção de corpos altos e baixos de mon
tante para espada, nem de espada para adaga, ninguém tratara
de saber mais que hũa só venida universal, porem he falso, como tam= [à margem direita]
[Narvaez em hũa
bem dizer que há nove meos proporcionados particulares, como se o [à margem direita]
[carta ao Duque de
meo senão considerarse só unicamente pella distancia, e não pella sin= [à margem direita]
[Cea. fol. 48. vers:
gularidade dos modos das feridas, que quando assi fosse porque se=
rão mais nove que oito, e mais oito que dez; e ainda que Carran= [à margem direita]
[Carran: fol. 31.
ca diz que differente meo se elege para feridas da primeyra tenção
que para as da segunda, he o mesmo, só que o principiode se ele=
ger tem differente modo, mas nunca o effeito se fas cabal sem que
occupe o mesmo meo hũa ferida da primeyra tenção, que qualquer da
segunda, porque não he differente o estado donde se começa o mo=
vimento effectivo para cada hũa dellas, senão o mesmo; E porque [à margem direita] A
[primeira couza
a primeyra couza e mais util, que ha de tratar da fazer o Destro [à margem direita] que
deve [fazer o
batalhando, he a eleição deste meo proporcionado, por ser o princi= [à margem direita]
[Destro quando bata
pal fundamento da Verdadeyra Destreza, deve para guiar bem [à margem direita] lhar
seus intentos

[Fl. 14]

cansarse muito em o conhecer, porque he a chave com que seguramente se
abrem todas as offensas do contrario; e intentar executalas sem esta
conviniente proporção he solicitar o pengo, e deixar de offender por não
observar tam necessario preceito, e elegelo há de tal maneyra que seja
para si despositivo, e para o contrario privativo, de modo que sogeitando=
lhe a espada só a sua alcance, e obre.

[em branco]

Capitulo nono

[em branco]

Como, e de quantos modos se elege
o meo proporcionado, e se se al=
tera na variedade das
armas.

[em branco]

Dous modos há melhores, e mais universaes de se eleger o meo proporcionado, o primeyro he nos movimentos do contrario, e o segundo estando o contrario com a espada parada, e pellos mesmos dous termos se elege tambem por baixo, porem as preheminencias do que assi o elege não são iguaes no modo, suposto que o seião no poder, no modo porque he differente couza eleger o meo, vindo com a espada em postura superior, do que elegelo com ella por baixo da do contrario; e são semelhantes no poder, porque depois de chegar a esta distancia, qualquer das causas efficientes pode offender se o contrario faltar com a mais minima parte da Destreza, errando na ciencia, descuydandosse na presteza, ou esquecendosse no animo. E porque he necessario ter conhecimento destes dous modos principalmente do segundo que he mais dificultoso, por se seguirem delle dous pirigos, hum, que se for consentido o contrario que há de ser com tenção propria, com inteiro conhecimento, e como a elle lhe esteja bem, e o outro que sendocomeçando com movimento voluntario, sem ser disposta como logo direy, que pode no mesmo tempo o contrario eleger o seu meo, e ferir como melhor determinar; e assi se saberá que o modo de se eleger com segurança estando a espada parada ou seja por baixo, ou por sima, sera elegendoo primeyro somente com a espada, e não com os pés, que obrigão a meter o corpo na distancia, de maneyra que chegando o braço fique todo o corpo sobre o pé direito, para que em cazo que o contrario seja tam pervinido que conheça e se aproveite de tam desimulado movimento (que será

[Fl. 14v]

dificultoso por ser esta hũa accção muy particular) se torne a recuperar sentando no chão o pé esquerdo; lembrando o advertido cuyado com que se ha de ir para a espada por estar parada e alerta vendo se se faz algũ movimento de que se possa aproveitar, que quem a tem assi neutral dá indicios de que espera por alheos movimentos, e outro modo de se eleger nos do contrario, hé mais facil, e de mor segurança, porque quem faz os taes movimentos, pella mayor parte inclina nelles toda a vontade, e alem de o assaltear a presteza com que se deve eleger a distancia, o embaraça ver ao Destro em lugar tam superior que so tornando a dezagraduar a espada lhe pode ser remedio; e outra razão há que o Destro elegendo assy o seu meo forma de novo, medindo o movimento (com que há de vir assituar-se na parte proporcionada) com o que fazer o contrario e lhe fica assi tirando à espada todas as forsas, sogigandolha de maneira, que dificultosamente deixarão de ter effeito todos os intentos que daly despuzer com velocidade, a nace se previnir o contrario com o remedio do tacto, unindo bem hũa espada a outra, porque as couzas que se antevem não são tam arriscadas, como as que succedem sem se esperar, advirtindo que o pirigo que só inclue este modo he não irem os movimentos bem ajustados, tardando o que elege o tal

meo, ou antecipandose. E porque não se ignore se a distancia deter= minada he sempre hũa mesma em qualquer arma, deve o Destro saber que todos os generos das que há tem seus meos convinien= tes, e proporcionados desde a adaga ate o pique, com esta separa= ção que as armas que não tem parte certa e destinada para a impunhadura como são todas aquellas em que as mãos se troção se apartão, ou se ajuntão, elegem o seu meo proporcionado pella ma= yor parte só fazendo movimentos com os braços, recolhendo a arma para offender, (se a distancia esta chea,) ou por longandoa para o mes= mo effeito, sem se lhe por fraqueza na ponta, pello estremo de a to= mar muito pello Conto, mas só medindo a distancia conveniente que há entre corpo e corpo, para melhor conseguir o effeito; As armas cur= tas elegem seu meo contra as compridas, ajudadas dos compassos dos pés, porque se a espada rodella souber eleger a tempo o seu meo contra o montante, contrastará os movimentos do montante, e o mesmo succederá a adaga contra a espada; e as armas que tem mor

[Fl. 15]

mor estremo em seus meos são o pique e a adaga, porque esta o elege mais proximo ao corpo do contrario, e aquelle mais dilatado, com a= ventagem de não mudar o corpo.

[em branco]

Capitulo decimo

[em branco]

Em que se declarão quantas especies há de movimentos, da utilidade de os conhecer, e como da forma del= les se julga os effeitos para que são.

[em branco]

Na verdadeyra Destreza não há mais que dous movimentos principaes, natural, e violento, porque nem para conseguir sua mayor perfeção lhe são necessarios outros, nem para mostrar a clareza de seus termos deixão de ser embaraço os muitos e superfluos que ategora lhe acomodarão: A natureza de movimento natural he forte no fim, e fraca no principio, e a violenta pelo contrario no principio forte, e fraca no fim, e a cauza he porque não se pode mover o violento sem applicação de forsa, que não tem quando fenece e vay a formar o natural, cujo principio tambem carece de forsa, porque lhe falta ainda aquella quantidade de movimento, que he a que quando acaba lhe faz o im= peto mais forte, assi que todos os movimentos são de natureza dif= ferentes hũns dos outros, e de hũ só nhũa couza se segue; e o talho revez, ou outra qualquer ferida se compoem de tres movimentos. O primeiro violento, que he aquelle acto primeiro que faz a espada para o segundo que desse, que he natural, e proprio, pello fazer vin=

do o braço a seu centro que he o movimento com que se fere; e o terceiro violento, ou natural, violento, quando a espada for levada com forsa para algũ dos lados, natural, quando depois de fazer o effeito vier com o mesmo impulso para baixo a descansar em seu fim, e se arrecolher impulso alheio para tornar a formar de novo será vio= lento, incluíndosse nos primeyros dous movimentos hũ só que he circular, na perfeição primeiro entre os outros. E se parecer novidade tanta recopilção de hũa só ferida nos movimentos, con= sideresse, que se quem nesta ciencia tem mais Destreza obra me= lhor, que se seguirá logo, que para ser assi, que não devem constar

[Fl.15v]

os talhos or revezes de quatro movimentos que constringe a doutrina que ordinariamente se segue, pois se gasta muito tempo nelles e não saem tam repentinos e rigurosos pella differença de vontade que se lhe applica. E somente os talhos ou revezes de cauza impidi= da se formão com mais hũ movimento que he o do reparo, des= vio, ou atalho, que o de cauza livre he só de tres movimentos, por= que depois de qualquer daquellas couzas se principia, o reves, ou o talho; e porque he necessario conhecer scientificamente a na= tureza de todos os movimentos, para eleger os proveitosos, e não admitir os inuteis (pois de ignorala procederá muito perigo) sabe= rá o destro que alem destes asima, há hũns movimentos, que red= duzindosse somente a estes dous natural e violento, se differença delles, ou no modo, que he o que faz a espada nos desvios para os lados que então he remisso, ou misto, ou no accidente que he da estocada e do desvio accidental; ou na forsa que lhe applica o braço como seu motor, que sendo em movimento natural ficara ve= hemente e mais nobre que todos os outros, porque os contrasta, e sogiga, porem emquanto a movimentos forcosamente hão de ser todos da mesma qualidade de violento e natural, que emquanto as feridas atalhos, desvios e reparos serão circulares, remissos, artificiaes, mis= tos, e vehementes, cujos nomes são positivos e só dirivados dos effei= tos que fazem e não servem mais que de embaracar a verdadeira Destreza, a quem só competem como movimentos principaes, o natu= ral e o violento, cujos termos senão devem de ignorar, porque servem para melhor e sem risco ferir nelles, e nas perdas que fazem, pois então as linhas dispoem as feridas conforme a natureza dos movimentos, conhecendo quaes são os que nunca ferem, e quaes os que sempre se formão para ferir, pella parte donde se principião, e pellos angu= los da espada, entendendo precisamente suas qualidades, para saber que a materia das venidas em todas as armas he hũa, senão que diferem, segundo a calidade e cantidade, e segundo o lu= gar donde se move a linha recta, ou a circunferencia, na quanti= dade, se considera o aumento, ou diminuição dos movimentos, e na qualidade o rigor ou violencia, conhecendo tambem o que

toca ao lugar donde se há de determinar estes movimentos, segundo a postura contraria, e aparagem donde se começa, e assi mais ajusta=

[Fl. 16]

ajustadamente se farão as feridas cujo meo será a espada, e o corpo a causa donde nacen todas estas linhas, que se algũa vez perdem seu effeito e se erra na Destreza será por não levar o Destro a espada por caminho conviniente, por não aver elegido pontual meo, ou porque não obrou segundo as regras infalíveis da Destreza, não porque a ciencia nestes termos falte universal, ou particularmente.

[em branco]

Capitulo undecimo
Definição das linhas, angulos e posturas, e as partes que se requerem na Destreza.

[em branco]

Linha na Verdadeyra Destreza he todo o movimento que faz a espada, e assi por infinitos e diversos, vem a ser muitos e varios os nomes dellas, pello que antes servem de confusão, que de clareza, e assi somente tarey das que são necessarios para explicar esta minha doutrina. Angulo he todo o canto que faz o braço com a espada, o corpo com o braço, ou com as pernas. Postura he qualquer accção que fizer o corpo, e a espada juntamente: e nhũa he tam boa como a que dispoem a [à margem direita] qual he a [melhor

linha recta e do Diametro, que he aquella linha que divide pello [à margem direita] Postura

centro o circulo em duas partes iguaes, como sinala na demonstração universal a letra A, em cujo lugar tambem mostra a letra .B. a linha e angulo obtuso, e a letra .C. o angulo e a linha aguda, para prova de que ambas estas linhas alcansão menos, pello que hũa levanta do [à margem direita]

Os [angulos principa ponto principal do effeito, e pello que outra desse; De sorte que só no [à margem direita] es [são tres recto a

Angulo recto, e linha do Diametro se ha de ferir sempre para ser sem [à margem direita] [gudo e obtuso

risco assi de estocada, como de talho, e revez, e em nhũa outra se pode [à margem direita] [na linha do Dia

ferir com segurança, salvo se o contrario se vier mesmo igorantemente [à margem direita] [metro se ha de ferir

a topar nella, porque o angulo recto he a postura em que estão mais des [à margem direita] [sempre

cansados os nervos, que he a cauza de melhor obrar, e mais pontual a acção delles, e nella permanece mais a forsa, sendo todas as outras hũas sombras desta, que he só verdadeira e legitima, e

a que mais alcança por ser posta naturalmente assi como o braço nasce, sem descobrir com a guarnição o ponto do effeito do contrario, es= tando o braço direito, que he o que guarda o corpo, e manda a es= pada

[Fl. 16v]

e ambos o defendem, unindosse todos tres em conformidade de sorte que as feridas que se intentarem será com conhecimento, dispondo o braço com determinação, para que tudo junto com Destreza o e= ffetue a espada, porque ser prestes, sciente, e animoso, são tres couzas que não devem faltar ao perfeyto Destro; e quando dei= xe de ter algũa cabalmente, antes seja a forsa, porque nunca nhũ homem tem tam pouco, que não sustente a espada, e então a cien= cia nos actos em que se determina, o faz ser forte, e prestes nos movimentos; E todas estas excellencias lustrarão melhor sobre a de mor importancia e mais consideravel, que he a boa despossi= ção natural, que não faltará aos que quizerem ser scientes, porque como seja couza mui difficiltosa, pellejando contra a natureza querer hũ homem tirar della por forsa, o que a outro dá de gra= ça, raras vezes poderá tanto com sua industria e arte que seja meo para que alcance o ser perfeyto Destro, não avendo a na= tureza concorrido da sua parte com os requisitos convinientes para que se consiga o fim da perfeição desta ciencia, pois no sogeito em que faltar o inhabilitará de modo, que difficulosamente obrará nelle, a doutrina de mestres sapientissimos, e a lição de livros doutos: E porque nesta materia de posturas, tenho visto satisfazer com diversas opinioes a muitos presumidos de cientes [à margem direita] Narves [na

na aviriguação de quantas posturas avia na Verdadeyra Destreza= [à margem direita] Carta [fol: 45

treza, hũns levados da doutrina da Carrança, que dis que as posturas em que o Destro se pode affirmar são seis conforme as rectitudines generaes, como se as taes rectitudines observassem este numero forçosamente, ou deixassem de ser muitas vezes particulares; e outros enganados com a falsa invectiva de quasi todos os mestres, que sem fundamento algũ procedem va= rriamente na satisfação desta proposta, digo para dezenganar hũns e constanger outros á pura verdade, que entendosse por posturas aquellas, que se fazem com a espada sem ter di= ante a do contrario, que serão tantas como em quantos pontos se puzer, advirtindo que ponto, he couza imaginaria, que não oc= cupa lugar, e tam pequena que senão pode dividir em partes, e que os extremos das linhas que são os pontos, para saber que ao passo que há differenças de linhas há differenças de posturas e ainda

[Fl. 17]

e ainda mais estas pois as fazem varias, e as aumentão, os muitos extremos que podem fazer o corpo, ou os angulos de braços e pernas, e assi serão infinitas as posturas, e considerandosse com a espada do contrario diante, há só quatro modos universaes, a que se reduzem a imensidade de posturas; que ainda então se podem fazer, mas estas quatro como principaes, e mais seguras a incluem; e são, ou por dentro da espada contraria, ou pello lado de fora, ou por baixo della, ou por sima, que de nhũ outro modo se pode caminhar para o contrario que não participe de algũ destes, os quaes se fazem de tres maneiras ou indo a espada de fio, ou de unhas abaixo ou de unhas acima e ainda que sejam infinitas as posturas sempre participam de algũa destas. A postura de fio he meo e por isso he como assim disse a mais descansada, e a que mais alcança, as outras duas são extremos, porem a que tem mais forza he a de unhas abaixo; e se fizer com ella linha do diametro será excellente Postura, [à margem direita] qual [postura tem porque aquella he boa, que tem mais potencia para os actos da [à margem direita] mais [forza

Destreza, e menos fraqueza no corpo. [à margem direita] Arist: lib. 2

[à margem direita] de ani: c. 17

Capitulo duodecimo [à margem direita] e 27

[em branco]

Que cousa seja tacto, que proporções há de aver nelle para ser perfeito, donde e em que partes as ha de aver.

[em branco]

* Tacto na verdadeira Destreza, he hũ sentido que destingue a forza

* No sentido do tacto (ainda que de todos os outros he o mais groseyro e material) excede o homem a todas as diversas especies de animaes, porque nhũ o possui tam sutil, tam perfeito, nem mais Verdadeyro; he o fundamento de todos os outros quatro sentidos, e com tal particularidade que nhũ homem pode viver sem elle, o que não será se carecer de algũ dos outros: tem tanta comvinencia com a verdadeyra destreza das armas que sem elles senão poderão conseguir suas verdades, porque na mais fina, ou vigurosa obra dos combates, todos os sentidos são, não só como meos, e previas disposições para a do tacto, mas ainda chega nesta ciencia a suprir a falta da vista, que com ser sentido espirital, e guia

da fraqueza, o qual pella mayor parte serve naquelles cazos, em que se se avera de dezunir a espada se recebera dano infalivelmente, e assi vem a ser este sentido hũa parte principal da verdadeira Destreza= treza, porque só com elle e com a vista se pode supor ao bem feito contradição, que se he hũ remedio que se faz, não se desleando as [à margem direita] [Greg: nisenio de hom. opifici espadas, quando parece que o não pode aver, encomendando [à margem direita] et [videtur, datura natura proter a este sentido a companhia dellas, debaixo do qual remedio ou dos [à margem direita] [cocos atalhos começando primeyro o contrario se executão melhor os effei= [à margem direita] [S. Amb: lib. 6 exam. to, como por exemplo. [à margem direita] Tactu probamus que oculis pro= Se o contrario pella parte de fora, ou pella de dentro ganhou a espa= [à margem direita] [bare nom possumus da bem, e chegou ao meo proporcionado necessitandoa de maneyra que todos os movimentos que intentar sejam de forsa circulares,

[Fl. 17v.]

Aqui que parece que senão pode deixar de receber, ensina a Verda= deira Destreza que se encomende ao tacto a união de hũa espada a outra no meo que a divide, para remedio da superioridade em que o contrario estava, e vindo a ferir se atalhara a espada não na desagregando, nem carregandoa muito, em tal forma que senão sin= ta dar golpe hũa na outra, e de modo que se venha a ganhar como a tinha o contrario no principio.

E para este sentido do tacto ser perfeito em todos os termos da espa= da, ha da aver nelle duas proporções, convem [?] a saber, hũa na forsa do braço, e a outra na igualdade dos numeros da espada; a da forsa será applicandolhe sempre a mesma com que o contrario se arrimar a espada, porque se estiver com menos, e com frouxidão será dannoso, e se formais, que exceda a contraria, levarlheha a espada a parte tam remota, que por varios termos possa ser offendido, de maneira que a forsa se há de medir com a do contrario; se for pouco igualada, e se demaziada, porlhe em proporção outra demasiada; e o mesmo risco corre (estando assi as espadas) a que tem a superior senão mede com a inferior, porque se estiver sem cuydado, e com tibeza,

das acções, palpando, e tocando
com o sentido material, se valem
os destros de seus atributos para
acertar na obra; e deyxando
aparte a origem deste sentido
seu officio e calidades, só direy
o que delle toca a esta minha oplo=
sophia, e assi saberá o destro que ❖

pode ferir a inferior de estocada com movimento violento pello mesmo fio sem dezunir a espada; e se carregar e forcejar com excesso pode também offender, ou recolhendo a espada para estocada pelo do corpo adonde se impida a contraria, ou de revez; e se a forcejar por dentro de hũ talho fendido só com a munheca, ou de estocada. A outra proporção das espadas se entendera, nestes mesmos casos em que a Destreza se val do tacto, pondo-se a espada necessitada e sogeita no meio de divisão, no numero cinco, pois se se der mais para o fraco não he bom, porque então fica sogigado com mais numeros, e se mais no forte peor, porque desvia a ponta fora do limite do corpo, e chega ao seu a do contrario; assi que não será util o sentido do tacto senão concorrerem nelle estas duas proporções, das quais a primeyra que toca a fôrça se rege pello sentido do tacto, e a segunda que pertence as medidas se governa pello sentido da Vista, a qual depois de haver conhecido a igualdade se certifica com o do tacto, se esta he a excellencia deste Sentido, que tudo que a vista na Destreza conhece, para ser puro o há de certificar o tacto, alem da ventagem que lhe leva em que

[Fl. 18]

que na Destreza só com a vista não se pode ferir e com o tacto si, como ensina aquele tam repetido aforismo de meu mestre, em que diz que para bem ferir senão há nunca de desleiar as espadas, pois falando em algũs termos o sentido da vista, o do tacto por este modo conhece muitas couzas, que estavam a seu cargo, para propria defesa, e offensa do contrario.

[em branco]

Capitulo XIII

Difinição dos atalhos, como não há Destreza sem differença de posturas, e se deve ferir de toda a parte.

[em branco]

Os atalhos são hũ impedimento universal contra todo o genero de feridas, fazem-se por tres maneyras, a primeyra de privação comu a que he quando se faz elegido meio de proporção, a segunda de privação particular, que he quando se faz elegendo meio proporcionado, e a terceira de privação absoluta, que he quando se faz concluindo; e debaixo destes atalhos se consegue melhor todo effeito, porque fica então a espada mais em acto para segundar, visto aver inclinado o contrario todo seu animo e fôrça ao golpe, que avendo o mal conseguido por bem atalhado, devagar acode a offender nem a guardarse. Em estando as espadas fora do meio proporcionado, se fará a todo o movimento que for ou vier cabalmente contrario, por cauza de não aver estremo nellas, e de senão poder impossibilitar hũa a outra, e

serem iguais as linhas sem se differençarem, e supondo que hũa este= já inferior a outra, não serão contrarias entre si, nem se impedem com opposição certa, porque tanto que o Destro occupou bem a linha recta e do Diametro, estando com boa e descansada proporção de corpo, e com perfil sem extremo, e bem ajustado á linha em que se situa, ha= o contrario forçosamente de formar outra por caminho mais remisso e que chegará menos, porque faz a guarnição da espada bastante extremo, para que a contraria não alcance a executar algũ effeito, salvo se ouver de meter o corpo pella ponta da espada; o que deve evitar o destro com tornar a eleger sobre ella conviniente meo pon= do para isso o corpo sobre o pé esquerdo, porque se não pode na

[Fl. 18v]

Destreza fazer nhũa couza perfeitamente sem chegar a situarse todo o ciente no caminho real desta distancia proporcionada, com a conviniencia de se differençarem todas as posturas, assi de espa= das como de corpo, nos angulos della ou nos perfis delles, porque não pode aver Destreza sem esta variedade, com que se imposi bilita melhor a espada do contrario, e se lhe tapão os portos para que com ella não lhe ande livre mas em cazo que a traga o obrigue a que todos os seus movimentos sejam mais tardos, remissos, e porlongados. E porque o sciente destro deve de ferir de toda a parte aly donde estiver mais perdido há de mostrar com ef= feito, que esta em melhor parte para ferir sempre, tendo experimenta= do o lugar por donde o fará com menos risco, e com mais brevidade, e sempre nestes termos restituirá o Destro com o perfil do corpo ou tirando do seu Diametro as perdas que fizer a espada, para melhor poder ferir o contrario no fim de seus movimentos, ou impidindolhes nos principios que como todos os circulos saem das estocadas e são a urigem delles, de que se seguem mui grandes perdas, bom he atalhar aquellas, para melhor ferir aproveitan= dossa destas, que quem sabe bem impedir os movimentos das es= tocadas talhe juntamente o nacimiento dos talhos, e revezes, que es= tão em potencia propinqua de formarse, e he mais facil, porque todos os movimentos são fracos no principio.

[decoração]

Livro

[Fl. 19]

LIVRO

SEGUNDO

[em branco]

Da prattica da verdadeyra Destreza
das Armas

[decoração, aprox. 2 linhas em branco]

Capitulo Primeyro

[em branco]

Da maneira que se ha de partir para o contrario e se lhe tirão as forsas. Da qualidade das venidas formadas, e o mais essencial para nellas ferir sem risco.

[em branco]

[em branco]

Escrever a prattica das venidas desta ciencia, tenho por couza confusa e dificultosa, pela variedade dellas, pello infinito de seu proceder, e pellos muytos accidentes que as alterão, porem o melhor que eu puder direy os meos mais universaes, e ajustados às espadas brancas, para que sirvão ao Destro de Norte neste mar imenso da Verdadeyra Destreza, principiando pello corpo de homem, que he o primeyro fundamento de tam necessaria sciencia, porque delle nacen todas as linhas, e se produzem todos os effeitos, e he a principal couza que acrece mayor graça aos termos desta sciencia, pois sendo hũ homem bem proporciona=do na desposição dos membros, ayroso nos movimentos do andar, e despejado nos meneios das accoes, supre muytas vezes os erros dos perfis do corpo, das faltas dos compassos dos pés, e os descuydos dos golpes da espada, porque como he para o contrario o mayor objeto, e o considera em sua perfeição, he forsa que tenha muyta ventagem, e desconte semelhantes devirtimentos; e porque a primeyra couza que fazem dous homens querendo batalhar, he investir, e partir hũ para o outro, começando ou pella espada quando estiver com clareza, e com a ponta dentro

[Fl. 19v]

do limite dos effeitos; ou pello corpo em cazo que a contraria esteja tam remissa que o não deffenda se partirá para hũa destas couzas com quaes passos, e com corpo quase em coadro naturalmente como se na=da pella rua, que suposto que este modo seja novo, e contra a opinião dos que melhor hão espiculado esta sciencia, tenho aviriguado que he a mais excellent postura, e acção com que se caminha para o contrario: e a razão está clara porque indo o corpo quase coadrado se ajusta melhor com a natureza, tem mais que dar de sy, e incluye mor forsa; e não posto (como querem algũs mestres) logo em seu perfil, pois mostrar em estar tam estendido tudoo que tinha oculto, e não poder ferir sem aver de encolher a espada, no que se perde tempo, e gastão movimentos; pello que he mais util partir como digo com a espada crespa e em angulo obtuso, o braço recto, sem descubrir o proprio ponto por nhũ dos lados e achandosse a contraria se tomará e ganhará ou seja pella parte de fora, ou pella de dentro, applicandolhe o forte ao fraco, não com o uso comum com que se faz, que he apartandosse da espada, e somente encostando a propria a do contrario, senão chegandosse para ella para lhe tirar o braço de seu centro, e prolha com linha mais curta e em angulo mais fraco; e quando se for a ferir, então se aperfeiçoará,

e perfilará o corpo firme sobre ambos os pés, porque todo extremo nelle he desairoso e fraco, de modo que se alcance mais occupando com o braço recto a linha do Diametro; e o contrario não possa chegar, consistindo sempre o effeito para não ser arriscado em tres couzas.

A primeyra em conhecimento, para eleger o lugar mais conveniente e acomodado que se há de ferir, regendo a parte pello modo da espada do contrario, e saber por razão as posturas os effeitos que pedem, para alcansar mais sem proprio perjuizo dispondo as feridas pello que se sentir dos seus movimentos e aconselhando-se pella forma das mesmas preposições.

A segunda na aggradação do tomar da espada, applicando o numero mayor ao menor, elegendo determinado meo, ou para fendas da primeyra tenção, ou para as da segunda, considerando a distancia que há entre corpo, e corpo, entre espada e espada, ou pé, e pé; para não deixar chegar o contrario ao meo proporcionado

[Fl. 20]

proporcionado, pois está na mão do Destro (ponderando estas distancias) o deixarlho eleger.

E a terceira e ultima em medida, conhecendo qual he a parte determinada, para que melhor se de impossibilitando a espada a fim de lhe tirar as forças, pondolha em fraqueza com a mudar do angulo recto, para fazer os effeitos com perfil do corpo, por graos de terra, ou de espadas.

E a venida a que não faltar nhũa destas tres couzas sera formada perfeitamente, suposto que haja nellas infinita variedade, porque hũas se formam do primeyro movimento do adversario, e estas tem sua divi-
zão, que hũas são formadas dos acometimentos perfeitos que são ao
rosto e outras dos proprios movimentos do inimigo com que nos vem a ferir [sem qualquer outra parte do corpo)] as que se formão destas feridas tem diversas
[especies: hũas quan-

do o intento produz o primeyro movimento para que tire talho, e se lhe toma no principio formando o mesmo talho, se firirá o que começou com elle. Ou no ser em que o contrario tira talho, dar um revez de baixo para cima de sorte que fique impedindo o effeito do talho, e com o do revez perjudicando, ou quando se move de revez mover com mais presteza de talho só com a munheca, para melhor impedir o que se principiou, e o talho se executar; e outras quando das estocadas se formão talhos e revezes, e pello contrario contrapondo os circulos as linhas rectas dellas, ou impedindo a differença das linhas hũas a outras, como por exemplo.

Se o contrario tirar hũa estocada sacudida, e a espada ficar por dentro pella mesma parte perfilando o corpo, se lhe impedirá o effeito, ferindoo com a linha do Diametro no rosto: e se ficar por fora por ahi mesmo se lhe assestará ao proprio ponto bem aggruada e de maneyra, que fique desviando a contraria, como braço direito e na mesma linha do Diametro:

E nestas venidas averá execução ou por vir o contrario com o corpo em caminho, ou por querer ferir dezarrumado da espada, como são as estocadas sacudidas que se formão de cauza livra, e não impossibili= tão a espada para que deixe de fazer igual effeito por outra parte, que he a falsa destreza receber uma ferida por dar outra; E por este modo se dá sem receber, que se Dous homens forem ambos pru= dentes Destros andarão batalhando todo o tempo que quizerem sem tocar hũ ao outro, e quando algũ receba danno será porque lhe fal= tou de algũa das tes ouzas sobreditas, qualquer pequena parte ou pello menos que teve de prestes, sciente, e animoso, porque he esta

[Fl. 20v]

sciencia em tudo tam ajustada, que em não concorrerão estes tres re= quisitos, e se fara o mais acazo e pella falha materia que tiverão as preposições e não por sciencia: e assi devem os Destros de se fiar pouco do que particularmente não exprimentarão, por estes meos, pois melhor se topa com a verdade de seus discursos regendoos por estas tres couzas, que hão de concorrer de forsa para se formar qualquer venida perfeitamente, e de não esperar bem dos acciden= tes e acazos, porque o sucesso costuma ser mestre de necios, que sempre se dezenganõ a sua custa, e escarmento de prudentes que prevem os riscos delles com as razões em que se fundão.

[em branco]

Capitulo segundo

[em branco]

Em como toda postura é boa; qual he o fio natural, e o fio falso da espada, e o para que servem na Des= treza.

[em branco]

De duas maneiras considero que o ciente Destro lhe não será dan= nosa toda a postura que formar com a espada, a primeyra estando fo= ra de ambos os meos, pois então pode partir para o contrario em qual= quer que lhe parecer, visto não estar em distancia em que lhe pos= são sevir de perjuizo as perdas que fizer; e a segunda ocupando algũ destes meos; que suposto, que no de proporção esteja a espa= da em qualquer postura sempre o Destro há de ter scientemente com algũ dessenho [?], e como lhe convenha; e não se dá cazo que a ponha em tam remota e estranha parte que lhe não aproveite, pois se assi for será só ignorante Destro, e não sciente; e ainda, andan= do combattendo; já em meo proporcionado, quando os golpes, e movimentos da espada do contrario, o obligem a fazer diversas posturas, de todas pode aproveitarse o perfeito Destro, pois aquelles mesmos movimentos e golpes lhe dão tempo, para que recupere a remissão e estranhesa a que a levarão; assi que o Destro pode u= zar de toda postura que eleger com tenção e conhecimento; tem=

doo tambem das do contrario (para que não o alterem estes mesmos enganos) e não ignorar, que a que for curta não pode ferir concideravelmente sem estender, e a que tendida o não pode tambem fazer

[Fl. 21]

fazer sem haver de se incurrir para vir a buscar mayor rigor, e que a que estiver alta que he para descer, e a inferior para subir, e assi as de hũa do e outro ha de se conhecer, que de vir de forsa ao angulo recto, elinha do Diametro, por ser a postura de mayor sustancia, e a que melhor defende.

Há geralmente na espada dous fios hũa natural que he o que mais de ordinario corta e repara, e outro a que os Destros chamão fio falso[×], com que tambem se uzão os mesmos effeitos, porem por diferentes termos: como por exemplo. [à margem direita] Achille Maroz. L. 1 cap. 23.

Se o contrario tirar hũ talho as pernas se poderá reparar com o fio falso da espada, e assi os revezes que vierem á mesma parte, porem destes nacam as respostas com menos brevidade, do que procederão se os reparasse o fio natural; e não pareça que com dizer que assi se reparão estas feridas a brigo que se fação com a espada só em tam arriscada e remota parte, porque ainda que as perdas dos movimentos do contrario as podem obrigar a fazer, são mais frequentes nas armas dobres, e só aqui servem de demonstração para meu intento.

E para a prova de que corta, e se pode offender o contrario com o mesmo fio falso, se considerará que depois de necessitar a espada, e de se separarem os talhos que se tirarem à cabeça, ou desenganhar ou atalhar a espada contraria pella parte de dentro se pode para maior brevidade se ferir com o fio falso, não desunindo a espada de modo a obrigar o contrario a que acuda para melhor executar hũ revez, por ser a ferida que daly se forma com mor presteza: Serve tambem o fio falso de desviar as estocadas, que pella parte de fora tira o contrario, e de melhor se assegurar com elle a espada contra os revezes e estocadas sacodidas, assestando a espada de modo que se fira no rosto do adversario; e juntamente costuma o sciente Destro quando elege meo por baixo da espada contraria ser com o fio falso, agregandolhe a propria com applicação do sentido do tacto, ou para a ganhar melhor em qualquer movimento que fizer o contrario, ou para mais livremente ferir pella agradação.

[×] que hũa e outro sem artificio tomarão os nomes da natureza de seus effectos. ao natural chamou Marozzo fio direito, por ser o que mais directamente ofende e defende, Barbosa a fio verdaeyro, por ser o mais certo, e pronto para os golpes, e ao fio falso, fio violento.

E o romper da espada com movimento violento se faz tambem com o fio falso della, com tensão e conhecimento, ou esteja a contraria parada no angulo recto, ou venha movida em caminho para algũa offensa de estocada aos pontos principaes.

[Fl. 21v]

Capitulo terceyro

Dos compassos dos pés, e como na ver=
dadeyra Destreza não servem pas=
sos de Roda.

[em branco]

A eleyção do meo proporcionado (parte tam essencial na Verdadeyra Destre=
za) senão pode conseguir sem o movimento dos pés, e assi se devem julgar
por hũ dos instrumentos com que se alcança sua execução sabendo primeiro [?]
que qualidade tem toda a passada, que quantidade como, e quando são
necessarias darse, para se melhor ajustarem com os movimentos da espada,
cujas difinições pudera aqui escrever valendome da doutrina de muitos
Cosmografos que disto tratarão facundamente, e com variedade, ou a
formando com a melhor opinião que a passada simples tem dous pés de com=
prido e a dobre dous e meo, porem como as estaturas dos homens não sem=
do iguaes fazem variar os compassos, e he mayor ou menor as oltura
que alguns tem nas pernas, não me parece conviniente fazer peti=
pe certo e geral para os compassos desta ciencia, mas só que devo ajus=
talos com a natureza e ordinarios movimentos do homem; ensinando
que todo o destro parta para seu contrario a eleger o seu meo com os pas=
sos conforme lhe determinar sua natureza, porque a distancia propor
cionada não he inconveniente elegerse nem de preça nem de vagar.
porque cada hũ fará conforme a colera, ou fleyma que tiver a despo=
sição que sentir nas accoes, e movimentos do contrario, e não forsoza
mente ajustado com a passada simples, pois vemos não ser dannoso
alterarse com conhecimento, quando importa ou dar mayor passada
ou chegar hum pé mais meo palmo, e muytas vezes às polegadas, a
lem de que sempre foi dificultoso assentar preceytos em materia
de doutrina contra quem a necessidade, o caso, e a contingencia po=
dem ter dominio. E somente em todo o rigor se devem de seguir
tres modos de partir com compassos para o contrario, para que o primeiro
se conciderará que do meo de proporção, ao proporcionado ha só hũa
passada simples caminhando pella linha Diametral, e que esta se deve
sempre de ajustar com o movimento que a espada fizer indo a eleger o
meo; O primeyro modo he pella linha do Diametro, chegando com
tal dessimulação e segurança o pé esquerdo ao dereyto, que nem se meta
o corpo na distancia, nem o contrario lhe perseba o movimento, para que
no

[Fl. 22]

no mesmo tempo em que a espada elege meo por sima o eleja por baixo o pé de=

reyto com o compasso para diante; O segundo tem mais artificio porque parece que se anda para tras, e he quando se toma a espada por fora e se caminha para o lado dereyto que se faz movendo primeyro o pé esquerdo como quem forma hũa mesura, chegando para o outro de modo, que estando atraveçado fique com aponta no talão do dereyto, para que com a seguinte passada se eleja o meo. O terceyro he mais natural que todos porque se faz tomando a espada por dentro, e caminhando para o lado esquerdo, principiando com o mesmo pé esquerdo, e chegando para o dereyto de sorte que atravesado fique talão com talão, para melhor e com mais desimulação eleger o meo; e por todos estes tres modos se elege tambem movendo primeyro o pé dereyto para adiante, senão que a espada há de ir agregada desde o meo de proporção para que de baixo deste seguro se ponha o corpo na distancia, e juntamente pode assi elegerse ainda quando a espada esteja apartada e em distante postura, caminhando para o corpo do contrario, como referido cuydado e tençam*, que nestes termos se inclue tudo, porque estas vebidas se fazem, ou pella postura da espada ou pello perfil, começando por ella ou pelo corpo, por dentro ou por fora: pella postura quando a espada estiver de clarada, e pello perfil, quando estiver remota do corpo. E porque tem o Vulgo nesta ciencia introduzido alguns termos tam escuzados e tam indignos de sua perfeição, fora descuydo grande não apurar de todo sua mais sustancial obra, evitando nella os passos de Roda que se dão com os revezes e talhos, por se gastar tempo nelles e não irem os golpes com tanta forsa, por respeito de se aver de aplicar algũa com diferente Vontade ao movimento dos pés, que como está dividida e em diferentes partes não ficão convinientemente fortes, de mais de que o dalos fora proveitoso se o contrario estivera sem mover a espada, pois então ganhava terra melhorandosse de sitio para ferir, porem como a sua vista segue o obgeto do corpo que tem diante, não pode este tal fazer movimento que ella logo não siga, porque a excellencia do sentido [à margem direita] [Aristo: elenc. 1.

vizivo faz ventagem aos demais na supita presteza de sua operação que he em instante e obra sem trabalho, por serem tam irmãos e conformes os olhos, que não podem juntamente ver diferentes couzas: que se os passos pella circunferencia, os aprovão algũs professores desta ciencia fundandosse em dizer, que com elles se ganhão graos ao perfil, como

[Fl. 22v]

* e respeytando com a sombra da espada a contraria com algũ pequeno extremo de munheca para onde ela fica, porque em cazo que indireyte ache ali o tacto aplicado, para a melhor tomar e sogeytar.

como se destro estando no centro do circulo, não igualara com qualquer pequeno movimento da munheca ao mais largo que se faz pella circunferencia, e que são para divertir ao adversario, no que se vai contra os preceitos da ciencia que não supõem erros, nem faltas em nhũa das causas efficientes, porque o perfeito Destro não se diverte nem ainda o que succede por accidente: Mas como tudo será forsa que os mestres nos principios ensinem aos discipulos a dar passos de Roda, porque os desenvolve, lhe aviva as accoes e lhe habitua brevidade nos movimentos, e tambem servem para que pellejando com mais homens do que hũ (o que não pode ser em Destreza e em razão) senão ignore o modo de meter os pés para hũ e outro lado sendo necessarios, advertirido [?] que acometer a muitos ha de ser contrariando sempre para a parte esquerda, para ficarem os contrarios da do braço da espada por ir assi o corpo com mor resguardo; e por melhor os poder offender com os revezes que são de grande utilidade, porque da parte de quem os dá os não impede nhũa cousa, são mais breves, e delles com menos tardança procedem muitas feridas, que não nacam com tanta presteza dos talhos, pois pella mayor parte os impede o corpo e são finitos, pello que espiculadas as razoes sobreditas convem se excluão da Verdadeyrra Destreza os passos de roda que se dão com os talhos pois não são ayrosos, seguros, nem fortes os golpes que os acompanhão, e só se admitem nos modernos, para se aligeirarem e desenvolverem

[em branco]

Capitulo quarto

[em branco]

Das feridas a que se resume a Verdadeira

Destreza, como se executão os talhos

e revezes sem receber, e o risco que

corre quem os dá sem con-

nhecimento.

[em branco]

Aumentara summamente este volume, se ouvera de contradizer todos os erros que a pouca expiculação, e o muito deatento, tem intruduzido na Verdadeyrra Destreza; mas por não fazer ostentação do que muitos puderão grangear credito, quero só (escrevendo com modestia, o que experimentei com verdade) mostrar aos cientes Destros

[Fl. 23]

Destros o puro e infalivel desta sciencia, para que fique á conta de sua curiosidade cotejar estes meus preceitos, com os de todos os mestres, e escriptores della; para ver quaes lhe parecem mais ajustados com a perfeição da Destreza, e ainda com o mayor rigor das espadas brancas, e excluir então o que se julgar por superfluo, e dannoso, que não quero

aquerir opinião por sensurador de tudo, mas só que sirvão estas mi-
nhas regras de abrir os olhos á nobreza de Espanha, para ponderar
a doutrina em que se fia; pois não servem aquelles termos demais, que
de arriscar, e confundir aos curiosos que querem aprender como se al= [à margem direita]
[Narvaez na

cança daquelle aforismo comum que afirma que as especies de feridas [à margem direita]
[carta fol: 45.

que há como genero generalissimo no total rigor são sette, a saber quatro
de talhos e revezes verticaes, e diagonaes, meo revez, meo talho, e estoca=
da, o que não só embaraçoso mas falso, porque toda a Verdadeyra
Detreza se inclue em só hũa estocada, hũ talho e hũ revez que são
as feridas que nos ensinou a natureza, e somente à estas servem esta
ciencia de as aperfeiçoar para se executarem sem rico, dando conheci=
mento para senão fazerem em parte donde se recebe algũ danno, e de=
monstrar como se há de constringer o contrario a que desvie, e atalhe,
porque então anda servindo com perdas de que se o destro aproveita;
E nem são infinitas as especies das feridas como erradamente escreveo [à margem direita] [Carranca

outro mestre, suposto que seja quase infinita a deversidade de estocadas [à margem direita] [fol. 110.

talhos e revezes; pois apertando ainda mais esta cauza tenho por
imprudencia dizerse que há meo talho, e meo revez, porque consequente=
mente ouvera mea ponta, nem mais especies de feridas que as tres de=
claradas, pois a verdade he que não ha com numero certo diversos talhos
Revezes nem pontas, mas só em que se gaste mais ou menos tempo, não
se diminuindo nem acrecentando os movimentos, pois são os mesmos
posto que mais vagarosos ou mais ligeiros, mais apanhados, e não tam
resumidos, ou executados pella materia queo contrario dá, e confor=
me descobre pontos; e ainda que digo que cosntão estas feridas de=
iguaes movimentos em numero, e especie, com tudo diferem entre si nos
lugares por donde se formão, porque ao talho he preciso o esquerdo, e
ao revez o direito, á estocada pertence o angulo recto, como meo
das rectitudenes geraes do homem; e tambem ha irregularidade de
espaços lineaes, se esta formação he por plano superior, ou inferior,
ou quando a espada está sogeita, que então como atras disse faz mais

[Fl. 23v]

momentos do que pede a simples formação sua porque foi de cauza
impedida; E toda esta differença ha de ser pellas causas que
para isso der o Destro, pois em sua mão consiste, fazerse o effeito dos
talhos e mais feridas sem recebr mór danno; e porque he muito o tempo
que se gasta em qualquer dos circulos dos talhos e revezes, e são por
esta cauza feridas arriscadas se senão dão com muito conhecimento
as disporá o destro na forma seguinte.

Depois de aver enlegido pontual meo, se meterá a espada bem
agraduada pela parte de fora, e dando no rosto se sentirá que

o contrario a forceja, para o que ainda, com o fio falso, se lhe ha de imprimir algũa forsa com o sentido do tacto, a fim de que melhor a resista e forceje, porque não basta muitas vezes para livrar do danno o obrigar muito por ser talvez o desvio com cautela, e então depois de estar a espada contraria perdida, e fora do limite do corpo só com a munheca se dará o talho, perfilando e situando o corpo na postura a que naturalmente o levar o movimento que fizer. E quando se meter a espada aos peitos tambem por fora e o contrario tirar o corpo, se ganhara somente a espada. E se depois de metida a desviar com o curvo da braço, se lhe não da'ra o talho, salvo se com o forte da espadaa for desviar, com tanto que seja no mesmo ser que em que encurva o braço; E assertando o contrario de tomar a espada depois de metida, se lhe dará encomendada ao tacto eo meo da divizam: Os revezes se executão melhor, daly donde nacen os talhos porque gastão menos tempo, não dezagregandoa espada sem obrigação e perda da do contrario; E os talhos tambem são mais breves, formados do lugar donde se principião os revezes, com ajuda dos compassos do corpo, para melhor com elle se impossibilitar a espada contraria; e intentandosse estas feridas em outra forma he grande o risco que corre quem as dá, pois pode ferir o Destro em cada hu dos movimentos de que ellas se compoem, como por exemplo.

Se o contrario tirar hũ talho sem algũa das particularidades referidas, se pode impedir no principio do movimento violento com hũa estocada no rosto accidentalmente, para lhe desbaratar o talho porque tudo na Destreza he de pouco effeito se não leva bõs principios, E no fim do movimento natural, se fere por agradaçam.

[Fl. 24]

agraduação assestando com impeto a mesma parte a espada para melhor to= lher a vehemencia do golpe; e no ultimo movimento do talho, recursando o corpo com graça para que passe a espada contraria, se dará por fora hũa estocada no mesmo rosto; E ainda que a distancia donde se formem estas feridas seja proporcionada, hasselhe de dillatar com os desvios, e perfis do corpo, para ferir sem o contrario offender nem chegar; e o mesmo se pode fazer a quem der hũ revez ou hũa estocada natural de unhas abaixo, que por não saberem muito como se dão os talhos, e re= vezes, vem a dizer que não os deve aver, por se gastar tempo nelles, e algũs a por lhe differentes e escuzados nomes, com quem confudem esta ciencia, e outros que não ha o que vulgarmente chamão passar, ou embe= ber, o que tudo nasce de não serem perfeitos cientes, e prestes obradores, pois não há couza que se reprove na Destreza pratica, se o destro a sabe com prudencia encaminhar.

[em branco]

Capitulo quinto

Como não ha venida sem consideração da espada, modo de a imposibilitar, e regras que se há de ter nos effeytos.

[em branco]

Dous modos há de fazer todas as Venidas, hũ começando pella espada, e outro principiando pello corpo; e os effeitos de qualquer destes modos para se executarem com mayor segurança sempre devem enca-minharse respeitando a espada contraria, ou com o tacto, ou com a agreduação ou com o cuydado: E porque a postura do angulo recto he a mais clara, por não ter mais o braço que descobrir nem de dar de si, e a que está com mayor neutralidade por não se saber para que parte se moverá a espada senão pode executar nhũ effeito consideravel por primeira nem segunda tenção depois de estar assi plantanda nessa postura, sem aver de se encolher o braço retirar, ou metter o corpo, e formar qualquer outro angulo para serem as feridas de mayor importancia e menos risco; salvo se o contrario se vier com algũ movimento estranho a topar com a espada, e ainda então para que senão receba se aperfeiçoará o corpo perfilandoo: E assi nesta postura como em as mais (que são infinitas) se começara primeyro pella espada de fora dos meos para ir

[Fl. 24v]

ir estreitando (que he o mesmo que necessitar ao contrario, e tiralo da boa postura que tem, obrigandoo a que se ponha em algũ extremo) ate chegar a enleger a distancia determinada para poder ferir: E se o contrario formar posturas mui differentes do angulo recto, e mui desviadas do limite do corpo, se principiará por elle porque então não he forçoso o começar pella espada, e buscarsehá o meo para estas feridas com hũ descuydo tam cuydadoso, e com hũa dissimulação tam advertida, que o contrario não perceba o modo antes do effeito que se fará perfilando o corpo com inteireza, estendendo o braço com vigor apertando a mão para que o sentido do tacto esteja mais pronto e com algũa inclinação dos nmeros mayores da espada, para a parte donde ficar a contraria, para que em cazoque esta se queira defender com a postura recta (verdadeira e legitima e a que só obriga a que se comece por ella) ache a espada bem posta, e bem agraduada. E quando o contrario antes do effeito venha com esta ou qualquer postura aguardarse ou offender, se firirá por agradação aperfeicoando o corpo, ou tomandolhe a espada e necessitandoo com lha por em parte estrema, donde o obrigue a que todos os movimentos faça circulares, e goste mais em fazelos do que em o ferirem regulandosse o tempo que occupão os movimentos contrarios porque aquelle he a medida destes, e arrespeito do tempo de hũ igualmente se fará o tempo do outro; e estas feridas dadas no mesmo tempo são da segunda tenção, porque comecou o contrario voluntariamente, ou obrigado: suposto que tambem ha obrar antes

de tempo, como vem a ser as feridas de primeira tenção não porque se executem antes do mesmo tempo do seu movimento, mas porque se fazem antes daquelle em que o contrario se prepara para offender, ou defender, cuja liberdade he tanta que são sem reparo nem acometimento. E há também ferir depois de tempo (não porque possa assi ser, pois temos aviriguado que o tempo he o tamanho do movimento e o mesmo movimento occasião do effeito) mas porque se fazem quando se impedem as feridas com os talhos matandolhe os movimentos de que se compoem antes que cheguem a obrarse, e depois se fere avendo de todo passado os movimentos que se fizeram para o primeiro intento da ferida: E não se obrando nesta conformidade tudo o mais será por causa livre, e acaso; e em razão Onão se poderá ferir em receber grande danno, advirtindo que ha

[Fl. 25]

ha de ser esta tempo regra tam ajustadas com os movimentos, que sempre no principio ou fim de cada qual ha o effeito de fenecer com impetu e vigor porque a determinação com a ciencia, assi he prova certa do Vencimento dos adversarios como chave segura dos melhores successos da Verdadeira Destreza.

[em branco]

Capitulo Sexto

[em branco]

Como devem nacer as feridas da primeyra tenção, e hũa regra geral para todas.

[em branco]

Feridas da primeyra tenção, são aquellas que não parão ate os effeitos, começando pella espada, ou pello corpo, e todas, quase sempre se obrão sem reparo, nem acometimento; e escuzando que o Destro tenha necessidade de esperar que o contrario faça movimentos para por elles ferir, senão só situarse no seu meo proporcionado, e como puntualmente o tiver enlegido fazer o effeito: que por ser tam veloz o que daly se dispõe, parece que nem ha reparo da parte contraria, nem da do que obra acometimento, porque no ponto em que se determina nesse se há de executar, com tanta presteza, que se julgue que mais se tardou em traçar a ferida que em obrala: E chegandosehá o Destro para esta distancia comtanto conhecimento e dessimulação, que quando por algũ cazo contrario faça ainda qualquer pequeno movimento accidental, ou naturalmente não deixe de receber a ferida, que se lhe dará por agraduação da espada, perfilando o corpo com presteza e com determinação, porque o ser Destro consiste na mór brevidade, e o animo he a alma da Destreza, e a quem não falta depois do conhecimento desta sempre fere livremente. E porque a theorica desta ciencia, he o entendimento della, e o que bem a percebe não lhe

he dificultosa sua pratica, pois he facil em todas as cousas sabendo o mais a vir a conseguir o menos, não escreverei neste capitulo a copia de Venidas que ha da primeyra tenção, ou porque isto só fica por conta do exercicio dos mestres liciõeiros, ou porque me não parece que se podem bem aprender escritas, nem em demonstrações pintadas, pois o mais instante accidente as troca, e o mais brevissimo=

[Fl. 25v]

movimento as altera, mas só ensinarei ao Destro hũ caminho universal para a consequencia de todas estas Venidas: Para o que se considerará primeyro que todas se fazem de hũ proprio meo, poiso não varião as muitas partes em que se enlege (porque este he so regulado pella distancia que há entre os dous combatentes) e que o partir com o braço recto, com a espada crespada, e com a ponta sem desviar-se do rostro do contrario, he para todo o genero de angulos e posturas, a mais forte ayrosa e universal, e a que contrasta todos os movimentos, por estar em lugar superior, donde cae para ferir de estocada naturalmente nos mais breves que o contrario faz, e he impossivel aver algũ que na velocidade e vehemencia se oponha contra o natural: E com esta certeza caminhará o Destro ao enleger do meo de proporção o determinado, ou com hũa repentina agilidadade por hũ dos angulos rectilineos, que na demonstração Universal sinala a letra R que he o caminho mais breve, e por donde se apropinqua mais ao contrario, que pella circumferencia, ou com hũa simulada cautella chegando para diante o pé esquerdo sem o levantar, movendoo se for por fora, para a parte esquerda como o que faz hũa mesura, se por dentro (que são só os dous caminhos que ha, e todos os outros se deduzem destes) pello lado direito, como que naturalmente principia o andar com o pé esquerdo; e como tiver o Destro bem reconhecido o meo, pello espaço que vir entre corpo e corpo em moderada postura, como que descansa da Violencia em que estava o compasso tam junto: e deste lugar pode nacer toda immensidade de feridas, que a providencia do Destro determinar, pois na sua mão tem (formandosse conforme á sciencia) o effeito de suas tenções: E he esta postura tam prehinente, que se pode caminhar com ella de peito a peito pella linha do Diametro, suposto que sejam algũs doutos de [à margem direita] Narvaez.
2ª

contraria opinião dizendo em muytos lugares de seus livros, que [à margem direita] p. das [gr: da Es:

senão caminhará nunca pella linha do Diametro, e que sempre [à margem direita] fol. 60. se fugirá della por ser lugar mui arriscado, não dando para isto outras razoes mais que só aparentes, e mui triviaes; como que se o perigo em que o corpo se mete o não deffendesse a Vigilancia da espada, mormente se vai em postura superior às do contrario E ouvesse

[Fl. 26]

e ouvesse na Destreza (dos meos para dentro) algũ movimento sem risco, que feitos pelloos cientes não fosse com cuydado, e tenção de o recuperar ou com as posturas de braço e espada, ou com o angulo das pernas e perfis do corpo; E todas estas venidas da pimeyra tenção, as pode= rá executar melhor o homem que for de estatura grande contra o peque= no com excesso pella Ventagem que lhe leva, e entre os de iguaes corpos terão tambem effeitos, por consentir deixar enleger meo sufi= ciente para as formar, pois todas as venidas desta calidade senão podem conseguir se primeyro não precede o enleger com o corpo lugar determinado, ou se executão pella ignorancia que o contrario com= mette consentindo, livrando, fazendo com o corpo, braco e espada algũ extremo antes de posto, ou depois de situado mudança de angulo: e nestes cazos se pode dizer que está na mão do contra= rio dispor o Destro as venidas bem ordenadas ou malfeitas, pois fes erros e descuydos de que o Destro se aproveitou sem lhe ser necessario valerse de sua sciencia; e ainda que não importa que no contrario aja estas faltas para o Destro deixar de offender, com tudo com menos ca= bedal o fará valendosse dellas, que as venidas cujos movimentos de= pendem da Vontade alhea, por terem o fim duvidoso e incerto, raras ve= zes se conseguem com felicidade.

[em branco]

Capitulo Septimo

Das feridas da Segunda tençam e de como he proveitoso na Destreza fazer perdas com conhecimêto.

[em branco]

Feridas da Segunda tençam são as que se fazem debaixo dos movi= mentos, que o contrario principia, como quem tira hũ talho, e se lhe dá outro no mesmo tempo reparando e offendendo: ou são tambem as fe= ridas que o Destro compoem de mais que de hũ movimento, como os talhos e revezes, que nacam depois de meter a espada ao rostro por agraduação. E são os termos destas venidas tam dilatados, que a grande dificuldade que háem comprehender seu genero, pude= ra servir de desculpa àquelles, cujas praticas e particulares de= monstrações não foram bem entendidos, ou porque todas não sam mais que hum pensamento e conceito do animo, sem aver numero

[Fl. 26v]

certo nos que se podem formar, ou porque nhũa deixa de estar su= geita a mil accidentes que lhe mudão a sustancia. Mas comtudo como seja a melhor e mais essencial regra para os acertos desta sci= encia o começar pella espada, por ser hũa estrada dereyta por Donde com segurança se caminha para o corpo do contrario, po=

rey nesta a todos os Destros, para determinarem as feridas conforme seus intentos, ou às causas que para elles der o Destro. Para o que se partirá sempre com differente postura e linha da em que estiver a espada do contrario, que consta a Destreza desta differença: e se fizer o contrario algũ movimento indo ao Destro em meo de proporção, no mesmo tempo ganhando a espada, enle= gera a Distancia determinada (que he mui seguro enle= gela nos alhe= os movimentos) e se for pella parte de fora se fará o effeito no rosto, por estar mais descoberto que o corpo a quem tapa a guarniçam e se se ganhar pella parte de dentro, pondolha em angulo fraco, e curto se fara o effeito adonde o pedir a postura contraria; E vendo o Destro (indo no meo de proporção) que o contrario não move, enle= gera o determinado pello modo, que diz o capitulo seguinte, e depois obrara conforme conceituar. E quando o contrario vier a ganhar a espada, tratara o Destro por escuzar movimentos de fazerlhe o mesmo ganhando a distancia proporcionada, ou seja por dentro ou por fora, que he accção superior por assaltearlhe o intento no ser do principio do seu movimento. E se o contrario ganhar primeyro a espada, lhe dará o Destro se= quizer ocasião abrindo o angulo cuydadosamente, para que o venhão a ferir, e para que sayão adonde tem formado seus intentos, para debaixo deste engano executar, porque abrir o angulo na Destreza, não só tolhe os atalhos, e impede as ganancias, mas para quem espera he remedio utilissimo, eccção eficaz para per= verter o meo que se enle= ge. E pello menos quando com esta traça não fira, está melhor disposto para atalhar todas as= feridas do contrario, que he remedio das que vem bem enca= minhadas, e hũa regra universal para a conservação e defensa, não emquanto a produzir em hũ tempo, diversas formas, nem effeitos diversos, senão emquanto a ser universalmente obrado por todos os homens: E se vierem os movimentos das Venidas mal

[Fl. 27]

mal formados, fazerlhe contrarios, pois só então se dá cazo que os aja; E encomendo aos que não souberem conhecer o delicado destas verdades, que não passem do impossivel da imitação à facilidade do desprezo, e que não tratem de desculpar sua insuficiencia com o descre= dito dellas, porque importára pouco quando os Doutos as tem abonadas que os incientes as não alcansem, pois não corre por sua conta julgar diretamente do que he perfeito. E para que o Destro colha ao adversario em qualquer treta da segunda tençam lhe ar= mará sempre com os laços das perdas, pois as permite a Verdadeyra Destreza, quando se aproveita dellas para vir à lograr seus seus effeitos, assi que he mui util o fazelas com tençam precedendo primeyro o conhecimento do talento do contrario, porque em provocar com enganos

mostram muita ciencia os Destros, e ocasionão muyto danno aos imprudentes, que de ordinario se querem aproveitar de movimentos que lhe custão pouco, e caem nelles com o dezengano das feridas: de mais que o saber dar o Destro ocasião para seu intento pode grandemente em todas as cousas que determina, e custuma muitas vezes ajudar mais que o esforço; E como as fracos e ignorantes, nunca dão causa a que os firão, antes se fechão de modo que vem a mostrar mayores receios no que não he segurança sua, he nessecario provocalos com estas perdas, e desmanchos cuydadosos, para que o Destro à sombra delles possa executar mais a seu salvo suas feridas, que o dar com conhecimiento ocasião ao contrario he grangear meos para os bons successos

[em branco]

Capitulo Oitavo

Regras para achar a espada; do danno de ferir com o corpo movido; e do erro em que se cae quem mette o pé esquerdo

[em branco]

A tenção de qualquer postura se conhecerá pella forma em que a puzer o contrario, e tudo que o Destro intentar será regulandosse pellos alheos movimentos; e quando esteja a espada em postura em que se possa ir a ella sempre será caminhando com algũa tenção de fora dos meos, sem largar a espada tanto que se achou ate enlegr o determinado

[Fl. 27v]

nos movimentos do contrario, e ainda depois de ferir senão apartará da espada em modo que a não respeite, antes pode tornar a ella; (mas sem encurvar o braço, nem atravessar a espada) porque daly mesmo se podem dar mais feridas, ou nos desmanchos com que se acode por aver recebido, ou pella nova potencia que acquerio por aver formado de novo, que quem deu bem a primeyra de ordinario abre caminho para melhor executar a segunda, e não será então [à margem direita] narvaez. [4^a

nessessario tornar em ferindo a fazerse ao meo de proporção, porque [à margem direita] p. [fol: 136

a não tenho por boa nem bizarra accão, antes por medrosa e arriscada, pois nella se dá lugar ao contrario a que descanse para formar de novo seus intentos. E se a espada estiver em algũa postura longe do limite do corpo, e não quizer o Destro tomala nem partir para ella, o pode fazer caminhando para o peito do contrario, por hum dos lados sem fazer cazo da espada, quanto à postura, que quanto à tenção ira com grande sentido, pois obrigado então virá forcosamente adonde se possa começar por ella. E porque o sogeitala he hũa das couzas de mayor importancia na destreza, afim de que

se ache sempre, e nunca se erre, direy outro modo mais superior que todos, mais ayroso resuluto e infalivel; para o que irá o Destro a ferir de fora dos meos, metendo a espada por qualquer dos lados com tençam só para a tomar no ser que o conatrario indireyta a sua para offender ou defenderse, e não pareça que está a incerteza deste caminho na facilidade, porque a experiencia tem mostrado que he este o mais perfeito, para a poder ganhar bem, e a não dezencon=trar, e se acazo o contrario a vier a tomarlhe ganhará o Destro por mão, tomandolha no principio do movimento Violento, com que ficará o contrario atado, e a não poderá livrar sem grande risco, E antes, nem despois de enlegido este meo, se irá nunca á fe=rir com o corpo movido, porque vai fraco, e dividir a forsa na Des=treza he provavelmente danno, antes terá o Destro cuydado em co=nhecer, quando o conrtario vem a ferir fora do meo proporcionado, para lhe fazer contrarios a suas feridas, porque a perfeita Destreza não nos admite senão nos erros, como neste cazo por vir o corpo em caminho, e aver quasi sempre fraqueza li donde a Vontade desunio a força e arrepartio: como por exemplo. Se o contrario meter a espada com hũa ponta ao rostro pella parte de fora

[Fl. 28]

de fora com o corpo movido, perfilandoo o Destro pella circunferencia da mesma parte lhe dará hũ talho, precedendo o aver rompido primeyro a espada contraria com o movimento violento do circulo, para com mayor presteza lhe tolher o effeito da Estocada, e offender com o talho. Se o contrario metter a espada da mesma maneyra, lha podera desviar o Destro tambem por fora, e por não perder tempo com o fio falso da sua espada, e com o movimento violento, e arrimado à contraria pella mesma parte, lhe dará hũ talho fendido, para que na perda que fizer querendo defenderse possa executar outro talho, com condissão, que seja depois de ter o contrario a espada perdida, e fora do limite do cor=po, e a onde para poder ferir necessite de encolhela e forme de novo. Ou se lhe desviará pello mesmo modo, e sem dezunir a espada cain=do com a propria, se lhe dará hũa estocada no rostro, e na perda que fi=zer acodindo a impedilla, se poderá segundar com mais feridas con=forme ao Destrolhe dictar sua providencia: Ou assi tambem virando no=proprio movimento a mão de unhas abaixo, de modo que, a guarnição fique afastando a espada contraria, e impedindolhe o effeito. E se pella parte de dentro com movimento de corpo, por falta de não aver enlegidomeo vier o contrario á ferir de estocada ao rostro, se lhe des=viará de unhas assima com a guarnição alta, indo formando hũ re=vez, que se lhe dará só com a munheca. Tambe se lhe desviará por dentro, com o principio do circulo de hũ talho, perfilando o corpo para o executar com maior perfeição: Ou atalhandolhe a espada agre=gado a ella se lhe dará um revez com o fio falso, e logo outro; Ou tam=

bem agraduandolha ao rostro pella mesma parte, poderá o destro ferir de estocada: Advertindo que todas estas preposições teram effeito se houver da parte contraria o erro de metter o corpo de fora do meo, que na Verdadeyra Destreza, se não fere nunca, senão pellas faltas ou Ventagens que tem as cauzas efficientes:

E porque os movimentos são hũa transmutação de hũ lugar a outro, e nhũ há em instante devem sempre os que fizer o corpo para não ser arriscado ajustarse com o que a espada obrar, e como de tras da guarnição anda sempre o Destro mais defendido, me parece desterrar do exercicio das armas, o erro grande, e tam introduzido de metter

[Fl. 28v]

diante o pé esquerdo, quasi em todas as venidas como couza singular e proveitosa, sendo que em hũa he precisamente necessario, e em todas escuzado, e provoo desta maneyra. Todos os movimentos do homem tem sua origem da parte direita, porque esta he a que nelles naturalmente primeyro se move, e parece na Verdadeyra Destreza cousa estranha quando algũ o faz com o pé esquerdo: alem do dezar grande que solicita e do immenso risco que grangea porque, ou o pé esquerdo se mette estando a espada contraria sogeita, ou não estando: se estando sogeita he desnecessario pois sem o metter se pode ferir, e com o corpo mais resguardado; mettendosse não estando a espada sogeita, he risco, porque se offerece o corpo ao perigo, e se distrahe a forsa e com tam desconcertado movimento se descompoem o perfil; porque todas as vezes, que se mette o pé esquerdo ningem negará, que a guarnição não pode guardar o corpo de cuja sombra deve sempre andar defendido, [à margem direita] narv: [na 2.p.d.

o que he impossivel se se admitir a doutrina de Narvaez que encomenda [à margem direita] [gr: d. esp: fol: 37

da que quando se metter o pé esquerdo há de ir de maneyra que sirva [à margem direita] [carr:dial: 3. fol 165

va de derecho, e a trocada com a mesma proporção como se o derecho estivera adiante: desatino grande, imitado, e o que he peor he defendido de muytos ignorantes, pois então fica a guarnição igual com o ombro de ferir o contrario, e a postura não está forte nem ayrosa, não defende nem offende melhor, porque quando se permitira em rigor, ouvera de ser, não metendoo para diante, senão pondoo pella circunferencia pella mesma parte esquerda; e finalmente digo quem ainda convem para pegar com a mão esquerda, pois sem o metter adiante se pode pegar, e suposto que todo estremo na Destreza he dannoso então se salva este, porque o fará o Destro affirm de offender ou deffender com certeza*

* E assi do fim deste capitulo se colhe que jamais he de essencial proveito em hũs termos o meter

[em branco]

Capitulo nono

[em branco]

Como a espada sempre agregada fere
livremente, e a que anda desagrega e livre o faz com muyto
risco.

[em branco]

A ciencia da Verdadeyra Destreza, he tam perseguida dos que
a não

[Fl. 29]

a não alcansão, e tam falsificadoa dos que prezumem não ignorala que hũa
das razões que me moveo a escrever suas regras, foi ver alguns preceytos
do insigne Goncalo Barbosa tam indignamente ultrajados, que bem
o mostra que de os não saberem, nem poderem imitar, lhe naceo o atreve=
remselhe a trocalos, e a desestimálos; ora atribuindolhe a suas accoes mui=
tas falsas e defectuosas para arriscarlhe por hũas o credito que avia ac=
querido por outras; ora (grande pensão dos que bem acertão) julgando=
lhe o ser unico a dezatino se divera ter por atinado acerto; tu=
do afim de lhe diminuir sua opinião; o que foi imposivel porque ain=
da que grangea mais afeicoados o que erra com todos, que o que apartan=
dosse das cousas vulgares, pode descobrir novo rumo para o porto da
perfeição, comtudo muitos de seus decipulos souberão em toda parte com
tanta admiração fazello respeitar, mostrando a todos o mais puro da
Verdadeyra Destreza, que negociarão com suas obras para seu mestre
o mayor respeito, e a mayor fama, porque quem, ainda vivendo chegou
a perpetuar esta só pode dizer que alcansou a mais levantada assi como
se constituiu naquelle quem só sem outros livros mais que seu grande Natu=
ral, e ingenho se fez verdadeyro exemplo para ser imitado; e para si so=
licitarão o mayor louvor, e a mayor Ventura, e estar necessitando de enve=
jar a ningem, e aquelle sabendo acquerir envejas. Tudo isto foi for=
coso dilatar, obrigado dever que se attribuia á doutrina de Barbosa
trazer a espada livre, affirmando que era a melhor cousa que avia de
ter hũ Destro, com que se nega o infalivel de seus preceytos: porque a es=
pada para ferir livremente e sem receber antes se há de cumunicar, e
agregar à do contrario pella maneyra que as feridas o pedirem, do que tra=
zela livre e desunida, pois andando assi não pode executar sem gran=
de risco, e muytas vezes mayor danno; que de se não darem as feridas
imposibilitando a espada, nace não poder estar sogeita a contraria

diantes o pé esquerdo, nem botar fora o dereyto
salvo recursandoo pella circunferencia, em modo
que ficando só com a ponta no chão, tire
o corpo do ponto em que estava e elle se extre=
me em mayor perfeição.

e chegar igualmente como a que anda livre, porque duas linhas igua= es não tem opposição, nem se contradizerem sendo as posturas semelhã= tes, que no tempo que a espada foi a ferir sem respeito á do contrario logo foi perigosamente, e assi o livrar, tentar, nem colear a espada não he de nhũa conviniencia, salvo livrandoa no ser dos movimen= tos do corpo do contrario depois de estar o meo de proporção enleyto, e ainda então há de ser junto com a espada contrario, liado com ella, e bem agraduado, e executadas as feridas sem metter o corpo, tendo

[Fl. 29v]

particular sentido em que ate nestes termos não sejam dispostos os movimen= tos do contrario com algũa tenção (que se conhecerá pellas posturas e accoes antes de mover) porque ainda será pouco util o livrala, pois o assaltarão os movimentos, que naquelles actos faz o contrario com quazi incomprehen= sivel presteza que como foi o intento com tenção, ficou sempre o corpo em potencia, para a forsa e brevidade, e gerousse então o movimento do ani= mo, cujos impetos são principios dos actos, como os movimentos hũ acto produzido do que está em potencia. E como a Verdadeyra Des= treza trata de excluir de si movimentos escuzados, e ensina quaes são os melhores, para poder offender e deffender, não são de nhũa im= portancia os de colear, livrar, nem os de fazer incitações, de que de ordinario uzão os insientes, porque mal atinão com o certo, e não os Destros que conhecem os mais breves caminhos para as execuço= es, e quem os ignora sempre vai confuzo e incerto, intentando varios modos para se bem encaminhar aos effeitos, assi como tem andado gram parte delles quem sabe por donde vay: Demais de que qua= esquer pequenos movimentos feitos em meo enlegido são mui arrisca= dos, e fora delle são de pouco proveito, e só para os imprudentes, e que não tem conhecimento desta sciencia, são o livrar, o colear, e as incitações mas não nas uzara porque se distrahe a forsa nellas, e ainda que obrigão a fazer talvez perdas grandes, e constran= gem a desmanchos demasiados, não succede assi ao Destro, por= que situa a espada em parte, donde conhece os movimentos que lhe podem prejudicar, e está prompto para aproveitarse ain= da dos menores que o contrario fizer, e he melhor guardar a quella forsa, que repartila em muytos movimentos, que por acelerados cansão, que não gastala nos que são desnecessa= rios; assi que ferir livremente sem contradição he provei= toso, como inutil o trazer a espada livre e desunida da do contrario; como que tambem se perde o sentido do tacto, não se conhece a forsa das alheas posturas com certeza, e não se podem perseber com pontualidade os movimentos do contrario, para se o Destro aproveitar dellas.

Capitu=

[Fl. 30]

Capitulo Decimo

[em branco]

Como se devem formar os reparos, e
se avirigua se são necessarios na
Verdadeyra Destreza

[em branco]

O reparo não he preciso na Verdadeyra Destreza, porque se a espada for (como ensina a ciencia) bem encaminhada nos principios dos movimentos dos talhos e revezes, escuzara o Destro valer-se dos Reparos: e suposto que se diga Vulgarmente que de bem reparar nace o bem ferir, o certo he que quem bem repara ao ciente melhor recebe, por causa de descobrir hũa parte querendo cobrir outra, que na Destreza que resguarda um ponto de forsa destapa outro, e o prudente Destro não faz os seus effeitos determinados só a hũ fim, porque de hũa cousa converte em outra, e lhe muda a sustancia: E os reparos não são mais que hũ remedio de pouca presteza e hũ suprimento de necessidade, inventado para contra os imprudentes e que depois de se lhe repararem as feridas, recebem (como á forsa as que nace das repostas dos talhos), ou tambem servem os reparos para quando o aperto obriga em algũ cazo a não poder estar o corpo em distancia para ferir, a respeito de se aver ja formado de todo o movimento Violento, e principiado o natural, que nos mais cazos, como só o reparo he para defender das feridas, se escuza, porque as pode o Destro impedir por caminho mais breve, visto saber a parte donde há de metter a espada bem agraduada e com o corpo plantado para que quando o contrario se remedee não possa fazer outra couza, e ter inteiro conhecimento da distancia e parte donde se forma o talho seus movimentos, e angulos, o caminho circular que ha de gastar, e as linhas que lhe há de contrapor para não receber talho nem revez. E considerarseha na Destreza o Vigor do corpo do contrario, afim de que o destro conheça a falta, ou ventagem que lhe leva, e aconselhe com sua propria forsa, para que a não gaste nem canse em movimentos escuzados e pouco proveitosos, e para que depois de reconhecida bem a do contrario, aplique suas feridas conforme à ella, porque qualquer movimento por forte que seja, se mede com outro mais ligeiro, deixando reservada alguma forsa para sair da Venida pois no fim della há de nacer o reparo, accção principal do exercicio das armas, nos dous cazos que assim disse, que de Destro a Destro o melhor não será de uzar de reparos, mas para que

[Fl. 30v]

se não ignorem quando convinhão. Todas as vezes que o contrario formar talho ou revez, ora seja por propria Vontade, ou seja constrangido do Destro mais ciente, e não estiver o corpo e a espada em proporção conveniente para impedir no ser do movimento Violento o effeito do talho ou o revez com a offensa de algũa ferida, e lhe seja forsa por não receber o reparar, o fará saindo ao encontro ao movimento natural da espada,

formando outro movimento natural mais vehemente, que o que for a impedir, o que conhecerá o Destro pello espaço que teve o movimento violento do contrario, e pello angulo e accoes do corpo, porque encontrando-se duas foras he certo, que a mayor resista e faça recuar a menor, e neste cazo vence o artificio do reparo a natureza do talho ou revez. E porque estes tem lugar conhecido por donde se formão, e não ponto certo donde se executão, ou porque o Destro os converte em outras feridas, ou porque sempre faz o efeito na parte que vio descuberta, isto antes de formar o movimento natural, convem que o reparo se ajuste com o golpe, não se adiantando, nem descuidando com os movimentos dos reparos, porque tanto se arrisca o que se anticipa como perde o que tarda, e advertir que nem a quantidade dos movimentos ha de sobrepujar a forsa do braço, porque o movimento sempre será à medida do intento sobre o que se fizer, e a forsa e a fraqueza do adversario se conhecerá, nos mesmos movimentos, pella postura que teve o corpo e braço ao formalos, e em todas deve considerar o Destro o modo dos angulos, perfis do corpo, e fundamento que tem feito sobre os pés, para julgar a forsa ou fraqueza da espada contraria: e assi conhecerá que nos perfis, e em todas as partes do corpo e nas posturas da espada em que ha angulo, que ali adonde houver esta forsa, de maneyra que conforme a que tiver o que se [à margem direita] [como se conhece:

move, se ha de fazer o movimento, que d'outro modo não era tão forte nem [à margem direita] donde está a forsa

o fica o corpo, porque a forsa dividida sem proporção he de pouco effeito e ficasse perdendo aquele acto arrespeito de ter cada movimento forsa dedicada: desta sorte pois se deve de reparar em hũ dos angulos rectilineos, assi ocupando com o compaço como com o braço os revezes em diferente lado do que os talhos, porque estes se fazem para o lado esquerdo, e os revezes para o lado derecho, porque somente há estes dous reparos, e todos os outros nacam delles, e são diferentes entre si, por serem diferentes os angulos que o braço e o corpo

[Fl. 31]

e o corpo faz quando se formão e os compaços que se dão, porque como os talhos e revezes se fazem de differentes lados assi tambem os reparos guardão esta regra; com que se escuza metter a mão esquerda, nem o pé esquerdo; absurdo grande imitado de muitos idiotas: Farsehão os reparos com a fortaleza de espada, por ser o terço que he forte para reparar, e fraco para ferir, assi como o outro terço da ponta da espada se chama fraco, porque o he para reparar ainda que forte para ferir, de modo que falando por terços estes são os que tem a espada, entrando nelles o meo da devizão, que vem a ser o outro pello que toma do proprio e do remoto, como mostra a demonstração da espada que fica no livro primeyro. E torno a advertir que

se não vá a reparar antes de gerado o movimento natural ou no seu princi= [à margem direita] car: fol: 168

pio como diz carranca, e Narvaez, porque então pode o Destro ferir no [à margem direita] [narv. 4 par: fol.

movimento Violento e escuzar reparar, senão no mesmo movimento natural, [à margem direita] 229.

para que tornando atroz o impeto da espada do contrario, fique a do= Destro assestada ao rosto, e dezempedida para ferir livremente, que se se ouverão e aguardar os reparos sem aplicação de mór forsa, então fora bom colhelos, no principio do movimento natural que he fraco; de ma= is, que se o movimento natural dos talhos e revezes, começa do angulo obtuso, e rectitude alta, como se há de ir buscar lá mesmo sem risco, fazendosse tam grande descompostura; Tenhoo por falso como tambem dizerse, que o braço, que há de estar em angulo recto, a mão de unhas [à margem direita] [narv: na dem:

assima, e a guarnição de fronte do rosto, para os talhos; e para os reve= [à margem direita] [da 4. p: fol: 229

zes de unhas abaixo; porque só he bom (geralmente falando) ir a es= pada de fio, com o modo que assima disse; pois quando fora em angu= lo recto, ouvera de ser aguardando o golpe, com toda sua inteireza, e perfeição sem o mudar, que se com pontualidade guarda sua excellen= cia, unido com o perfil do corpo he universal postura para a defença dos talhos e revezes porque alcança mais, e tem mais forsa, estando a mu= nheca bem apertada, o corpo dereito e activo, porque em postura mo= derada está mais disposto, para acudir a proprias com alheas deter= minações; E se os incientes quizerem reparar aos Destros lhe ficará servindo de mayor danno; e para que estes firão mais seguramente podem procurar nos principios dos talhos, ou revezes, tomalhos sem= pre agregados a espada para lhos ajudar à passar, e fazerlhe os cir= culos mais porlongados, e de nhũ effeito, mas hão de ser tomados em dis= tancia proporcionada, para que não se receba contradição.

Cap:

[Fl. 31v]

Capitulo undecimo

[em branco]

Em que se ensina como deve batalhar

o homem que fôr de grande

Vigaa [?]: dire mil. lib. 1. 5 [à margem esquerda] estatura

[em branco]

As estaturas dos homens naturalmente, ou são pequenas, ou me= dianas, ou grandes, atrevome a dizer que será a melhor a que me=

nos se chegar a algũ dos extremos pois os[^] mesmos Romanos que não erãõ [à margem direita] Tito livio in dec:

muy altos de corpo forãõ tam esforçados prudentes, e sabios nas armas que imperarãõ o mundo, como nossos Espanhoes cuja estaturas pella mayor parte sãõ medianas, alem de que tudo o que he meo entre extremos he mais perfeito; E ajuda a esta razão se=

rem de ordinario os homens muy grandes inhabeis para às cien= [à margem direita]

Platão, [e Arist:

cias, porque as muytas carnes e mayores ossos danãõ o ingenho, [à margem direita] assi diz [o dereito

e os homens pequenos, ainda, que quasi sempre sãõ mais pru= [à margem direita] civil dentes que os muy altos, com tudo os de mediana estatura le= vão omuyta ventagem aos que participãõ de algũ dos extremos, o que não será se o homem, que for grande souber os precei= tos de que deve uzar no exercicio das armas` E porque até=

[^] Os antigos Arquitetos e Estatuarios insigne contemplando cuydadosamente as medidas da estatura do [homem escolherãõ [à margem direita] Vitruvio que a mais perfeita e conuiniente deveria ter ao menos seis pés Geometricos, e que não pasasse de sette e [ainda tambem noto [à margem direita] lib: 3

mostra a experiencia, porque suposto que na altura do homê não se possa dizer que aja certa medida pois hũns [sãõ mayores que outros,

Vemos que os de meam estatura, que não participãõ de nhũ dos extremos, sãõ de ordinario os mais suficientes nas

armas, e nas letras, e assi os Romanos (que nada lhe foy oculto) escolhiãõ os Tyronnes (que erãõ os soldados novos) des= ta estatura, e se se não ajustarãõ sempre com a meam, foy

por inclinarse mais à grande, que a pequena, porque a estatura de hũ homem militar queriãõ que fosse como ja disse, de seis pés cada hũ de doze onças), e desta altura separavãõ os soldados para a cavalaria e tambem os infantes que militavãõ na primeira cohorte [?]

das suas ligiões, mas quando a nececida

de obrigava, não observavãõ esta regra

antes elegiãõ de

toda a sorte de

estatura, pondo sempre o cuydado que

nos moços fosse robusta e forte sobre

ingenho vivaz e de espiritu, e como

as estaturas.

` e assi não desputo qual das estaturas

por si sem a destreza seja melhor, porque

para hũa e outra ouve no mundo exem=

plos bons e maos, e conhecemos de hũa

e outras Valentes, e doutos, e de hũa e

outra covardes e necios; antes me parece

que em abono dos grandes se deve de de=

gora todos os mestres desta sciencia, e ainda os escritores della não repararão na differença que hà de aver em ensinar a os homens que forem grandes com demasia, ou pequenos com excesso (pois a todos não pode ser comu a mesma pratica da Verdadeira Destreza) me pareceo enmendar este descuydo, acomodando (no que convem) algũa das regras desta ciencia conforme às estaturas dos homens; para que os grandes saibão que para batalharem com perfeição há de ser por diverso modo dos piquenos, e não da mesma maneyra hũns, que outros, como ategora vulgarmente se uzou, pois são differentes nas estaturas, nos compassos dos pés, e nos movimentos dos braços; E como esta ciencia estriba parte de sua grandeza na de semelhança, não convinha, que os termos de trazer a espada o grande fossem parecidos aos do pequeno, nem as proporções, e meos fossem comũs, que em hũa e outra couza tem o grande ao pequeno muita superioridade, assi porque pode trazer o braço estendido ou curto, com que se lhe conhece menos o que exercita, como porque a distancia donde fere por estar mais

[Fl. 32]

mais afastada he mais segura, e está em seu alvedrio poder melhor

clarar aquella sentença de homos longus raro sapiens, não como sinestramente a interpreta o Vulgo, pois se não entende homem longo, pela grandeza do corpo, se não pela calidade da resulução e presteza com que algũs precedem em suas couzas, porque a dimazia da tardança em as resolver, he sinal evidente de ignorancia de ingenho pouco eficaz, e de animo tardo, e assi aos homens de longo expidiente e dilatada prontidão, se deve attribuir a raridade do saber, que não geralmente aos de estatura grande porque entre os que profissão as armas, antes estes são os mais galhardos e luzidos, donde parece que de enveja os pequenos lhe intrepetarão aquelle Vulgar adajo, de homem grande besta de pao, pois se lhe arguo dos grandes serem antigamente mais capazes de guerrear com bestas de pao, do que os pequenos que não erãotam pujantes para o pezo e meneo delas como os de mayor estatura, E

traçar feridas da primeyra tençam; para o que se situará logo em parte determinada sem muyto extremo de corpo, e com o compasso dos pés hũ pouco largo, afim de que sem lhe ser necessario aguardar alheos movimentos, possa ferir pella agrađuação da espada, ou inclinando o corpo pella parte de sima, ou com a queda do jiolho dereito fazendosse da estatura do pequeno, para lhe tirar o braço de seu centro, e melhor ferir sem receber, e digo que se situará o grande como compasso largo, ou porque assi o pede a estatura para mais fortaleza, ou porque se o tiver junto não poderá ferir sem metter o corpo, que he o que mais aguarda o pequeno, para que nos taes movimentos ocupando sua distancia, de baixo dos atalhos possa melhor ferir, que o grande tem esta excellencia que enlege o seu meo quando quer e lhe convem; e não o pequeno, porque tambem está na mão do grande o consentirlhe ou evitarlhe que o enleja, perlogandolhe o caminho com qualquer breve extremo ou movimento que fassa; e só entre esta desigualdade de estaturas, são differentes os meos, por serem differentes os lugares donde cada hũ pode com proporção ferir. E para que o grande permaneça mais (supostas estas ventagens) contra o pequeno, disporá com o braço, e espada todas suas tenções sem mover o corpo, para que o pequeno não possa enleger o meo aproveitandosse dos seus movimentos, pois no ser dos do grande o enlege com mais segurança: e para lho evitar, só com o braço lhe trará a espada livre (que no grande não he erro andar assi) e no ser dos movimentos contrarios ferirá de fora da proporção do pequeno com o fraco da espada para que lhe fique para mais, e a não perca, de sorte, que para a restaurar lhe convenha tirar o corpo para trás; e assi ha de ter o grande cuydado em que sempre deve formar todos os movimentos de suas feridas quasi só com a munheca, para que os conserve em que sejam sempre mui apanhados, e menos remissos da linha recta, pois he conviniente para fazer os efeitos com mais presteza; impunhando a espada tam viva, que em cazo que o contrario estreite, sinta logo o danno em que se meteo, pois de dentro dos meos he o grande mais prestes, pella mayor fuga que tem para recolher a espada; Capi=

[Fl. 32v]

Capitulo Duodecimo

[em branco]

Em que se mostra como ha de batalhar o homem pequeno.

[em branco]

Avendo a estatura dos homens de participar de algũ dos extremos de menos dano seria inclinar-se á pequena, porque de ordinario são muy espertos, scientes, e fogosos; e não me faltarão exemplos para o provar se o meu intento fora outro mais que o de descobrir como o homem pequeno deve exercitar as armas contra o que for grande, que

de igual a igual poderá o pequeno (se lhe conver differençar) trazer a espada como o grande: Assi que todo o homem de pequena estatura contra o grande batalhara com o braço curvo, e a espada em angulo obtuso sem nunca ir com o corpo movido à buscar a contraria quando a vir parada, e todas as suas feridas serão sempre sobre ella. E para ser assi caminhará naturalmente por hũ dos lados como ensina o Cap: 1º deste livro 2º. que ainda que se descubram mais partes adonde o possa ferir o contrario he para que com o perfil do corpo se tenha mais cuydado de as guardar e para que com este descuydo intencionado lhe persuada os seus intentos, que como são os indicios porque melhor se conhecem os movimentos quando os fizer a espada do grande então sem lhe fazer carga a tomará não se afastado nunca della: e se lha ganhar por fora sera indo com o corpo para a parte derecha, e se por dentro com elle pello contrario para a parte esquerda, porque lhe tira assi melhor o braço de seu centro, lho poem em fraqueza, e em angulo que alcanca menos, e descobrindo o ponto adonde ha de ferir chega com este artificio o pequeno mais que o grande, e sem elle, no seu ponto tanto; porque a quantidade que o pequeno lhe falta para grande abaixa o que o he fazendo angulo agudo, e alcanca neste igualmente como o pequeno no recto, e isto se entende entre os homens grandes e pequenos com os excessos de corpo mais ordinarios: Partirá tambem para o contrario de peito a peito, tomando a espada fora dos meos, e se o grande consentir o enlegerà puntual com o corpo pondoo no lugar donde tirou a espada, com hũa presteza quasi incomprehensivel, que para que os

[Fl. 33]

Os pequenos se iguaem com os grandes hão de trabalhar muyto, e os compassos que derem hão de ser muy ligeiros; E quando plantado assi de fora o contrario o fizer algũ movimento com o corpo em caminho se enlegerà o mesmo meo; e se livrar o grande a espada só com a munheca de engano não irá o pequeno a buscala, se não, occupará a linha recta enlegendo por cima o meo proporcionado, para ferir nas quedas da espada do contrario, dandolhe dantes causa para que a livre depois de ter escolhida sua distancia: E não se dezagrega da espada, impossibilitandoa com o corpo, e pondoo me modo que não cayba o comprimento della entre o seu, e do contrario, que vem a ser dentro dos meos, porque depois de chegar a parte determinada, não será bastante o movimento que o contrario fizer com os pés para tras para deixar de receber: e não se desleará (como ja tenho dito) da espada, porque o grande trazendoa livre ferirá infalivelmente; e ainda de dentro (donde o pequeno tem menos remedio) atalhará sempre empatando todos os movimentos, tendo muyto

cuydado em a não largar, porque então são os movimentos do grande mais accidentaes e ligeiros, e recolhe mais espada, pello mais que tem de esta= tura, e livra com mór facilidade a mais comprida pella Ventagem, e soltura do braço: assi que o pequeno se há de afastar sempre do gran= de, visto andar melhor de fora dos meos, ate enleger o determina= do nas perdas, ou movimentos do contrario; e não poder nunca ferir senão nos segundos movimentos, pois primeyro há de estender o grande e vir à linha recta (que he a em que melhor se busca e acha a espada) para que sobre ella possa o pequeno ferir sem risco; porque a espada he a porta por donde mais seguro entra e sae o Destro

[em branco]

Capitulo XIII

[em branco]

Como se pode mover a espada de toda a parte, e permanecem em algũs casos os movimentos violentos contra os naturaes, e outros pontos dignos de adver= tencia.

[em branco]

Nos mayores apertos servem os mayores remedios. A estado chegão muytas vezes as espadas de dous combatentes, que parece impusivel deyxar hũa dellas de offender ainda que o contrario se retire para tras

[Fl. 33v]

com muyta ligeiresa. E assi para que o Destro não ignore o como há de tirar a espada, e se remedee quando se vir mais apertado, deve em primeyro lugar, para que o contrario se não pervenha, encobrir todas as accoes da cara e extremos do corpo que possam ser si= naes do que determina; e secundariamente o que dizpuser há de ser com muyto conhecimento resulução e presteza, porque nas grandes e exquisitas necessidades, só as grandes e novas de= monstrações a recompensão. E suposto que a Verdadeyra Des= treza tem algũs termos que são mais para vistos fazer, do que para escritos, contudo, quero mostrar ao Destro que pode tirar a espada de toda a parte em que a tiver sugeita, e que ainda de= pois do contrario ter enlegido o meo determinado o pode fazer, porque quando a veja pella parte de dentro em termos tam aper= tados, que nem se possa valer do sentido do tacto com perfeição por não desagregar e no tal movimento receber, e que nem com tirar o corpo e outros remedios possa deixar de ser ofendido por respeyto da pontual distancia e supirioridade em que o contrario está se deve socorrer de que com muyta inteireza de corpo, e não menos applicação de forsa no brao, caindo de todo com a sua espada em angulo agudo, respeitando sempre a contraria com a sombra da guarnição e logo com presteza só com a munheca tor

nãdo a subir violentamente ao angulo obtuso, trazella por tal modo que fique ganhando a contraria pella parte de fora, e para isto se fazer melhor se dará no proprio tempo hũ compasso rectilineo para a mesma parte, e quando por esta, tenha o Destro a sua espada cativa, fazendo o que tenha referido (só diferenciando em dar o compasso pello angulo rectilineo esquerdo) ficará superiormente tomando a contraria pella parte de dentro; e de hũa e outra maneira posto em caminho de offender com segurança, E se o contrario (por isto se errar) endereitar a sua espada para offender se lhe perlongará a distancia com algũ recurso de corpo, para ferir quando o contrario quiser acabar o seu movimento. E não aponto outras venidas que destes termos nadem, como são desagraduar a espada, e sempre agregada ferir plos mesmos fios, e desunila com algũa tenção para vir a buscar nova potencia para os movimentos das feridas; porque esta sciencia

[Fl. 34]

sciencia não trata dos particulares, cujos effeitos assi como podem ser podem faltar, pellos muytos e diversos impedimentos que sucedem; que alem de que he impossivel consideraremse são entre si variaveis, e duvidosos; Assi que só fique por regra geral ao Destro, que nunca em meo determinado tire a espada se a tiver inferior e sugeita, fazendo com ella nhũ movimento salvo for para atalhar, ou para se melhorar situandosse em outra postura com que fique cobrindo o ponto adonde o contrario (conforme à linha em que estava) queria fazer o effeito, e tirandoa sempre com consideração á parte por donde lhe for ficando a do contrario, ou occupando tambem com o corpo (quando lhe convenha) aquelle lugar em que o contrario determinar a dirigir suas feridas, para que o obrigue a que encolha a espada e tenha mais tempo para offender afim de que melhor se assegure. E advirto que importa muyto dispor sempre as primeyras feridas pellos termos de mayor rigor, porque assi como para o Destro a felicidade dos primeyros acontecimentos lhe pode gerar nova confiança e credito para os demais, assi para os contrarios a boa opinião dos primeyros successos lhe causa muytas vezes medo, e descobre certos motivos de que sempre proederão com mayores ventagens; De todas as posturas de quando o destro não possa ferir com movimentos naturaes, se valerá dos violentos, perfilando o corpo, ou tirandoo do ponto que o contrario descobrio para ferir em o ser de seus intentos, ainda que o movimento natural nhũ se iguala na preheminencia, nem se opoem na presteza, comtudo algũas vezes domi no o Destro com movimentos violentos os naturaes; e a razão he porque como obra o natural só pello fim de sua quietação, e o impulso proprio o fas vir de forsa a seu centro, he quasi infalivel (que em alguns termos) obrigado desta deixe de descobrir pontos ali a donde há de fazer o effeito, que he na linha recta, donde no mesmo tempo chega com tal perfeição o movimento violento, que vindo bem agra

duado, acompanhando com forsa e impeto se faz por arte permaner contra o natural, e ainda pode ser o mesmo anticipandosse ou tardando; ocupandolhe o ponto bem situado antes que dessa, ou depois que desseu, aproveitandosse do ponto que descobrio com recurso e perfil do corpo; que não só neste cazo, mas todas as vezes que o Destro se vir apertado, se remedeara, como trate de situar-se no angulo recto, o braço nem de unha abaixo nê assima. e ainda avendosse de afirmar, o que he escuzado, só converia ser na

[Fl. 34v]

postura recta com a ponta da espada ao peito do contrario: Deve conhecer tambem o Destro a linha infinita (que o he não porque con tenha em si cantidade infinita senão porque se pode tirar em infinito como aponto na minha demonstração) a qual serve para contra os que inconcideradamente se arremeção com todo o corpo pela linha do Diametro, futandolho por ella por he lado sem a guardar a que se encontrem de peitos; porque na Verdadeyra Destreza he mais proveitoso, e de mayor artificio, livrar dos movimentos arrebatados e impetos soberbos do contrario, que ofendelo com risco de ser offendido; E na falsa Destreza há algũas feridas que se obrão quasi correndo, movendo todo o corpo para diante precipitadamente, o que se não pode evitar para deixar de receber os golpes, ou de se insistirem os corpos na linha do Diametro, se o Destro pella infinita se não afastar ligeiramente. Costumão tambem os que são prestes de munheca, ou os forcosos tirar muytas cutiladas juntas para descompor, para o que servem os atalhos como impedimento universal, metendo primeiro a espada ao rosto de fora da distancia, porque atalhados hũa vez qualquer dos golpes, não poderá o contrario sair para começar outra ferida com movimento que não seja violento e de necessidade, em o qual tempo se pode ferir, e tendo feito o Destro habito da postura que mais alcanca facilmente contrastará todos os movimentos impertinentes do contrario, de sorte que nhũa novidade deve perturbar ao Destro, antes quando vir posturas, ou termos exquisitos no contrario lhos ha de desbaratar e invistilo com mayor confiança e resolução; que não ha cousa que assi cause temor ao inimigo, como mostrarlhe brio sem medo, e animo sem turbção algũa, considerando que a forsa da resolução há de ser guiada pella luz do conhecimento, porque o em que se funda, consiste principalmente em que hũ Destro se persuada de certo, que tem em seu favor sua sciencia, quando se não afaste do que mandão seus preceytos.

[em branco]

Capitulo XIII

Do tamanho que o Destro há de trazer a espada, e como não uzará de Ventagens.

[em branco]

São tam forçosos e admiraveis os termos a que esta redduzida a Verda=

[Fl. 35]

verdadeyra Destreza que se o ciente Destro os guardar inteiramente será quasi impossivel deixarem de ter effeito todas suas preposições, escuzan= do para as conseguir valerse de enganos, conjunções, ventagens, nem demasias, que se esta sciencia he um firme conhecimento do que se acquire com largo tempo, sem em nada se apartar da razão, e este se não altera na variedade dos effeitos, podesse claramente entender que se não mudarão os que nacerem de causas tam conhecidas; para que o Des= tro senão persuada serlhe necessario valerse de astucias, e que lhe he proveytoso trazer espada comprida, pois aquellas parecem filhas do mui= to terror, e da pouca sciencia, e esta sendo de cinco palmos e meo da crus para a ponta (que he a marca ordinaria destes Reynos) consegue melhor tudo o que ensina a Verdadeyra Destreza; de mais de que não he cre= dito andar sinalado com espada grande, a hũa por não ter sido por inquieto, pendencioneyro e de pouco animo, pois fia mais da grandeza da espada que delle, e a outra pello risco que offerece a difficuldade com que se tirão da cinta, e o dezar de algũs remedios que lhe buscão para as po= dem dezembainhar: E a meu juizo os homens que as trazem curtas se de= vem ter em melhor conta, pois mudamente mostão que hão de suprir a falta de sua espada, com a resulução de chegarse a seu inimigo, que os animosos com ellas curtas, sempre alcanção aos que as trazem mui compridas, e ainda lhe são demasiadas, pois pellejão com seus contrarios peito a peito, e então mais facilmente os offendem pella presteza, e pouco em= barão com que recolhem a espada curta, que assi como em certo modo parece que o que tras esta, he de condição colerica e resuluta, assi o que se acompanha ordinariamente da comprida dá indicios de descan= sado e fleymatico, porque os movimentos daquella são tam abrevia= dos, como os desta são remissos; Demais, que se não há homem que não prezuma que he tam animoso e tam Valente como outro, parece de fraudar a Valentia, e fazer sospeitosa a fortaleza, querer vencer os contrarios com ventagens, que os esforçados antes as dão do que as tomão, e principalmente será mais de estranhar nos Espanho= es, pois nesta virtude não permittem superioridade em nhũa outra nação, ou já porque aos mais briosos nos mayores perigos lhe crece o animo, ou já porque não he gloria do vencedor, aver pellejado com Ventagem sabida, em cujo abono referira algũs lanços que suc= cederão em duelos aprazados, donde por quererem cortezmente

[Fl. 35v]

os combatentes igualar os sitios, as forsas, e as armas derão mayor lustre a sua galhardia e mais quilates a seu Valor: senão fora o meu intento mostrar só aos que trazem espadas compridas (entendendo al= cansar mais com ellas) o como nem em sciencia, nem em Destreza sam

necessarias: Mas para que se entenda como as ventagens forão a=
borrecidas dos corações valentes, e magnanimos, succedeo em Ita= [à margem direita] D.
[Thom: Tham:

lia à Diogo Garcia de Paredes mandalo o gram Capitão pellejar [à margem direita] na
vida [de Diogo

de noite com os inimigos, e vindo depois com vittoria, e sendo delle [à margem direita]
[garcia

muy festejado lhe disse; que quando houvesse outras occasiões em
que empregar seus dezejos, lhe avia de pedir que fossem de dia
ainda que os inimigos crecessem em numero, porque não teria
estimação do triunfo se o alcançasse com o favor das trevas, a que
julgava por mayor Ventagem que a mesma gente; razões dignas
de se promulgarem com letras de ouro, porque não só entre nos, mas
ainda entre os Gentios abominavão toda a Ventagem, como tes=
tifica aquella resposta de Alexandre magno, que aconselhando= [à margem direita]

[Francisco Patricio

lhe Parmeniam, que vencesse os contrarios com astucias e venta= [à margem direita] de
[Rep: lib 6. ti. s.

gens, lhe respondeu o Valente Rey, que assi o fizera se fora Par=
meniam, mas que lhe não convinha por ser Alexandre no que
deu a entender que so em peitos humildes e cobardes, cabem cobar=
des modos de triunfar. Conciderando pois o ciente Destro todos es=
tes exemplos deve afastarse com muyto cuydado de quaesquer ven=
tagens e escuzar de trazer de dia, e quando contenda só com
outro homem, nhũa superioridade nas armas principalmente
na espada, pois que a curta he melhor, e incluye mais forsa que
a comprida pella menos quantidade que tem de cumprimento,
e porque está mais junto a origem da forsa que he o nascimento do
braço centro principal da espada, e pello contrario a comprida por
estar delle mais remota tem mais fraqueza, e são seus movimen=
tos mais fracos, remissos, faceis de impedir e de desbaratar. E
se a espada curta sogeita a comprida com dificuldade se livra
sem tirar para tras o corpo ou receber; e não pode evitar que se lhe
chegue a curta, E quando a comprida sogeita a curta, não he
de modo que senão possa livrar, pella facilidade com que cabe
entre hũ e outro corpo, alem de que em todo o lugar estreito, mais
depreca se livra e meneia o que tem menos comprimento; de sorte
que

[Fl. 36]

que a espada comprida não serve de mais, que de embaraço porque como
a parte donde se dão as feridas he o corpo, e ensina a Destreza que
sempre se fira agregado a espada, não pode a comprida chegar a esta
parte seguramente sem que o que da curta lhe não saya ao caminho sogeitan=
doa com os atalhos, ou desbaratandoa com os desvios, elegendo o seu
meo nos taes movimentos, pois nesta forma he mais segura para a espa=

da curta, que como a sciencia he aquella que de qualquer cousa produz effeitos infaliveis, conhecidamente a Verdadeyra Destreza nos ensina, que de necessidade todo o movimento, ha de ser para o talho, revez estocada, ou eleição de meo, segundo a especie de cada hũ dos movimentos, e assi sendo effeitos conhecidos por suas causas, a espada curta a não pode alterar nhũa cousa, porque o Destro conhece as distancias, a espada, e os movimentos, e sempre deve considerar as causas de tudo o que se obra; E sendo o principal intento dos que trazem espadas compridas, tirar de fora dos meos estocadas de punho ou sacudidas lograra melhor a curta todas suas ganancias, pois as fará vindo a espada contraria movida e fraca. e quando tire talhos ou revezes como a espada he comprida, assi o serão os movimentos, e averá demasiado lugar para que a curta offenda sem risco, cujo exemplo he hũa roda mayor, andando juntamente com outra menor, a qual como he mais pequena, poem menos tempo em fazer hũ circulo inteyro, ainda que a grande volte com a mesma preça, como melhor se vé nos tres circulos da demonstração Universal que faz o braço, que mais breve he o da munheca que os outros dous, ainda que se lhe comunique menos força; com o que se podem de todo excluir as resfriadas rasões, que dão em seu favor os que as trazem compridas, pois são as que a ponto tam forçosas, seguras, e evidentes, que nunca as podera negar quem inquirir cuydadosamente a Verdade de todas as cousas, porque ainda que esta à primeyra vista se occulte em alguns termos da perfeyta Destreza, tem tanta força, que por si mesma se vay manifestando, e se defende contra a agudeza, e malicia dos homens; principalmente daquelles que falam de tudo por opinião sem escudrinhar a Verdade: mas he esta tam excellente, que quando succeda não ser a todos mui aprazivel, aos que amão a mayor perfeição, nunca deixará de ser agradavel, porque

[Fl. 36v]

com os prudentes e doutos pode sempre mais a razão, que as opiniões concebidas no animo da gente Vulgar, que pella mayor parte erra, e falla nas materias sem fundamento.

[brasão com os escritos seguintes]

AVDIENS

SAPIENS

SAPIENTIOR

ERIT. PRO: 1

[aproximadamente 25 linhas em branco]

LIV.

[Fl. 37]

LIVRO

TERCEIRO

[em branco]

De hũa breve recapilação da theorica e
pratica das armas dobres.

[em branco]

[em branco]

[em branco]

Capitulo Primeyro

Difinição das armas dobres
e sua divizam.

[em branco]

He a natureza humana tam provida, e aritficiosa que sempre descobre
em sy um certo caminho por donde a devem seguir, ensinado a todos o que
mais se ajusta à maior utilidade; e não há duvida que por este aja
introduzido todas as armas dobres, constrangida da defesa propria,
que he cousa natural, para melhor defender, cobrir e amparar o corpo.
Armas dobres são todas aquellas que offensivas, ou defensivas tra=
zidas na mão esquerda fazem companhia á espada, que vem a ser quan=
do hũ homem peleja com duas armas com cada hũa em sua mão, e não são
dobres o pique, montante, Alabarda, mangoal e outras que se impunhem
com mãos dobradas, sempre a arma he somente hũa mesma; e aven=
dosse de chamar dobres, será só emquanto a mayoria de sua quantida=
de, e ao demasiado do peso, e pello que cada hũa excede em grandeza
à espada e não porque ligitimamente sejam armas dobres, que destas
ha só cinco generos, e todos diferentes hũns dos outros assi no exer=
cicio como no poder; O primeyro he a espada e adagua, que por ser arma
defensiva por artificio, e offensiva por natural, he de mayor prehe=
minencia que as outras: O segundo he a espada e Rodella, defensiva
por qualidade, e muytas vezes offensiva por arte. O terceiro he a espa=
da e Broquel, defensivo por propriedade, e em algũs actos offensivo
por sciencia, O quarto he a espada e o braçal, ou manopla, defensivo
por potencia, e offensivo por propria natureza; e o quinto e ultimo

[Fl. 37v]

genero he a espada e a capa só defensiva quando bem se aplica pa=
ra impedir algũ movimento da espada. De todas estas armas
dobres direy no prezente livro, sem tratar nelle das duas espadas
pella pouca utilidade que dellas resulta, e assi tenho intento de que
em outro lugar saya a luz o remedio para contra quem as trou=
xer, mostrando que não tam somente hũ homem se pode com hũa
só defender porem offender ao contrario e sogeytar as duas, pois
somente as tem feito espantosas, o medo que sua vulgar opinião
pos no animo dos ignorantes, e suposto que a que hũa vez se ad=
mite se exclue com dificuldade, eu fio do que vi por experi=
encia, que os que andão carregados com ellas se lhe acabe seu mar=
tirio, e os outros as temão menores. E assy agora só recapilarey bre=
vemente as regras mais geraes, e necessarias das sobreditas ar=

mas dobres, para que o Destro não ponha da sua parte mais que a pratica das Venidas que conceituar, pois lhe será facil comprehender as Varias, e infinitas, que tem, persebendo com cuydado o essencial de todos os termos universaes, e espiculativos, que ao diante declaro, porque como o effeito de suas preposições dependem de contrarios accidentes, e de propria vontade he quasi imposivel polos em pratica por escrito, nem com demonstra= coes pintadas demais de que he sempre incerto aos homens o fim de todas as cousas; e assi nunca dou preceytos infalveis às venidas, porque nem dos muytos que há se pode tirar regra cer= ta, nem será proveitoso arrespeito da confusão que causa, pois me= lhor se podem fazer em ocazião do que trazerse por exemplo, e com mais fundamento nas armas dobres, visto aver nellas mais partes que as alterem. E se os Destros virem algũas no vidades nas applicações destes arnezes, entendão que afirme experiencia, e cuydadosa expiculação as estabelecerão seguras e Verdadeyras; e que deixo de as encarecer, porque espero lo= grar sua mayor certeza e estimação, no exame que dellas fizerem os curiosos, em cujo aplauso confio alcançar dobrada opinião de meus caprichos, se conciderando as cousas novas e de sutileza, não atentarem para as de pouca sustancia: como os mal contentes que tudo censurão, esquecendosse das grandes para as louvar, e só reparando nas piquenas para as morder;

[Fl. 38]

as morder antigo costume da enveja, pois ja os Thebanos accusavão a Panyculo de cuspir muyto sem se acordarem de que resgatara a Thebas : ja os Lacedemonios criminavão a Licurgo de andar cabisbaixo, não se lem= brando de que lhe reformara seus reynos: e finalmente ja os Romanos reprovavão a Scipião de dormir roncando sem o louvarem de vencer a Carthago e de arruynar a Numancia que havia sido terror e espanto de seu imperio: e assi não he muyto que eu passe por esta fortuna, quan= do se não advirta que todas as cousas a que se dá principio são difficul= tosas, e que nhũa grande he facil. Dilato este discurso, porque passarão estes meus Cadernos tantas borascas, combattidas das ondas da mormuração, q ate os que em publico os defendião (ou movidos da verdade delles, ou forçados de algũ outro respeyto) em secreto (poderá ser que constringidos de que dezejarão para si a gloria de seus acertos) sey que os reprovavão; e que o mais he, que ainda antes de ser vistos, foram censurados. acção, que por antecipada, me tocou em alivio, o que pudera ser pesar, dandome a entender que tinha nelles algũa cousa, que a enveja nunca se emprega se sugeytos que mal a sustente, porque só se mantem do que tira ao merecimento; polloque julgava com justa causa aquelle insigne Capitão dos Gregos Themistocles, não aver feito cousa digna de memoria, porque em Athenas ningem lhe tinha enveja.

Principalmente se atreverão a marchar em algũas applicaço
es destas armas dobres, de tanto verdade, e excellencia, que creio, que
só as reprova polas não entenderem, e devendo porse a culpa asy,
a sua pouca arte, e ruim natural, a atribuem ao puro da ciencia,
e ao atinado dos termos: Masa contentome com que os doutos e bem
intencionados estejam da minha parte, porque tudo se estima como se
sabe julgar, e assi nada sinto que os incientes sencurem meus pre=
ceytos, ainda que com este desprezo creção em suas emulações e soli=
cite mayores inimigos com o pouco cazo, que faço dos mal affectos,
se he que nhũa cousa persuado mais a enveja, que ver relevar
offensas que se podião castigar, pois ao grande julio Cezar mais
enveja lhe tiverão seus contrarios por aver asolvido aos Pompeanos,
do que por aver morto ao Valente Pompeo, e mayor odio por aver perdoa=
do a Marcelo seu grande inimigo, que por aver sido felice triunfa=
dor de muytas e soberbas nações do mundo.

Cap:

[Fl. 38v]

Capitulo segundo

Como a espada só he o fundamento
de todas as armas.

[em branco]

A ventagem que na Destreza da espada que faz a nação Espanhola a todas
as outras he muy conhecida, pois vemos que os Alemaes são mais sci=
entes e curiosos no pique; os Italianos os mais diligentes e sabios no
arcabuz; os Franceses mais fortes e praticos na Cavalaria; os Ety=
opes mais ligeiros e desenvoltos no arco e frechas; e que só os Espa=
nhoes são mais valentes e destros na espada, e assi nos cabe ma=
yor obrigação de aprender a Verdadeyra Oplosophia, por não estra=
gar o que parece propria natureza, e não prescrever tam im=
memoriavel posse. E porqueo instrumento principal, e mais nobre
do exercicio desta sciencia he a espada (de cuja antiguidade e
excellencia fica dito no livro primeyro) e a este lugar pertence
descobrir como he o fundamento de todas as outras armas,
antes de principiar os preceitos da que são dobres, quero mos=
trar aos mestres os erros que encorrem, ensinando primeiro do
que a espada só, a espada e adaga, Rodella e broquel: cos=
tume tam introduzido, que dizem barbaramente os que o apo=
yão, que ja a espada só se não costuma, como se a verdade
das ciencias dependera do costume; mas tudo procede da
mizeria e ambição dos mestres, que se obrigão mais de seu pro=
prio interece, do que de aproveitar aos decipulos, pois os ensinão
tam erradamente, distrahindo os principiantes com o embaracoso,
e cunfuso das armas dobres, dezencaminhandoos de poderem
vir a ser verdadeyros Destros, por comecarem por donde devião
acabar, pois se para saber escrever, he necessario aprender pri=

meyro a ler, para alcançar scientemente os preceytos da espada e adaga, Rodella, e das outras armas dobres, he perciso o começar pella espada só, porque así como he imposivel fabricarse com perfeição nhũ grande edificio, sem que primeyro se não trace fazendosse delle hũ rascunho, para que os artifices melhor conheção o que hão de obrar, assi neste grande edificio da Verdadeyra Destreza, se atraça, modello, edibuxo da espada só, he imposivel, que nhũ dicipulo se forme Verdadeyro Destro. e diverão todos os mestres de abraçar summa=mente

[Fl. 39]

summamente este fundamento, ou para que não se crera delles que se apara= tão da obra mais alta e dificultosa pella ignorarem, ou por deixar de se parecer nisto com os dicipulos que de novo vem a aprender, que como incientes se afeiçoão de ordinario ao mais fácil, que são as armas [à margem direita] [esta he a razão, dobres, e não a espada só, em cuja pureza, o mais piqueno erro nunca [à margem direita] [porque algũs ho= se occulta, porque o não permite o claro, e destinto de suas perposições; E [à margem direita] mens querem antes quando estas causas não obrigem, bem commove a sua estimação ser [à margem direita] [aprender as armas a espada só a Raynha de todas as armas, pois he a que sempre faz [à margem direita] [dobres, do que a es= mais fiel companhia aos homens, a que por si propria ordena todos [à margem direita] pada [só. seus movimentos sem favor, nem ajuda de outrem, e a que, porque pelleja mais perto do contrario he o Crisol dos Valentes, e o exame dos animosos, e assi nella pella mayor parte se reconhecem os bons soldados e descobrem os que não o são, porque seus termos procedem tam apertadamente, que havemos visto homens de grandes proezas cõ as outras armas, desfalerecerem nas contendas que tiveram com a espada suposto que pussissem natural valor; e pello contrario rara vez se achou homem animosamente exercitado nos combates de espada, que entre o furor das outras armas, não descobrisse muita Valentia. Polloque com bem justa razão deu a ciencia das armas o primeyro lugar a espada só, e suas dilicadezas, as quaes bem percebidas e obradas como ensinão os livros precendentes, será mais facil ao Destro tudo o que intentar com quaesquer outros arnezes, pois a espada somente he a Base de todos elles, e a origem de sua mayor perfeição; e he tam universal caminho para conseguir a de todas as armas, que não há nhũa, das que se uzão na nossa Europa, que se não aproveite se seus termos, em algũa semelhança, ou modo; porque o pique (rey de todas as armas assi no tamanho, como em ser a mais forte muralha e reparo de hũ exercito) lhe usurpa

a graça e dezentureza dos meneos, e para os botes determina= dos das estocadas de fio; o montante (sem preceder o conhecimento da espada) não poderá menearse perfeitamente, pois lhe toma o si= tuarse por caminho mais breve depois de executado algũ golpe. O mangoal lhe arremeda o poder de dar de toda a parte; a lança

[Fl. 39v]

andando a cavalo os rebatimentos, atalhos e desvios; a Alabar= da o não dar talho nem revez sem primeyro offender de ponta; A hacha de armas, a Vehemencia e soltura dos golpes; O bastão o recurso de corpo, e melhoramentos da distancia, quando se desba= ratão os intentos; e ainda as armas de arremesso, e as de fogo, se valem de seus preceitos, porque aquellas lhe tomão o corpo si= tuado quando se tirão os golpes, e estas a brevidade dos mo= vimentos quando se callão; e a graça perfil e inteireza do cor= po quando se tirão; e assi todas as demais armas inventadas, sem os rudimentos da espada só, não poderão nunca (sem mui= to trabalho), conseguir sua perfeição.

[em branco]

Capitulo terceyro

[em branco]

Quem forão os primeyros que uzarão a adaga, o porque se inventou, e como pode só permanecer contra hũa espada.

[em branco]

he a defesa propria tam natural aos homens, que se deyxá crer fa= cilmente pello que alcançamos da natureza de todos os animaes, que no principio do mundo por não aver armas, se defendião e excuta= vão seu furor com as unhas, cõ os dentes*, e que crescendo sua malicia [à margem direita]

[Arma antiqua manus, unges dentes]

perverterão a igualdade destas armas, pellejando com paos, e pedras; [à margem direita]

[fuerint [?]: Laerc:

instrumentos de pouco artificio, de que ainda oje uzão os barba= ros de Etyopia: e logo com a successão do tempo (conforme sua industria, e necessidades) descobrirão e inventarão os muytos, e di= versos generos que hã, de cuja prattica espero em outro lugar fazer hũ epilogo, para que o Destro as sayba exercitar, e tenha cabal conhecimento de todas as que se meneão com duas mãos; porquando agora só me disponho a trattar das dobres, que mais se uzão na

* e às punhadas, donde veo chamarse a guerra pugna, e no tempo dos Ro= manos a certa especie de gladiadores Pugiles, porque as punhadas con= tendião.

nossa Europa, dando o primeyro lugar a adaga, por defensi= va e offensiva, por galharda, e ayrosa, e por muytos outros res= peytos, que se colherão de meus Aforismos, e juntamente ser esta arma tam antiga, que ja os Romanos, os Gregos, e os Egipcios trazião adagas, verdade hé, que não temos, que se servissem dellas em companhia da espada, senão só para hũa resulução

[Fl. 40]

Resulução determinada, e para hũ cazo resuluto como punhaes, e a modo dos Cri= zes de que uzão os mouros da Azia ou das Gomias que pratticão os da Afri= [à margem direita] Sandoval ca^; mas alcançamos de todas as historias, assi antigas, como modernas, que [à margem direita] Hist: li: 22.

os Espanhoes forão os primeyros, que uzarão pellejar com a adaga em compa= nhia da espada, e os que lhe derão preceitos por donde se guiasse, levados da propria e natural defesa, por senão arriscar a mão esquerda acodindo de= sarmada aos golpes, que se tirão ao corpo (à semelhança da guarnição da espada para defender a mão dereyta) e com a grande Ventagem, de ser of= fensiva e defensiva, que tem as outras armas, de que a natureza nos obri= gou a uzar, para companhia da espada, reparo do corpo, e resguardo do bra= ço esquerdo. ^ Tambem se pode colegir, que a adaga se inventou em favor dos homens de poucas forsas contra os fortes, para os assegurar de serem in=

^ a que tambem chamão

Pistorezas, aquellas
trazem na cinta, e es
tas atadas na mão.

^ suposto que ja os Romanos nos
seus falanges sem regras,
nem preceytos uzavão jun=
tamente destas duas armas
porque se colhe de varios auto=
res, que trazião espadas qua=
si como as nossas de dous cortes e boa ponta, as quaes
chamavão espanholas e as
punhão da parte dereyta:
ainda que devião de ser mais
curtas, porque para se dezem=
bainhar com a mão dereyta
assi era necessario, e que
trazião espada do lado es
querdo, porem que isto era
adaga, que tiravão com a
mão da mesma parte.

vestidos dos que confiados em seu Vigor, pretendessem vir com os contrarios [à margem direita] Polibio de castro

a braços, para que entre elles, favorecidos da demazia de suas foras say= [à margem direita] Roma: lib. 6.

sem vencedores, o que não intentarão com tanta facilidade, pello risco que lhe resultará, querendo lutar com hũ homem, que impunha hũa adaga [à margem direita] [Guilhelmo Choul

na mão, que pode mal sogeytarse pella curta quantidade que tem: e esta [à margem direita] [de castra Rom:

he a razão, que se por algũ successo, se achar hũ homem só com hũa adaga, [à margem direita] Vigecio. 12.

ou lhe quebrar a espada, como lhe fiquem dous palmos della, não tam so= [à margem direita] cap: 15.

mente se pode defender de seu contrario, porem offendelo, como não descon= fie, nem descorsoe, porque então a desconfiança, pella mayor parte nasce do temor, e quem teme nada poem em effeito, e tudo intenta com perigo, que onde há menos receos, há de ordinario menos risco, e o prudente Destro sem= pre esteve bem e seguro, como não lhe faltou o Valor, e o animo, que o sciente cõ o forte da espada (que he o que della lhe ficou) se assegura, reparando, desviando, e sogeytando a contraria, que determinadamente vem a offendelo; que a outra metade, que fica daly para a ponta, não serve para mais que para tentar, e para ferir; e quando o Destro tenha só a adaga, ou hũ pedaço de espada, contra outra inteira, não está de todo perdido, ainda ajustandosse com os preceytos da sciencia, porque a adaga tem a mesma calidade do terço forte de hũa espada, e o mesmo comprimento, com que igual= mente se obrão os talhos tam perfeytos como se fazem com toda a es= pada, e os desvios das estocadas; e assi os accommettimentos nos prin= cipios dos movimentos circulares, que de forsa os há de fazer mais lar= gos que impunhar a espada, que o que tiver a adaga, pella differen= ça das quantidades de hũa e outra; e assi precendendo o conhecimento das

[Fl. 40v]

distancias, e dos angulos pode o Destro só com hũa adaga fazer luzir muyto sua destreza. E quando o da espada se ponha recto, e não queira accommetter, o da adaga o poderá necessitar a que mova, es= treytandoo, e liandosse com ella, ajudado do compaço dos pés, e perfis do corpo, valendosse das prezas, que com a outra mão se podem fazer, que só nesta falta as permite a igualdade, e bizzarria da Ver= dadeyra Destreza; e somente terá melhor remedio o da espada pegando no meo della com a outra mão, com que fica fazendo a espada toda forte, e não pode a adaga seguramente resistirlhe os movimentos das estocadas.

[em branco]

Capitulo quarto

Como há o Destro de trazer a adaga, e o que toma para si no offender,

e defender.

[em branco]

Todas as armas dobres representam a hũ homem muy ayrosa, seguro e forte, se uza dellas conforme determina a Destreza, principalmente a espada e adaga, cuja excellencia he tanta, que excede a todas, não só na galhardia, mas ainda no poder, pois alem de serem as que mais de ordinario, e com mayor commodidade acompanhão ao Destro, sam ambas offensivas por propria natureza, e com a mesma igualdade nos effeytos, porque hũa e outra corta e penetra, e lhe servem não só de amparo do braço, e de defesa do corpo, mas de adorno de gala, e de compostura de todos os que militão, porque imperfeytamente apparecerá um soldado em corpo, se o não acompanhar hũa espada e adaga ^ e não há cousa que mais satisfaça [à margem direita]

[Vasconcelos na primeira parte

os animos, que ver batalhar dous combatentes com estas armas, à [à margem direita] da arte [mil:

quem dá maior lustre, assi o exercitaremse com o rigor que seus termos pedem, como o disporemse todos os golpes de suas venidas com a graça e soltura, que requerem, porque o ayroso dos movimentos, assi dá indicios de mayor confiança, e sciencia, como o pellejar com todo o rigor assigura o Destro, e atemoriza o contrario. e para se conseguir seu fim em tudo com particular perfeição, ensinarey o como o Destro deve trazer a adaga, desterrando os frivolos, e impertinentes modos em que vulgarmente a situão, descobrindo a todos hũa postura, que parece, que quis a experiencia com a grandeza desta invenção

[Fl. 41]

invenção recompensar a culpa da novidade, cujo poder a tem esforçado tanto, que todos os Destros, que a alcançarem lhe devem render cada dia novas admirações.

Primeyramente a adaga de que ouver de uzar o Destro será toda ella de dous palmos, que he a terça parte da espada, com que fica o corte da cruz para a ponta de hũ palmo, e hũ terço, pois sendo mayor he innutil, e embaraçoso, porque impede fazeremse com perfeição os circulos, e desvios, por cauza de que os tolhe braço e espada, que se senão recolher, ou encurvar (o que he danno= so fora de tempo) se ferirá assi mesmo topando com o braço dextro, que será o menos prejudicial, quando o contrario senão aproveyte de sua tardança nos desvios: E as mais applicações não serão como re requerem, se a adaga for demasiadamente comprida, o que não succederá à que for com a medida, e proporção, que aponto: A qual impunhará o Destro apertadamente na mão esquerda, com o dedo polegar encostado à cruz della, trazendo o braço

^ e assy como por obrigação

a deve trazer desde o mosqueteiro [?]

ate o cosolete [?], desde o sar= gento ate o general.

de modo, que senão dobre em nhũa junta, senão com elle dereyto, e que sempre com a guarnição da adaga cubra o seu centro, o ferro não se tratará nê tam perpendicular, que goze de fraqueza as partes da ponta, nem tam recto, que não impida os circulos da espada; que só com a munheca fizer o contrario, senão hũ pouco inclinada sobre a guarnição da propria espada em tal meo, que não participe de nhũ dos extremos sobredittos; e advirto, que este modo está disposto a lograr tam felizmente seus effeytos no rigor das espadas brancas (que hé só a que sempre tratto de ajustar todas minhas novidades, pella preheminencia, que tem sobre a honra, e vida dos homens) que aconselho a todos se revistãodelle para que sejam mais seguramente defendidos, porque como o costume he hũ instituto da Vida, que confirmado coma continuação se redduz a ser quasi outra natureza, he necessario ao Destro, pello menos, fazer habito das couzas mais groças, e universaes da Verdadeyra Destreza, para que nas veras, nem a colera as mude, nem a brevidade as altere.

Os scientes na Verdadeyra Destreza (principalmente na espada só) podem fazer menos cazo da adaga, trazendoa como quizerem, e ainda com o braço caydo e encostado ao corpo, mas descuydadamente prevenida, para se applicar conforme convier, e lhe dictar assi a conviniencia as perposições contrarias, como sua determinação, e os extremos em que tiver posto com a sua espada alhea, conciderando que afermoseão

[Fl. 41v]

muyto a esta arma cantidade de golpes, e que estes se hão de dar sempre por baixo da propria adaga, ficando ella encima cobrindo as partes que a espada não puder, por aver passado do limite do corpo com o movimento remisso dos talhos e revezes.

E porque todas as armas, que se trazem na mão esquerda obrão só para ajudar a espada, escuzandoa de algũs movimentos conforme a companhia, que lhe fazem, não ignorará o Destro o que corre por conta da adaga, cujo officio serve de desviar, e de applicarse em algũs dos reparos menores, principalmente nos Revezes, que se tomão dentro dos meos, ficando tudo o mais a cargo da espada, ainda que de todo não lhe deyxando as feridas, nem os accommetter, de sorte que ambas podem andar nisto quasi igualmente por serem armas offensivas, e suprirem os compaços dos pés o que falta de grandeza a adaga, porque há muytas occazioes onde troca com a espada os officios, segundo a conjunção em que o Destro se acha, servindo a espada de adaga, e a adaga de espada, deyxando cada qual sua propria calidade, e accidentalmente tomando a alhea, e he troca muy necessaria, e conviniente am algũs termos da Destreza verdadeyra.

[em branco]

Capitulo quinto

Por quantos modos pode a adaga tolher

os effeytos da espada, e como se lhe applicará para ser sem risco

[em branco]

A adaga pella curta quantidade que tem, podesse crer, que he toda forte, juntamente porque assiste sempre propinqua ao Centro, de cuja comunicação lhe vem tanta forsa, suposto que algũas de suas partes gozão de fraqueza, conforme a proximidade que tem com o nascimento da forsa, e porque sem o mover fas todos os circulos melhor só com a munheca, e com dedicada forsa, que a vontade lhe comunica; he provavel (sendo nesta forma) que o Destro não deixe nunca de levar em guiados os intentos de sua applicação; suposto que a não poderá fazer para resestir e sogeytar a espada, sem primeyro chegar com a adaga ao seu meo, o qual se deve enleger entre o corpo, e a espada, ou entre movimento, e movimento, por ser o principal fundamento de sua Destreza, e então

[Fl. 42]

E então (ainda que em diferentes partes) por quatro modos pode a adaga tolher os effeytos da espada; quando o Destro não queira uzar só da rara applicação, que apontei no capitulo precedente, que he universal para contra todas as posturas do contrario.

O primeyro modo he pondo a adaga sobre a espada contraria, aplicada no meo da devizão, (que demarca o numero cinco) quando o contrario a ganhar por qualquer dos lados, pois de fora ha de ficar a adaga por sima, e a espada por baixo, por estar a espada do contrario agraduada e em sitio superior, e desta sorte elege a adaga o seu meo entre a espada e o corpo, para duas cousas, ou afim de desviar as feridas do contrario, que se dirigirem ao Rostro, ou para que no ser em que o contrario vem a tomar a espada sirva de applicação da adaga para melhor offender no tal movimento.

O segundo modo hé sem mudar o centro da adaga, tambem em termo proporcionado, applicandosse debaixo da espada, quando se tomar ao contrario com o numero mayor no seu menor, assi pella parte de fora, como pella de dentro, que por estar plantada então a espada por sima, se deve por a adaga por baixo, de maneira que fique a ponta para o chão, e a munheca esquerda debaixo, e junto da dereyta, com muyta esperteza no tacto, porque desta sorte se guarda mais o corpo, e se mostra mais sciencia; pois onde está o forte da espada, he superfluo situar o da adaga, demais que posta assi inferior, tolhe não andar livre a espada contraria, embaracaa com a novidade da postura e applicação, e a obriga a que faça seus movimentos mais tardos e remissos; E hé tam sublimado este modo de applicar a adaga, estando as espadas nestes termos, que poucos o obrão pello não entenderem, e muytos por sutil, e por exquisito o não alcanção, sendo assi que he hũa das couzas de menos artificio, que tem a Destreza da adaga, e a mais segura, forte, e ayrosa, que se podia inventar nella.

O terceyro modo he situarse a adaga para qualquer dos lados, em parte a cada hũ conviniente, elegendo entre movimento e movimento menos proporção, como

se vé, quando se toma ao contrario por dentro, que livrandoa sem consentimento para vir a ferir por fora se lhe applica a adaga àquella parte aonde sae com a ponta da espada, para se lhe impedir o effeyto (a que se enca= minhava) com a suavidade desta applicação, com que fica a espada do contrario tam asalteada, e a propria tam livre, que pode escolher hũ de muytos modos para offender segurissimamente, e sirva este exemplo para encaminhar ao Destro na applicação para o outro lado, pois se elege na mesma forma,

[Fl. 42v]

e só se differe no modo, que sua Destreza lhe deve dictar, para compo= sição de suas venidas.

O quarto e ultimo modo, hé applicandosse nas prezas da adaga, ou nos movimentos, que com o corpo em caminho faz o contrario para a parte de fora della; e tambem nos accommettimentos, que o Destro faz ten= do o corpo na distancia, e o ponto desviado, e serve para rebatter, pa= ra tentar, e para persuadir a espada contraria, ou esteja parada, ou venha movida. E todos os mais modos de applicar a adaga, e de desviar com ella, se resumem aos sobreditos, e só em algũs actos lhe comunica o animo mais determinação, a respeyto do que pede a forma, e cauza material do que se exercita, ou as distancias donde se movem as cauzas effi= cientes, não se dando nunca a adaga tanta forza para o desvio, que deixe fraca a espada, pois com pouca que lhe applique a Vontade (por serem fracas as partes da espada em que a adaga resiste) he de tanto effeyto como se levara muyta. E não será isto assi quando o Destro conheça que os movimentos contrarios vem com grande pujança, porque então corre por conta de sua providencia applicar à adaga a que convi= er, pois os movimentos, que na verdadeyra Destreza tiverem mais par= tes, hé certo que resistirão os que gozarem menos, e assi he necessario , (precendendo este conhecimento) applicarlhe dobrada forza para suporar a contraria; entendendosse no apertar mais ou menos a adaga com a mão; e não no desvia-la fora do limite do corpo, porque hẽ remisso, e dannoso.

[em branco]

Capitulo Sexto

Como entra a adaga com a espada,
e de que sorte lhe contrasta os
seus movimentos

[em branco]

Muytas são as preposições, que tem a adaga contra a espada, entrando com ella ajudada dos compaço dos pés, perfis do corpo, e angulo da espada e braço; ou para melhor dilatar os movimentos contrarios conhe= cendolhe os principios, ou para lhe impedir seus effeytos, e sobre os atalhos offender com segurança; para o que se há de conciderar, quaes são os movi= mentos, que ferem, e os que senão formam para isso, e quaes os que ajudam a ferir, porque há na Destreza algũs que servem somente de crescer o valor a outros

[Fl. 43]

a outros, que se apropiam: E será desnecessario, e ainda prejudicial aco=dir o Destro com applicações que declarem sua tenção, e descubram lugar em que se fira, pois não arrisca menos na Verdadeyra Destreza assi quem se antecipa, como quem sem conhecimento deixa de igualar forsa com forsa, e de ajustar movimento com movimento.

Entra tambem a adaga com a espada conhecendolhe as partes fracas, e a can=tidade forte, vindo sempre unida ao seu mesmo centro sem o mudar, e applicada ao fraco da espada, pondo nos movimentos o corpo onde com ella se fizer angulo (regra geral para todo o genero de armas) e adaga junto à parte donde a espada se desagregou para ir executar o effeyto.

Pode mais entrar a adaga nos movimentos circulares, primeyro que de todo reforme o Violento, continuando os da adaga para que sempre unida à espada comprehenda todos os outros, e o contrario nem possa fazer nhũ, nem formar angulos, e com isto prevenha de nhũa vez todos os enganoses que se intentarem, e movimentos que se fizerem.

Entra com preheminencia tambem a adaga contra os movimentos das esto=cadas, arrespeyto de virem rectos, e ella uzar de circulo, o qual inclue em si com Ventagem a linha recta, ou esteja em potencia, ou em acto de formarse; com que lhe empata com mayor facilidade os principios dos movimentos circu=lares, que pode fazer o contrario, que como não conhece, qual hé o principio do Circular da adaga, nem pode alcançar o fim adonde há de fenecer (por=que estes privilegios não nos comprehende a sciencia) serlhe há dificultoso acertar bem por donde há de livrar a espada, demais que a não poderá escapar dos muytos circulos, que faz junto a adaga, quando o corpo entra lançando compassos para diante, ainda que o contrario se tire com outros pa=ra tras, e se dê preça para a livrar. Do que se infere, que o que bem tolhe o movimento das estocadas faz perder o effeyto a tudo o que dellas nasce; e a razão hé, que como a estocada se produz quasi sempre de movimento ac=cidental, e leva hũ mesmo principio em todos seus movimentos, procreandosse de parte, que multiplicados hũns tras outros, perfeyção o movimento ate dar fim ao acto, todas as vezes que se desbaratar este principio, se desconser=tará tudo o mais, porque quando os movimentos são rectos, se fazem os ef=feytos com a ponta da espada, que governa todos seus numeros; não sendo assi nas figuras circulares, pois com qualquer parte da cantidade da espada, com que se acerta, se fere, pouco, ou muyto conforme a forsa que se comunica àquella parte, e a distancia que levou o movimento Violento;

[Fl. 43v]

suposto que contra os que fazem circulos, sera de tam pouco effeyto a appli=cação da adaga como arriscada, porque são os movimentos naturaes cõ vehemencia, e não pode ser impidilos simplesmente a adaga, pois ain=da que tenha forte a quantidade, como he tam pequena não os pode resistir, porem aos mais angulos da espada poderá contrastar a ada=ga, por ser a sua proporção universal, e tambem aos golpes Circulares naquellas partes onde o Destro se não puder valer da companhia da

espada recebendoos bem no centro da agada sem descobrir o do braço della.

[em branco]

Capitulo Septimo

Como em hũ tempo não permite a Verdadeyra

Destreza, que se fação duas cousas.

[em branco]

Produz a Verdadeyra Oplosophia com a evidencia de seus preceytos, e com a sutileza de suas regras hũ conhecimento tam certo do que he mais necessario para bem obrar (aquerido pello ensino e exercicio) que não hà couza por limitada que fosse, que deixasse de examinar com suas demonstraçoens infaliveis, que como procede de principios que não podem discrepar, não se lhe escondeo dificuldade que não penetrasse, nem duvida, que não fizesse clara: e assi nas armas dobres, porque nellas obriga a propria natureza, a vehemencia da colera, e a natural defesa, à que juntamente se queirão fazer em hũ mesmo tempo duas acçoens, como são Reparar e ferir, atalhar e offender, descobrio esta sciencia por regras muyto claras hũns termos tam seguros, que pode todo o curioso Destro que os observar vencer com arte não só os impetos da colera, e a mesma natureza, mais ainda perpetuar caminho à natural defesa; como se mostra na espada e adaga, onde supposto que pode aver dous movimentos voluntarios, e cada hũ dirigido a seu fim, como são ferir com a espada, e desviar com a adaga, não podem sair ambos fortes ainda que se sustente hũ ao outro, porque nelles se reparte a vontade, se altera o intento, e se distrahe a inclinação. Nem se podem bem fazer com perfeção a hũ mesmo tempo, porque he necessaria differente forsa e mais, para as feridas do que para os desvios, e desigual attenção de vista e disposição de Vontade, por se encaminharem a diversos

[Fl. 44]

a diversos pontos cada qual dos movimentos, que indo sem proporção divididos, e a forsa repartida em ambos os braços, nem elles podem ser fortes, nem ella deyxar de ser fraca, sendo muyto ao contrario se se applica toda a hũa parte principalmente se os movimentos vão por hũ proprio caminho, ordenados a hũ mesmo tempo que seguindo as partes ao todo fação igualdade de forsa conseguindo o primeyro intento, porem vinda a adaga a desviar e a espada a ferir, (que hé irem as partes a differentes pontos, supposto que começados ambos os movimentos juntos), mal pode o desvio levar tanta forsa, nê conviniente, que resista a do contrario, nem a espada a que convem para a execução e o ajustado das acçoens se desbaratará, no imposivel de poderem os olhos perceberem juntamente dous objetos; e só a Rodella e o broquel, (porque suas figuras e o andarem bem situados, lhe dá privilegios para serem reparos, atalhos, e desvios ja feitos, e circulo ja formados) podem com brevissimo movimento, e applicação, gozar de ferir e reparar,

e de desviar e offender em companhia da espada, o que succede sem perigo rara e casualmente na adaga, nem na capa. E nem os movimentos dos pés se deve fazer para outro fim que o da espada, que a vontade para sairem todas as preposições perfeitas, não há de seguir mais que hũ impeto, e hũ só lugar aonde se dirija: supposto que he opinião de pessoas muyto doudas nesta sciencia, dizerem que para que leve o movimento da espada forsa, o hà de fazer tambem o corpo movendo os pés, o que hẽ falso pois não ficão sendo fortes, nem se pode segundar com mais feridas, arrespeyto de o deyxarem tam differentes movimentos inhabitado, e sem forsa para se tornar descansadamente a restituir a boa postura; como ja fica demonstrado no Capitulo terceyro do livro segundo. Siguira pois o Destro (conhecidos estes incovinientes) os preceytos que aqui lhe dou nas applicações das armas dobres, porque estes tenho alcançado serem os bons e proveitosos, e os outros os arriscados e casuaes, sem estranhar a novidade, pois hẽ tam segura, quando não se=ja por não indiciarse de pouco entendimento, porque a propria e natural [à margem direita] Heliodo: nos prov: deleyção de hũ bom entendimento, hẽ sempre ver, ouvir, e aprender couzas novas, quanto mais sendo posto em razão o não dar lugar a Verdadeyra Destreza o que perfeitamente se fação juntas duas couzas, nem ainda consentilo a mesma natureza, porque assi como não falta [à margem direita] [Arist. lib. 1. de ani: nas couzas necessarias, não he demaziada nas superfluas

[Fl. 44v]

Capitulo oitavo

Como deve o Destro uzar da espada e Rodella, e de seus primeyros inventores.

[em branco]

Ainda que sejam tam dilatadas as grandezas da espada e Rodella, e tam antiga sua invenção, brevemente neste só Capitulo epilógarey tudo o que mais pertence a sua applicação; por salvar assi me=lhior o meu principal intento, que he nem de encher papel com a confusão de ensinar venidas, nem de cansarme com a perversidade das que se uzão na falsa Destreza, como fizeram algũs es=critores, que levados ou de fazer mayores seus volumes, ou de ostentar o que só embaraça, por se esmerar na falsa Destreza tratarão diffusamente a Verdadeyra; e não serão meus preceytos tam laconicos, que impidão o entenderse com facilidade, porque conheço bem, que para os enivelar com o que manda a Verdadeyra Destreza, que nem he necessario apontar os tropessos em que cooperão os falsos Destros, nem de mostrar as Venidas hũa e hũa, senão só geralmente na theorica, ensinar os fundamentos, e principaes causas, e na prattica descobrir as demonstraçoens mais universaes, seguras, e ayrosas, e porque estas razoes convem com mayor efficacia na espada e Rodella serão tam resumidas a deste discurso;

A antiguidade desta arma tras sua origem dos Egypcios os= [à margem direita] Heliod: liv: [4.

quaes forão os primeyros que a inventarão, não tam largas de cir= cunferencia como agora se uzão, mas com melhor modo e proporção. Da excellencia do feitio da Rodella he de crerse dedduzirão os Escudos, e as Adargas, que sendolhe semelhantes no embaraça= remse e nos effeytos, só se differença na figura, e no poder conforme a materia de que são compostos. O tamanho da Rodella de que ou= ver de uzar o Destro para ser perfeyta bastará que tenha tres palmos de Diametro, redonda, e ovada; esta trazida juntamente com hũa espada, são duas armas que assegurão tanto a hũ homem, como o representão ayroso, forte, e determinado; pelloque he utilissi= mo o saber bem meneada, pois assi para a guerra vindo a espada cõ os inimigos, e no saltar de hũ navio, como para a paz ao que an= dão de noyte serve com grande segurança, por ser hũa arma de cober= tura, que defende quasi todo o corpo, aonde sem fazer movimentos vem

[Fl. 45]

vem a dar os movimentos dos golpes contrarios. ^ A materia de que há de

^ e assi levados os antigos de sua perfeção não avia ex= ercito em que não campeassê estas armas, Vigecio na quar= [à margem direita] liv: 3 c 14. ta ordem das seis em que Reparte a milicia Romana poem aos Peltates que erão sol= dados armados com Rodellas, o que prova bem Titolivio di= [à margem direita] decada 4. Liv: 1. zendo que os soldados de Fel= lippo armados a ligeyra, ou quasi sem armas defen= sivas, não erão iguais aos Romanos, que trazendo es= pada e Rodella erão conforme= mente aptos, a se defender, e a offender aos contrarios, e [à margem direita] Polibio de Castr: assi tambem os Viletes, que [à margem direita] Rom: erão soldados ligeiros dos escoados volantes se ar= mavão de Rodellas; e nos nossos exercitos por obri= gação as trazem os Capitões de arcabuzeyros, e os seus [à margem direita] Luis Mendes de Vasc: centurioes, quando por [à margem direita] na 1. p: de art. mil:

ser a Rodella para mais perfeyta será da que for mais leve, mais forte, e da em que mais embacem os golpes do contrario. A espada que se ouuer de trazer com ella, não he forçoso (como querem algũs em razão dos muytos golpes que tem) que seja curta e larga, antes convem que se traga da medida ordinaria, pervertendo com isto o abuzo de dizer, que assi se costuma, porque o costume sem verdade, nem fundamento; hé só hũa antiguidade cheia de error. Uzará o Destro da Rodella trazendoa com o braço curvo, e com o cottovelo para bayxo, bem impunha= da, e de modo, que se forme um arco com o braço, porque desta maneyra anda mais forte para os reparos, e cobre melhor o corpo, não na afas= tando largamente della, nem chegandolha muyto, e sempre de frente dos peytos, porque a Rodella como hé circulo formado, com pequenos movi= mentos impede todos os golpes contrarios; Sua applicação geralmen= te será pello modo seguinte; Todas as vezes que se for com a Rodel= la a receber algũa ferida, se applicará àquella parte algũa forsa comunicandolha o tacto da mão; para que achando a espada do contra= rio sempre resistencia, fique ao Destro mais caminho para as suas feridas. Os golpes que se derem com a Rodella, advirto que sejão sempre por bay= xo della por serem mais soltos e resguardados; tirando os talhos e revezes fendidos, depois que a espada tenha passado a qualquer dos hombros, que estes se hão de dar pella ilharga da Rodella, para o que se de= ve então ladear qualquer couza sem descobrir o centro, e tambem situa= da que recupera as perdas que fizer; E não ignorara o Destro, que a Rodella só tira a espada o desvio, reparo, e atalho, e a dey= xa com as feridas, e com os accommettimentos, não fallando nos ca= zos que succedem por onde lhe uzurpa algũs destes officios, porque a sciencia da Destreza só tratta universalmente do que não tem duvida. [em branco]

acomodada defesa a não
embração todos os mais Ca=
pitões, e não he em=
baraço esta insigne arma
para atravessar um Rio, an=
tes offerece grande como
didade, como se vio na
acção heroica do magno A=
lexandre, que estando para
conquistar nisa cidade da
India oriental, a que cerca=
va hũ profundo rio, refusan= [à margem direita] Eras: 1 4
do passar os seus soldados [à margem direita] apoph: exfulg:
confiado em hũa Rodella [à margem direita] 1: 3. e. 22
nu, se lançou em sima sem
saber nadar, e passou a ou=
tra parte, e a seu exemplo todos

Capitulo nono

[em branco]

Como uzará o Destro do Broquel quando
fizer companhia a Espada, e dos primeyros que o inventarão.

[em branco]

Está oje tam introdduzido o uzo da espada e Broquel, assi por sua
levidão, como pella comodidade de se poder trazer mais facilmente, que
vejo quazi esquecido o exercicio da espada e Rodella; tam proprio entre

[Fl. 45v]

a nação Portugueza, mas como os costumes se uzão assi como se prezão
e o Broquel solicitasse sua estimação com os refferidos atributos, não
he muyto, que senão prattiquem tanto as excellencias da Rodella, que
sempre foy mui poderoso o costume para mudar até a mesma nature=
za^ polloque me pareceo apontar, assi o em que se destingue o Broquel
da Rodella quando se tras, como a differença que hà nas applicações
de hũa e outra arma, para que o Destro batalhando lhe não troque os
officios. As espadas compridas, ou os estoques, em algũ modo,
são mais proprias armas para fazerem companhia ao Broquel,
por razão de que como anda afastado dos peitos, e por esta cauza
fiqua o corpo quasi em coadro, he conviniente que a espada tenha
comprimento que supra, o não poder com perfeição perfilar-se o corpo
pello lado deryto, e poder assi melhor offender de fora dos meos
ordinarios: Porem como a Verdade de meus preceytos não supõem
demasias nem ventagens para se averem de lograr os effeytos da
Verdadeyra Destreza, a espada será a commua, e o Broquel que
a acompanhar de bastante grandeza como tenha dous palmos de
Diametro, porque não no julgo por bom demasiadamente grande
arrespeyto de tolher a vista, e de impedir em algũs termos, os
movimentos da espada, e ou seja composto de aço, ou de madey=

^ suposto que ja os antigos prat= [à margem direita] Dionisio “alicarna[?]”
ticavão este modo de armas [à margem direita] lin: 4.

porque a primeyra ordem dos fa= [à margem direita] Vigecio liv: 3 c. 14.
langes macedonicos se ar= [à margem direita] liv: 2. c. 15.

mavão com escudos Argolicos,

que vem a ser broqueis,

e Eliano diz que a uzança [à margem direita] Eliano de nom et on [?]

macedonica trazião os Roma= [à margem direita] mil:

nos os escudos redondos e

as hastes ou sarissas compri=

das a maneyra do broquel

e estoque, pois aquella se

empunhava com a mão, e a

este arremedavão os botes

das sobreditas hastas.

ra enervada, ou de cortiça com suas vergas de ferro nas circunferencias, se deve trazer com o braço esquerdo tendido naturalmente, bem empunhado na mão, com muita advertencia no sentido do tacto; e para mayor fortaleza com o dedo polegar encostado nelle, e hũ pouco ladeado para que nada tolha a vista, e as estocadas que repara valem para a parte de fora. E querendo impedir algũs golpes contrarios, não serão nunca os movimentos tam largos, que descubram o centro do braço esquerdo, porque pode o contrario com presteza converter as feridas à parte que vio descuberta, e todos os golpes se receberão na verga da circunferencia do simidiametro superior, porque este lugar mais o resiste, e mais desvia a espada; De sorte que assi tendido o Broquel, e sempre em hũ lugar, guarda mais o corpo, anda com mayor graça, e os golpes tem mais espaçoso caminho para offenderem o contrario; e ainda que os que executa a espada em companhia do Broquel são em menos quantidade, se dão com mayor gentileza se nace

[Fl. 46]

se nace dos movimentos remissos das estocadas naturaes, nunca por cima do broquel, nem obrigando a que mude o centro com grandes desmanchos senão ladeando com quebrar a munheca somente para onde convier; das estocadas de fio procedem com facilidade as estocadas de punho, e são myto proveitosas com o broquel dandosse succesivamente. O que usurpa a espada são os reparos e os desvios por dignidade, e todos os mais officios por acontecimento; E geralmente suas applicações serão sempre donde se dezagregar a espada, ou do lugar donde se mover.

[em branco]

Capitulo Decimo

Como applicará o Destro o Braçal, ou a Manopla. E os primeyros que usarão destas armas.

[em branco]

Não tira os quilates as couzas o não se uzarem, antes muytas vezes são^ melhores, que as mais praticadas, que o tempo que introduz esquece os costumes, o não faz com mais fundamento que a sua variedade. E assi o Braçal ou Manopla, não perdem suas grandezas por serem oje menos vulgares em seu exercicio, pois antigamente asseguravão bem suas excellencias,

^ quando a primeyra das seis

ordens da milicia Roma= [à margem direita] Eliano de ord:

na se armava com Bra= [à margem direita] milit:

çaes, e espadas, e a este exemplo forão de grande prestimo

e utilidade assi nas guerras que el Rey Don Fernando de Aragão trouxe [à margem direita] [Curita na 1^a. es^a com o Conde de Urgel aonde se uzavão companhias de soldados armados [à margem direita] part: dos An: de com Braçaes, como ja nas grandes conquistas, que os de Catalhuna tiverão [à margem direita] Arag: em Africa, em que seria na fortaleza, e luzimento destes homens a venta=gemque fazião aos que trazião outras armas, por ser o Braçal muyto ap=paratoso, e forte; E ou se companhia de varias laminas de aço, ou de hũa só, seu officio hê Reparar, desviar, Rebater, atalhar, e ferir. E porque não me ficasse por tratar de hũa arma dobre tam util, ainda que exquisita, e desuzada, quis recordar neste Capitulo seu modo e applica=ções, para mostrar a todos, que ha couzas por si tam grandiosas, que muytas vezes em sua mesma Remissão grangeão os favores e a estima, Reçucitan=do de hũ estado amortecido de mayores luzes à memoria dos homens. Do uzo do Braçal (como entrecinzas) só veo a ficar aos falsos Destros (quando exercitão as espadas negras principalmente no Reyno de Castella) o metter o braço esquerdo estando as espadas em certos termos, com que fazem hũa venida resolutissima na percheria, e não ayrosa nos ensayos da Verdadeyra Destreza, a que chamão tretta de Manotoada,

[Fl. 46v]

ou de Braçal, uzando mal do que só serve para o rigor das veras e não para a cortezia das escolas. Quando o Braçal fizer com=panhia a espada branca, se deve situar com o punho junto à guar=nição, e estendido o braço o que permitirem as laminas, para que faça os desvios mais longe do corpo, para que colha os reparos dos golpes mais nos principios de seus movimentos naturaes, para que Rebatta no meo da espada contraria e não se lhe possa livrar, pa=ra que atalhe com melhor desposição, e ultimamente para que fira com mais brevidade quando a propria espada tiver sogeyta a do adversario, porque estes cinco officios são os que fição ao cargo dos poderes do Braçal.

A manopla * tem demais que o braçal aquella tam grande ventagem de poder

* que he hũa das pessos de hũ cosolete se pode crer que os Romanos forão os seus inven= [à margem direita] Dionis: Halicarn: tores pois aos soldados da [à margem direita] lib 4. sua primeira ordem nos escoa=droes, que erão os mais nobres e antigos, por ser armarem to=dos de ponto em branco he chamarão de grave armadu=ra, a modo dos cosoletes dos nossos exercitos a quem não

pegar, com que mostra hũ Seguro e unviversal caminho para as offensas da espada, superando com este privilegio toda a Destreza do contrario: mas convem para exercer esta com conhecimento, e agilidade, que o Destro que a uzar encaminhe pella Reulção de seus effeytos, precedendo dantes, o aver conhecido e elegido a distancia, pois sem isto todas suas açoes serão frustadas; não se fiando só nos enganos que intentar advertido, e dispuzer sciente, pois se difere a sagacidade da Prudencia, quando esta he imperiosa, e aquella imquiridora, esta manda fazer com effeyto, o que aquella achou ser conviniente, que muytas vezes succede que o que o Destro tem julgado por util, e elegido por bom se dillate com negligencia: E assi despois da Virtude que consiste em julgar bem he necessaria a ultima, e principal, que he a da prudencia exornada com a reulção, porque sem esta não he de proveyto a Verdadeyra Destreza, que não há tal arma como o animo, nem tão certo sinal de Vencimento, como hum coração arriscado a morrer ou superar, que assi como o Destro se pode prometter vittoria de hũ resuluto cobarde, pode recear ser vencido do que for resuluto determinado. E porque a deliberação cresce sempre com a experiencia exercitará o Destro esta arma, espiculando seus termos com algũ mestre Douto, para que com segurança, uze nas veras de tam superior defensa.

Cap:

[Fl. 47]

Capitulo Undecimo

Como uzará o Destro da capa e espada.

[em branco]

As armas com que mais de ordinario se acha hũ homem são a espada e capa, e tem a policia cortezam feyto esta companhia tam commua a todos, que com particular acerto se esmeirou a verdadeyra Oplosophia em instituirhe preceytos, ou ja guiada da propria natureza, que não faz couza ociosa, nem que deyxede ser fundada em razão, ou ja persuadida da comodidade e bizzarria do Destro, pois não era bem que tirando pella espada nas ocaziões se deyxasse a capa nos hombros para poder embaraçar, nem menos ayroso o largala pois pareceria fraqueza, e assi junto com a industria dos homens introduzio, para evitar o

faltão as manoplas, porem a que melhor deve servir para fazer companhia a espada ha de ser forrada por dentro de malha miuda, porque assi=

embaraço que se seguia de hũa couza, e para proibir o dezar da outra, o arteficio, e compostura com que se faz no braço esquerdo, aproveitandosse da perfeyta Destreza para bem guiar e limar seus termos, dandolhe nelle de tal maneyra somente hũa volta, que ainda que o contrario puxe por ella a não tire do cotovello, ficando bem sogigada em o dedo polegar, e de modo que a mão senão cubra e fique livre para as prezas que se pode uzar despois dos atalhos, desvios e Reparos que fizer a espada; e dasse somente hũa volta na Capa para ficar mais comprida, afim de melhor impedir as livranças da espada contraria, e de a constringer a que faça os seus circulos mais largos: Advertindo o Destro que quando fizer a capa há de ser de fora dos meos, porque nelles he perigoso, arrespeyto de que nas voltas de que se dão com ella no braço, se distrae a mayor parte da tenção, e se nega a quem convem a espada para conseguir seus effeitos, alem de que aquelles movimentos circulares que se fazem com a capa, tapão, e alterão a vista grandemente; e não se confie o Destro em que basta fazer a capa começando ja a pellejar, e postos nos meos, porque a sobeja confiança faz desfallecer nas obras, e muitas vezes ha posto em perigo a vida; e a colera nestes termos, [à margem direita] cicer: li: [4. Tuscu [2]

como he hũ impulso vehemente de querer castigar aquelle de quem se julgar aver sido injuriado não attende mais que a offender: pelloque convem que o Destro se prepare fora dos meos, porque o mais seguro escudo contra os successos da fortuna hê a providencia,e

[Fl. 47v]

e quando não fora por outra razão que por evitar assi melhor a preça com que depois se dão as voltas à capa, ou se embrulha o tivera por muyto conviniente, porque o demasiado fervor nestas couzas, pella mayor parte as encaminhara mal.

Todos os golpes que o Destro der tendo espada e capa, devem ser por cima della e do seu braço esquerdo, para o que nestes actos o recolherá junto dos peytos porque situado em outra parte poderá ella impedir os taes golpes guardando por preceyto consideravel, o não reparar nunca com a capa (porque esta não serve de outra couza, que de applicarse à espada do contrario despois de posta em estremo, e necessidade porque não toma para si mais que o desvio, e deixa a espada com os reparos e feridas) por ser grande o danno que conseguirá o que Reparar com ella, como tem succedido muytas vezes, cortaremse todas as dobras da capa, e sentir o braco o perjuizo de aver acodido ao Reparo assi de estocada como de talho e Revez; e não hã que por devida pois se vê claramente que mal podem resistir todas as dobras de qualquer capa, a vehemencia dos golpes de hũa espada, e a sutileza de sua

ponta, porque nem a defensa desta deyxá de ser muy difi= cultosa, nem a Velocidade daquelles (executados por boa mão) se reparam tam facilmente.

E não trato dos Reparos que se fazem em cazos de necessi= dade, donde a offensa pode ser mayor se senão ouuer de Reparar com a capa, e ainda só com o braço, porque nos malles certos, muytas vezes para os vencer em parte, se há de tomar o caminho mais perigoso, e a resolução mais arriscada; porque aquelle danno será mayor que vier a hũ Destro estando descuydado delle; assi que a capa na Verdadeyra Destreza não pode nunca reparar sem grande offensa, pois não he mais que hũ impedimento das livranças da espada contraria, hũ desvio para os movimentos encaminha= dos sem violencia, e hũ atalho para despois de sogeyta a espada

[em branco 2 linhas]

Cap

[Fl. 48]

Capitulo Duodecimo

Em que se resolve hũa duvida das armas dobres.

[em branco]

Hé tanta a differença das ventagens que há entre as armas dobres ar= respeyto de se obrar mais com hũas, que com outras, conforme as maos em que andão, que tenho por dificultoso poder mostrar com certeza o em que se excedem, suposto que a materia e feitio de algũas sejam pella gran= de, e pello forte, supiores a outras, porque nem a qualidade, nem a for= ma, vem a ser na Verdadeyra Destreza que acquirem as venta= gens, senão o conhecimento, presteza e valor com que se obrão; Demais que ainda hũ mesmo Destro se acha melhor meneando hũas, que exer= citando outras, suposto que o que fassa sempre seja semelhante, porque os preceyτος fundamentaes da Destreza não se alterão na Variedade das armas. E porque ordinariamente se offerece, perguntarem os curio= sos qual dellas he a melhor, e ha nisto grande impossibilidade, ou porque entre os homens se acha mais differença de animos que de corpos, e ca= da qual segue seu affecto obrandoas, ou porque a natureza de cada= hũ sempre se adgetiva com o que lhe hè mais proprio, por ser esta hũa forsa dada às couzas, para que possam formar, e produzir seu semelhan= te, pondo com mais particularidade competencia, entre a espada e adaga, e a espada, e rodella, quis, antes de dar fim a este livro dizer o meu pa= recer por parte de hũa e outra arma.

A ventagem que tem a espada e adaga à espada e Rodella, hè estando o da adaga dentro dos meos, e mais perto do corpo do contrario, donde pode livremente ferir com o arnez mais curto, ainda que outras ventagens se grangea o da espada e Rodella se estiver mais de fora; e discutindo razoes

por ambas as partes, para que o Destro escolha a que melhor julgar, me parece, que o da Rodella, porque está de longe sem chegar aos meos impi=dirá com a forma circular todos os golpes circulares, deixando as es=tocadas, que as mais das vezes a desvia sem algũ circulo, porque o hê a Rodella já formado, ou com pequenos movimentos os pode impedir, ferindo a espada a seu salvo; e quando à primeyra vista não pareça bem a cauza da parte do Circular da Rodella, por tambem formar circula adaga todas as vezes que se offerecer, advirtasse, que há grande differença, porque não andão nisto em igualdade, que

[Fl. 48v]

que hũ dos circulos està já feyto, e o outro hasse de formar de partes segundo a boa applicassão, e se adaga errar o in=tento da parte do contrario, o que tardar em restituir o perdido, perderà forçosamente a espada na conjunção de ferir, por cauza de não poder em hũ mesmo tempo estar a força dividida e em muytas partes, pois se algũa vez està ficção fracas arrespeyto da que tivera algũa se só a ella se applicà a vontade; sup=posto que tambem a indeterminação com a Rodella faz muytas vezes cobrir o seguro, e descobrir o perigoso, indo a Reparo por sima onde tapa os rayos visuaes, com o que não pode deixar de rece=ber por bayxo se o contrario converter as feridas, e adaga como sempre estiver em seu centro, acodirà com mais presteza a todos os desvios formando circulo só com a munheca, que ainda que a espada venha de engano (por cauza de não impedir adaga em nhũa parte a vista) não se livrara a espada dos seus movimentos, e hũa vez bem applicada se lhe não desagregara, porque tambem goza do sentido do tacto; deyxando a parte o genio particular, que cada=hũ tem a arma que se inclinou, para obrar mais com hũa que com outra porque tudo vence a natural inclinação:

Em todos os preceyos destas armas dobres, me pudera dilatar com mais preambulos, porem como não quero deixar de seguir o meu primeyro e principal intento, tratey de os escu=zar quanto pude; por não sair a luz com couza que não fosse de sustancia para melhor conseguir o abreviado, e rigu=roso procedimento das espadas brancas (unico fim a que só me dirijo nesta recopilção), porque para aver de escrever aqui o que não se ajusta com aquellas, e só se faz com as prettas, fora hũ engano manifesto, que não custàra a quem o admiti=ra menos que a vida, porque ainda que o saber não he outra [à margem direita] Arist: [post: 1.

couza que entender por demonstração, comtudo nem todas as que se exercitão nas escolas são boas para se fazerem nas véras, porque algumas daquellas não servem mais que para desenvolver, e todas as que aqui escrevo são para que o destro possa fiar dellas, não só sua honra, mas a propria

vida, pello que a menor couza que aqui acharem os curiosos desta ciencia, aquella em que menos repararem, e cujo parecer humilde

[Fl. 49]

humilde lhe der menos cuydado, essa, lhe pesso, que ponderem, espiculem, e experimentem, para que venhão a alcançar seu vigor, e excellencia; e tambem se verá claramente que só tratey de escrever com clareza o util, e proveytoso, e não de eliminar os periodos com cores rethoricas, porque quem ensina não deve acudir com agudezas ao entendimento, faltar com a doutrina a quem deprende; e assy vai tudo tam sem pompa e ornato de pallavras, como pobre de encarecimentos, estribandome somente em que me dezempenhe daquella verdade, o menos calificado, e puro da de seus infaliveis termos, e desculpandome de que o fim desta obra, não hé deleitar com o brando e suave estilo, senão de aproveytar com o verdadeyro e sustancial da ciencia: Ainda que comtudo, sey que não me há de valer o justificarme com razoes tam da minha parte, para que muytos (principalmente algũs dos mestres, que profissão ensinar esta sciencia) a vulto, e sem mais cauza que ser esta doutrina a que se aprendia na escola do insigne Gonçalo Barbosa, se deyxem de accumular contra my para asecundarem; o que será em vão porque me assegura de suas detrações saber o mundo, que a mina inexata donde tirey as preciosas pedras destes preceytos, offereceo sempre no preço de suas obras, e no sciente de suas palavras tantos exemplos, que não só hé a admiração (filha principal das muytas novidades de que foy inventor) cauza de que deyxem de crerse, mas a enveja mudo pregão para que sejam admiradas; e se sua grande modestia me não suspendera a pena (porque os grandes animos não permitem louvor presente) eu singlarizàra mais extensamente seus muytos quilates, porem como ainda à vista de suas humildades crecem mais suas obras, pouco importará a malicia de seus inimigos, tam grangeada com seu raro ingenho; porque assi como vão as estrellas contra o curso do mundo, caminhão suas acções contra as opinioes bayxas, e Vulgares, e não hè muyto ter estas contra sy, pois arrojando o pó nos olhos a todos os que cuydão poder seguir o Voo de se gram talento, os deyxam cegos, e pasmados na dificuldade do que não alcanção, por cujo respeyto intentey, conuido do bem commum, com os Rayos desta Oplosophia alumialos na escuridade de seus erros, guiando aos falsos Destros ao porto da perfeção desta tam alta sciencia,

[Fl. 49v]

E para que os Mestres vissem tambem (como em hũ espelho) copiadas as partes do insigne Gonçalo Barbosa, quis descrever no seguinte livro as que avião de acompanhar a hũ per-

feyto mestre, juntamente para aquelles que não asseme=
lharem estas virtudes, senão tenham nesta conta, e lhe fique
servindo este Retrato antes, de freo a suas linguas maldizen=
tes, que não de caminho para a enmenda de suas ignoranci=as.

[brasão: BIS
PEREO]

[Fl. 50]

LIVRO

QVARTO

Do que convem aos Mestres, como devem
ensinar, e do que commummente
uzam.

[em branco]

E de alguas questoes delicadas desta sciencia,
proveytosas para os exames

[em branco]

[em branco]

[em branco]

Capitulo Primeyro

Das partes que devem concorrer
em hum Mestre.

[em branco]

Não só me anima a descrever hũ perfeyto Mestre a grande utilidade,
que se seguirá de saberem as Republicas qual deve ser o mais suffici=
ente para ensinar a Verdadeyra Oplosophia, mas tambem me constringe
ver quazi extinto o principal meo de poderem lograr os homens com
mayor felicidade seu natural valor: porque ningem negara que esta
ciencia (sendo as forças, as estaturas, e os animos iguais) se grangea
para quem a tem todas as ventagens, e se constitue vencedora. E
se o logro mais certo de exercitar esta ciencia he sublimarse hũ ho=
mem na Virtude da Valentia, não sey que cousa mais obrigue a buscar
hũ perfeyto Mestre; pois não sendo esta a mayor virtude de todas (an=
tes a justiça, e a prudencia são maiores) todos de comum consenti=
mento estimão mais a hũ valente, e dentreo em seu peyto lhe fazem mais
honra, e mais grandes applausos, que as justas e prudentes ainda
que estejam sublimados em grandes dignidades; e não he muyto, porque
como não ha Monarcha no mundo, que não faça guerra a outro, ou
a receba, e os soldados valentes são os que tirão, e dão aos Imperios,
os que vingão aos Reis de seus inimigos, e lhe conservão seus estados,
hè bem que se dé mais honra, não as virtudes supremas, senam

[Fl. 50v]

aquellas de que rcebem mais glorias e maior proveyto: porque se assy,
não trattassem os Valentes, como era possivel achar soldados, que
de boa Vontade fossem arriscar sua Vida pella defesa de seus es=

tados. E ainda que para conseguir com arte esta Valentia fora escuzado Mestre para a ensinar, pellos meos da Verdadeyra Des=treza, lendo estudiosamente todo este livro, com tudo, porque os talentos são hũns melhores que outros, no perseber e no imitar, e será mais facil dandoa o Mestre ao decipulo disposta e preparada em termos pratticos e intelegiveis, me he forçado dizer o que he nessessario a hũ perfeyto Mestre. Pello que conciderando, que tudo o que se faz se não pode eximir de ser por hũa de de tres maneyras, convem a saber, ou por natureza, que he quando nos obriga a natural inclinação proprio affecto, ou por acerto, que he quando as cousas se fazem acaso, e com duvidoso effeyto, ou por arte, que he quando tudo estriba em fundamentos certos, alcançaremos, que sendo esta ultima só a conviniente e proveytosa, pois com ella não só se per=feyçoa a natureza, mas se foge do que se faz, acazo e por acerto, o que mais convem a todo o homem que quizer ser perfeyto Destro, hé a boa eleyção do Mestre que o ouver de ensinar; porque será grande imprudencia e dannosa escolhelo insufficiente para dou=trina tam importante; e quando o achem com as partes que aqui aponto, não só o devem venerar mas ter em grande estimação, porque a ningem estamos mais obrigados, que aquem nos advirte do que erramos, e nos encaminha para acertar: e convem a hũ homem prezarse tanto, de ser decipulo de bom Mestre, como de ser filho de pais nobres, porque destes se recebe o principio de viver, daquelles o caminho de bem viver; e assy em primeyro lugar será todo o Mestre que ouver de ensinar a Verdadeyra Oploso=fia, virtuoso, e de bõns costumes, para que os decipulos lhos re=tratem, e se não dannem com os perversos, será de vida limpa, e de fama estimada, porque naquella segurem os pais o cre=dito da honra de seus filhos, e nesta a esperança de o pode=rem assemelhar gloriosamente; será bem proporcionado porque como esta ciencia se aprende na primeyra idade, e os moços tem nella mayor efficacia para imitar, e para aprender, he necessario inquirir com muyta diligencia, que até nisto seja o Mestre

[Fl. 51]

[à margem esquerda] adornado com os bons sucessos a propria [apagado]

[à margem esquerda] esta [?] mais coincide [?] nas provas que na vida larga que o cervo

[m[?]] 3 annos _ve

[à margem esquerda] e he hũ animal

o Mestre perfeyto, pois então mais facilmente tomão os costumes e vicios de quem os ensina, como parece nos decipulos de Aristoteles, e Platam, que não só tomarão doutrina e letras de seus Mestres, mas de hũ apren=derão a tartamudear, e de outro tomarão o andar corcovado; do que se pode julgar o danno de aprender con ruins mestres; aquelles digo que fundão sua Destreza, e na dezenquietação e descompostura do corpo,

nos meneos impertinentes dos braços e pernas, nas vizagens e cocos dos olhos, e finalmente nos gestos varios do rosto, e no desordenado bufar da boca, cousas tam torpes, e pirigosas, como dignas de espanto. Em segundo lugar será sciente na Destreza das armas, sabendo, não acazo, mas com muyta certeza, as partes de que se forma cada pre= posição, e que tenha grande claridade no modo de ensinar, e me= thodo facil no estilo de dizer, para que os decipulos entendão sem trabalho. Será em terceyro lugar muyto experimentado com a espada na mão, porque he muy necessario que o Mestre primeyro comece a obrar, que a ensinar, pois tem os decipulos tanta obrigação de imitar o que fazem, como de aprender o que dizem, que mal lhe poderá da luz o que anda às cegas na expiriencia das armas, sem lembrança de suas immensas e varias preposições para as apurar, experimentandoas com conhecimento certo, quando o saber he filho principal da memoria e da expiriencia: e não bastará para ser perfeyto em todas as especies das armas, que o seja somente em algũa, porque tem suas dependencias hũas das outras com que cada qual estabeleceu sua per= feyção: convem juntamente que seja Valeroso, porque mal ensina= rá à commeter, aquelle a quem seu animo inclinar a retirar-se, pois se o for, por maravilha deyxarão de o imitar seus decipulos, não porque os mestres lhe possuão dar animo, e fazellos valentes, mas com a cien= cia que lhe ensina em seus preceytos, e com o exemplo que lhe dá em suas acções, pode fazer atrevidos aos que não erão, e aos natu= ralmente animosos, e valentes, melhoralos, e aperfeyçoalos; prece= dendo a todas estas cousas o aver gastado muyto tempo na ex= piculação e estudo desta ciencia, com maduro entendimento, e agudo ingenho, porque o estudo he pay do conhecimento, e se falta em qualquer [à margem direita] Hip: lib: de decent ciencia o ingenho todas as mais são diligencias perdidas. [à margem direita] ornat Estas são, por mayor, as partes que devem acompanhar a todo o Mes= tre que ouiver de ensinar a Verdadeyra Destreza das armas, para que

[Fl. 51v]

os decipulos tendo as que convem sayão perfeytos Destros, porque se por razão natural, segundo o artifice, assi há de ser o artificio, será consequencia clara e forçosa, que o Mestre incapaz do que se requiere para a Destreza, não será bom Mestre, mas esgrimi= dor, que he só fazer venidas sem fundamento, metendo a es= pada por hũa parte, e tirandoa pella outra; ja se sua dou= trina não for boa, e seguros seus preceytos, e só for sofística, e de vans conciderações, será grande e inremediavel o danno, porque hũ decipulo, emquanto aprende está obrigado a crer tudo que o Mestre propoem, por não ter ainda discrição experimental, nem noticia discreta para decenir o falso do Verdadeyro, don= de vem o injusto credito que algũ decipulos dão a seus mestres para os defenderem, sendo que o deyxarão de fazer se a payxão

lhe dera lugar, para atinar com a verdade, avendo quem lha mostrasse por dezengano de seus erros.

E não me espanta ver que tem chegado a nobreza desta ciencia a tam infimo ponto, quando qualquer official mecanico, cujo entendimento não alcança o menos importante de seu officio, o deyx a se faz mestre das armas, sendo que há muyto que aconselhou Apelles que ningem intentasse meterse em couza que não professasse. Mas estes só devem chamarse com grande conviniencia Mestres de Esgrima, por ser nome justissimo ao que ensinão, porque esta palavra gryma senifica no idioma castelhano, cousa que tras temos e perigo, e assi se intitulão muy propriamente pois he o mesmo que mestres de temor, e que ensinão a temer; para cujo remedio fora de muyta utilidade que as Respublicas tratassem com grande cuydado de examinar os mestres que hão de ensinar a seus filhos, pelo modo que adiante digo no Capitulo onze dandolhes salario particular, conforme a seu talento, e igual a sua ciencia; para que então os taes constrangidos do premio, e dos applauzos, procurassem saber mais do que sabem, estudar mais do que estudão, e presumir menos do que prezumem.

[em branco]

[em branco]

[em branco]

Cap.:

[Fl 52]

Capitulo Segundo

O talento que devem ter os decipulos para sairem Destros, e como satisfazem os Mestres com o que são obrigados a ensinar.

[em branco]

Felicemente logrará qualquer Mestre sua doutrina, que conhecer as partes, e talento do decipulo, que quizer aprender a Verdadeyra Destreza; pois guiado com esta luz não pode errar nas applicações do que mais se ajusta com a idade, com a estatura, com a natureza, com o animo, e com o ingenho, entendimento, memoria e prudencia de cada hũ em particular; e sem esta luz dificultosamente alcançará o fim que dezeja; e sirvanos de exemplo o insigne Barbosa, que sempre elevado na concideração de que os erros, ou acertos dos decipulos, erão gloria ou deshonor de seus Mestres, nunca os escolhia de partes incompativeis à Verdadeyra Destreza, e só ensinava cuydadosamente as que ellegia por sufficientes para sairem perfeytos Destros: diligencia que todos os Mestres devem observar advertidos, para que depois se não arrependão inremediaveis. E discursando sobre as couzas sobre ditas afim de que os Mestres não ignorem qual de seus extremos he o melhor, e como as poderão conhecer, por fundamento e adorno de todas

sempre elegerá o Mestre para aver de ensinar, decipulos nobres, conhecidos pella opinião e Virtude, porque estes requizitos de ordinario persuadem ao bem*, e pella mayor parte os nobres, por lhe correr mais obrigação, sempre são animosos e Valentes, coadjutores necesarios para a consequencia da perfeyta Destreza: Suposto isto, primeyramente, advertirá o Mestre que a idade do decipulo he a mais proporcionada para aprender a da puericia, doze ate os vinte e cinco annos, porque nestes com o exercicio se vay endurecendo, e fortificando para melhor menear as armas, e todas as couzas estudadas na mocidade tem tanta força para inclinar a Vontade a admetidas, e ficam tam impressas, e asentadas na memoria, por razão da novidade e admiração com que se recebem, que jamais esquecem emquanto se vive: donde se colije, que se o que nesta idade se lhe ensinar for mau, será grandissimo o danno, e depois impossivel de remediar, porque ficão tam habituados ao que he perverso, que ainda quando com a idade ver a abrir com os olhos da razão, antes se chegão ao rumo que aprendeção;

[Fl. 52v]

porque lhe contentão, e se acostumão a elle, que não ao bom que conhecem, e nunca lhe ensinarão, pello pouco gosto que disso tem, e não poderem totalmente julgar nhũs outros preceytos por melhores; e eu vi muytos homens, que ainda não negandoa forsa da verdade, o costume introduzido na puericia os fazia contradizer por accoes ao que era mais perfeyto; pelloque os Mestres não devem instruir a nhũ decipulo, que o aja sido em outra parte donde aprendesse continuamente a falsa Destreza, porque será frustrada toda sua diligencia, e melhor meo o dizem ganalos, pois senão for por maravilha serlhe há tam dificultoso o desvialos de seus erros, quanto he poder hũ homem resistir a qualquer habito novo, que ouver acquerido da mocidade; salvo se sendo de boa, e perfeyta natureza, lha desgarrarão por pouco tempo e só com as primeyras lições, porque então a natureza he prontissima para tornar em si mesma se acazo se há trocado; o que será ao contrario mo de ruim natureza, porque a depravada se a conforma o largo costume (como tenho dito) he quasi impossivel vencerse*.

* e prometem bom sucesso nas couzas, que o que deve muyto a seu sangue tras sobre si a quella advertencia de ser bem nacido, e não se lhe faz possivel faltar a ella.

* E conciderando Pytagoras esta dificuldade para ensinar a sua

Em segundo lugar ponderará o Mestre a estatura do decipulo,
para que conforme a ella lhe acomode as preposições; e Será a me= [à margem direita]
[Platam

lhor a que for mediana com as partes do corpo bem proporciona= [à margem direita]
[Aristot.

das, pois assi lustrará mais esta ciencia, e serão seus termos
mais ayorosos, para quando se offereça o batalhar publicamente,
e sem duvida os homens de boa e mediana estatura levão muy=
tas ventagens aos demais que participão de algũ dos extremos,
para o que apontará infinitos exemplo [sic] se me pertencera o dila=
tarme nesta materia.

Em terceyro lugar verá o Mestre o ingenho que tem o dicipulo,
o modo de fabricar aquillo que lhe ensina, para que a todos não
ensine hũa mesma couza, porque o ingenho dos homens he vario
e tem a mesma proporção com as ciencias, e com seus termos que [à margem direita]

[Hipoc. no liv: das

a terra com as sementes, porque nem todas se procreão bem em [à margem direita] leis
todos os sitios, e para que o Mestre se não engane nesta eleyção
o indicio de que mais se deve aproveytar, para descobrir se hũ
homem tem ingenho apropriado para a Verdadeyra Destreza,
será vendo que o dicipulo se não contenta do que lhe propoem
até

[Fl. 53]

até que não alcança a cauza principal do effeyto, e pello contrario será
de ruim ingenho, o que vir amigo de atribuir todas as couzas ao sucesso
sem nhũa destinação, ou tambem será prova de sua rudeza, quando se
não convencer ouvindo boas razoes, porque aqueulle possuirá bom inge= [à margem
direita] [Aristot:

nho que melhor obedecer ao que bem propuser. e geralmente deve [à margem direita]
[bonum ingenium est

o mestre ensinar com melhor Vontade, ao que conhecer demais capaz in= [à margem
direita] illud quod benedi=

genho, porque lhe será muyto dificultoso fazer Destro ao que o tiver li= [à margem
direita] [cendi obedit.

mitado , e com facilidade perfeyto obrador ao que possuir com agu=
deza, porque de ordinario o ingenho, e o entendimento (que tambem o de=
ve acompanhar) são os que na Destreza buscão os meos, que mais convem

doutrina a seus discipulos, rpi=
meyro lhe dava cinco annos para
esquecer o que tinham aprendido
de outros que sem muyto tempo
não he facil introduzir novi=
dades em sogeitos invetera=
dos com diversos habitos

para a consequencia dos intentos, não lhe faltando juntamente a memoria, porque com esta hé hũ deposito de quanto sabemos, mal reterá as varias venidas da verdadeyra Destreza o que carecer della, nem menos o dezacompanhará o sublime dom da Prudencia, para que possa fazer juizo dos meos mais convinientes, segundo os preceytos e regras ordinarias da ciencia; e para conhecer o mestre estes attributos no decipulo, verá se he adornado de entendimento, em comprehender com brevidade o que lhe propoem; se possuir memoria no conservar o que lhe diz; e finalmente se logra prudencia, em obrar com consideração o que lhe ensina.

Em quarto lugar attenderá o mestre se o decipulo he deliberado e animoso, para que assi se accomode a estas partes, e empregue melhor o trabalho de seu ensino, porque o animo he hũa virtude que enca= [à margem direita] [B. Thom: art: 3

minha a grandes emprezes, e governada nesta ciencia pello bom dictamen da razão, he muy favorecedora dos intentos do Destro, e lhe encaminha todas suas accoes a particulares e perfeytos fins, e coonhecerá o Mestre se o decipulo he animoso, na determinação com que o vir obrar, e viveza com que o vir proceder.

Em ultimo lugar (que em certo modo comprende todos os outros) observara o mestre a inclinação de cada hũ dos decipulos, para que destintamente lhe applique as venidas, pois não devem ser as mesmas as do Colerico, que as do flematico; e não se canse muyto cõ o decipulo a que não vir bastante natural e inclinação para as armas, porque lhe será muyto trabalhoso fazello Destro, que a natureza [à margem direita] [Terencio

não he outra couza que o ingenho, e capacidade natural, que cada hũ tem para acquerir o bom, ou o mau; e pello contrario se esmerará

[Fl. 53v]

com o que vir inclinado à verdadeyra Destreza, e desejoso de aprender, porque sobre este excelso Dom do natural realça com mayor grandeza toda a ciencia e arte a que os homens se applicão, e faltando aquelle difficoltosamente receberá algũa sua principal pureza e verdade, nem menos a graça de dispor suas venidas com perfeyta forma; porque pode mais hũ lustroso natural por si só [à margem direita] Cicero nũ de doutrina, que a doutrina por si só dezacompanhada de natural; e se aquelles que somente hão luzido com o natural, ouverão tido o esmalte da doutrina, serão assombros, eminentes, e em tudo superiores; pello que importa que os mestres tenham muyta noticia da capacidade e talento dos decipulos para bem os guiarem pois ainda que pareça difficoltoso e conhecerlhe depreça as inclinações, he tam poderosa a natureza que logo nellas não só descobre o nascimento, mas dá a todos como o sangue os dezejos do que melhor se lhe ajusta a seus affectos, de mais que no tratto or=

dinario, nas accoes, e movimentos se pode alcançar muyto, porque cada sentido tem por privilegio da natureza, sua lingoagem particular para se declarar, e descobrir as inclinações; e os mestres como já disse, não poderão fazer nunca hũ decipulo perfeyto, que não tiver hũa despocissão gentil, e hũ ayroso natural, porque não estão obrigados a dar proveyto com o que ensinão, como este tal seja o fim da obra, pois somente satisfas com ensinar esta ciencia perfeytamente ajustando os termos della às naturezas, estaturas, animo e ingenho de cada hũ, supposto que não succeda fim que pretende e dezeja, porque o que ensinão não he do fim, senão dos meos para o conseguir, e com effeyto alcançar, que a ciencia não he mais que hũa perfeycão da natureza, ainda que em outras couzas seja immitadora, e decipula; e quem não for de agudo entendimento, e disposto natural com as forças convenientes, não poderá sobre os principios da natureza fabricar as muytas e muy altas preposições desta ciencia, porque assy como as razoes humanas estribão em principios naturais, o bom natural he sempre o que guia ao acerto de todas as couzas.

[em branco]

[em branco]

[em branco]

Cap.:

[Fl. 54]

Capitulo Terceyro

Como devem os Mestres ensinar esta ciencia, as regras que hão de observar; e por que modo habituarão os animos dos decipulos.

[em branco]

Ho capitulo anterior ficão ditas as partes que devem concorrer em hũ decipulo para ser perfeyto; e porque não se ajustando com todas ellas, lograrão mal os Mestres o cuydado que puzerem em ensinar esta ciencia, tratarão primeyro que tudo para melhor instruir aos decipulos de lhe conhecer particularmente a natureza do animo, examinandolha com muyta attenção para a seguir com preposições conformes a seu natural, ou guiado pelo demonstrador de seu tratto, e accoes, ou pello toque de algũas batallhas em que o necessite defenderse, e obrigue a querer offender; e assy com mais evidente conhecimento os encaminhe ao que vir que mais se inclina, que nem tudo he bom para todos, porque cada animo requiere sua venida; e ao que for amigo de ferir sempre o levará por esta inclinação, e ao que se adgetivar com defenderse, e com reparar o encaminhará por este affecto, porque as naturezas dos homens são em todos differentissimas, pello que importa muyto que o mestre conheça a compreyção do decipulo, para que não troque as lições, e dé a hũ o que ouvera de ensinar a outro, porque ao Colerico (cujo animo hé arremmeter, pelloque participa do

Elemento do fogo,) lhe convem ensinar doutrina conviniente a este animo. que será em feridas da primeyra tenção, como digo no Capitulo Sexto do livro segundo: E ao sanguinho, pello que tem do elemento Ar, e calor do sangue, que particularmente o perdomina, tambem lhe ensinarà o como hà de arremetter, porque este sempre se inclina a fazer accommettimentos: Ao flematico, que participa do elemento da agua, que he pezada, e não pode ser acelerado em seus movimentos, senão inclinado a ferir remissamente, se lhe ensinarão feridas flematicas, que são as da segunda tenção, apontadas no Capitulo setimo do livro segundo; E ao melancolico; pello que participa do elemento da terra, de= mais de ser preguiçoso e tardo em seus movimentos, quasi sempre he covarde e pusilanimio, para que perca o temor, que o senhorea, lhe deve ensinar só a defenderse, impedindo e atalhando toda a feri= da, que o contrario formar de qualquer especie, que seja, para se lhe=

[Fl. 54v]

encobrir melhor a falta que naturalmente tem. Respeytará o Mes= tre juntamente a estatura do corpo, para que convenhão as venidas a maneyra della, porque ao homem grande se lhe há de ensinar que traga a espada estendida; e ao pequeno curva, àquelle feri= das da primeyra tenção, e a este da segunda, e mostrarlhe a desigualdade que tem nos meos e tudo o mais que aponto nos ca= pitulos. 11. e 12. do liv: Segundo: attentando tambem a despoçi= ssão das forças soltura do corpo, e despejo dos braços, para que a calidade das preposições se accomode como convem, porque ao de poucas forças se hão de ensinar menos golpes e mais estocadas, nunca arrearpar e sempre accommetter, porque se lhe não distra= ya o Vigor nos primeyros encontros e lhe falte nos segundos, e a que não consinta que seu contrario se lhe chegue, porque trazendoo na ponta da espada não poderá nunca vir a braços. E aos de muy= tas foras deve ensinar mayores golpes, e venidas mais vehemen= tes, de maneyra que conforme às partes que tiver o decipulo, há de ajustar tudo o necessario, e que pertencer, para conseguir felice= mente a mayor perfeição desta ciencia: E observadas estas regras porque a memoria esta mais facil para perseber pella manhã que não a noyte, tomarà sempre aquella hora para dar lição, devagar e expicificamente para que o decipulo lhe não esqueça, e com clareza va elegendo o mais sustancial, começando pello mais facil e mais fundamental, como he o saber ayrosamente dar passos proporcionados, o tirar pella espada com desenfado, o golpear com soltura, e trazer o corpo dereyto sem nhũas vizagens, como ensino em varios lugares desta minha Oplosophia. e todas estas cousas persuadirá o Mestre, mais com a forsa de suas accoes o brando, que com o consertado de suas palavras dizendo, porque esta ciencia se aprende mais do que se ve fazer do que se ouve, porque pella vista pode hũ homem alcançar e conhecer muy=

tas couzas sem ajuda de outro, e pello ouvir nhũa sem outro o não ensinar, que o ouvir nunca fez mais que decipulos, e a vista sempre fez mestres; e assi não só nestes Rudimentos mas em couzas de mayor quantia se devem exercitar diante de seus decipulos, para que vendoo o imitem pois he ordinaria natureza dos homens persuadiremse mais com as obras que vem, que com

[Fl. 55]

com as razoes que ouvem; e quando o entendimento dos termos da Destreza dependa de explicarse o mestre theoricamente, o fará com razoes evidentes, breves, e não confuzas; e sempre iguais e ajustadas ao que determinar por em prattica, repetindo hũa cousa muytas vezes para clareza do que for escuro, com linguagem sempre conforme à capacidade do que ouve, porque o saber de quem aprende não consiste em dar credito ao mestre que o ensina, se não em que seu entendimento se contenta da boa consonancia que lhe faz a doutrina; porque na verdadeyra Destreza, como os que de ordinario a aprendem são homens de capa e espada e soldados que não professão saber termos filosoficos, convem para os não confundir, que o mestre se adgetive com o talento que lhe examinar, e para não aver em nada embaraço devem ser as pallavras que dizer, em tudo sombra das obras que fizer, por não escurecer com muytas razoes o que ensinar, pois só importa appontar as essencias que bastem para a explicação do que formar; e ainda para os que não são rudos convem fallar por termos claros, e não embaraçosos, porque os preceytos e regras das artes, não são só grilhoes para os que não tem ingenho, mas sossego para os entendidos: Não ensinando por figuras Geometricas, se não com demonstações da espada evidentes, porque não só descorsoão ao principiante termos mathematicos, mas molestão ao ciente; e juntamente tudo o que propuzer provará não com pallavras nê porfias (que são o abrigo dos ignorantes) senão com razoes evidentes, e demonstrações certas, pois o ciente se conhece pella altiveza e gravidade no que diz, e o prudente pello adorno, modo, e composta com que diz, e assi são escuzadas muytas pallavras, e as vozes de nhũ proveyto, que os mestre que pertinazmente defendem suas opinioes não alcançando a razão se poderá presumir delles com certeza, que lhe falta o Verdadeyro conhecimento pois lhe sobejão porfias. Convem juntamente aos Mestres que nos principios batalhem entre sí com os decipulos, até que saybam venidas bastantes a todos os fins, porque lhe ficará mais facil fazer hũ Destro em menos tempo: e porá muyto cuydado em desenvolver aos Modernos, para que ao diante sayão prestes nas acções que fizer o corpo, e ligeyros nos golpes que der a espada, não lhe fazendo confuzão com cantidade de Venidas, nê nessas poucas (em que nos principios o trará algũ tempo) lhe apure os erros de metter mais ou menos o corpo, de tardarem com a espada

[Fl. 55v]

ou de se anticiparem pois então lhe há de passar por elles, para que lhe não pareça; que há a dificuldade, que o saber e a continuação lhe há de facilitar[^] trattando de por em razão tudo o que fizer, pois não há nesta ciencia outra authoridade mais certa do que ella, arrespeyto de averem poucos escrito (e esses confuzamente) a prattica de suas excellencias, e de todas quantas nella se achão não começarem com a summa perfeição, em que o tempo pouco e pouco, e a ciencia e industria do insigne Gonçalo Barbosa tem constituido a Verdadeyra Destreza.

E depois de hũ decipulo ser batalhador encomendo aos Mestres que pois he tam dificultoso o conseguir o fim desta ciencia, e as es= padas pretas são hũ molde do que se há de fazer com as bran= cas, e seus termos são tam abreviados, que nos primeyros impetos se declarão as ventagens, que prohibão nos publicos a seus decipu= los batalharem mais que até seis venidas, a hũa para lhe ha= bituar os animos a mayor resulução, e a outra porque se nellas lhe ha succedido mal, hé muyto certo que só com o sentido na Vingança e em querer dar (que são os meos porque se tapão os portos à defensa natural) receba cada vez mais feridas, e se pello contrario lhe ha acontecido bem, he provavel que não se= ja assi ao diante, ou porque ja são menores as forsas, e a confiança de se aver melhorado o fará descuydarse, ou porque a fortuna se não preza de accommetter aos vencedores, senão de contrastar a os vencidos

[em branco]

Capitulo Quarto

O danno que resulta de se apprender esta ciencia com Mestres= ignorantes.

[em branco]

He a ignorancia uma falta de saber, ou por carecer de ciencia, ou [à margem direita] S.

[Thom: in g. de melo.

por ter o erro contrario a ella, que he o mesmo que ser falso ciente, e por que esta he a que mais tem arruinado a Verdadeyra Destreza, im= porta muyto conhecer, que os que concorrem em hũ daquelles extremos serão Mestres ignorantes, para se fugir delles, pois nhũ pode ensinar couza que não seja perversa, por ser a ignorancia o mayor de todos os malles [à margem direita] Cic: 3. denat: deorf.
e sua

[Fl. 56]

[^] poreম dará a conhecer estes erros ao dicipulos porque os ignorados não se podem emmendar.

e sua principal origem: e com mais razão na Verdadeyra Destreza das armas, pois he a mais nobre das ciencias humanas, hũa das que deve ensinar-se mais perfeytamente; porque de não ser assi, não só resultàra em acabarse com a mesma vida, mas perder-se a propria honra; e comtudo hũa he mais desemparrada de mestres doutos, nem mais perseguida dos ignorantes, ou seja porque a admiração dos que os ouvem, não alcançando o que venerão, os faz contentar do que prezumem saber, e assi ouzão persuadir novos erros, ou porque como a Vamgloria excita a mayores atrevimentos, lisongeados de seus sequazes, e applaude Verdadeyra Destreza, sejà não he, que pella ignorarem totalmente a não ensinão como convem, e lhe nace sua temeraria e necia confiança, somente desta ignorancia, tam commua a muytos, como perigosa a todos, crendo (cazados com sua opinião), que podem seguir o fim da Verdadeyra Destreza, mais guiados pello que inventão, do que pella verdade de seus infalliveis preceytos: sendo que he impossivel passar pello estreito caminho da Destreza (pisado de tam poucos) cegos os olhos da razão, e cheios de ignorancia: E porque de ordinario a pertinencia dos que errão he difficullosa de curar, não me persuado, que poderey remediar faltas tam conhecidas em sugeytos tam idiotas como são os mestres vulgares, mas só he o meu intento mostrar o danno que procede de aprender com os que forem ignorantes, para que os discretos se apartem delles, e com prudencia saybão eleger os mais peritos: e ainda que os dannos são muytos só appontarey os principais, para que delles discretamente se infirão os outros. Hé o primeyro, e o mais universal, não ensinar aos decipulos o que convem a suas naturezas, cauza porque os homens vem a tirar pouco fructo do trabalho, que puzerão em ser Destros, pois de ensinarem os Mestres hũa só cousa a todos, sem a differençar para algũ (não sendo em geral as partes iguaes) se infere provavelmente não só o pouco que sabem, mas quesenão podem nunca aproveytar os decipulos de doutrina, que não for muy coveniente a suas inclinações, pois se fundão somente em ensinar o que sabem para sy, e não o necessario, a quem aprende; deve ser isto, que por quererem mostrar facilidade no instruir o fazem a todos com hũ modo commum, e com venidas geraes, Sendo assi que não somente hão de ser particulares à medida das naturezas, mas conforme à materia, intento, animo, e desposição do contrario, que o Destro com todas estas couzas se deve aconselhar obrando.

[Fl. 56v]

obrando: e com a autoridade de Mestres (sem nhũa autoridade) encayxão dos decipulos seus erros, e o peor hê, que tem por si, que para o mal se inclinão todos facilmente: e cada hũ dos decipulos como não tem ciencia, tem por melhor o que mais lhe conta não o que mais lhe aproveyta, e como em sua vida não tem feyto, nem tem visto fazer outra couza melhor, não na podem, nem sabem contradizer. ó a quantos engana esta confiança, que os mestres tem de si mesmos; a quantos offende esta vem autu-

ridade! esta prezunçãoa quantos prejudica! porque como se=
ja o animo humano, mais tenaz, e amigo do mau, que do bom, de
tal maneyra fas habito de hũa coisa, que he impossivel poder ex=
cluirse della, e succede, que ainda depois de emmendados cai=
mos sem nada sentir: de sorte que o que vem a fazerlhe mais dan=
nos, hê o mesmo que os pudera obrigar a ser mais cientes, e he o
chamaremse Mestres, porque este titulo lhe impede que não
trabalhem por saber oq ue lhe falta, contentandosse só com o nome
e tendo em pouca as obras, sendolhe muyto melhor que estas o
adornassem, e que não tivesse aquelle.

O segundo danno hé, que fazem aos dicipulos covardes, po=
que logo trattão (os que são ignorantes) como lhe parece que o de=
cipulo sabe duas ou tres venidas, das que lhe ensinarao con=
forme sua mesma forsa, seu proprio animo, e estatura^ de lhas
manda obrar, para que se adestre puramente com o exercicio,
os quaes como não percebem a variedade das saidas que tem,
e o mais que pertence para que não lhe tolha o adversario seus
effeytos sendo offendido, se lhe acobarda o animo, e muytas
vezes se tira a que não sabendo nada, pudera ser que
lhe não faltasse, porque os primeyros lanços e encontros são
os que dão, e tirão a confiança dos homens; de modo que fica
sendo peor aprender esta ciencia com mestres ignorantes,
que fazem aos dicipulos fracos, pois lhe não ensinão outra
couza que falsas preposições donde só colhem cauza para
se arriscarem nas veras, porque ainda aquelles, que por seu
bom natural entrão nellas com algũa segurança, se dezenga=
não facilmente, experimentando a sua custa a pouca Ver=
dade da Destreza que lhe ensinarão, habituandolhe os animos com

[Fl. 57]

com cousas não so perversas mas arriscadas. Tambem resulta de
danno aos dicipulos, não lhe ensinarem a Urbanidade e policia
que convem, que juntamente com a Destreza se hà de ensinar a
cortezias, pois he hũ exercicio tam adgetivado com a nobreza;
o que mal demonstràra o mestre que for plebeo e ignorante, e
que só estima esta ciencia como officio mecanico, e que não professa,
nem se exercita em outras praticas cortezes mais que falar licen=
ciosamente (vendo de si que não sabem nada) nos defeytos de outrem;
acção propria de ignorantes, (esqueceremse de seus vicios, e attenta=
rem pellos alheos) muytas vezes fundado sobre envejosos testemunhos.
E tirão estas couzas o poder muy bem ser que saybam esta ci=
encia algũs mestres, qu eu não posso com razão obviar o que por sy
for perfeyto, porem como vejo, que tam poucos a ensinarão com ap=

^ e não convinientes a forsa animo e estatura
do dicipulo

plicação às calidades dos animos (que pella mayor parte seguem sua natureza, e não a forma das venidas que se lhe mostrarão) me movi a dispor este capitulo por estes termos ainda que os exaspere a me detrahirem, porque me animo mais de lograr o fructo desta Verdade a todo o risco, que o aplauzo de minha invectiva desimulando erros: Ajustem pois as preposições às partes dos decipulos, e não à medida das suas, ensinem com menos encarecimentos vãos, e com mais demonstraões certas, para que os decipulos se confiem com segurança, e finalmente fundemse em movimentos legitimos, e que não embaraço, para que então nem se entenda este capitulo por elles, nem sirva a Destreza Verdadeyra de confundir os animos, de arriscar as vidas, e de perder as honras, senão so de perfeçoar a natureza, de aclarar o entendimento, e de segurar a propria conservação.

[em branco]

Capitulo Quinto

Como a Destreza que mais se uza he falsa, e as causas porque se ignora a que hé verdadeyra.

[em branco]

Raras vezes concordão os Mestres as partes de que se compoem a Verdadeyra Destreza, porque em commum a quasi todos lhe faltão

[Fl. 57v]

os fundamentos scientificos de que procedem os effeytos infaliveis, por cuja razão não podem deyxar a ser falsas as preposições que ensinão, e juntamente carecem dos requisitos mais concernentes à expiriencia necessaria, contentandosse só com o cansaço do exercicio, como que se este pudera por si somente mais que fazer o corpo agil, acostumado, e desenvolto, e não correrá por conta daquella, o encontrar com a verdade quando se busca com conhecimento certo; e desta falta procede o obrarem tudo acazo, e mais com hũns homens, que com outros, sendo que se verdadeyramente há verdade em hũa couza hũa vez, e a razão a mostra, a deve aver muytas, ainda que seja de diversas maneyras, porque a verdade sempre o he em todas as suas partes, e só os erros e inconvenientes cõ que se obrar a podem perverter: e o respeyto porque ignorão a verdadeyra Destreza hé por lhe ser mais facil seguir a vulgar immitação, e falso exemplo do que vem, do que os caminhos da ciencia e fundamento sobre que estriba, descobrindo bem seu apoucado talento em viver satisfeytos conforme ao poco; e como tem occupado entendimento nesta vil opinião, desatendem à concordancia das partes da verdadeyra Destreza, e as ignorão; porque se hum ciente Destro lhe perguntar quaes são estas, cegamente responde, e peor no particular de cada hũa, porque se na primeyra,

e principal que he a theorica (por onde se conhecem as cauzas e principaes fundamentos) se lhe perguntarem o que consiste a Verdadeyra Destreza, ou quaes são as causas da perfeyta venida como digo no capitulo cinco, e no Cap: 7. do livro primeyro, o devem de ignorar por não seguirem a mayor certeza desta ciencia. E se na segunda que hê a prattica (porque se alcança a forma das preposições) se lhe perguntar de quantos movimentos se compoem hũ talho de causa impedida, ou se se pode sem risco reparar na Verdadeyra Destreza, como se aponta no Capitulo decimo do livro. 2º. o não devem mostrar pella differença, que geralmente fazem do praticar ao obrar, e se na terceyra e ultima (que he aquella parte da obra porque se conhece a ciencia, animo, e presteza) se lhe perguntar como se executa hũ talho sem receber outra, como se declara no Capitulo 4º. e no cap: 1º. do livro. 2º. falsa e vagarosamente o mostrarão

[Fl. 58]

o mostrarão, or não saberem as cauzas desta ciencia, nem terem conhecimento para experimentar os termos particulares della: Mas não será muyto que deixem de satisfazer a estas perguntas, quando vejo, ou pelas razoes de seus escritos, ou pella doutrina de seus decipulos, que tam poucos alcanção o que nesta ciencia he infalivel, e que geralmente ou pellas demonstraçoens, ou pelloes preceytos ensinão a falsa Destreza, que hê quando se vão a fazer os effeytos, ferir juntamente o contrario no mesmo tempo ao que principiou, tratando somente de mostrar aos decipulos o como se offende sem lhe dar perfeção à defesa natural (officio primeyro e mais cuydadoso desta ciencia), porque ainda que o fim das venidas he offender com particulares termos e caminhos, e desta distinção expicificamente nace a maravilhosa variedade da Destreza, comtudo não implica estar a defesa primeyro para ir a este fim perfeytamente; e de não investigar esta verdade todos tem parasy ignorantemente, que suposto que se receba só no executar a toda a ley consiste a verdadeyra Destreza; fazendo facil com improprias demonstraçoens a dificuldade de dar hũa ferida em hũ homem das mesmas partes e ciencia, e só attribuindo a esta o que seus decipulos batalhão acazo, ou or mais medida, estatura e foras, por mayor animo, habito, e ligeyreza; sem evidencia algũa porque como as couzas são incertas, os effeytos que della se procrearem tambem hão de ser incertos, porque de cauza incerta não pode se pode es= perar com fundamente effeyto certo e infalivel; donde vem que nace desta falsa Destreza (quando não consideremos outros muytos) o inremediavel perigo de que posto hũ homem na occasião raras vezes resiste ao vicio de fazer hũa couza mal feyta: pello que os Mestres que assi ensinão dificultosamente darão o remedio que ao diante se aponta na questão onze do Capitulo nove, para permanecer hũ homem contra outro (Destro ou inciente) que vem deliberado ao mattar

com animo de receber mil feridas por só executar sua tenção, pois não trahirão de outra couza mais que de ensinar a dar com todo o risco, como bruttos animaes, tendo nos naturalmente de mayor obrigação de defendernos (pois daqui nasce a melhor offensa) que de offender ao contrario com proprio perigo.

E uzam tambem os falsos mestres da Destreza ordinaria, que he quando o contrario vem a ferir fora do meo determinado, ou com

[Fl. 58v]

a espada mal encaminhada, offendelo sempre que tenha effeyto o que intentou primeyro, que he ao que chamam vulgarmente fazer contras, que tambem he falso, pois não ha nesta ciencia, por estar oje posta em tanta razão, tam apurada e em tam infalíveis percytos;; que se não permite na que he verdadeyra aver effeytos em nhũa das partes sendo em tudo iguaes; e esta tam regular razão he só à facilidade que tem, para melhor a perseberem os Destros que forem de sutil e claro entendimento, e assy onde ouver mais Levantado averá mais excellentes e agudas preposições, porque como esta virtude da razão esta colocada no entendimento dos homens, não só persebe facilmente ainda os termos mais exquisitos, mas tudo o que não for regido por ella se fará no ar, e não terá bons fins.

[em branco]

Capitulo Sexto

Da intiligencia da Verdadeyra Oplosofia;
e o que differe de sua experiencia.

[em branco]

desigualdade differe do entendimento desta ciencia, sua particular experiencia, porque a sabiduria, e a intelligencia de qualquer [à margem direita] Arist: [Eth. 6.

couza, (virtude intelectual) he hũ habito com o qual o entendimento [à margem direita] [SThom: l. 2. q 5

conhece os effeytos pellas cauzas universalissimas, ejulga dos principios da ciencia: e a experiencia he hũa examinado= [à margem direita] ningem [imagine saber em hũa
ra da verdade, e hũ habito demonstrativo daquellas couzas, [à margem direita] profissão
[sem experiencia

que necessariamente são o que dellas se mostram, ou conclue, assy na Verdadeyra Destreza he mayor esta differença, porque seu fim não está Mathafizicamente no entendimento, nê só no conhecimento dos primeyros e notorios principios das ciencias, se não em hũm habito do entendimento, o qual prescreve os modos das couzas factíveis extiriores, como a Architectura, escultura, Navegação e outras acções humanas; e corrobora mais esta differença ver que assy como altera à navegação prattica, o vento, o mar, e outros varios accidentes, assi muda a obra da destreza, a diversa e não co=

nhecida Vontade do Destro com que se batalha, e os muytos
sucessos instantaneos, que podem alterar qualquer movimento
da mais perfeyta Venida

[Fl. 59]

Esta differença se vé bem em todos os Mestres vulgares, e principalmente
nos que estudão pellos escritos de D. Luis Pacheco de Narvaez, que por
errar quasi sempre na expiriencia particular, não pode estabelecer firmes
fundamentos ao Universal, como se colhe das tam encarecidas demonstraço= [à margem
direita] Nav: dialg. 3.

es do seu Compendio: e se algũa vez acertou na intiligencia de algũs [à margem direita]
[fol 137. e 132.

principios foy porque os nivelou com os filosoficos, e os deduzio das ciencias [à margem
direita] e 116.

infaliveis, em que mais se quis ostentar ciente consumado, do que na Des=
treza obrador perfeyto; pois vemos que em outros se contentou só com hũns
entes quimericos, e com hũas ideas imaginadas, que no exame da expi=
riencia mostram os ppoucos quillates que tem, trattando só de explicarse
pellos mais escuros termos da Lógica, da Geometria, e da Semetria do homem,
para embaraço e confuzão dos que aprendem, e somente se quis mostrar
sutil em tomar por pallavras e Jeronimo de Carrança (seu unico texto
em seus livros) sendo que para persuadir couzas grandes não bastão ra=
zoas, nem argumentos apparentes, senão obras demonstrativas, que
a ciencia das armas hé daquellas couzas que se sabem e aprendem bem
por demonstração, e as razoes de Dom Luis são mais dilicadas e
congruentes na theorica, do que certas e verdadeyras na prattica, ou=
ja porque não acertou com os immutaveis fundamentos da ciencia,
o que se colije de que nunca em seus livros fes ponto fixo nelles,
mas antes em cada qual variou e se contradisse em todos, ouja por=
que lhe faltou a noticia experimental, que he a com que se logrão
e avirigão melhor as verdades e preceytos desta Oplosofia.

E porque a este quarto livro pertence mais (por ser o Roteyro dos Mes=
tres) fallar dos que o forão, farey hũ cotejo breve das couzas de Carran=
ça e de Narvaez, assi para mostrar os barrancos de que se deve fugir,
como para que juntamente julgue o ciente Leytor a differença que há
entre a intiligencia, e a expiriencia da Destreza, sem que seja meu
animo outro mais, que a de aclarar a verdade, para aproveytar com ella,
pois nem para mover os homens à estimação deste meu livro, me era
necessario reprovar os alheos, conhecidas as novas, e não imitadas
derrottas que tomei, para o porto da perfeição desta ciencia; nem pa=
ra obrigar a seu applauzo necessitava de acrecer este volume com
superfluos contradittas, pois do menor capitulo delle (se affectara os
discursos com preambulos rethoricos, e com invectivas contra a falsa
Destreza) pudera formar largos e immensos tomos; mas o meu

[Fl. 59v]

intento foy só epilogar com clareza o mais essencialm e verdadeyro para os rigurosos termos das espadas brancas.

E porque algũs preceytos do Comemndador Jeronimo de Carrança tomados absolutamente cada hũ por si, parecem errados, e lidos to= dos, e se aclarão e corroborão hũns aos outros por ter sua dependen= tes, e ser forsa que se todos se não lerem se julgarem algũs por falsos, trarey hũ por exemplo para que por elle se infirão os mais. [à margem direita] Carr: [fol. 184.

Diz, pois Carrança, que fazendo angulo com a adaga na es= pada de qualquer especie que seja se poderá metter logo o corpo nelle, e que he regra universal para todos os generos das armas: Aforismo que aprovo e seguio D. Luis no seu compendio com [à margem direita] narv: [dial. 3

grandes e particulares exaserações e logo poucos annos depois[à margem direita] fol. 107.

em hũa carta que imprimio dedicada ao Duque de Cea o contradiz, [à margem direita] carta [desde

sendo que Carrança acertou bem, ainda que na explicação fosse di= [à margem direita] fol [15. ate 16.

minuto; porque fazendo hũ comentario a este aforismo, o que diz e intenta declarar hẽ, que todas as vezes que adaga estiver junto e agregada a espada, ou outra qualquer arma, pode hũ Destro an= tes de a desagregar metter o corpo no lugar onde ella fez o angulo, ajudado dos compacos, porque mesmo D. Luis affirma que es= [à margem direita] dial. 3. [fol. 167

tes suprem a cantidade da adaga, e ainda pode isto ser, em cazo, que adaga fique agregada infiriormente, como o tacto sinta a tempo a desunião da espada contraria, para sair ao encontro a des= viala com os breves circulos que faz com a munheca sem mover o cen= tro, supondo que se a arma for mais comprida que a espada, serão os compacos successivos para diante, ate que pondo o corpo de angulo em angulo, quero dizer metendoo na parte donde adaga se desunio de o formar, possa eleger o cabal meo de offender, porque assi busca adaga o que lhe compete: e se for só espada, ou do seu ta= manho, que o Destro não deve fazer este angulo senão na distancia proporcionada, e ja se adaga for a que sogeyte a espada, e estiver sobre ella com dominio superior, e com tacvto particular, e a espada se não descuydar em offender pella parte desempedida, se sal= vão todos os inconvenientes com que Dom Luis difficulta este precey= to; pois se à sombra desta união da adaga com a espada se mete o corpo até eleger a distancia, não só fica destruida a destinação que se faz entre a mayor e menor facilidade dos meos porque se consegue

[Fl. 60]

consegue qualquer obra, mas se o contrario não tirar pés, se privão os actos dos

meo proporcionado, e se faz a distancia commua, emquanto o podela eleger hũa e outra arma; e particular, nestes actos só para adaga, pois por curta de dentro da distancia tem meo despositivo, assi como a arma que for mais comprida, (que mal se pode recolher sem danno) meo privativo: e em resulução todas as mais razoes que aponta são apparentes, e não devia considerar que o que tem adaga, como se pode coligir da explicação da aforismo em outros lugares, e da alma delle, e não do que só literalmente soa, porque se assi ouvera de ser tambem D. Luis af= [à margem direita] [Narvaez. dial: 3

firma em hũ lugar da sua filosofia, que a todos os homens pode servir [à margem direita] [fol. 122. e 125.

hũa só venida, e em outra parte diz que a cada animo he necessario sua particular venida; e comtudo não se implica, ainda que o pareça, porque na extensão de outros preceytos aclarou o que estes por si não concluem, como tambem se vé, quando diz que absolutamente nhũ ex= [à margem direita] [na filoso: dial. 3

tremo he bom na Destreza, e depois supondo que ha extremos, em hũa [à margem direita] [fol. 114. idem

parte mostra que se não pode ir de hũ ao outro sem passar pello meo, [à margem direita] [fol. 142. e no

e em outra ensina qual hé o extremo melhor, e mais util, e vejasse ago= [à margem direita] [mesmo fol. 118.

ra (por esta amostra) se (como este autor fez a Carrança a quem teve tanta obrigação) eu (que nhũa lhe devo) o quizesse toma por palla= vras sobre quants pudera estender a pena para grandes discursos, mostandome singular detractor.

E reprova a Carrança e a Camilo Agripa de não conhecerem mais que duas especies de Compassoss recto e curvo; dizendo que as especies dos [à margem direita] [na carta fol. 40.

compaços são seis, sinco simplex, e hũa mixta, sendo que Carrança se pos mais perto da verdade, e com mayor clareza e brevidade os di= finio e resumio; mas hũ e outro acertára se dissera que as especies dos Compaços erão tres, recto, curvo, e mixto como expecifico no capitulo onze deste livro; e cujos caminhos assinala a demonstração universal.

E assi avendo dito no seu compendio com acentuada certeza, que tretas [à margem direita] [dial: 3. fol. 112

que se convertem são aquellas, que acabão em talho começando em esto= cada, ou começando de revez acabão em talho, e que estas são universaes he o primeyro ponto, que na carta contradiz com razões inchadas, e vãs [à margem direita] [desde fol 12. até

supposições. [à margem direita] fol. 15.

E dando na sua filosofia por aforismo theorico, que tretta dobre hé [à margem direita] [Aforis: fol: 196.

a que tem dou golpes; na carta o reprova tambem encarecidamente. [à margem direita] [desde fol. 16. até

[à margem direita] fol. 28.

[Fl. 60v]

E outros muytos pontos, em que pello discurso deste livro tenho tocado somente, porque não faça ostentação de reprovar a ninguém com somma de pallavras, senão com a verdade da experiencia, a qual senão faltara a estes mestres, por sem duvida tenho que a certarão constantemente em todos seus preceytos. Pelloque he muyto necessario a todos que ouverem de ensinar esta ciencia, averemse experimentado nas veras, pois estas são a mais certa prova da bondade de seus termos, e não só confirmação de seu credito, mas dos actos da fortaleza, e accoes do animo*, porque assy como melhor ensinàra a arte da navegação hũ mathematico que ouvesse navegado muytas vezes para diversas partes do mundo, appurandosse cada ora em particulares experiencias, do que o que nunca passasse a inconstancia dos mares, nem visse a variedade dos climas, assy ensinará melhor a verdadeyra Oplosophia hum Destro valentemente experimentado, que o que só for cientemente douto. E não basta aver aprendido as armas, nem ainda o a vellas exercitado toda a vida, para as saber ensinar, nem para acquerir nome de ciente, como não tenha com conhecimento alcançado na experiencia, Verdadeyras dilicadezas, misterios, e quilates, que em todas as couzas descobre, porque supposto que nellas o uzo passa muyto se a experiencia do particular se não adgestiva à discrissão do que experimenta para melhor conhecer o universal, não será parte a experiencia para mais que topar com a verdade, porque o conhecela, e admitila fica a cargo da ciencia*, do que se Resolve que os cientes tem mais conhecimento, que os que somente tem experiencia, porque aquelles conhecem as cauzas, e estoutros as ignorão, os erros daquelle na intiligencia são com arrimo, e

* porque a experiencia e exercicio são escolas verdadeyras para aprender, e mais se sabe com o exemplo e trabalho, que com as praticas e documentos

* e assi não basta para ser douto o ser velho, porque a idade não he sabiduria quando se funda seu saber só na experiencia, pois a varia condição dos homens inventa cazos, que não ha experimentado a idade, e então os difine e apura o ingenho, e não os muytos annos, por não ter passado por tantos novos successos.

os acertos deste (sem ciencia) são acazo; e assy só a theorica podem ensinar melhor os cientes pello conhecimento que tem das cauza, e não os meramente experimentados, sem noticias theoricas, e fundamentais, que arespeyto de não saberem as couzas as uzão sem arte.

E para alcançar a importancia desta differença, considerara o mestre, que o que ensina com as espadas prettas, he hũ retratto verdadeyro do que mais essencialmente há de servir aos homens nas ocazioes de seu credito, para ver o muyto a que está obriguado por

[Fl. 61]

por ser Mestre; ensinando aos discipulos, que cada qual se resolva no que obrar sem ser cabalmente a hũ só fim porque se leva bem guiada a espa= da sendo branca (que he a matteria essencial sobre que se tem trattato) hũa só venida basta, ainda que sempre será bom compor na obra muy= tas, porque quando uma não sirva aproveyte outra, e resulte algũa couza que diga com o intento do Destro: e de outro modo prestará pou= co o grande numero de Venidas se lhe faltar ciencia e razão para apli= calas. E ainda que encareço o muyto que val a expiriencia, torno a lembrar ao Destro que se não estribe só no que experimentou, hva ou muytas vezes sem ciencia, porque há erros muytos ordinarios nos que se confião só na expiriencia; e os que obrão com ciencia, supposto que o contrario mude os principios, ou fins das preposições, como sabem (sendo cientes exercitados) a cauza do que se faz nada lhe pode impedir os seus effeytos, nem averá parte que lhos possa estrovar, o que não he assy, ao que não conhece a cauza, porque qualquer impedimento lhe he gran= de no que emprende*; e isto ainda que a ciencia das armas tenha say= do da expiriencia, cujos preceytos trattão verdades, que senão podem trocar, nem alterar com nhũs sucessos, assy como da ignorancia, e falsa Destreza sãe o que se faz acazo, e por acontecimento.

Capitulo Septimo

Da importancia e utilidade de serem os Mestres examinados, e das cauzas, porque esta ciencia está tam= deslustrada.

[em branco]

Tem os ignorantes e falsos Destros tam anichilada a grandeza desta ciencia, tomando por motivo de se atreverem a suas dilicadezas a pre= zunção e engano de imaginar que se lhe facilita o que não alcanção,

* E digão o que quizerem mais segura caminha a theorica que a pratica, e os livros ensinão em poucos dias, o que a experi= encia em muytos annos.

ou o acerto, que algũa ves tiverao por accidente, que chegou a tam bay= xo estado, que cada qual constituindosse em sua idea por unico incen= tor della, se atreverão a reduzila a tam varias e cegas opinioes, que difficoltosamente se pode comprehender seu fundamento; porem não só fes patente, mas remedou esta falta de expiculação nos homens cientes, e a razão nos afeyçoados à Destreza, para que dezenganados tomassê [Fl. 61v]

por atalho de tam grande precipicio a escolha de hũ prefeyto mes= tre fiado antes em sua boa elleyção (como em virtude intellectiva pro= creada da prudencia) que não no applauzo do povo, e na opinião dos ignorantes, que oxalá que fora tam facil o ser bom mestre como he o fingilo por breve tempo; e procede este danno do pouco cuydado que se poem nos exames dos que ensinão publicamente, porque o descuydo com que se procede em os fazer examinar, lhe tem não só diminuida a curiosidade de aprender mas, em quasi todos, esta= balecida a ignorante e falsa destreza; que como conhecem, que a remissão dos Ministros a quem isto toca os há de deyxar ser Mestres sem exame não pretendem saber mais do que prezumem; ou nasce este danno de que como os homens que entrão nas seme= lhantes escolas, não virão outra couza, que a que aly se esgryme, percebem logo facilmente, que aquella hé a melhor, a mais pura, e a de mayor Verdade do que depois nasce a copia immensa de fal= sos Destros, que sabendo quatro floreos e esgares com a espada blazonando ciencia, não só se contentão de depravar o sustanci= al e ayroso da Verdadeyra Destreza, mas ainda trocã suas certas e sutis venidas em mentirosas demonstraçoens, e impropri= os termos com cujo engano desvanecidos seus Mestres não trat= tão de aprender mais que o que imaginão saber; o que puderão Remediar com muyta utilidade os exames publicos, para que nel= les claramente se differencassem os ignorantes dos cientes, se= guindo a doutrina destes, e abominando os erros daquelles; e de todo se extinguissem os diversos sugeytos, que se contentão só com igualar a Destreza a seus baixos e limitados pensamentos; e conhecendo os antigos quanto importava aver mestres doutos, e homens cientes e exercitados, procuravão industriosos solici= tar hũns e outros, ordenando por leis, e constituições os exerci= [à margem direita] str: [1.7.

cios militares, com que se fazem os animos fortes e os ccorpos ro= bustos, e se assi fora, e ouvera para doutrinar os homens nestes exercicios Mestres examinados, não estivera esta ciencia tam deslustrada, e os homens forão mais sapientes da Destreza das arams, não seguindo tam crassas ignorancias, mas só imitando as illustres e valerosas naçoens que ouve no mundo, que nelles ex= ercitavão os moços para que depois de mayores fossem perfeytos soldados

[Fl. 62]

soldados, e sendo os Gregos os primeyros que nas suas Respublicas [à margem direita]

[Hieron: Mercunal.

ordenarão estes exercicios, e por respeyto delles os Gymnasios, ou [à margem direita] l. 1.

[cap6. e 13. de

Palestras, onde se fazião com outros que tambem convinhão ao ani= [à margem direita]

[arte: gym:

mo, como erão lançar o disco que conresponde ao tirar a barra,

menear o dardo, jogar o pique, vestir e exercitar o cossolette,

correr os parios a pè, manejar os cavalos, lutar e tornear a que

chamavão a danca Pyrrhicha, e outros muytos que successivamente [à margem direita]

[Vitruv: l. 5.

em Roma se continuarão tanto, que se tinha por afronta dos man=

cebos faltar nelles, porque daqui sahião examinados e com premio

assi os que melhor sabião, como os que mais obravão; e já que

tam remissivamente se procede nesta imitação, e tam mal obrigão

estes nobres exemplos, quero descobrir os mestres outros cami=

nhos para os obrigar a que não fujão de examinar-se, senifican= [à margem direita] o que

[quer ser mestre por si mesmo

dolhe que quando não fora por outra couza, que por propria co= [à margem direita] quer

[fazer-se medico matando

modidade o devião fazer todos, porque como a honra, he hua digni= [à margem direita]

[enfermos

dade acquerida por algũa virtude, ninguem fora mais honrado

em sua profiçãõ que o Mestre que com hũ exame publico descobrisse

seu talento e consumasse sua ciencia, demais que hé o acerto de

qualquer exame de tanta grangearia para os que saem delle ap=

provados, que ou se deve crer que tudo ignorão os que receião, ou

não alcançãõ que lhe pode reddundar se sairem bem examinados,

não só honra e fama para consigo, mas opiniãõ e credito para com

todos, que se estas couzas se acquirem por proprios merecimentos,

nhũans são mais gloriosas, nem mais se devem estimar; e bem des=

cobrem suas insuficiencia os que senão querem examinar, pois só=

mente dandosse cazo que se sayba hũa couza com incerteza, se

pode prezunir que há receos e temores no emprendela, a hũa

porque ninguem teme fazer nos publicos aquillo que confia a=

ver bem aprendido, e estudado nos particulares, e a outra porque

ainda nos grandes perigos não falta confiança a quem entra

nelles com seguros e certas de vittoria. e he lastimosa couza

ver que ponhão os Respublicas cuydados em fazer examinar todo

o professor de qualquer arte ou officio mecanico sendo de menos

importancia, e que consintam que ciencia, nem exame algũ

aja quem ensine publicamente a Destreza das armas. o quem

pudera obrigar a hũns ao conhecimento dos perigos que daqui=

[Fl. 62v]

procedem e a outros que senão continuassem para poder ensinar
 só com hũa licença de aprovação particular e respeytosa, pois
 lh fora mais sutil o universal applauzo que lhe redundàra
 de hũ exame publico, que não o que lhe grangão meos tam
 pussilânicos, mas o peor hé que há homem, que por lhe ave=
 rem dado em cazamento, quatro espadas, duas rodellas, e
 mais alfayas pertencentes a adornar hũa escola (como que [à margem direita] A
 experiencia [não se pode deyxar
 se a ciencia fora dote que se transmudasse, ou prazo que se erdas= [à margem direita] em
 [herança, nem comprar a dinheiro
 se) se constituyte em Mestre jubilado na destreza das armas, [à margem direita] nem
 fortuna
 devendo de mais a mais advertir, que quando isto fora posi=
 vel, se não ouverão de contentar só com o estudo dos borroes que
 lhe couberão em partilhas, porque mais nobre he a honra que
 se acquire por propria Virtude, que não a que se erda de he=
 roycos progenitores.
 De tudo isto se infere, que quem não estima a verdadeyra
 Destreza como a ciencia, que mal pode nunca darlhe a di=
 vida expiculação (descobridora mais certa de suas excellen=
 cias) nem ouzar examinar-se, pois lhe falta o verdadeyro
 conhecimento para a tratar como a ciencia tam principal, e que
 entre as que há se deve ensinar com mayor pureza e perfey=
 ção; pois senão arrisca menos, que a honra, e a vida, em se=
 guir sua falsidade: E em todos estes dannos terá gran=
 de parte a Republica se cuydadosa não attender a seus re=
 medios, pellos meos, ou de castigar os que ensinão sem ser
 examinados, ou de premiar aos sapientes na verdadeyra
 Destreza honrando estes, e prohibindo aquelles como fez em
 Roma o Imperador Honorio, que desterrou os gladiadores por=
 se matarem indouta e barbaramente; e como aos benemeritos
 fez em Portugal el Rey Dom Sebastião, que não só aos natu=
 rais Mestres dos exercicios militares acrescentou nas honras, e
 moradias de sua cauza, mas aos estrangeyros insignes authori=
 sou e deu proveyto, de que he bom exemplo Jeronimo de Carrança
 a quem vindo a este Reyno mandou lançar o habito de Christo,
 para prova do que se deve honrar a virtude, dando os premios
 segundo o merecimento de cada hũ, e os castigos segundo as
 culpas, porque com o temor destes, e com os allentos daquelles
 se

[Fl. 63]

se occasiona fazerem-se os homens em suas partes muy illustres,
 e queridos, e nas entranhas muy valerosos, e respeytados.

[em branco]

Capitulo Oitavo

De algũas Questões intrincadas da=
Verdadeyra Destreza em que os
Mestres se podem ensayar
para os exames.

[em branco]

São tam dilicados os termos da Verdadeyra Oplosofia, que das presentes
questoes se podem julgar o Valor e fineza de seus quilates; as quais quis
escrever aqui por duas cauzas: a primeya para que os Mestres se prepa=
rassem nellas para os exames appurandosse em suas duvidas, a segunda
para descobrir em suas repostas o meu parecer e opinião, ainda que
era a de muytos homens cientes, que eu neste lugar não resolvesse nhũa,
se já me não moveo crer, que os curiosos Destros reparando nellas
se aventejarião com melhores e mais acertadas suluções, logrando
assy pello menos, o abrirlhe caminho para seus acertos, ou porque fal=
tou da minha parte o ingenho, que ellas requerião, ou porque tem da=
sua o tempo, que como mais sabio he o que melhor descobre tudo; mas
quando assy seja, bem pago fico com saber, que são as principais cau=
za de todas as obras os principios, e que achados estes he couza [à margem direita]
ovidio.

facil proseguir e aumentar o que falta. [à margem direita] Arist: elenc: 2.

[em branco]

Questam primeyra

[em branco]

Qual he a primeyra cousa que o mestre deve ensinar
a hũ homem, que quer ser Destro?

[em branco]

A esta questão se responde que o que primeyro se há de ensinar a hũ
homem, que quizer aprender a Destreza das armas, será o saber
bem andar: e a razão está clara, porque assy como os pés são o fun=
damento do corpo, que he o mais essencial principio na Destreza, assy
a essencial baze para vir a ser perfeyto Destro, hé o saber andar
com iguais passos, e com regulada compostura, dandoos hũ pouco
acelerados com briosa graça, e moderada viveza ao lançar de cada
pè.

[Fl. 63v]

porque estas partes assy são indicios de homem colerico e animoso,
como deconfiado e sisudo, trazendo o corpo e rosto dereyto sem es=
tremos para nhũa das partes delle, porque depopis serve o saber
bem andar para mayor segurança, e mayor presteza, e para re=
prezentar o corpo mais ayroso e forte e vem a conhecer o Destro
com estes principios os compaços, que são necessarios aos intentos,
que tiver assy que a mais util couza que há nesta ciencia são
estes fundamentos, e sem elles em sua prefeyção não importará
saber para as conseguir em tudo os outros preceytos, ou preposições
da Destreza, para cuja consequencia mandará o Mestre ao dis=

cipulo, que quizer fazer Destro passear pella caza com os braços caydos naturalmente, encostados ao corpo, e postas ambas as maos na folha da espada, a direyta no numero oyto, e a esquerda no numero cinco para que levando só o cuydado nos braços va o corpo mais composto, pois indo soltos o fazem ladear, e não andar tam seguro; e este costume gerará no destro hũ ayrosissimo habito em todos os compaços que lhe convier formar.

[em branco]

Questam Segunda

[em branco]

Se está tambem o que dá a espada, como=

o que a toma.

[em branco]

Problematicamente se responde, que tambem está o que dá a espada, como o que a toma, e a cauza he, porque o que toma a espada bem (que esta bondade se há de supor em hũ e outro) fica com a sua superior à do contrario, que está posta em extremo, em fraqueza, e em angulo mais curto, e pode ferir aggregado a ella, antes que a inferior intente algũ movimento, ou se o fizer (approveytandosse delle) ferir na queda do contrario, no ser em que tirar, ou livrar a espada; E o que a dá bem no mesmo tempo em que lha tomão aggraduandosse, e pomse em potencia para melhor ferir, ou no movimento do contrario, ou com proprio movimento, se sentir frouxidão na espada contraria; e sempre applicado o forte da sua, à fraqueza da alhea para que com mais pujança fique sendo a offensa naturalmente de fio, E

[Fl. 64]

E esta igualdade he suppondosse, que as distancias do que a dá e toma hão de ser semelhantes, e a ciencia, animo, presteza, estatura e forças se não hão de differençar em nada; e ainda que o que toma a espada contrasta o ar, por se dispor o seu movimento do angulo obtuso, e gasta asy mais tempo que o que a dá, que somente rompe com a ponta da espada o ar com effeyto mais proprio, e movimento mais velox por accidental, comtudo iguala aquelle a este, com ter (em certo modo) sogigada a inferior espada contraria com movimento mais nobre, porque he o natural imperioso todas as vezes que há contacto de espadas, pelloque tanto importa o tomala, comoo dala, e iguai feridas em quantidade, se poderão dispor de hũ sitio como de outro; e se forem as causas efficientes que isto obrarem semelhantes em todas as partes, não averá effeytos em nhũa dellas.

[em branco]

Questam terceyra

Porque parte se invistirá hũ homem que se= acolher de tras de hũa coluna.

[em branco]

A parte por donde se há de accommetter a hũ homem que se emparar detras de algũ esteo ou Coluna, será pella do braço em que tiver a espada; e o respeyto hé, porque se há de tratar sempre de impossibilitar aquillo que nos há de offender, para mais seguramente offender ao contrario, que se pella outra parte se invistir vão ambos arriscados a receber igual danno ferindosse na parte esquerda, porque nem se ouve por em necessidade, nem em linha mais curta, ou extremo algũa das espadas para que chegassem menos, e tivesse mais fraqueza, e aconstrangesse a fazer todos os movimentos circulares; pelloque se deve de invistir ao tal homem, para mayor segurança, pello lado da espada.

[em branco]

Questam Quarta

[em branco]

Se de posturas differentes podem nascer feridas iguais, e semelhantes?

[em branco]

A esta questão se responde, que supposto que as posturas se não pareçam hvas com as outras, como se não pode ferir em nhũa mais

[Fl. 64v]

seguramente que na recta e do diametro sempre serão as feridas neste fim semelhantes; e isto geralmente em qualquer calidade dellas, só o que as poderá desemelhar ao parecer serão as linhas em que ficar a espada do contrario, e as posturas do braço e perfis do corpo, executandososse os tais effeytos, o que não lhe muda a sustancia, porque sempre a linha por donde só se pode ferir sem receber será a do diametro; com que podem de posturas desiguais, nascer feridas semelhantes.

[em branco]

Questam quinta.

[em branco]

Se se pode reparar sem risco com o fraco da espada.

[em branco]

Aviriguasse esta questão, conhecendo que o fraco da espada hé só para ferir, e não para reparar, e que com elle se não pode impedir (em distancia determinada que he onde se bem repara) sem muytos risco os golpes contrarios por virem com natural vehemencia a seu centro, e acharem fracas as partes que os hão de resistir. E só sem danno se poderá reparar com a cantidade remotta da espada de fora do meo determinado, porem ainda então não fica justamente sendo reparo, porque como este nao hé outra couza que impedir o effeyto do contrario, mál o poderá tolher o fraco da espada, pois não tem força para sustentar o movimento natural do golpe, e tem fracas as partes de sua cantidade; ainda que tambem segundo a cantidade do circulo, e a respeyto da natureza do movimento da ferida, ao tempo do reparo, pode

o fraco da espada, em certa maneyra, reparar sem risco.

[em branco]

Questam Sexta.

[em branco]

Se Rebatter, desviar, Romper, e atalhar,
he tudo hũa mesma couza?

[em branco]

Respondesse que não hé tudo hũa mesma couza, porque rebatter
he tirar de talho, ou revez à espada contraria; desviar he afastar
a espada para qualquer dos lados, porque o officio do perfeyto desvio hé
tirar

[Fl. 65]

tirar à ferida o ponto a donde hia encaminhada impedindolhe o que intentava
conseguir primeyro: Romper he levantar a espada do contrario debayxo
para cima com o fio falso, e com o movimento violento, ou esteja parada em
postura recta, ou venha movida para ferir: E atalhar he impedir, e em=
de, e em linha mais fraca e curta; e tambem se resumem os atalhos ao
ganhalá só que se differem em que para elles há de preceder movimento
contrario, e estas são as desemelhanças que há por natureza nestas quatro
couzas.

[em branco]

Questam Septima.

[em branco]

Se por si só a devizão de meo da espada
po de ferir?

[em branco]

A esta questão se responde, que não pode ferir, e a cauza hé por ser
o meo de devizão hũ ponto, que não tem partes, e só serve de dividir a es=
pada nas suas quantidades fraco e forte; e não possui mais sustancia
que a que participa do terço propinco, e do remotto, com que se iguala com
elle em quantidade, e tem pello que toma de cada hũ duas qualidades, for=
taleza, e fraqueza; pello que não pode ferir sem ser juntamente com o que
ajunta assy do fraco e do forte, pois não hé mais que um meo de divizam,
e ponto imaginario, ainda que quantitativo indivizivelmente!

[em branco]

Questam Oytava.

[em branco]

Que he o que obriga a que sejam as feridas
na Destreza artificiais?

[em branco]

Resolvesse que as feridas naturais são as que descem com os golpes decima
para bayxo, e toda a Destreza se remata, e conclue somente em tres, que são
talho, revez e estocada, porque a natureza não ensinou outras, e esta cien=
cia não serve de a destrair, senão de apurar, e dispor o natural de cada hũ,
para que artificiosamente se fação sem risco, o que por si só a natureza não po=

de fazer tam seguramente; e assy os golpes artificiais está o formalos na mão do contrario, e a sua espada há a cauza que os obriga, a serem

[Fl. 65v]

com artificio conforme descobrem pontos, e o Destro determina, por não parar com a espada, perder tempo, e ensinarem os preceytos da Verdadeira Destreza que se há de ferir de toda a parte: ainda que tambem quando o contrario não mova a sua espada, está obrigado o Destro à Valerse do que sabe, e offender artificiosamente para mayor segurança sua; mas como será raro o cazo em que o contrario deyxer de mover a sua espada, ou para ferir, ou para defenderse, o mais certo hé, que pella mayor parte os alheos movimentos fazem as feridas artificias

[em branco]

Questam nona.

[em branco]

Se se pode sem risco ferir sem reparar?

[em branco]

Respondesse que pode o Destro executar todas quantas feridas há sem reparar, para o que se há de conhecer que o braço faz, e pode fazer tres circulos, o primeyro e mais largo hé, o que se forma com todo o braço, o segundo he o que se dispoem com a junta do cotovelo tendo firme a do ombro, e o terceyro o que se faz só com a munheca estando o braço recto, que he o mais breve e ligeyro, o que expicifica mais claramente a demonstração universal do principio deste livro. A parte mais propia onde se pode dar sem reparo he o braço e mão da espada no mesmo tempo em que o contrario venha a ferir, contrastando os effeytos, ou com iguais feridas, ou com differentes, como por exemplo: Se o contrario tirar hũ talho com todo o circulo formar outro mais breve só com a munheca para executar o effeyto no braço no principio do seu movimento violento, e se formar revez se lhe dará tambem hũ talho com o mesmo modo, e para mayor presteza na propria parte; e tambem estando affirmado sem mover a espada se lhe pode dar hũa estocada na mão, ou no braço situandosse no meo de proporção, e conforme o angulo em que estiver; e assy se pode sem risco ferir no mesmo tempo em que se ajão de reparar os golpes contrarios, sem reparar, aventejandosse a ligeyreza desta accção, à violencia de quaisquer golpes.

[duas linhas em branco]

Questam.

[Fl. 66]

Questam decima.

[em branco]

Se podem de movimentos circulares nascer estocadas?

[em branco]

A esta questam se responde, que do fim dos talhos e revezes, que são movimentos Circulares se podem formar estocadas, só com mudar o Destro aquelle intento particular tirando ao movimento violento algũas partes da força, e os demais restaurado com o perfil do corpo, e perfeçam delle convertendo os taes circulos em estocadas, vendo que se lhe prevem os talhos, ou reparos aos movimentos circulares, porque o destro não dispoem as suas feridas só a hũ fim, senão para mais.

[em branco]

Questam Undecima

[em branco]

Que remedio se dará contra hũ homem,
que vem resuluto a receber mil feridas
só por matar seu contrario?

[em branco]

Respondesse a esta questão, que saberá o ciente Destro accommetter ao contrario, que o esperar, fazendo sempre as suas feridas de distancia determinada com tenção, e mais do que a hũ fim, e aguardar o contrario que o accommetter, porque alem de mostrar mayor conhecimento desta ciencia, descobre seu animo na ostentação de seu Valor todos os quilates, que inclinão ao norte que melhor governa a Verdadeyra Destreza; e em cazo que tope com outro tam ciente como elle, ou ignorante que venha diliberado ao matar (que pello modo e determinação se lhe conhecerá esta vontade) o esperará pretendendo não dar, e quando com mayor vigor e impeto o vir aremesso, então despois dos atalhos desvios, ou reparos o offenderá, permanecendo o Destro contra elle, com conhecimento, presteza e animo, porque fica com as forças perdidas, sem meo de restauralas, e necessitado para poder defenderse.

[duas linhas em branco]

Questam 12.

[Fl. 66v]

Questam Duodecima

[em branco]

Se se podem defender talhos, Revezes,
e estocadas de hũ mesmo modo?

[em branco]

A esta questam se differe, que de hũa mesma maneyra se podem impedir e defender todas quantas feridas há, como por exemplo: Se o contrario tirar hũa estocada sacudida se receberá de unhas asima nos mayores numeros da espada com o fio falso della assestandolha ao rosto bem agraduada, e o mesmo se fará se o contrario tirar hũ talho, ou hũ revez, a esta encaminhandolha pella parte de fora da sua espada, e aquelle pella de

dentro, ou outras diversas feridas com esta singular accção do assestar a espada ao rosto bem agraduada pello caminho mais conviniente se podem impedir, advertindo ao Destro que será sem pre em distancia donde se escuze metter o corpo.

[em branco]

A estas doza questoes quis responder, para que os Mestres que intentassem por escolas, e ensinar publicamente se pudessem pre= parar nellas para os exames; e para que os que são doutos a= chem aqui sem trabalho o mais essencial que devem preguntar= lhe; a que pesso (se alguma couza lhe merece a vontade que tive de querer acertar em servilos) que admittão curiosamen= te as novidades que em todo este livro virem, excluindo de sy as opinioes vulgares, que falsamente testemunhão desta ciencia, porque he provavel indicio de animo nobre, e de claro intendi= [à margem direita] Hom:

[Ul:15

mento o mudar de opinião conhecendo a Verdade. E não se culpe em todas minhas demonstrações o pouco numero de palla= vras, quando alguma lhe parecer dificultosa e escura, senão a brevidade com que cada hũ passar por ellas, e a não enca= dearem as precedentes as que vão adiante, pois todas suas pro= vas certas dependem hũas de outras.

[três linhas em branco]

Cap:

[Fl. 67]

Capitulo Nono

[em branco]

De outras perguntas por resolver em que os Destros podem ap= purar seu ingenho.

[em branco]

Tudo o que se alcança com mayor trabalho, se ama, e se estima mais, e porque a clareza com que resolvo as antecedentes propostas, he certo que livre de tra= balho aos Destros; considerando que o muyto que as facilito, não só me po= dia servir de motivo para as desestimarem, mas juntamente de occasião para que não falem algũs curiosos presumidos que lhe peze de as ver, ou porque as faço commuas a todos com que lhe atalho poderem nos exames perguntar couza nova, ou por entender que as poderião dar mais ajus= tadas, e eruditas, e que lhe fis em anticiparme hũ manifesto roubo a seus ingenhos, quis escrever aqui sem repostas as doze questoes que se seguem, em que lhe dou bastante materia para mostrar o mais puro de sua abilidade, e mayor perfeção de seu talento, não declarando nes= te lugar suas resoluções, para que mais livremente se dezenfadem es= piculandoas, e tenham que perguntar sem o receo de se saberem; e já poderá bem ser, que me seja recompensa o trabalho que me derão o po= derem ainda vir a servir de freo a lingoas mormuradoras, que talvez

obriga a dificuldade, ao que não constrangeo a clareza, e persuade o trabalhoso ao que não moveo o facil.

E não me ponhão alguns mal contentes especulativos por obgeção, que o fim deste livro que hé só de ensinar, e não de confundir e embaraçar deyxando duvidosas estas questoes, quando devem antevir, que poderey satisfazer com o mesmo de que se duvidar, e a ignorancia dellas será a opinião que eu terey delles, pois he certo que os que estudarem esta minha Oplosophia com cuydado acharão por varios lugare repar=tidas as resoluções destas perguntas, que suposto que aqui se ne=guem não tolhe o poderse saber a Verdadeyra Destreza com perfey=ção porque a execução prattica que ensinam suas operações demonstrão cabalmente seu acerto, em diversos problemas e preceytos ja reffiridos, e estes pello que tem de theoremas, e preposições especulativas, a=inda que proponhão, e demonstrem em suas respostas a verdade da Destreza não importa, que aqui se ocultem seus resoluções.

[em branco]

Questam.

[Fl. 67v]

Questam. I.

[em branco]

Como se instituirá hũa regra geral para se conhecer a fraqueza, ou distinguir a forsa nos perfis do corpo, e nas posturas da espada

Questam. II.

[em branco]

Se se pode com a espada só ferir e reparar juntamen=te? e o que nesta questão se quizer provar se remmeterà às demos=tracoes da espada, porque a fineza de sua perfeyção passa da theo=rica à prattica, e desta àquelle ultimo requizito, que aponto no Ca=pitulo quinto deste livro.

Questam. III.

[em branco]

Se com hũa singular acção: se pode colocar a espa=da em differentes rectitudes? e demonstrar a verdade desta pre=gunta com a espada na mão.

Questam. IIII.

[em branco]

Se se pode aver Venida dobre? quero dizer que tenha dous golpes e obrar o como pode, ou dar as razoes porque não pode.

Questam. V.

[em branco]

Se com a especie de hũa singular movimento se podem dar dous golpes destintos, em hũa, ou diversos lugares? e a certeza disto senalala com a espada.

Questam. VI.

[em branco]

Quantos são os meos a que se pode reduzir geral=mente a defesa de hũ homem? e como esta questão he toda espicula=tiva, convem que sua resposta seja muy fundamental.

Questam. VII.

Como se conhecerá a natureza das linhas? insti=tuindo hũ caminho evidente para este conhecimento.

[em branco]

Ques: VIII.

[Fl. 68]

Questam. VIII.

[em branco]

De quantos impetos se forma hũa ferida de cauza im=pedida?

Questam. IX.

[em branco]

De quantas partes se compem hũa ferida, ou seja talho, revez, ou estocada?

Questam. X.

[em branco]

Que prova averá mais certa para se conhecer a ven=tagem entre dous Destros batalhando?

Questam. XI.

[em branco]

A adaga a qual dos movimentos da espada fas mais facilmente seu effeyto? e demonstrar o modo com a espada na mão

Questam. XII.

[em branco]

Se se pode converter hũa ferida em outra da mesma ou diversa especie?

E expicifico tanto o como se há de satisfazer perfeytamente a estas questoes porque como ja disse há muyta differença do entender esta cien=cia, ao obrala, e assi não imagine nhũ Destro, que com responder (po=nho o exemplo nesta questão ultima) sim pode, ou não pode converterse hũa ferida em outra da mesma ou diversa especie satisfas com o que se requiere; pois hé necessario contribuir até com a minima acção em de=monstrações obradas, porque como toda esta ciencia consiste em prattica, e espiculativa; prattica com que se obrão as couzas pertencentes, e espi=culativa com que se entende, e determinar tudo o que por prattica se há de fazer, e ainda há nesta hũa separação sutil, que he aquelle ar gracioso dos movimentos, e o seguro modo das acções e dos meneos, de que obrando se infere, e conhece melhor a ciencia, presteza, e animo; por=que se da ciencia he só dispor, e dos preceytos obrar, da graça, rigor,

e modo ayroso de obrar se consuma a perfeição; demais que como nhũa couza he forte e poderosa, se tras a desposição senão ouver de seguir a accão,

[Fl. 68v]

a accão convem muyto que quem julgar as repostas destas questoes, se não contente nem com a espiculativa, nem ainda com a prattica, se o modo, o ar, o rigor, e a graça não der perfeyto rematte a tudo o que se obrar, porque aquella será melhor preposição de entendimento, e mais sutil venida que se manifestar com a espada com todos estas circunstancias, que não he perfeyta virtude a que com obras senão [à margem direita] Phil:

lib: [2. legis

manifesta. [à margem direita] a Veg orf.

E não escrevo pertencentes ao aparelho de um exame outras varias couzas que me estarão esperando algũs curiosos, porque não são de essencia para meu intento: e neste resumir com clareza quero ensinar aos mestres que só devem tratar em sua doutrina das couzas que forem necessarias, por ser vão o trabalho das superfluas; pelloque Socrates aconselhava a seus discipulos, que somente trat=[à margem direita] [Xenoph: li: 1. vitt:

tassem das couzas importantes devendo só dizer e fazer aqui=[à margem direita] Sier: lo com que melhor se conseguirião; e o mesmo julga Persio quando [à margem direita]

Pers: [sat: li: 6.

acuzo aos homens que escrevem ou fazem couzas inuteis. E assy no capitulo seguinte acharão todos os mestres o mais essencial, e proveytoso de hũ perfeyto exame.

[em branco]

Capitulo Decimo

[em branco]

Como se hão de examinar os que quizerem ser Mestres, e do que se lhe deve perguntar.

[em branco]

O principio de todas as acções ha a perfeyta elleyção assi do fim que se encaminhão, como dos meos que a conseguem, porque primeyro se ellege o que se há de fazer do que se obre couza algũa, e como do principio dependem necessariamente todas as outras obras, será tudo o que se de=[à margem direita] Arist: mer: nicom:

terminar fazer correspondente a seu principio, devendo porem con=[à margem direita] li: [6. cap: 2.

correr para conseguir qualquer fim duas elleyções distinctas: A primeira da mesma couza que se quer fazer, e a segunda dos meos com que se há de effectuar, e assy os ministros, os mestres, a cujo cargo estiver o dispor os exames dos que ouverem de ensinar a Verdadeyra Destreza, devem attentar cuydadosamente estas duas [à margem direita] Arist: [probl: sect: 10.

elleyções, a gravidade, e importancia da ciencia que querem apurar e a

[Fl. 69]

e a sufficiencia dos meos e instramentos com que se há de conseguir, buscando examinadores doutos e experimentados, e com aquellas partes que sempre em sua doutrina aconselhava o insigne Gonçalo Barbosa, pelloque sobre outros muytos titulos que se lhe podem atribuir, não he menos glorioso considerar que emquanto nestes Reynos foy examinador da Verdadeyra Destreza, nunca approvou em exame publico, nem em particular nhũ mestre para que livremente pudesse ensinar esta ciencia, ou porque julgava della tam pura e rectamente, que jamais quis que se lhe imputasse o danno de se aprender com mestres ignorantes, nem antepor a sua opinião a nhũ outro preço por mayor que fosse, ou porque entendia que desemparrar o pro= [à margem direita] cic: 3. de off:

veyto commum, não só era contra a razão, porem contra a mesma natureza: Mostrando emtam ordinarias reprovações, que quem não olha merecimentos alheos, que os que não tem proprios para o cargo, ou officio que possui, e não há duvida que chegou a este nu de Virtudes, o que cre que os pode occupar homem falto dellas; e assy por recearem muytos mestres de examinarse com elle, se valerão algũs de outros meos com que alcançarão (como de mestre mayor de Portugal) o poderem ensinar publicamente, e ainda não todas as armas, mas algũas particulares.

Este exemplo devem seguir todos os que examinarem algũs Mestres, para que a Republica os conserve sempre perfeytos, pois mayor danno he telos ruins, do que falta não nos ter; e para que não necessitem de hũ roteyro, porque se governem nos exames, e na acertada elleyção de seus meos, lendo muytas vezes, e expiculando os preceytos seguintes, por sem duvida tenho, que não corra mais a Verdade da Destreza das armas mas tantas borrascas no mar immenso da commum ignorancia.

Em primeyro lugar não se admitirá a exame a nhũ homem que não for de boa fama, e bem acostumado, porque tudo o que se funda sobre a Virtude he mais permanente, e não he bem, que quem hà de ensinar caminhos para a defensa da vidaa, dé exemplos para a perda della; e assy nesta escolha se terá mais cuydado com a pessoa em que se quer fazer hũ mestre, que não com o cargo, que se lhe dá, porque quem busca a fonte em todo, ou bebe a agoa turva, ou de mau sabor.

Em segundo lugar não se porá a exame a nhũ homem mal proporcionado, porque são tam difficultosos de suprir com arte os defeytos grandes que a natureza poem em hũ corpo, quanto faceis de os fazer assemelhar o continuo tratto, e exercicio.

[Fl. 69v]

Estarão presentes quatro examinadores, que averá elegido o Mestre mayor dos que conhecer mais cientes para que estes por ordem lhe fação suas perguntas distinguindo para mayor clareza a theorica

da prattica mas corroborando com as razões de hũa os fundamen=
tos da outra; porque os preceytos da prattica tem por fim particular
servirem nos combattes pella maneyra e ordem que a espiculatura de=
termina; e de sorte estão estas duas couzas prattica, e espiculativa
disposta a esse fim que hũa sem outra não poderá ser de perfeyta
utilidade, porque os preceytos e regras das couzas que com a prat=
tica se obrão tem necessidade de quem determine o que com elles se
há de fazer, e a espiculativa de quem obre o que ella determinar,
e assy com estas duas couzas juntas se ordena a offensa e defesa
perfeytamente resultando dellas, quando com o ingenho se dispoem
e a espada se executão, o todo da Verdadeyra Destreza, não
sendo para outro fim determinadas: E assy será primeyro exa=
minado na theorica (como parte principal da Destreza; e nesta
se lhe perguntará

[ao centro] Qual he a mais perfeyta Venida?

Ao que deve responder que o que se ordena para mais perfeyto fim
isso he melhor e assy que a Venida de ferir ou matar alcançará [à margem direita] Narv:
[cart: fol: 32.

entre todas mayor perfeção, isto supondo que da Verdadeyra
Destreza das armas, se há de uzar só para a defesa e para bom
fim porque he muyto melhor não possuir hũa couza que por si hé
boa que uzar mal della, quero dizer ferir e mattar com sem razão
e injustiça, que he o que não permitem nhũas leis, e o concedem para que
os homens possuão mattar sem pena defendendo suas pessoas, comtanto
que esta defesa seja licita, e justificada, e nella concorrão todas
aquellas couzas, que induzem a moderação, e os legisladores cha=
mão de inculpavel tuttela: e tornado ao fio desta reposta, se
ha de considerar, que toda a venida em sua primeyra imagina=
ção, e sem ajustala ao preceyto da defesa natural, a parte que tem
de offensa foy inventada pella malicia; e depravada inclinação
do homem para offender, e destruir a seu semelhante, e assy como
pra ser fino e bom o Veneno há de mattar necessariamente, assy
para ser boa a Venida há de fazer semelhante effeyto porque
he Veneno da Vontade; demais que o ferir na Venida he necessario
sem

[Fl. 70]

sem poder dispensar na tenção sobre nhũ dos tres movimentos, que causão
a ferida, se bem que lhe hé posivel moderar a execução, ainda que a ferida
não apella sobre mayor ou menor, e ser no Destro perfeção summa,
que o seu braço, e a sua espada, estejam obbdientes a sua propria Vontade,
sem que os movimentos (quanto à Virtude animal) excedão de sua deter=
minação.

E sartisfazendo com esta sustancia, para mostrar o modo theorico com que
dispoe e entra pellas couzas, ainda fora do que em rigor pertence a
hũ mestre, que foy a causa porque em primeyro lugar pus esta questão.

O examinador que se seguir, porque nesta matéria de compaços há grande variedade, e confusão, sendo que he o fundamento da Verdadeyra Destreza, lhe perguntará

[ao centro] Quantas são as especies dos compaços?

E deve responder o examinado, que as especies dos compaços são somente tres, convem a saber, recto, curvo, e mixto, mas com distincção, que ao recto se redduzem todas as passadas, que para diante se dão pella linha do Diametro, e para tras pella mesma linha, e todas as que se encaminhão pellas linhas dos angulos rectilineos. E que no compaço curvo se incluem as passadas, que se dão pella linha da circunferencia para qualquer dos lados, ou sejam começadas com o pé dereyto, ou por razão do meo determinado começadas com o pé esquerdo; E que a compaço mixto se redduzem os que se formão pella linha infinita, e todos os que se dão para hũ e outro lado, quando se offerece batalhar com mais homens do que hũ, dispondoos de maneyra que querendo o Destro ir com o corpo para a sua parte dereyta, começará os compaços com o pé esquerdo, e se para a sua parte esquerda naturalmente moverá o pé dereyto, que estes são compaços mixtos, porque nem guardão ordem bem recta, nê bem curva.

E respondendo nesta forma, terá satisfeito com toda a verdade, que se incluye nesta materia; mas para que com mayor claresa se percebam os caminhos destes compaços, com medidas certas, e proporcionadas assy dos compaços, como das espadas, trasladarey aqui hũa parte da demonstração universal, que fica ao principio deste livro, para se ver nella pratticamente, o que determinão estas razoes espiculativas, e que não só mostra as linhas por donde se hão de dar os compaços, mas todos os meos que o corpo elege, cifrandosse toda

[Fl. 70v]

esta figura em hũ paralelogramo, que tem de comprido doze pés e seis passadas simplex, com justa proporção e petipe certo as que há entre o corpo e corpo depois de elegido o meo proporcionado, que são tres passadas ou seis pés, e mostra que posto no ultimo e duo decimo pé o esquerdo atravessado, e dada hũa passada se faz o meo de proporção, e daqui sucessivamente dada outra tambem simplex (que na Destreza occupa dous pés) se elege cabalmente o meo proporcionado, e estas linhas, que todas são mathematicamente pello conceyto imaginadas no chão, ou sejam as das circunferencias, ou as dos angulos rectilineos, descobrem os caminhos por donde mais brevemente se chega ao corpo do contrario.

[figura; aproximadamente 20 linhas]

Nesta fundamental demonstração, se pode ver resumida toda a Basis sobre que estriba a machina da Verdadeyra Destreza, e assy nella, e em sua expiculação se deve apurar o examinado para melhor lograr sua pretendida approvação.

E

[Fl. 71]

E depois disto mandará o mestre mayor tirar a capa, e tomar a espada ao que vem examinar-se, para que com demonstrações diffira ao que se lhe inquirir na prattica; e hũ dos quatro examinadores lhe perguntará, porque he doutrina muy seguida retirar o corpo ao meo de proporção quando no proporcionado não se pode ferir, para desterrar este Vicio assentando nova doutrina

Se estando o Destro com o corpo no meo determinado se assegura na Verdadeyra DEstreza com retirar-se ao meo de proporção?

Ao que se responderá perfeitamente dizendo, que nhũ destro na Verdadeyra Destreza se assegura com estas retiradas, porque ainda que o movimento que fizer o corpo seja muy acelerado, retraindosse atras com muita preça, o alcançará o contrario, por cauza de que o compaço que se obra para tras he Violento, e sem nhũa certeza, e o que o contrario faz em seu seguimento para ferir, hé natural e proprio, demais que hũa ves, que o Destro eleger puntualmente o seu meo determinado, não há de ser para se tornar sem ferir ao meo de proporção, porque he andar como bailarim saltando, e nem o rigor das espadas brancas, nem o Valor permitem estas intermissoes, e assi deve primeyro considerar todo o Destro o que vay a eleger, e o para que e o como e com que modo, para que prive ao contrario de se poder aprobeytar da Distancia, do pouco cuydado com que veo, ou do erro que fes, e eleja o seu meo com todos os requisitos, para se não retirar por nhũ acontecimento, porque o meo prporcionado hé hũa distancia tam determinada e hũa medida tam ao justo dos movimentos, não obrada acazo senão com muyta certeza, e hũ lugar, e paragem em que o Destro tem tomados todos os caminhos por donde o contrario pode sair a ferir, para que não se escape sem offensa, que será imposivel bem elegido ser lhe nesseçario retirar-se ao meo de proporção, como manda Narvaez em todos os seus livros com frivolos fundamentos.

E toda a sustancia destas razoes confirmará o examinado mostrando seus termos pratticos com a espada com qualquer Destro dos que estiverem presentes, porque andão algũs tam costumados a este Vicio, que o que mais fazem de ordinario hé metter, e tirar o corpo de hũ para outro meo, ou com movimento dos pés, ou com o desmancho do corpo, o que por ser desayroso e fraco, vem a ser perjudicial e fraco.

E seguir-se-ha a esta questão perguntar-se-lhe ultimamente

[Fl. 71v]

Se he melhor estar o corpo sobre o estremo do pé esquerdo, se sobre o do pé dereyto, para aver de formar quais quer feridas, desvios, ou reparos?

Para se responder a esta questão se há de conciderar primeyro em que perfis estão os corpos; porque ou há de ser cada hũ por si sem algũa defesa, ou situado diante do contrario. Se cada hũ estiver por sy,

ambos tem a mesma liberdade para redduzirse hũ ao outro, mas com esta differença, que o extremo, que faz o corpo seobre o pé esquerdo, por ter da sua parte o poderse redduzir ao meo, e passar ao outro extremo com mais facilidade, e mais naturalmente, pode melhor fazer as suas ferida e desvios, que o extremo do pé dereyto, ainda que este passa ao esquerdo mais depreça, e com menos impedimentos. Mas se os corpos estão ambos com as espadas em seus extremos, o extremo do corpo soobre o pé esquerdo despois de feito hũa vez, não tem mais acção pella parte do mesmo pé, nê pode mais retirarse e me= nos chegar ao meo, por ter a espada diante que lho estorva e ocasiona grande impedimento para as venidas, que se começam pello perfil do corpo de sorte que não podendo por esta razão passar ao meo, junta= mente se lhe dificulta poder chegar ao extremo do pé dereyto, o qual despois de ter necessitado ao contrario com seu extremo, pode mais fa= cilmente redduzirse ao meo, e ao extremo esquerdo, por não ter algũ estorvo que lhe impida os movimentos das feridas, desvios, ou re= paros; pello que o extremo mas facil de todos para redduzirse ao meo assy dos perfis do corpo como dos angulos da espada, he o es= tremo do pé esquerdo, porque obra o corpo mais naturalmente, e o extremo do pé dereyto violentamente em seus movimentos; da maneira que o angulo obtuso baixa naturalmente ao recto, e se redduz ma= is depreça ao meo, que o angulo agudo, porque sobre violento e pesado; e de tudo isto pode coligir o Destro que estar no meo destes extremos, hé o melhor, e mais descansado, porque se a es= pada contraria segue ao corpo, que está sobre o extremo do pé es= querdo o offenderá por ter a potencia ultimada; e se o corpo se situa sobre o extremo do pé dereyto, e a espada não acha aon= de ferir por desviar o contrario no ponto do effeyto, ou por outra qual= quer razão cayrà, porque tem a forsa ja rematada, e não pode ir adiante se senão chegar com o pé esquerdo, no que se gasta tempo, e hé dannoso.

[Fl.72]

E respondendo a estas propostas à satisfação do mestre mayor, dos exami= nadores e mais destros circunstantes, que tambem podem arguir suas duci= das, sem que lho estorvem os quue forem padrinhos do examinado, se lhe mandará dar lição a hũ moderno; em que se ponderará se se explica com clareza, e com pallavras vulgares, porque as exquisitas da ciencia não servem nestes principios, se o que ensina hé pertencente àquelle estado, e não vay fora dos rudimentos da ciencia, porque sem estes não se po= de bem fabricar a obra da Destreza, e o mestre deve accommodarse com a capacidade de quem aprende.

Passará logo a dar lição a hũ discipulo de hũ, ou dous mezes, ensinam= dolhe algũas venidas de todos os Generos, e juntamente seus contrarios, (ou contras como o vulgo lhe chama) attentando aqui os examinadores, que sejam seus preceytos de tal maneyra breves, e compendiosos, que facil= mente se possam perseber na memoria, porque para licionar com utilida=

de assy convem que seja.

Tras disto se lhe mandará dar lição para de Destro a Destro, o mais sutil e perfeytamente que souber, não passando por erro, nem descuydo algũ, dando de tudo o que mandar fazer razão ao discipulo, porque não he arte o que chega acazo ao effeyto; e nesta terceyra lição como rematte do exame se attentará particularmente por tudo o que neste li=vro aponto para ser, ou não ser mestre, que por não repetir deyxto à memoria do sciente examinador.

E querendo examinar-se demais armas do que da espada só também será com estas separações, e com o mesmo cuydado, pois assy convem que com este aperto se proceda nos exames dos Mestres que quisessem ensinar publicamente, para que só ponhão escola os que forem perfeytos, e se extingão os ignorantes, pello risco grande de aprender com elles*. E

se assy se proceder, ficará só de cuydado aos pais, expicular se são [à margem direita] [veritas ad=

os mestres, ou não examinados, porque se hé, que aquelles por ley [à margem direita] [oquatio metis

natural são obrigados a procurar o bem de seus filhos, a desvialos do mal e a ensinalos do que necessitarem para conservar a vida, justo será, que ponhão todo seu cuydado, em buscarlhes mestres examinados, que lhe possam ensinar a Verdade da Destreza, pois com ella não só alcança o defender a Vida, mas a mesma honra; já se seus filhos forem naturalmente Valerosos, e de talento esperto mandandoos ensinar com mestres doutos, lograrão com evidencia sua boa inclinação, e melhor se aprovey=tarão

[Fl. 72v]

se aproveytarão de seu ingenho, porque tem tal condição o nosso entendi= [à margem direita] luis uwis l. 1. c. 4.

mento, que com a liberdade se desmanda, com a ligeyreza se ex= [à margem direita] instr: [virg:

alta, com a sutileza penetra, com a viveza conhece, e com a ignorancia se embota e entorpece, e assy se deve fugir de mestres idiotas e

* e suposto que o restringido destes termos lhe enfade, eu sey que o que for tocado de bom natural he de confessar la dentro em si a verdade que digo, porque assi como a lingua foge de a confessar e declarar senão vem a seu proposito, assy o entendimento tem de ser natural o conhecer a verda=de de cada couza:

por examinar, que todos os dannos corporais que podem vir aos homens ou as medicinas os sarão, ou a razão os remedeia, ou o tempo os cura, ou a morte os atalha, só o entendimento offuscando em erros, depravado em falsidades, corrupto em vícios, nem a medicina o sara, nem a razão o encaminha, nem outro algũ remedio o aproveyta, de sorte que he necessario no tempo da mocidade remontalo a couzas árduas, e verdadeyras, antes que se abata às incertezas, antes que se estrague com as humildes; e digo no tempo da mocidade, porque não se poderá alcançar perfeitamente o ter hũ animo adornado de doutrina e forte, e hũ corpo robusto e forçoso, se [à margem direita] [Luis mendes 1. p.

não continuandosse os necessarios e convenientes exercicios desde [à margem direita] arte [mil:

os primeyros annos da puericia, porque as imagens que se imprimem naquella idade melhor se perpetuão, que quando tem ja concebido as especies de outras, porque assi como a materia prima para receber em si todas as especies, convem que esteja falta de todos os generos, assy a idade em que estiver o animo livre de todas as especies, melhor conceberá a doutrina, que se lhe quizer imprimir, do mesmo modo que para imprimir em matheria branda algũas figuras he necessario, que ella não tenha algũa em sy. E por isso diz Platam que as im=[à margem direita] Rep: 1. [3.

mitações que se costumão na puericia se mudão em natureza; pelo que como ja em outro lugar disse, começandosse naquella idade a exercitar as armas, se imprimirá a doutrina de modo, que não avendo recebido outra algũa, o que exercitarem ficará como natural; e bem considerado isto, os pais encaminharão logos seus filhos desde mininos a aprender com mestres examinados, e nos nhũa outra couza acharemos tam necessaria para elevar o entendimento sobre o alto da Verdadeyra Destreza, como o aprender com hũ perfeito mestre, e estudar os infaliveis e regulados preceytos desta Oplosophia.

[2 linhas em branco]

Cap:

[Fl. 73]

Capitulo Vndecimo,
Dos antigos exercicios militares, como
os Mestres devem metter o bastão
entre dous combatentes, e outras
particulares advertencias.

[em branco]

Estão oje tam extintos os exercicios das armas neste Reyno, e tam apoyados outros bem inuteis, que me movi a fazer deste capitulo hũ estimulo breve, e despertador compendioso, para que pudesse resucitar

nos nossos Luzitanos aquella sua tam antiga obrigação de se ocuparem particularmente nestes exercicios, donde saindo belicosos e invenciveis, [à margem direita] [Appian: bel: Hisp: pellejavão sem voltar o rosto, e morrião sem dar hũ gemido, deduzindo esta heroyca, e grave immitação daquelles gymnasticos exercicios, que os antigos costumavão desde os primeyros annos, para dispor os corpos dos moços à fortaleza militar fazendoos com elles robustos forcosos e ligeiros, pelloque convem que a Republica, que quizer sustentarse e engrandecerse deve fazerlos continualos, introduzindo nas festas publicas em certos tempos do anno o exercicio da espada, e mais armas do bres, em lugar de outros superfluos, e de nhũ fruto, porque ainda que sejam beligeros tambem deleytão; e não hé couza nova celebraremse as festas com os militares exercicios, ou jogos da espada, porque como ja desse assy o costumarão as nações mais illustres, que teve o mundo: que os jogos Pythios celebrados pellos Gregos em honra de Apolo erão militares, ou gymnasticos combattes, onde coroavão ao que Vencia por honra= [à margem direita] Ovid: ra da Vittoria com ramos de Azinheyra; a nas festas Oplympiadas, que [à margem direita] [tayo. Vellio, Pater: celebravão cada cinco annos em applauso de Jupiter o proprio se exercita= [à margem direita] detr: tris. Rom: ad va, e Virgilio mostra nos Troyanos o mesmo costume, quando dia que [à margem direita] [mi. rem. 11 1. celebrou Eneas o dia annual da morte de seu pay Anchises com estes [à margem direita] [Virg: An: l. 5. militares, e gladiatorios, exercicios, que pello terem por hũ dos seus Deuses ficavão sendo festas, e não exequias. e os romanos do mesmo modo todos os seus Jubilos celebravão com semelhantes exercicios, e em algũs excedião com ferocidade á humana natureza ferindosse, e matandosse, e nestes Reynos ainda em muytas partes delles há algũa luz de se celebrarem as festas com belicosos exercicios lutando, correndo a pé, e a cavalo, juntando e fazendo outras semelhantes cousas, e sendo isto asy mayor obrigação nos corre de não deyxar esquecer

[Fl. 73v]

o nobre o proveytoso exercicio da espada, pois he a arma de que mais nos honramos, e que mais estimamos, por nos aver nos dado com seus poderes não só eterno nome, mas respeyto immortal. E porque ja nos livros primeyros demos doutrina, para aprender varios Destros, e neste temos constituido hũ perfeyto mestre de todo examinado, resta agora, que se estabeleção jogos publicos e solemnes de todas as armas com dedicados premios aos que nella se aventajarem, correndo isto, ou por conta da generosidade de algũ senhor curioso desta ciencia, ou pella do proveyto dos mesmos mestres, pois nestes jogos publicos se ostenta melhor o como ensinão, quando de todos os ministros mais obrigados os não disponhão com

solemnes apparatus nas festas particulares, como na sua perfei-
ta Republica diz Platão, que estavam constituídos dándose
não só premios sinalados aos moços que na arte militar, ou em outra [à margem direita]
Pla: [2. de Rep:

algũa couza Virtuosa se aventajão mas ao que procedia agre= [à margem direita] idem. l.
5.

giamente, e com mais ciencia, e valor que os outros, nas expedições
dos mancebos era coroado de todos hũ por hũ; e não ha du-
vida, que se ouver Principe que proponha estes premios, e estas
honras aos que pellejarem com mais Destreza, e mais valor nos com-
bates, que melhor se fará pella competencia de os alcançar; e [à margem direita]

Xenoph: [etierc:

vindo daqui todos em concideração de que he mais glorioso o premio
ganhado por propria Virtude, que o acquerido por alheos mereci-
mentos, mas quererão aprender continuamente a Destreza Ver-
dadeyra, que passar a vida nas dilicadezas, e regalos deste
tempo, tam corrompedor do esforço Portugues, pelloque devem
instituirse estes jogos publicos, fazendo juntar os discipulos de hũa
escola contra os de outra, com seus juizes cientes e authorizados, pa-
ra darem os premios a quem os merecer, julgandoos conforme as
instituições do certamen que se resumirão todas em premiar sem-
pre, não a quem der mais feridas, mas a quem melhor as der, e
mais se ajustar com os preceytos da Verdadeyra Destreza, pre-
cedendo nellas as estocadas aos talhos, e os talhos, aos revezes,
e se as feridas forem ambas estocadas, ambas talhos, ou am-
bas revezes, terá mayor preço a que se der em lugar mais alto,
aventajando as feridas da primeyra tenção às da segunda de
qualquer genero que sejam, sem mover aos juizes outros algũ
respeyto.

[Fl. 74]

respeyto, pois só a obra acertada nestes actos hé a que dá o merecimento,
e califica a ciencia: não consentindo aos que tomarem a espada, que ba-
talhem com capa, nem com arma algũa consigo, ainda que aja quem assi o [à margem
direita] Narv:

não aconselhe, porque se seguem dannos gravissimos: estabalecendo [à margem direita]

[Destr: [apagado] . fol 40

tambem (para evitar o cansaço quando combattem dous Destros, e aven-
tagem do que vem de novo) que ambos juntos a hũ tempo larguem as es-
padas, e não batalhem mais, que até seis venidas ficandolhe dereyto
para depois tornarem a tomar a espada com quem quizerem*, e assi fa-

* e não na largara aquelle Destro,
que andando batalhando ferir
a seu competidor, ou o impossibili-
tar antes de dar fim as seis Veni-

zendo observar a mesma ordem nas mais armas dobres, que se ouverem de exercitar nestes certames publicos^{||} E porque de ordinario nelles hà grandes desmanchos, e alvoroços, inventou a boa razão e industria dos homens, para que estes jogos desse que ver aos circunstantes com desembaraço e compostura, que algũ mestre, ou pessoa ciente, elleyta pellos juizes, apartasse (quando conviesse) os dous combattentes com [à margem direita] [Alci: d
arma sinalada, e esta acordarão, que pella mayor parte fosse hũ [à margem direita] duel. E
2

bastão, assi por ser mais comoda para estes effeyto, como por ser a arma insignal, com que o mestre deve representar este cargo estando em sua caza sem capa, nem outra algũa arma; e porque aqui convem ensinar o como se há de metter o bastão entre os dous combattentes, por se fazer vulgarmente sem nhũa sciencia, nem conhecimento, direy do seu jogo somente o que para este acto pertence, pois em outro lugar com as mais armas de duas maos tenho prometido dizer o que lhe compete.

Primeyramente o comprimento deste bastão será de oyto palmos, por ser esta a medida correspondente à da espada e braço estando estendido por linha recta, e bastar para impedir que não offenda nhũa das espadas estando elle mettido de pormeio com as pontas em cada qual dos batalhadores, as quais para mayor perfeição terá guarnecidas com dous copos de ferro: seus effeytos serão, ou de rebatter as espadas de sima para bayxo com movimento natural, ou de romper

das propostas, porque com fazer-se victorioso parece que mereceo o poder combatter de novo
^{||} Que por ser de tanto proveyto, devem fazerse em dias successivos a exemplo daquelles insignes desafios de gladiadores que duravão tres e quatro dias como foy o que Flamineo ordenou na morte de seu pay, e os que Calígula Cezar dispos no Anfiteatro, em que elle quando não assistia dava a presidencia aos Magistrados, e pois esses jogos erão cruendos, e por isso defesos, e os nossos sem mortes e portanto licitos, e honrados, se devem fazer não só que duren mas cada anno muytas vezes, como os Romanos que pello discurso delle a celebravão em trinta actos, que erão tam amigos do exercicio, que a troco de o lograrem querião que se matassem.

de bayxo para sima com movimento violento, hũa e outra couza despo= is que qualquer dos combattentes entre os meos por segunda tenção. ou de dar bates, quando senão queiram apartar, despois de es= tar mettido o bastão entre ambos. E no mais, quando o Mestre o tiver, para o menear com mayor despejo, e graça, guardará as seguin= tes regras universais, que não com pouco trabalho (por ser materia

[Fl. 74v]

nova e esteril) resummy em oyto posturas.

A primeyra se fara com o pé dereyto diante, o corpo perfilado, e ter= cado o bastão proporcionadamente, situandoo em alto, e com a mão dereyta posta de fronte do hombro da mesma parte e a esquerda no nivel da sintura, com ar, e viveza, pra dar nas espadas hũ golpe natural rebattendo, e logo de bayxo para sima outro Vio= lento rompendo, chegando a mão dereyta para a esquerda, e fazen= do estes effeytos só com as duas partes do bastão.

A segunda com o mesmo pé dereyto diante, o corpo posto em coadrado, e a mão esquerda bayxa e diante, situar o bastão com a ponta infiri= or em termos de romper as espadas de baixo para sima com mo= vimento violento, de sorte que a outra ponta do bastão superior se encoste sobre o braço dereyto, e se convier rebatter juntamente de sima para baixo.

A terceyra com o pè esquerdo diante, o corpo perfilado situando o bastão em alto com a mão esquerda diante do hombro da mesa parte e a direyta de fronte da sintura, para dar naturalmente hũ revez sobre as espadas rebattendoas, e logo violentamente de baixo para sima para as romper.

A quarta com o mespo [sic] pè esquerdo diante, corpo em coadro, e a mão direyta diante, que puxa por elle, se pòra o bastão com a ponta inferior apta para romper violentamente caindo a outra ponta sobre o braço esquerdo, e successivamente rebatter de sima para baixo.

a quinta postura sera tambem tomandosse o bastão, posto o pé de= reyto diante do corpo em coadrado, com as maos na impunhadu= ra (desencontradas como geralmente em todas as mais posturas) a esquerda diante com a palma para os que batalhão, e o braço atravessado por defronte dos peytos graciosamente afastado, a mão direyta encostada ao corpo com o braço caydo, o bastão qua= si perpendicular, para effeyto de dar hũ golpe, ou talho natu= ral rebattendo, e sem mudar a postura dos pés com a outra ponta do bastão, outro tambem natural perfilando o corpo ayrosissima= mente e virando a mão dereyta para se desencontrar da esquer= da.

A sexta se fará com o mesmo pé dereyto diante, e o corpo em coadro

[Fl. 75]

coadro situar o bastão com a ponta baixa atravessado pello corpo, a mão esquerda diante para romper as espadas para cima com movimento violento, e successivamente tornar a romper com outro violento, que virá da parte dextera debaixo para cima, acabandosse com a mão dextera diante, e o corpo em seu perfil.

A sétima postura pello contrario se forma com o pé esquerdo diante, o corpo em coadro, o braço dextro atravessado por de frente dos peytos, e viradas as unhas da mão dextera para os combatentes, o bastão perpendicular, e o outro braço encostado ao corpo, e ainda que não he tam natural postura se dão os mesmos dous golpes de cima para baixo, e ambos revezes, porque nace do hombro esquerdo, advertindo que sempre no segundo golpe, quando ambos são de hũa especie se vem a observar a regra geral de ficar o pé e mão diante da mesma parte, virando a que for diante para se differenciar da outra e levar o golpe mais pujança

A oitava, e ultima postura do bastão se fará com o mesmo pé esquerdo diante, o corpo em coadrado, a mão esquerda de frente do peyto esquerdo, a dextera baixa e diante, o bastão com a ponta inferior em modo para romper as espadas com dous golpes ambos violentos, observando por regra geral, que todas as vezes que dous golpes juntos ouverem de ser do mesmo genero se há de dar cada hũ com a sua ponta do bastão sem mudar nelles os pés; e que quando se forem a fazer quaesquer destes effectos, que fica a cargo da mão, que andar diante o fazer mais comprido o bastão, chegando para outra com proporção, e graça.

Em todas estas posturas (não se apartando os combattentes no primeiro, e segundo golpe) convirá metter o pé detras, e dar com a outra ponta do bastão: com esta differença que nas primeyras quatro posturas será o terceyro golpe da especie do segundo, e nas outras quatro, e ultimas posturas, será o terceyro golpe de diverso genero; como por exemplo na quinta postura depois dos dous golpes naturais, o terceyro será violento, porque assy se gasta menos tempo; e na sexta postura depois dos dous golpes violentos, o terceyro será natural, mettendo sempre o pé que ficar detras; E se ainda com este terceyro golpe senão aquietarem se lhe porá a cada qual dos combattentes hũa ponta do bastão nos peytos, terçado com proporção, dando a cada hũ

[Fl. 75v]

seu botte se trattarem de se chegar, pois muytas vezes a colera faz, que só com estes termos se aquietem, pelloque o mestre deve andar sempre com grande cuydado em impedir que por cima do bastão se não faça nhũa offensa por se eximir de a castigar, e andar sempre com o corpo tanto em proporção dos dous que batalharem, que os não deyxará de acompanhar nunca na mesma igualdade e dis-

tancia seguindoos para onde quer que forem; metendo o bastão quando convenha com igual justiça, e sem favorecer a ninguem, por= que fazer o contrario, será supercheria grande, e digna de satisfação. E por me parecer que nestas oytto posturas tenho cifrado todos os termos melhores, mais cientes, e ayrosos, que se podião fazer com o bastão, deyxto por dezengraçadas e de pouco fundamento as vulgares de pegarlhe pella ponta, e rebatter de longe a maneyra de que pesca à cana, e as de dividir os combattentes com movimen= tos remissos como quem maneja algũa aguilhada, porque ain= da que são mais sadias, e livres de offensa, hê hũa segurança não só fraca, mas desmanchada, e he melhor arriscar a metter o bastão com bizzaria como convem, que não com segurança sem nhũa arte covardemente como muytas vezes observey em jogos publicos, aonde era couza lastimosa ver pessoas a quem pertencia saber esta ciencia metelo quando não convinha, e mais para embrulhar os combattentes, que para os apartar. E porque succede muytas vezes em certanes publicos dos discipu= los de hũa escola contra os da outra, não quererem que nhũ dos= Mestres (por serem sospeytosos) meta o bastão, o entregão a hũ dos Destros ou pessoa authorisada que está prezente, quero advirtir de hũ erro, que vi fazer varias vezes, que he tomarem as tais pessoas o bastão dos mestres contentissimos desta honra, o que não deve consentir, nem o mestre, por ser aquella insignia só sua, nê o Destro podendo fazer mais ayrosamente sem tirar a capa nem a espada, nem metter em paz com hũa espada negra; ainda que o melhor será escuzar destes applauzos, pois a mais e= gura resistencia para os cazos, em que senão vay a ganhar hon= ra, hé eximir delles; mas quando não possa obrigado de algũ respeyto farà que se lhe obedeça inviolavelmente, suprimdo cõ o decoro a menoridade da espada neste acto, e assy convem que o que

[Fl. 76]

o que metter a espada em lugar de bastão seja hũ dos vottos nos premios, que se ouverem de dar, ou porque naquelle lugar anda mais obrigado a ver as feridas que melhor se executão, ou porque tambem, sabendo isto, os discipulos que lhe tenham mayor respeyto, e senão descomponhão; E não aponto aqui os termos de metter paz com hũa espada negra porque fora couza superflua não só a hũ Destro, mas ainda a quem só souber os primeyros rasgos naturaes, ou golpes dos principios prat= ticos desta ciencia; nem menos me parece ser necessario dizer co= mo não convem metter paz entre espadas prettas, com montante, ala= barda, nem outra arma algũa, pois demais de serem por si embaraço= sas o luzimento, que tem entre todas o bastão, para estes Gymnas= ticos exercicios com suas posturas e preceytos, não dà lugar a que se trate se nhũ outro instromento.

Estabalecidos pois, e continuados nesta forma estes combattes, se virà em conhecimento de quão conviniente couza hé, aver nelles premios sinalados, para aver de montar na ciencia, e no esforço; para o que não só os discipulos, mas ainda os mestres se avião de fazer disputar nestas matterias, pois levados desta concideração se observou antigamente com tanta diligencia esta disciplina gladiatoria, que [à margem direita] [Vigecio: li: 1. c. 4.

até aos mestres della não davão mais superior salario se diante do perfeyto tribuno, ou principe da legião não mostravão que sabião o que desta arte pertence à militar, do que se colije a muyta estimação em que os antigos a tiverão, pois fazião dobrada despeza com o mais ciente professor della.

[em branco]

Capitulo Duodecimo.

[em branco]

Em que se responde a algũas opinioes: falsas, vulgares, e contra esta ciencia.

[em branco]

Tem os ruins mestres sido cauza, não tam somente dos desastres, que cada dia succedem, a quem se fia de sua perversa Destreza, mas de que com mil approbrios se oponhão obgeções contra a que hé verdadeyra medindoa pello mesmo modo da falsa, e disbaratada, hũns deyxando de aprender esta ciencia por inutil, dizendo que basta o que naturalmente se sabe della, e outro não na exercitando por superfluas, dizendo que para que serve admitir, e gastar tempo

[Fl. 76v]

com o que se não há de fazer nas veras; Aos primeyro defiro (ainda que fora escuzado em materia tam clara) que podemos crer delles que se governão não por razoes fundamentais mas só pella opinião, a qual se não deve de amar por varia e incerta e que ainda que de natureza temos o dar todos os golpes tocamente, que não he mais que hũ alicerce sobre que se hà de fundar a ciencia, pois está claro que a natureza (suposto que para todas as couzas nos infundio principios) que nos não deu nelles logoa perfeção summa, porque se hũ homem sem estar topar com outro tam animoso, e de iguais partes como elle, não sey eu se lhe escapará dentre as mãos sem o dezengana de sua falsa opinião, alem de que se colije, que quem só se contenta com o que lhe deu a natureza se não pode justamente chamar racional: e estribar tantos muytos ignorantes o fundamento de sua defensa nesta errada opinião, como que se fora occulto, que o poder da arte não sobrepujasse ao das forsas corporaes, e a ciencia não procedesse daquella parte em que consiste a força do homem com que he superior a todos os bruttos, e as forças

cas do corpo não fossem commuas aos animais irracionais a que o homem aventaja pella razão; e mais quando o natural esforço, posto só no ouzado accommmetter, guiado por natural inclinação fica muyto infirior ao que he governado pello discurso do entendimento, e pella Verdadeyra razão como hé esta ciencia, que precede, e he mais poderosa que o natural esforso somente, pois com ella domina o homem os animais que pello natural esforso lhe são superiores, pello que tendo esta ci= [à margem direita]

Vascon: [arte mil:

encia hũ imperio ordenado pella razão, para com elle vencer [à margem direita] 1. p. todas as forsas humanas, claro se mostra ser superior a todo o esforso natural que della carece; e se não bastão tam efícazes razoes consideresse, supondosse primeyro que o sugeyto determinado em que esta ciencia se exercita he o pellejar hũ homem contra outro, com qual destes ficará a vittoria? se com aquelle que ordenada e cientemente proceder, ou se com o que naturalmente e sem preceytos combattter, sem duvida como já disse, não averá ningem que negue aver de vencer o que reguladamente se governar: e isto se mostrou bem na primeyra

[Fl. 77]

na primeyra guerra que os Romanos fizerão aos Carthaginenses, porque não podendo os exercitos de carthago prevalecer contra os Romanos depois de serem rotos em muytas batalhas mandarão pedir aos La= cedemonios hũ Capitão, que os governasse reguladamente, porque [à margem direita]

[Appia: Alex:

elles naquelle tempo melhor que todos os das outras nações sabião [à margem direita] bell: [Pun:

menear as armas com arte, e mandandolhe a Santippo, elle com os mesmos Soldados, que muytas vezes foram vencidos dos Romanos, os superou, e de todo lhe desfes o seu exercito, prendendo a Marco Attilio Regulo, Capitão delle até então invicto, donde se colije, que a ciencia das armas he superior a todas as forças, e esforço humano; e tambem se vé claro em que se sendo iguais em poder, e animo, os Romanos, e os Alemaes, lhe levarão muy= [à margem direita]

[Cornel: Tac:

tas vezes os Romanos a vittoria, por serem mais Destros na ci= [a margem direita] li: 2. encia das armas, pois he certo, que os que diligentemente doutos a exercitarem, e bem a souberem serão melhores que todos os outros soldados em quaisquer combattes militares, que se lhe offerecerem.

Aos segundos (que dizem, que para que serve admitir, nem gastar tempo com o que senão hã de fazer nas veras,) Respondo, que todas as couzas sustanciais que há na Verdadeyra Destreza das armas, se podem obrar nas veras, porque os mais finos termos da Venida que for cabalmente disposta, he a que mais se ajusta com o riguroso e abreviado

proceder das espadas brancas, para o que trouxera bastantes exemplos de pessoas que no campo executam muytas venidas que em caza de seus mestres avião aprendido com determinado intento, senão fora fazer patentes tam consideraveis segredos; mas só farey calar aos desta fria opinião, senificandolhe, que não devem ter as partes convenientes, para os mais ajustados e intrepidos lanços das espadas brancas.

Tambem outros dão em dizer, que senão há de tratar de aprender mais, que o que communmente se faz nas escolas ordinarias, e que não são necessarios mestres muytos doutos para lhes ensinar a Destreza, porque tudo he o mesmo, e que para desenvolver e ser Destro basta andar ligeyros com a espada de hũa parte para a outra, o que escuzo contradizer, porque accomular razoes em matteria tam

[Fl. 77v]

clara fora fazella sospeytosa e que pudesse admitir questam. Outros contentão em desacertar com os mais, e não aprender com os menos, dizendo que só convem seguir o que se uza, sem considerar, que se por nossa desgraça de contino ratejassemos o commum uzo, que nunca se emmendara a Verdadeyra Destreza, antes iria sempre de mal em peor, porque a cada ignorante he licito introduzir, e por hũ mau costume, e a nhũ bom, nem sabio he permitido o tiralo sem muyta difficuldade: demais que fazendosse por si mesma venerar a Verdade desta ciencia, he terna trevia seguir o que uzarão todos cegamente, e por dizer se, porque nas couzas grandes há de poder mais a razão do que a authority do ruim costume.

E juntamente tenho por falso affirmarse, que basta o que se aprende com o uzo de manejar as armas sem regras, nem preceytos, porque ainda que não nego, que hã homens muyto valentes que não sabem nada da Destreza, e que dão talhos, e revezes, e estocadas, nem por isso se fazem bem e com remattada perfeição e aqui tratasse do que fará a hũ homem mais consumado e cabal batalhador, que suposto que com o uzo de pellejar se venhão a saber por acerto, ou por natural algũas couzas da Oplosophia Verdadeyra serão somente aquellas que por si forem toscas, e que mais se uzarem por natureza, como são tirar altabaixos, estocadas sacudidas, e repra imperfeytamente levados da defensa, que hẽ natural; e quando em algũa venha o uzo a assentar perfeição, não se poderá saber com a continuação do exercicio o como se dá sem receber, o como se fere sem reparar, o como se repara sem risco, nem o como se executa hũa ferida por mais breve caminho que outra, que he o que apoya, e defendo.

E ultimamente outros vendo que seus mestres inventão trettas novas, deyxando as passadas por couza velha, ficão contentissimos dizendo, que sabem venidas ao moderno, e ao costume, e que se

não devem fazer as antigas ainda que sejam boas, como se fossem
algũa nova invenção de galla, e sem attentar que a variedade dos
tempos não pde mudar a certeza das ciencias. Mas esta opini=
ão anda só em gente popular, a quem tudo o novo agrada, e o que
he mais estranho mais contenta.

Cap:

[Fl. 78]

Capitulo XIII.

Das continencias desnecessarias da espada
preta, do que se pode fazer ao que se
repara muytas vezes com a branca,
e de outros pontos dignos
de se advertirem.

[em branco]

Suposto que a louvavel, e perfeyta opinião seja filha principal da felici=
dade, comtudo a deve grangear o Destro nos primeyros encontros, que
lhe offerecer a fortuna, cotejando com discrição os tempos, nivelando cõ
industrias as foras, e pervinindo com prudencia os successos, sem levar
as suas resoluções por montes de imposiveis, pois chegando tarde e fora
de conjunção antes servirão de incovinientes para os bens, que de perven=
ção para os dannos. e assy para conseguir este primeyro credito, es=
cuzará o Destro, quando batalhar contra alguem em quaisquer jogos pu=
blicos, os floreos, entradas, e cortezas, que introduzio fazeremse com
a espada preta, o costumes dos ignorantes, e não a razão dos prudentes,
pois se mostrará mais galhardo descobrindo no rosto hũa determinação
sizuda, e nos olhos hũ ardor de animo de que se colija que não são es=
tes actos zombaria, mas antes hũa semelhança dos mais rigurosos das
espadas brancas, do que fazendo monos de Bugios, medidas de ale=
jados, e golpes de borlatins, pois só se satisfas com tirar o chapeo libe=
ralmente assy no principio da batalha como no fim della.

E porque há muytas couzas fora dos preceytos da Verdadeyra Destre=
za, que não implicão nem o valor, nem a boa razão, pode ser tambem como
Destreza aquilo, que dictado pella industria vem a ser proveytoso nas
occasioes, e mais ainda quando sejam effeytos, que em nada desdi=
ção da bizzaria*, covem que tenha o Destro algũa noticia das partes,

* ficará à conta do mestre douto
ensinallos aos dicipulos que
conhecer de natural elegante
e vaor pronto, porque ha regras
do artifice, como da arte, des=
tas são elles mais liberaes que
das proprias, as da arte são as
commuas na Destreza, as do
artifice as que tem descuberto

e inclinações dos homens com quem pellejar, para que com prudencia particular os possa melhor vencer, pois nem com todos e em todos os cazos deve o Destro uzar daquillo de que se valera com o outro, que o competira em alguma couza, que o aventajara em parte, ou que em tu=do lhe fora semelhante, porque pode topar com hũ tam fraco, que não tratte demais que de repararse, ao qual me parece (e não me per=mittem varias experiencias, que me engane neste parecer) que senão deve ferir com a espada, senão tomarlhe a sua com a mão, pois segu= rissimamente

[Fl. 78v]

segurissimamente o pode fazer o Destro a quem com a espada bran=ca se lhe reparar mais que hũa vez, e seja a razão disto, ou por=que o atravessa a espada pondo sua mayor quantidade em parte tam remotta, que se impossibilita para todos os effeytos offensivos por primeyra tenção, ou presumirse claramente, que são filhos certos do medo muytos reparos juntos, porque quem despois de reparar hũa vez não responde com algũa acção de querer tambem offen=der com facilidade se lhe pode tomar a espada, sendo o modo, o pegarlhe da parte de dentro da guranição, com a palma da mão esquerda virada para fora, e o dedo polegar com a unha pa=ra o chão, de maneyra que troça a mão do contrario, e dandolhe hũ arranco, fique a espada despois de tomada entre o braço es=querdo e o lado do corpo da mesma parte; ou pegarlhe de sima para bayxo na mesma guarnição com movimento natural [rasura do autor], e não importa que fique a folha para hũ, ou outro lado; e desta sorte tambem se lhe tirão todas as forças, com que pode a espada do Valente Destro ferir muyto a seu salvo.

E porque senão queyxem de my os esquerdos, porque lhe não dou em todos estes passados livros preceytos que lhe convenhão, di=go que nãoo faço, porque nunca poode a Verdadeyra Destre=za das armas aperfeyçoar tam grande defeyto, nem se dá ca= [à margem direita] Doutrina

[contra os

zou em que nhũ esquerdo, possa ser ciente obrador, nem capaz [à margem direita]

esquerdos

de cooperar com tanto desmazelamento o ayroso da Verda=deyra Destreza; porque todas as preposições e regras de que consta forão inventadas por homens dereytos, e não por es=querdos, convinientes e feytas para aquelles, e não para estes,

com a experiencia, para se fazer celebre, e estimada, como muytas que o insigne Barbosa ensinava a poucos, que avia alcanssado com a natural industria, e expicula=ção continua: para o que

do que se segue, que trocados os principios de hũa couza se trocarà por consequencia, a perfeção do fim della; e mal se conseguirà, o que se fes para se buscar por hũs meos certos e infalíveis, se accidentalmente para o mesmo effeyto se ouverem de sustituir outros tam desaetivados dos que pertencem; e como são o ser hũ homem esquerdo, e averem de nacer os seus movimentos de diversos lados: contentem= se em que por continuação e exercicio, podem batalhar me= lhor ou peor, e não Singularmente; porque nhũ para a the= orica he de claro entendimento, nem para prattica de des pejo.

[Fl. 79]

[à margem direita] Demais de que a mão dereyta denota fedilidade, porque a senificava [entres os antigos, e por isso se juntavão quando fazião algũas pazes
[à margem direita] como se vé, mas estabalecidas por Eneas, e por el rey Anio, e como [refere Tacito tambem quando os exercito [sic] as vião de fazer se
[à margem direita] costumavão mandar de hũ parte a outra as maos dereitas com a [demonstração de as apertar, e finalmente he o mais perfeyto instru=
[à margem direita] mento de que uzamos quando prometemos cumprir algũa coisa; he sinal [de verdade pois com ella se jura, he indicio de cortezia despejo ayroso; e que servem de espanto aos ignorantes, e não aos [à margem direita] pois [com ella se executa; e para // muytas demonstrações de nossa fé, prudentes Destros, porque o mesmo lhe hé batalhar com elles, que com [à margem direita] [como benzer, cazar, e tomar agoa // benta, he o meo justissimo porque os dereytos, pois como conhecem os movimentos, e ferem sempre agre= [à margem direita] [se conseguem⁺, pello que vejão os es= // querdos ainda fora desta ciencia gados a espada, assy darão em hũ esquerdo como em hũ dereyto. [à margem direita] as [preheminencias de que carecem.
E porque o Destro não estranhe a pouco experiencia de batalhar [à margem direita] Virg. [Eney lib. 6.
com elles, advirtirá, que os seus talhos (quando a necessidade o= [à margem direita] nec [veriti dominory fallere dextras.
brigue arreparalos, que o melhor será occupar este tempo com ferir) [à margem direita] [Virg. lib. 3.
se hão de reparar como os revezes dos dereytos, e os revezes co= [à margem direita] [jugimus hospitio dextras.

⁺ Entre os Egipcios era simbolo da liberalidade, porque antes que tivessé letras, e escrivião as couzas com figuras, Caracterés, e imagêns, diversas, o homem liberal e fraco era entendido pella mão derey= ta estendidos os dedos.

mo os talhos, e como eu aqui não tratto da obra das venidas em [à margem direita] Tacit: [lib. 2. e 8.

particular, a mais obrigação fique ao ingenho dos mestres, sendo [à margem direita]

[miserati civitas vetere instituto

que nesta encorreu pouco o que me ensinou, porque nunca (em [à margem direita] dona [ligionibus dextras hospitii

quanto aprendi) me lembra, que na sua escola entrasse algũ [à margem direita] insigne

esquerdo a ser seu discipulo, indicios certos da nobreza que tem

ensinado, e do pouco que admitia a sua doutrina os semelhantes

homens. e daqui colijão os pais a ruim opinião dos esquerdos pa=

ra que não grangeem a seus filhos por proprio descuydo tam vis, e

bayxos atributos, e attendão aos criarem com gravissimo cuydado

neste particular, pois em prova desta verdade algũs esquerdos

sendo briosos e honrados, de ordinario desmentem semelhante def=

feyto, cengindo a espada como os dereytos, e em resolução a quem

não enfastiará a pouca graça de hũ esquerdo? a quem não aborre=

cerà o desar? a quem o desmancho não dará accazião de rizo? a

descompostura e torpeza a quem não admirará, concluindo em fim,

que he sinal evidente de aver sido hũ homem mal criado o ser esquerdo*.

* Porem o Destro curioso prudente deve

aprender a jugar de ambas as maos, e

para acostumar-se, exercitar tanto a es=

querda como a dereyta; pois sabemos que

he proveytoso em muytas occasioes, ou a

forsa o constranja, ou a necessidade o

pessa, ou a industria o aconselhe, a forsã

nos dezafios (se forão licitos, e se permitirão)

quando o dezafiado succede ser esquer=

do, e quer que tambem o seja seu contrario

porque o provocante está obrigado a pel=

lejar ao modo, e com as condiçoes do provo=

cado; a necessidade, quando nos combat=

tes recebe a mão dereyta algũa ferida, e

convem passar a espada a esquerda, E

a industria, quando no meo das penden=

cias se muda a espada, como se mostra

naquelle Duelo que succedeo, indo o go=

vernador da India Dom Estevão da

hũa Angra dous soldados Portuguezes

Antonio do Praddo, e Fernão nunez

Vidal, e durando a contenda espaço

grande, o Vidal como era muyto Destro

tambem da mão esquerda na forsã

E porque tambem ha acções na Verdadeyra Destreza das ar=mas, que senão podem levantar à medida de sua exaltação; pella muyta gravidade dos termos a que se redduzem, e pella grande excellencia da pasteza com que se effectuão, se nestes discursos (não ociosa occupação de algũas oras livres do embaraço de outra a que fui inclinado por destino; e por affecto para desculpa de a solicitar sem premio) se não ajustarem algũs preceytos com a vontade dos curiosos que os lerem, concideresse, que por mais, que se escreva pefeytamente, que não hà couza de mayor difficuldade do que agradar a todos, nem tam ruim que não satisfaça a algũ, que este foy sempre o alivio,

[Fl. 79v]

em ques estribados ouzarão sair a publico os que mais doutamente merecerão com o trabalho da escritura mais eternos applauzos. e quando eu não alcance, liberdade lhe fica aos censores para os não lerem, alvedrio aos escrupulosos para os serratem aonde lhes parecer, e assy liberdade para crer de todos que jamais desdourarão estudos alheos, applaudidos dos mais cientes com fundamentos certos, nem com razões verdaeyras

[brasão com os dizeres: NEMO

EST NATURA
SAPIENS]

[Fl. 80]

LIVRO

QVINTO

[em branco]

Dos Aphorismos graves, e regras
Vniversais da=

[em branco]

Verdadeyra Destreza

[em branco]

[decoração]

[2 linhas em branco]

PROEMIO

[2 linhas em branco]

Considerando em como podia Recupilar a sustancia mais callificada da sciencia da Verdadeyra Destreza das armas, me determiney a tirar della,

do conflito passou a ella a espada e
deu em descuberto do Prado hũa estoca=
da por hũa ilharga, de que cahio mal
ferido, ficando vencido pella Ventagê
de seu contrario.

e a fazer das couzas, que mais lhe pertencião hũs Aforismos universais, disposto de sorte que ensinassem com grande facilidade a quem os decorasse, e tivesse na memoria.

Este comunico no prezente livro, ornados sentenciosamente, e des= tintos pello Alfabetto, assi vencendo o trabalho, e estudo que me custarão, como o atropellando o fazer commum a todos, o que eram tam particular na minha estimação, em cujo abono puderão testemunhar os pareceres e opinioes que tive de Varios Destros e de muytos homens cientes, persua= dindome a que não desse a impressão mais que estes Aforismos ou sen= [à margem direita] [Aphorismos são preposições

tenças da Verdadeyra Destreza, pois sendo quasi como hũ Epitome [à margem direita] [gerais e infalíveis

de tudo o que tenho trattado nos livros antecedentes, bastavão, para a= prender por elles somente qualquer curioso e afeyçoado a esta profiçãõ: porem para que servissem os dezejõs que tenho de aproveytar a todos; e de manifestar esta ciencia, quis neste lugar por rematte de tudo sair a luz com elles, porque assi como por este modo pode aprender, ainda quem tiver mais humilde entendimento, e mais duro ingenho, assi os dis= cretos e cientes o devem de aprovar, pois he cada Aforismo hũa regra

[Fl. 80v]

Vniversal e infalivel, disposta de tal maneyra que a não pode alte= rar nhũa cousa facil pella brevidade com que vay ordenada; e pouco difficultosa pella clareza com que se resume; sendo que todos estes estremos na opinião dos descontentes solicitão ordinariamente as de= tracções, ou porque he muyto certo louvarem estes mais o que entendem menos, ou porque só dizem mal do quem escrito aquelles, que mais se ouverão de callar se virão prezentes seus autores, porque as letras não podem responder a seus atrevimentos; e assy para os desenga= nar, e fazer conhecer as Verdades desta ciencia, ficàra eu mais das obras que calo, que das pallavras que digo (permitãome os discretos este modo de fallar, pois he somente contra os soberbos e ignorantes) porque talvez persuade o rigor daquellas, ao que não moveo a razão destas, e fora então mais certo o castigo fallando só com as lingoas, que obrão, que não deyxando tam difficultoso remedio às lingoas que fallão.

[2 linhas em branco]

A

[em branco]

Adaga

[em branco]

Adaga foi invenção da natureza para a defesa da mão esquerda.

A proporção da adaga he universal.

O centro da adaga he o nacimiento do braço esquerdo

Adaga em suas applicações nunca deve mudar o centro

Adaga dentro dos meos pode ferir igualmente com a espada

Adaga he convinientissima aos homens de poucas foras
Adaga desvia, atalha, e serve em algũs dos reparos de dentro dos
meos
Mal se pode sogeitar adaga pella curta quantidade que tem
Adaga tem a mesma calidade do forte de hũa espada
Nos principios dos movimentos circulares da espada entra a adaga
com os atalhs e desvios
Os movimentos de quem tiver só hũa adaga devem ser ajudados com
os compaços, e perfis do corpo.
Adaga resiste a espada nas suas partes fracas

[Fl. 81]

Adaga sem mover o centro pode fazer todos os seus Circulos só cõ a munheca
Adaga se há de applicar sempre em differença da espada
Em todo o angulo, que fizer adaga na espada contraria se pode meter o cor=po
Adaga se applicará sempre ali onde se desagregou a espada para ferir, no
mesmo tempo em que se desunio
Os circulos que faz adaga tolhem os movimentos da estocadas contrarias
Contra os circulos do contrario na proporção da espada, he perigosa a appli=cassão da adaga
Adaga não pode resistir os movimentos naturais da espada nas suas par=tes fracas.
O braço da adaga raras vezes deve encruar
Adarga deve andar de modo, que com a guarnição cubra o centro do braço es=querdo.
Os golpes que se derem com a espada e adaga hão de ser por bayxo della
Adarga he obrigada a recuperar as faltas da espada
Adarga está melhor que a Rodella dentro dos meos
Angulos
Angulo he todo o tocamento de duas linhas inclinadas
Angulo he tambem todo o tocamento que faz o braço com o corpo, ou a espada
com o braço
Angulo he onde esta forsa do corpo
Angulo recto he o que faz a espada e o braço, estando com ella estendido
pella linha do Diametro, e o corpo com igualdade sobre ambos os pés
Angulo recto he o meo da postura do braço
Angulo obtuso he quando a espada se levanta do angulo recto
Angulo agudo he quando a espada se abaixa do angulo recto
Angulo obtuso he mayor que o recto, o recto que o agudo, e este menor que todos [à
margem direita] Eucl: l. 1. p. 11. 12.
Angulo obtuso, e agudo alcança a terça parte menos que o recto
Os angulos que fazem as pernas, e braços tambem se hão de differençar
Tirar a espada ao contrario do angulo recto he porlha em fraqueza, e em par=te que alcança menos.
Angulo rectilineo he o que se contem de duas linhas rectas

Abrir o angulo na Destreza he eficaz remedio contra as ganancias e atalhos da espada contraria.

[Fl. 81v]

Atalhos

[em branco]

Atalho na verdadeyra Destreza he quando hũa das armas se poem sobre a outra, e a sogeyta tem menos partes por donde sair

Atalho he hũa privação, e corrupção contra todas as Venidas

Os atalhos em sua primeyra razão são defensa emparo, e remedio contra qualquer Venida.

Os atalhos fazemse com o espaço, que há do numero cinco, até o numero seis da espada

Atalho he hũ impedimento universal contra todas as feridas

Os atalhos contra as estocadas evitão os Circulos porque todos saem dellas

Quem atalha os movimentos das estocadas tolhe juntamente o nacimiento dos talhos e revezes

O atalho perfeyto defende sogeytando

Contra os atalhos não pode aver venida que prevaleça

Ferir sobre os atalhos he o caminho real por donde se vay com segurança aos effeitos

B

[em branco]

Braçal

O braçal he hũa arma dobre de grande luzimento e fortaleza

O braçal Repara, desvia, Rebatte, atalha, e em algũas occasiões fere

O braçal se trará com o braço estendido o que der lugar a materia de que for composto

O braçal se tiver manopla se farão com elle utilissimas prezas

A proporção do braçal he commua a todos os golpes do contrario

[em branco]

Broquel

[em branco]

O broquel só tira a espada o desvio e reparo

O broquel se deve trazer com o braço estendido

A postura do broquel será hũ pouco ladeada para a parte de fora.

Os golpes do broquel se darão por bayxo delle.

[Fl. 82]

O broquel não fará nunca os movimentos tam largos que descubra o centro do braço.

Ao broquel lhe está melhor espada comprida

[em branco]

C

[em branco]

Capa.

[em branco]

A capa e a espada são as armas com que mais de ordinario se acha hũ homem

A capa toma para si os desvios e deixa a espada com os reparos e feridas

A capa se faz dando só no braço hũa volta

A capa se deve preparar fora dos meos

A mão da capa ha de ficar descuberta para poder pegar

Os golpes que se derem com a capa hão de ser por sima della

Com a capa he muyto arriscado o reparar

Depois de posta em necessidade a espada contraria então se applica a capa

[em branco]

Centro

[em branco]

Centro commum e universal he a terra

Centro principal da espada he o nascimento do braço em postura recta

Centro menos principal he a impunhadura da espada em qualquer outro angulo que não seja o recto

Centro se chama aonde está a forsa do corpo

Centro he o meo da circumferencia

Centro das feridas he a parte aonde vão dirigidas ou fenecem

[em branco]

Compaços

[em branco]

Compaço he o movimento unico que forma o pé dereyto depois de posto no chão, e faz a passada

Passo he a distancia, que toma hũ homem de pé a pé quando se passeia [à margem direita]

[moya. l. 8. c. 24.

Passo Geometrico tem dous pés e meo

A passada simples da Destreza tem dous pés de largo

A passada dobre tem tres pés de largo [à margem direita] Apiano. l. 2

[Fl. 82v]

A passada ultima tem cinco pés de largo

Tres são as especies dos compaços recto curvo, e mixto

Compasso recto he o que vai pella linha do Diametro e pellas colaterais

Compasso curvo he o que se dá pello lado da Circunferencia

Compasso Mixto he o que participa de recto e curvo e se compoem de duas especies

Compaço recto he tambem o que vai pella linha infinita

Compassos pella linha infinita são muy convinientes na Verdadeyra Destreza

Toda a passada dobre que se der para tras sempre será violenta, e fraca

Os compaços devem seguir sempre as especies das feridas que se formam

Para ferir sem receber hão de occupar os paços somente dous pés

Para batalhar com rigor devem ser os paços de dous pés e meo
O partir para a espada, ou para o contrario será naturalmente com pas=
sos ordinarios
Estando o compasso muy largo alcança menos a espada
O compaço simplez e singelo he o que se faz passeando com moderação
O compaço dobre he o que tem duas proporções, ou hũa mais que o singelo,
e se fas aceleradamente
O compaço dobre não se pode restituir tem depresa a boa postura como
o singelo
Nos passos de roda se gasta tempo, e são de pouca utilidade na Destre=
za.

[em branco]

Corpo

[em branco]

Corpo he tudo o que he divisivel por comprimento, largura, e profundi=
dade.

Metter o corpo no lugar em que se dezagregou a espada impossibilita muyto ao contrario

[à margem direita] Arist: lib de colo et mundi

O corpo he o principal e primeyro fundamento da verdadeyra Destreza

O corpo he origem de todas as linhas

O corpo supre com seus perfis os erros e faltas da espada

O corpo se trará dereyto sem extremos, nê vizagens nelle

O corpo em boa e moderada proporção está mais descansado, e pronto
para os effeitos

O corpo cuja desposição promette ligeireza depois de exercitado he for=
te, e Valeroso [à margem direita] viget: 1. c4.

[Fl. 83]

Os corpos grandes, e froxos raras vezes são ligeiros e ayrosos [à margem direita] Tacit:

11. [hist

O corpo he o obgeto das feridas

O corpo sobre o extremo do pé esquerdo passa ao meo, e ao outro extremo mais
naturalmente que sobre o pé dereyto.

D

Destreza verdadeyra

[em branco]

A verdadeyra Destreza consiste em saber tomar a espada e ferir, e em da=
la, e ferir

A destreza fundasse na mayor brevidade

A destreza he hũa forsa que Velozmente passa e acaba muytas couzas em bre=
ve tempo [à margem direita] Carr: f. 26.

Na Destreza verdadeyra não há mayor desigualdade, que a igualdade de cor=
pos, linhas, e numeros

A verdadeyra Destreza só se obriga a por os meos convinientes ao intento

A verdadeyra Destreza não tem na obra fim

Toda a Destreza verdadeyra se inclue em hũa estocada, hũ talho, e hũ Revez

A mayor parte da Destreza se enserra em conhecer os movimentos do contrario
Na verdadeyra Destreza se há de crer mais no que se vir fazer, que o que se ouvir
pratticar
Na verdadeyra Destreza não há o que vulgarmente chamão contras
As partes da Verdadeyra Destreza são theorica que he a espiculativa, e
prattica que he a forma
Na Verdadeyra Destreza não serve de nada o affirmar para o contrario
A Alma da Verdadeyra Destreza he o animo
Na Verdadeyra Destreza todos os extremos são perigosos
Quem na Verdadeyra Destreza quer somente defenderse he o que dá mais
a seu salvo
A destreza Verdadeyra ensina cientificamente a defenderse hũ homem
de outro
Na Destreza Verdadeyra se fere de toda a parte
Na Destreza Verdadeyra tanto se arrisca quem se antecipa como
perde quem tarda

[Fl. 83v]

Destreza falsa

[em branco]

a falsa Destreza he receber hũa ferida no ser em que se dá outra
Hé Destreza falsa o que se faz acaso, e por acontecimento
A falsa Destreza corrompe não só a boa inclinação, mas danna até
a propria natureza
Os falsos Destros são os que mais se assegurão e fechão com a espada
O acerto que os falsos Destros tiverão por accidente lhe deu atrevimento
para depravar esta ciencia
Aos que não sabem e são falsos Destros tudo lhes he dannoso
Aos falsos Destros he de pouco proveyto aprenderem despois com pesso=
as cientes
Os falso, e ignorantes Destros louvão os successos, e os prudentes Destros
os fundamentos
Os falsos Destros por não alcançarem as dilicadezas desta ciencia
são os que a vituperão
Os falsos Destros são filhos da ignorancia, e não se conhecem antes
de Vencidos
Os falsos Destros são aquelles que nesta ciencia para se dezenganar
querem experimentar successos

[em branco]

Destro.

[em branco]

O perfeyto Destro batalhando há de ser prestes ciente, e animoso
As partes intiriores que ha de ter o Destro são entendimento, ingenho,
memoria, prudencia, e animo
O ser Destro consiste em conhecer a parte onde se há de ferir sem receber
danno

O Destro sempre satisfaz com a ciencia com determinar obrando confor=
me seus preceytos
Hé quasi impossivel poder previnir o Destro os accidentes das preposições
O Destro combattendo não deve inclinar a vontade, animo, e forsas só
a hũa couza
O Destro hasse de aconselhar obrando
O Destro não deve fiar muyto do que não experimentou, e pós em razam
Ao Destro não ha couza que se lhe reprove

[Fl. 84]

O Destro diante de seu contrario mais ha de parecer confiado, que sello para se
fiar delle
O Destro que com demasia se apreçar errara quasi forosamente
O Destro. há de suprir com sua prudencia o que se lhe offerecer acazo
O Destro para alcançar fins venturosos não começará nada acazo senão com
sciencia, e arte
Não deve o Destro fazer cazo da Valentia mais que para saber uzar bem
della
O Destro cujo animo souber sizudo recear, saberá seguro accommetter
O Destro animoso nas veras guiasse pello que tem de natureza
Melhor he que o Destro seja recatado, que aprecadamente atrevido
No Destro a siguridade, e confiança demasiada he o mais commum e ordina=
rio principio dos ruins successos
O Destro animoso crecelhe o animo nas couzas difficultosas
O Destro pode ferir no ser dos alheos movimentos, e nas perdas que fizer a
espada contraria
O Destro onde estiver mais perdido há de fazer que seja melhor parte para
ferir
O Destro de hũa couza converte em outra
Assi como o Destro não há de temer nada, não deve desprezar nhũa couza
O Destro na forsosa determinação não deve de tratar de inconvenientes
O Destro batalhando aviriguara tudo com a espada e não com pallavras
O Destro que se determina obrando não acha menos nhũa couza
No Destro a diliberação vagarosa, faz parecer os accommettimentos ma=
yores
Não deve o Destro à boa fortuna quando se lhe apresenta
Ao Prudente Destro nhũa couza da Destreza lhe cauza novidade nem
alteração
Não deve o Destro offerecerse aos perigos sem grande cauza
Não há o Destro de tirar pella espada senão quando a razão e necessi=
dade se offerecerem
O Destro batalhará sempre com todo o rigor
O Destro que comessa a dar se assegura assi e necessita o contrario
De perdoarem os Destros pella mayor parte vem a receber danno
O Destro não tem necessidade de que o contrario faça movimentos
O Destro fará com a espada perdas para se aproveitar dellas.

[Fl. 84v]

O Destro sem parar há de ir entrando de hũa venida em outra até conse=
guir o intento

O Destro que batalhando tiver mais temor he o que mais se arrisca

O Destro deve dar nos que sabem para que receem; e nos que não sabem
para que senão atrevão

Há de batalhar o Destro com as espadas pretas, do modo que há de pro=
ceder com as brancas

He de grande proveito ao Destro encaminhar de modo a espada que fique
para mais

Tomará, ou ganhará o Destro a espada com o forte no fraco, com o nume=
ro mayor no menor

O Destro quando der a espada será no meo de divizão no ser em que se=
lhe tomar

O Destro só pode livrar a espada no ser dos movimentos que se fizerem
em meo de proporção

O Destro que desbarata a ponta da espada poem em fraqueza as mais=
partes della

O Destro sempre dará com conhecimento ocasião para que o venhão a ferir

O Destro contra as armas dobres dará sempre as suas feridas em lugar e
parte desembaraçada

Mais obrigado está o Destro por natureza a defenderse que a perjudicar
o contrario

O Destro que quer dar muytas feridas, poemse arrisco de tapar o caminho
à defesa natural

O Prudente Destro animoso, e exercitado não lhe he nada dificultoso

O Destro deve aproveitarse das cousas passadas, conhecer as presentes,
e preparar-se para as futuras.

Dificultoso será ao Destro resistir a forsa de seus naturais affectos

O Destro com sua providencia vence os maos acontecimentos

Nunca o Destro descobrirá temor à parte contraria

[em branco]

E

[em branco]

Espada

[em branco]

A espada he origem, e fundamento de todas as armas

[Fl. 85]

Não se poderá ter verdadeyro conhecimento das outras armas sem saber bem
a espada só

A espada he tam ligeyra que senão podem bem comprehender as seus movimentos
com a vista

A espada he o meo, e o instromento das feridas

As partes em que se divide a espada são fraco e forte

O forte da espada he fraco para ferir e forte para reparar
O fraco da espada he forte para ferir e fraco para reparar
Com o forte da espada o sciente Destro se assegura e sugeyta a contraria
O fraco da espada só serve de tentar e ferir
Os Numeros em que se agradua a espada são dez
A espada tem dous fios, fio natural, e fio falso
Ambos os fios da espada ferem, e reparão
O fio natural, hé o que de mais ordinario fere, e repara
O fio falso serve para romper e desviar
Com o fio falso se impedem os revezes, e estocadas sacudidas
A espada he a porta por donde entra seguro e sae o Destro.
Todas as partes da espada governão a ponta que he com a que se fazem os
effeytos
A espada se há de tomar metendo só hũ dedo, bem apertada na mão
A espada tanto que o Destro achar a não deve desunir, antes liarse com ella
A espada que andar livre não pode ferir sem muyto risco
A espada solta, faz os seus movimentos sem ajuda de ninguem

[em branco]

Exercicio

[em branco]

O exercicio he hũa das partes em que consiste a Verdadeyra Destreza.
O exercicio he o mais eficaz mestre de todas as cousas
O exercicio sobre a ciencia habilita muyto a Destreza
A sciencia exercitada se aperfeycoa grandemente
O exercicio desta sciencia modera muytos os impetos da payxão
O exercicio somente, pode habilitar hũ homem para deenderse
em qualquer doutrina aproveytão pouco os preceytos, senão ouver continuação
de exercicio
O exercicio fas ao Destro forte, poderoso, e ligeyro
Sem exercicio não se conserva o que se sabe

[Fl. 85v]

Devem exercitarse as armas com as espadas brancas, por não achar
nas veras a differença das pretas
Não se firme o que se aprende por arte se senão fortifica com grande
exercicio

Para exercitar as armas não se há de tirar a capa nê a espada, senão
despois de aver tomado a negra

[em branco]

Experiencia

[em branco]

A experiencia he hũ conhecimento de couzas singulares [à margem direita] Arist: Rh: 1.
A experiencia fez por differentes caminhos todas as artes
a experiencia he mestra de todas as couzas da perfeyta Destreza, e
Verdadeyra prova dellas
A experiencia serva de luz para topar com a Verdade da Destreza.

Ordinariamente errão os Destreos, que se fião só na experiencia
Contra a experiencia não Val engano [à margem direita] Arist: met: 1
A verdade da Destreza das armas há saída da experiencia
A experiencia das couzas particulares da Destreza, he arte, e conhe= cimento das universais
O experiencia he o desengano de todas as couzas da falsa Destreza.
He sciente o que pella experiencia conhece os effeitos das cauzas
Os scientes conhecem as causas, e os experimentados a ignorão
[em branco]

F

[em branco]

Feridas em geral.

[em branco]

As feridas são os effeytos

Não averá effeytos na Destreza se forem iguais as partes do Des= tro

As feridas que se fazem scientificamente não podem errarse senão por falta da desposição do objeto do contrario retirandosse

Ferese na Destreza pellas ventagens proprias, ou pellos erros alheos

De querer dar muytas feridas se vem algũas vezes a Receber danno

Nunca se dará ferida com o corpo movido

Muyto faz hũ Destro em dar só hũa ferida em outro como elle

[Fl. 86]

Não são seguras as segundas feridas, se as primeyras não começarão com algũ effeito

Quem he primeyro na tenção final, he o ultimo na execução

Para não serem os effeitos arriscado hãode consistir em conhecimento, con= ta e medida

Ferirsehá sempre na parte onde o pedir a postura da espada do contrario

Devem disporse as feridas conforme os movimentos do contrario

Em se ferir bem a primeyra vez cconsiste o ferirse melhor a segunda

Ferir por graos de terra he ferir com meo proporcionado de corpo, com a queda do giolho dereyto

Ferir por graos de espada he ferir pello comprimento della applicandolhe o forte ao fraco

Não se desagregará nunca a espada nem ainda despois de ferir

Toda a ferida em geral se compoem de tres movimentos e participação de angu= los

As mais das feridas que se recebem são ao tirar pella espada

Para ferir livremente e sem receber se há de cuminar a espada do contrario

O obrarse bem ou mal consiste nas demasias que há, ou nas ignorancias

que se fazem

[em branco]

Feridas em particular.

[em branco]

As feridas que inventou a natureza, são hũa estocada, hũ talho, e hum Revez
A estocada he mais nobre que o talho, e o talho que o Revez
Os talhos, e revezes se darão só com a munheca
Não se dará talho nem revez em Destreza, senão depois de dar algũa ponta no rosto
Os Revezes são melhores donde nace os talhos
Os talhos gastão menos tempo donde nace os Revezes
Feridas da primeyra tenção se obrão sem reparo, nem acometimento
Feridas de segunda tenção são as que se compoem de movimentos contrarios
Ferida em tempo he o que se obra comendo o contrario voluntariamente, ou obrigado
Ferida depois de tempo he quando se fere depois dos atalhos, desvios, ou reparos

[Fl. 86v]

Ferida antes de tempo he a que se faz antes que o contrario se prepare para offender, ou defender
Grande he o risco de quem dá talhos, e revezes sem serem formados scientificamente
Não se recolherá nunca a espada para ferir senão ouver precedido o dar no rosto
O talho, ou qualquer outra ferida de causa impedida consta de quatro movimentos
O talho para mayor presteza não há de ter movimento que leve a espada fora do limite do corpo
Talho, ou revez de causa livre formasse de tres movimentos
A estocada de causa livre fassse de dous movimentos
Os Revezes não nos impede o proprio corpo
Os talhos naturalmente dados impedeos o corpo, e são infinitos
Dos revezes que nace mais sustanciais feridas do que dous talhos
A hũ talho de circulo mayor se dá outro de circulo menor
A hũ Revez se dará com mayor presteza talho
A hũ talho de circulo grande se dará hũ revez de munheca

[em branco]

Fim

[em branco]

Fim he aquillo por cuja causa se faz algũa couzaz por arte, ou por natura = [à margem direita] [Arist: l. 2 d.

reza [à margem direita] demonst:

Não he dos fins o que os Mestres ensinão senão dos meos para os conseguirem

O fim da Destreza he descobrir o que o principio tinha encuberto
Do fim da obra da Destreza he algũas vezes senhora a fortuna
O fim desta ciencia he a verdade, e o principio a experiencia
O fim das Venidas he mestre de ignorantes

Não tem mais bondade oque se obra na Destreza, que a que lhe dá
o fim para que foi feita
As couzas da Destreza serão tanto melhores, quanto o forem seus=
fins
O fim perfeyto da Verdadeyra Destreza he o saber hũ homem de=
fenderse
Sempre os fins das couzas são duvidosos

[Fl. 87]

Do fim dos talhos se formão as estocadas
O fim he primeyro na tenção, e ultimo na execução [à margem direita] Arist: in Phis:
Do fim das estocadas nacam os perfeytos golpes
Devem atentarse os fins do que se obra para tudo ser disposto com pruden=
cia
Fim perfeyto he quando hũa venida se acaba sem impedimento
Fim imperfeito he quando a espada contraria estorva a ferida
A hũ só fim não deve o Destro encaminhar as suas preposições
[em branco]

Forsa

Forsa he hũa potencia de mover a outrem para donde quizer [à margem direita] Arist:
Rh:1.

Hũa forsa forte se há de vencer com outra ligeyra
A forsa he amenor parte que se requiere na Destreza
Dividar a forsa na Destreza he de pouco effeyto
Sempre ha fraqueza onde a vontade desunio a forsa, e a repartio
A forsa, e a fraqueza se conhecerá pella postura que teve o braço e o corpo ao
formar dos movimentos
A forsa dividida sem proporção desfallece os intentos
Há sempre forsa nos angulos que fazem as posturas da espada e o corpo
Não ha couza tam forte na Destreza, que não possa receber danno da
mais fraca
Muyto se destruem as forsas se senão medem com o que convem obrar
O Destro há de conhecer as forsas do seu contrario
Conforme a forsa do contrario se devem applicar os intentos, e os effeytos
Difícultoso será vencer a quem sabe julgar suas forsas, e as de seu contra=
rio

O Destro que sabe limitar suas forsas tem o poder certo e seguro [à margem direita] Vale:
[4. c. 1.

Não se hão de aprovar as pendencias que fizer a forsa contra a razão
Forsa, e Prudencia são duas couzas, que sempre saem com vittoria
[em branco]

Fugir

[em branco]

Fugir he hũ desamparo do animo e hũa fraqueza inrecuperavel
O fazer fugir he a ultima afronta que se faz e a mayor de todas
Somente para o fugir não há satisfação, nem se pode recuperar

Não se dá cazo em que se fuja nunca

[Fl. 87v]

Não há o Destro de apertar a quem foge, porque a desesperação cau=
sa effeytos temerarios

Quem foge hũa vez se habilita para fugir muytas

Tudo fara mal ao homem que foge porque não tem mais o que perder

Aquelles fogem que não receão a ruim fama e reputação [à margem direita] Plut: initgr.

[illes:

O fugir cauza mais temor aos animosos do que o esperar

Fugir com o rosto andando batalhando denota medo e he desayroso

Fugir, retirar, e apartar o corpo, não he seguro, grave nem ayroso

[em branco]

H

[em branco]

Homem grande

[em branco]

O homem grande nesta sciencia tem aos pequenos muyta ventagem

O homem grande pode batalhar com o braço curvo ou tendido

O homem grande não deve apartar muyto os seus movimentos da linha recta

O homem grande pode com mais facilidade que o pequeno ferir por pri=
meyra tenção

O homem grande deve fazer os seus movimentos só com a munheca

Os movimentos do grande hão de ser de fora dos meos do pequeno sem mo=
ver o corpo

O grande só com a munheca trara a espada livre

O grande ferirá sempre com a ponta da espada para que lhe fique
para mais

O grande ferirá fora do meo do pequeno com a espada agraduada

O grande ferirá por graos de espada com a quedo do giolho dereyto

Para ferir sem receber se fará o grande da estatura do pequeno alar=
gando o compaço

O homem de grande estatura trará sempre o compaço dos pés largo

O grande pode eleger o seu meo quando quizer

Na mão do homem grande está o eleger o pequeno o seu meo

[em branco]

Homem pequeno

[em branco]

O homem pequeno ha de batalhar com o braço curvo, contra o grande

[Fl. 88]

O homem pequeno não buscará nunca a espada se a contraria estiver parada

O pequeno pode caminhar por hũ dos lados por qualquer dos angulos rec=
tilineos

O homem pequeno ferirá sempre sobre a espada

O pequeno melhor lhe está tomar a espada nos movimentos do contrario

Se o pequeno tomar a espada por fora será indo com o corpo para a sua parte esquerda
O pequeno com artificio alcança mais que o que he grande
Naturalmente tanto alcança o pequeno como o grande a cada hũ em seu ponto
O pequeno tambem pode partir de peyto a peyto
O pequeno como quizer ferir porá o corpo no lugar onde tirar a espada antes de a desagregar
Nos enganos do grande occupará sempre o pequeno a linha recta
O pequeno sempre ferirá nas quedas da espada do contrario
O pequeno quando for a ferir porá o corpo de modo, que não cayba entre elle e o contrario o comprimento de hũa espada
De dentro dos meos tem o pequeno pouco remedio contra o grande
O pequeno recolhe menos espada pello menos que tem de estatura
O pequeno sempre lhe he melhor ferir sobre os atalhos
O pequeno afastarseha do grande por andar melhor de fora dos meos
O pequeno ordinariamente não pode ferir senão por Segunda tenção
O pequeno nunca desagregara a sua espada da contraria

[em branco]

I

[em branco]

Intento

[em branco]

Intento na Destreza he hum impito que se applica para algũa oppera= ção da Vontade

Os intentos são a composição das venidas, que forma o animo na Destreza

O intento do prudente Destro não se dirigira só a hũa couza

Os intentos na Verdadeyra Destreza hão se de dispor pella forma dos con= ceytos da Vontade

[Fl. 88v]

O intento do contrario se conhecera pella deliberação e modo das posturas

No ser dos intentos do contrario depois de previstos se deve ferir sempre

Os grandes intentos na Destreza são effeytos da suspensão [à margem direita] Rizo na hist: [d.

Tudo se ha de intentar batalhando [à margem direita] Mece:

Nos intentos a Vontade não ha de seguir mais que hũ impeto

O intento que se encaminha só a hũa couza devagar acode a guar= darse

Sem particular intento não deve o Destro dar occasião ao contrario, nem faltar o que se lhe offerecer

[em branco]

L

[em branco]

Linhas

[em branco]

A linha recta he o caminho mais breve quando se passa de hum [à margem direita] Eucl: [scho 4.

ponto a outro [à margem direita] dif: 10.

A linha recta he a em que melhor se busca e se acha a espada

Quem occupa a linha recta obriga a fazer outra ao contrario que alcança menos

Na linha do Diametro se ha de ferir sempre para ser sem risco

A linha do Diametro he a que atravessa, e divide todo o circulo em duas parrtes iguais

Linhas paralelas são as que estendidas de ambas as partes em nhũa [à margem direita]

Eucl: [l 3. dif. 34.

concorrem, e sempre na mesma direytura tem entre si igual distancia

As linhas iguais que fazem as espadas não impossibilitam hũa a outra

As linhas hão de dispor as feridas conforme a natureza dos movimen=
tos

Linha curva he aquella que vai torta ou por caminho mais largo [à margem direita] Eucl:

l. [1.

As linhas são as estradas por onde há de caminhar o Destro.

Linha mixta he a que tem parte de recta e parte de curva

Linha infinita he a que passa em angulos rectos pello centro em que o Destro está

[Fl. 89]

M

[em branco]

Meo de porproção

[em branco]

O meo de porproção he hũ lugar conviniente para qualquer cauza da Des=
treza

O meo de porproção he hũ certo conhecimento do tamanho da arma que tras o contrario

O meo de porproção se conhece e se elege medindo as espadas, não passando dos virotes com o braço tendido

O meo de porproção carece de todos os extremos

O meo de porproção he hũ dos fundamentos desta ciencia

Do meo de porproção pode entrar, e sair o Destro sem que sobeje no superfluo, nem falte no necessario

Fora do meo de porproção se há de tomar a espada para ir estreytando nos movimentos contrarios

O meo entende, e conhece a natureza dos extremos

Pellos extremos se prova o meo, e provados aquelles se prezume este

O meo de porproção do homem pequeno he proporcionado do que he grande

No meo de porproçãose comprehendem melhor os movimentos do contrario

[em branco]

Meo porprocionado

[em branco]

O meo porprocionado he hũa disposição com que se alcança, e consegue o effeyto das determinações

O meo porprocionado he hũ só, e universal

Meo porprocionado he a distancia determinada

Distancia determinada he a parte donde se pode ferir sem movimento de corpo

Differensasse a distancia determinada do meo enlegido, e do proporcionado, (ainda que seja tudo no mesmo lugar) na disposição com que o

Determinado executa

O mesmo meo he por graos de espada das feridas da primeyra tenção do que o das feridas da segunda

Na mão do Destro está o não deixar enleger meo determinado ao contrario

[Fl. 89v]

De distancia determinada se não tirará nem desagregará nunca a espada para ferir, estando infirior e desagraduado

Se se vir ou for a ferir fora do meo enlegido se farão contrarios aos effeytos

Sempre se há de ferir para ser seguramente de distancia determina==da

Se a espada e o corpo não tiverem enlegido pontualmente se errarão os effeytos

Quem não sabe enleger o meo proporcionado mal pode acertar com fun=damento

Sempre se enlegerá o meo determinado (como não for nos movimentos do contrario) movendo primeyro o pé esquerdo

[em branco]

Mestres

[em branco]

Os mestres hão de ser experimentados nas veras

Os Mestres imprudentes tam para si que somente em dar está a Des=treza

Não basta para ser bom mestre aver aprendido e exercitado as ar=mas senão for ciente

Os Mestres hão de fundar a experiencia particular na sciencia

Os Mestres para ensinarem bem devem conhecer a natureza dos di=cipulos

Os Mestres devem encaminhar os dicipulos ao que mais se inclinarem

Mal lustrará a Doutrina do mestre nos dicipulos que não tiverem disposição de natural

Não ensinarem bem os mestres serve de embaraçar e acobardar os animos

Não são bons mestres os que ensinão geralmente hũa couza a

todos os dicipulos

Os mestres imprudentes ensinão o que sabem para si, e não o necessa=rio a quem aprende

Os mestres não devem confundir com muytas venidas aos disci=pulos

Os mestres devem ser bem acostumados, e de bom exemplo

[Fl. 90]

Movimentos

[em branco]

Movimento na Destreza he hũ conceyto do animo, e deliberação da Vontade

Movimento natural he o que nace do movimento violento vindo a buscar o seu centro

O movimento natural descobre pontos por vir de forsa ao centro

O movimento natural quanto mais se for apartando de seu principio ou che=gando a seu fim tanto mais veloz irá [à margem direita] Tartas prep: 1

Movimento violento he aquelle cujo principio está fora do natural

Movimento violento pede mais forsa para formarse que o natural

O movimento que se forma por necessidade ordinariamente não he natu=ral, senão violento

Movimento curvo he o que se faz de hũ lugar a outro curvamente, ou por linha curva

De movimento remisso se há de uzar poucas vezes na Destreza porque le=va a espada a parte muy remotta

Movimento accidental da estocada he tam breve que faz ventagens aos outros

Movimento circular he o dos talhos, revezes, ou desvios

Movimento mixto he o que consta de dous, que he o dos aos lados

Movimento vehemente he o natural quando se lhe applica forsa

Movimento proprio he o dos talhos, ou o dos revezes

De hũ só movimento nhũa couza se segue

A mayor parte da Destreza consiste em conhecer os movimentos

De ignorar a natureza dos movimentos procede muyto perigo

Sem movimentos não pde aver ferida

Não há movimento nesta ciencia que não tenha fraqueza

Os movimentos que se fazem só coma munheca são de mayor proveyto

Todo o movimento sem comunicar a espada despois de enlegido meo com os corpos he arriscado

A medida dos movimentos do Destro há de ser o tempo que se gasta nos do contrario

Todos os movimentos são fracos nos principios

Cada movimento tem forsa sinalada

[Fl. 90v]

Constrangerselhá o contrario a que faça todos os seus movimentos cir=

culares

Todo o movimento por forte que seja e mede com outro mais ligeiro [à margem direita]

[Carr: f. 30.

A quantidade dos movimentos não há de ser mayor que a forza do

braço

Não são fortes os movimentos que se fazem a hũ tempo a desiguais

partes

Os movimentos hão de ser com hũa presteza quasi incomprehensivel

Não há movimento em instante, todos se obrão em tempo determinado

Os movimentos, de colear, de livrar, e de fazer incitações com a espa=

da não são de importancia na Verdadeyra Destreza

O movimento sempre será á medida do intento sobre o que se fizer

Os movimentos ainda em meo de proporção hão de ser bem leados com

a espada contraria

[em branco]

P

[em branco]

Perfis.

[em branco]

Perfil he toda a postura do corpo sem o considerar com a espada

Perfil perfeyto de corpo he a postura delle em que ambos os ombros fa=

zem linha recta com o braço

O Destro estando perfilado alcança mais que aquelle que o não está

Sempre quando se for a ferir se perfilará e perfeçoará o corpo

Os perfis do corpo tambem se devem differençar

O perfil toca à postura do corpo sem que a espada possa obrar

O perfil he o toque em que se descobrem as perfeções, e os dezares do

corpo

[em branco]

Pés

[em branco]

O pé dereyto na Destreza tam mais preheminencia que o esquerdo

Tirar fora o pé dereyto, ou recursalo he mais acção ayrosa que forte

O pé esquerdo tem dous movimentos, o primeyro para desagraduar a espa=

da, e o segundo para poder dar principio a quaesquer compaços

fora da distancia

[Fl. 91]

Não se meterá nunca diante o pé esquerdo

Os pés proporcionada mente juntos, estão em melhor postura, mais firmes des=

cansados, e mais prontos para o que convier

Quem tirar hũ pé fora he muyto provavel que tire outro, e muytos

Estando junto do contrario se tirará a espada com o pé esquerdo atras

Todo o movimento de pés para diante (estando nos meos) se começará com o

dereyto

A Destreza não obriga a ningem a que com os pés faça extremos descom=

postos

Os movimentos dos pés senão hão de fazer para diferente fim, que os da es= pada

Os golpes que se dão com movimentos de pés não são seguros nem fortes

Não se dará ferida nhũa, se não depois de estarem os pés esgueros, e bem situados

[em branco]

Ponto

[em branco]

Ponto he hũ estremo tam pequeno, que de nhũ modo he para se dividir

Ponto he a parte onde se pedem os effeitos

Quem na Destreza cobre um ponto descobre outro

Ponto he tambem a ponta da espada arespeyto de toda a cantidade

Ponto principal ha o a que mais chega a espada na superficie do corpo contra= rio

Apartar do ponto a linha he desviar a espada da postura do angulo rec= to

A espada bem posta na linha do Diametro tapa o ponto principal

[em branco]

Posturas

[em branco]

Postura he qualquer estado em que se vé o corpo, braço, e espada juntos

A postura do angulo recto he a que ocupa a linha do Diametro

A postura recta hè a melhor e a mais ligitima

A postura recta he a que mais alcança, e a que tem mais forsa

A postura mais de clarada para o contrario he a recta

Todas as posturas qué ha são sombras da Verdadeyra que he a recta

Só a postura recta obriga forçosamente a que se comece pella espada

[Fl. 91v]

Em nhũa outra postura se pode ferir com segurança senão na recta, e do Diametro

Não ha numero certo de posturas

Como a postura não for recta poderá o Destro se quizer começar pel= lo corpo

Necessitar ao contrario he tiralo da boa postura que tinha, e pollo em algũ estremo

Estreytar ao contrario nas posturtas he necessitalo

Sem differença de posturas não pode aver Destreza

Terá o Destro conhecimento das posturas os effeytos, que pedem

A postura do corpo mais descansada hé quando os pés estão dis= postos acudir a qualquer movimento

As posturas fazemse mais fortes pella união das linhas

Postura estrema he quando está concluida a forsa da espada de qual= quer sorte que o corpo esteja

De toda a postura pode uzar o sciente Destro

Em qualquer postura que o Destro ponha a espada com tenção fica bem
[em branco]

Principio

[em branco]

Principio he hũa couza minima em quantidade, e grande em poder, sem [à margem direita] [Arist: Rett: 3.

o qual senão pode fazer algũa couza

Não pode ser eminente Destro aquelle a quem faltarem os principios

Quando o principio se erra na Destreza não se pode seguir bom fim

Qualquer objeto se conhece conciderando bem seu principio

Os que Verdadeyramente sabem os principios desta ciencia são mais sabios, que os que somente tem experiencia

Nos principios os Mestres devem batalhar com os discipulos

No principio ou no fim dos movimentos se fere melhor e sem risco

No principio de todas as preposições he necessario sciencia, e no perigo dellas ouzadia

As figuras circulares não tem principio meo nem fim despois de forma= das

Tudo na Destreza consta de principio, meo, e fim

Toda a alteração supita e repentina carece de principio [à margem direita] Arist: Phi: 2.

A dificuldade de aprender as armas está nos principios

[Fl. 92]

Nos principios devem os bons mestres passar aos discipulos pelloos erros, e não apuralos

Conhecidos os principios facilmente se conhecem e entendem os extremos [à margem direita] Cice: proclu:

Para os principios das ccouzas não há mister razão [à margem direita] Arist: Eth: 6.

Quem principia bem na Destreza tem feyto a metade do que emprende.

[em branco]

R

[em branco]

Reparos

[em branco]

Reparo significa propriamente tornar a parelhar, a Restaurar, e a Refazer

O Reparo he hũ remedio de pouca presteza inventado para contra os im= prudentes fortes

Os Reparos não são percisos na Verdadeyra Destreza

O Reparo não he seguro de Destro a Destro

O Reparo he muy necessario, e serva para contra os imprudentes

O Destro que repara ao imprudente fica mais em acto para segundar

Quem bem repara ao Destro melhor recebe

Bom he ajudar a passar os talhos e revezes tomandoos com reparos nos principios

Não ha reparo perfeyto se não a couza imperfeita

Os reparos não hão de esperar os movimentos naturais senão sairle ao en=

contro

Arriscado será reparar em outra parte, que em hũ dos angulos rectilineos

Reparo de braço fraco, pode resistir a movimento de braço forte

O Reparo em potencia assaltea os golpes do contrario que vem movidos, e lhos contrasta

Reparo perfeyto ha de nacer da propria ferida, e há de ser de sua mesma especie

[em branco]

Rodella

[em branco]

A Rodella he hũ circulo formado

A Rodella só tira a espada o desvido, e Repara

A Rodella se há de trazer com o braço curvo e com o cotovelo para bayxo

[Fl. 92v]

A rodella não ha de andar muy afastada, nem muy junto dos peitos

A Rodella sempre ha de andar de fronte dos peytos

Com pequenos movimentos impede a Rodella os golpes contrarios

Os golpes que se derem com a Rodella hão de ser por bayxo della

A Rodella está melhor contra a adaga andando fora dos meos

A indeterminação com a Rodella cobre muytas vezes o seguro, e descobre o perigoso

A Rodella impede em muyto actos a vista

[em branco]

S

[em branco]

Sciencia

[em branco]

A sciencia da Verdadeyra Destreza he hũ conhecimento que ensina a dar sem receber

A utilidade de aprender a sciencia das armas he dar perfeição a natureza, e apurar por arte o natural

A sciencia das armas serve para os apertos e necessidades

A falta de scientes Destros foi a cauza de que vivesse esta sciencia ategora anichilada

A sciencia da Verdadeyra Destreza aumenta o animo

As ceytas particulares que se hão feyto desta sciencia a tem depravado

A sciencia nunca pode faltar nem nos menores actos

O entendimento desta sciencia he a especulativa della

A verdadeyra sciencia das armas sempre foi mui perseguida de ignorantes

Esta he a sciencia que deve ensinar-se com mayor pureza, e que não soffre saber-se medianamente

A especulativa foy a descobridora da sciencia das armas

A sciencia não dezempara nunca ao Destro animoso

Pella theorica se conhecem as causas e principais fundamentos desta sciencia

Nhũa sciencia enquanto sei engana, porque o engano está em quê a não sabe

[Fl. 93]

A sciencia das armas lustra muyto sobre a virtude da Prudencia

A sciencia da Verdadeyra Destreza honra a boa fortuna e ajuda a ru=im

A sciencia das armas não obriga a matar, porem ensina a sabelo fazer

O trato desta sciencia não devem os Destros de excluir nunca

[em branco]

Sucessos

[em branco]

Os bons sucessos das preposições desta sciencia, não cabem debayxo de se=us preceytos

O meo dos ruins sucessos da Verdadeyra Destreza he a imprudencia

Dos primeyros sucessos batalhando se cria o medo, e nasce a confiança

Pella opinião dos primeyros sucessos, se julgão os demais

O Destro deve antevir tudo o que lhe pode succeder

O acontecimento na Verdadeyra Destreza he mestre de nescios

Do que succede acazo na Destreza senão deve de fiar tanto como da razão

Há o Destro de estar previnido para o que pode succeder, porque o perigo que se espera se remedeia melhor

Os cazos e sucessos dos alunos ensinão aos prudentes Destros

Algũas couzas más torna felices o bom acontecimento dellas, mas nem por isso deyxão de ser ruins e illicitas [à margem direita] Senec: Hyp:

[em branco]

T

[em branco]

Tacto

[em branco]

O tacto na Verdadeyra Destreza he hũ sentido que conhece a forsa, e a fra=queza da espada

O tacto tanto será mais certo, quanto mais se apertar a espada na mão

O sentido do tacto na Destreza he erdeyro da Vista

O Tacto he hũa das principais cousas na Verdadeyra Destreza

O Tacto guiado pella vista he certo em todos os termos da Destreza

O Tacto na Destreza offerece remedio aly onde parece que o não pode aver

O Tacto na Destreza serva para de noyte

O Tacto faz que sempre se traga unida a espada do contrario

[Fl. 93v]

Os homens de muytas forsas não tem perfeyto tacto porque ellas o alte=rão

Tem vivo tacto os homens sutis, ligeyros, e de medianas forsas

O tacto não pode sem risco participar de algũ estremo
Tambem as armas que fazem companhia a espada gozão do sen=
tido do tacto, e mais que todas adaga

[em branco]

Tençam

[em branco]

Tenção na Destreza he hũ conceyto da Vontade, persebido para al=
gũ fim

A tenção he hũ dos fundamentos da Verdadeyra Destreza

A tenção de toda a postura se conhecerá conforme a formar o contrario

Fazer nesta sciencia perdas com tenção he destreza

O Destro formará a sua tenção depois de ver a postura da espada

Contraria

Da Ruim tenção na Destreza sempre nace o medo no que se obra

[em branco]

V

[em branco]

Venidas

[em branco]

Venida he hũ pensamento, e conceyto do animo

Venida he hũa preposição composta de movimentos differentes orde=
nada para ferir e defender

Toda a Venida tem quatro cauzas, efficiente, final, formal, e material

A forma e materia das venidas são os movimentos, reparos, linhas, e
desvios

Venida formada he aquella que de distancia determinada dá
sem receber

Venida formada he a que nace dos accommettimentos do rosto, ou a que
se forma do movimento contrario

A forma das preposições se alcança pella pratica

Venidas da primeyra tenção são as que não parão até os effeytos

Venidas da segunda tenção são as que passão de dous movimentos

[Fl. 94]

Venidas da segunda tenção são as que se fazem começando primeyro o
contrario

Comporá melhores venidas quem tiver melhor entendimento

Proveytoso hé que o Destro obrando componha muytas venidas

Não se podem escrever venidas sem dificuldade, e embaraço, por depen=
derem de contrarios accidentes

Terão effeito todas as venidas se se guardarem os termos da Verdadeyra
Destreza

Somente às Venidas, que vierem mal encaminhadas se lhe pode fazer con=
tras

As venidas bem feytas so remedia se podem

Qualquer circunstancia nas venidas lhe altera a forma, e suspende os effeytos

Para as espada brancas só hũa Venida basta
As venidas não tem numero certo porque são infinitas

[em branco]

Vista

[em branco]

O sentido visivo para a Destreza faz ventagem a todos os demais [à margem direita]

Arist: [Elenc: 1.

Mais se aprende esta sciencia do quq se ve fazer do que se ouvve

A vista faz mestres, e o ouvir discipulos

A vista segue sempre na Destreza por objeto o corpo contrario

A potencia da vista na Destreza nunca se cansa, nem obra com trabalho

Não há que mais certifique na Destreza que a vista

o sentido da Vista foy inventor e movedor das couzas [à margem direita] Arist: l. 2.

[deanima

Os olhos entre os demais sentidos são Principes para conhecer

[em branco]

[decoração]

Estas são as couzas, que entendi serem de mayor sustancia para execu=
ção da Verdadeyra Oplosophia, e as que me parecerão mais necessarias
para se dar credito a sua verdade: sempre tam persiguida e impugnada
de ignorantes, que não será pequeno logro reduzilos agora a sua estima,
quem observou seus preceytos tampoucos annos, que apenas pudera (ainda
gastando todos os que tem em sua espiculativa) atreverse a divulgar entre
a nação Portuguesa livro menos concideravel, ou ja porque o não escreve
nhũ estrangeyro, cujas obras sempre nos parecem melhor, ou ja porque de
ordinario na excellencia dos bens afinão mais as lingoas os detractores;

[Fl. 94v]

Porem animame a sair a publico ver que tenho da minha parte varios
sugeytos eminentes, que letra por letra advirtirão no uriginal deste trat=
trado, e que com rogos continuos, e muytas vezes forsa me constrangerão
a publicar sua infalivel verdade, porque lhe foy tam facil pola Ve=
nerarem por ley de todas as artes, como dificultosa aos incientes; que
só serão os que com rasoos Criticas se lhe opponhão, ou porque a inveja
lhe cegará os olhos da razão, ou porque a novidade nunca pode fugir
a Vulgares mormurações; devendo considerar, que tras a novidade
consigo tantas prerogativas, que não só envelheceria o mundo com as
mesmas couzas com que começou, quando fosse privado daquellas in=
venções que o remoção, e fazem florecente, mas que seria esteril nosso
ingenho quando carecesse daquellas ideas que o illustrão, e que o fecun=
dão, para que lhe servisse a novidade desta sciencia antes de guia
para seus applauzos, que de motivo para suas detrações, e invejaa, pois
incluem em si as couzas novas certa virtude de atrair os olhos de todos.
Mas como a Destreza do insigne Gonçalo Barbosa tem seus funda=
mentos em hũa verdade aviriguada com a expiriencia de muytos e ex=
cellentes descipulos, que ha produzido, he tam admettida sua prattica

de toda a nobreza de Hespanha, e dos homens doutos dellas, pella pureza e rigor com que inclina a proceder os animos nas veras, que claramente se conhece a perfeição de suas obras, bem apezar dos envejosos, cuja payxão se lhe criou, assi com o favor, que virão em seu aumento, como com a verdade do desengano dellas, alem de que, a virtude que menos vezes se acha, por nascer e partes, e perfeições alheas, he sempre atropellada da enveja.

E porque isto basta para despertar os ingenhos afeyçoados a tam nobre exercicio, não me alargo mais até que a opinião deste breve Volume, me infunda novo espirito, para que (sendo Deos servido) cumunique aos curiosos hũ tomo das Politicas, que pertencem ao perfeyto Destro, que tratta da Verdadeyra honra e extinção dos dezafios; e em outra parte hũ Compendio de todas as armas inventadas, posto em prattica com suas demonstraçoens, que eu fio delles que sua experiencia aproveyte sempre a todos, não lhe faltando o valor no animo, ou porque nunca o dezemparou a fortuna, ou porque as mais das vezes a assegura nas couzas difficultosas.

FIM

[Fl. 95]

INDICE

[em branco]

Dos capitulos que contem o livro primeyro,
da theorica da Oplosophia e
Verdadeyra Destreza
das armas.

[em branco]

Capitulo primeyro. Da antiguidade da espada, e de suas excellencias. fol. 4.

Capitulo Segundo. Da origem, e antiguidade desta sciencia. fol. 4. verf

Capitulo terceyro. Da cauza porque se apurou esta sciencia. fol. 6.

Capitulo quarto. Da origem do nome Oplosophia, e do fructo que se tira em aprender a Verdadeyra Destreza. fol. 7.

Capitulo quinto. Da difinição da Verdadeyra destreza das armas, e o em que consiste o ser Destro. fol. 8.

Capitulo Sexto. Repartição da espada numero com que se agradua, e cauzas porque se divide. fol. 9.

Capitulo septimo. Que cousa seja venida, cauzas da que he perfeyta, e como se não devem formar só a hum fim. fol. 11. verf

Capitulo oitavo. Difinição dos meos, e donde se mostra, que só hũ he universal. fol. 12.

Capitulo nono. Como, e de quantos modos se enlege o meo proporcionado, e se se altera na variedade das armas. fol. 13.

Capitulo Decimo. Em que se declarão quantas especies há de

movimentos, da utilidade de os conhecer, e como da forma delles se julga os effectos para que são. fol. 14.

Capitulo Vndecimo. Difinição das linhas, angulos, e posturas, e as partes que se requerem na Destreza. fol. 15.

Capitulo Duo decimo. Que couza seja tacto, que proporções hà de aver nelle para ser perfeyto, donde e em que partes as ha de aver. fol. 16.

Capitulo decimo terceyro. Difinição dos atalhos, como não há Destreza sem differença de posturas, e se deve ferir de toda a parte. fol. 17.

[Fl. 95v]

LIVRO SEGUNDO

[em branco]

Da prattica da Oplosphia e verdadeyra Destreza das armas

[em branco]

Capitulo primeyro. Da maneira que se há de partir para o contrario, e se lhe tirão as forsas, da qualidade das venidas formadas, e o mais essencial para nellas ferir sem risco. fol. 18

Capitulo segundo. em como toda a postura he boa, qual he o fio natural, e o fio falso da espada, e o para que servem na Destreza. fol. 19. verf

Capitulo terceyro. Dos compaços dos pés, e como na Verdadeyra Destreza não servem passos de roda. fol. 20. verf

Capitulo quarto. Das feridas a que se resume a Verdadeyra Destreza, como se executão os talhos, e revezes sem receber, e o risco que corre quem os dá sem conhecimento. fol. 21. verf

Capitulo Quinto. Como não há venida sem consideração da espada, modo de a impossibilitar, e a regra que se há de ter nos effeytos. fol. 23.

Capitulo Sexto. Como devem nascer as feridas da primeyra tenção, e hũa regra geral para todas. fol. 24.

Capitulo septimo. Das feridas da segunda tenção, e de como he proveytoso na Destreza fazer perdas com conhecimento. fol. 25.

Capitulo oitavo. Regras para achar a espada; do danno de ferir com o corpo movido, e do erro em que cae que mette o pé esquerdo. fol. 26.

Capitulo nono. Como a espada sempre aggregada fere livremente, e a que anda desaggregada e livre o faz com muyto risco. fol. 27. verf

Capitulo Decimo. Como se devem formar os reparos, e se avirigua se são necessarios na Verdadeyra Destreza. fol. 29.

Capitulo Vndecimo. Em que se ensina como deve batalhar o homem que for de grande estatura. fol. 30. verf.

Capitulo Duodecimo. Em que se mostra como há de batalhar o homem pequeno. fol. 31. verf.

Capitulo Decimo terceyro. Como se pode mover a espada de toda a parte, e permanecem em algũs [?]zos os movimentos violentos contra os

[Fl. 96]

naturais, e outros pontos dignos de advertencia. fol. 32.

Capitulo Decimo quarto. Do tamanho, que o Destro há de trazer a espada, e como não uzará de Ventagens. fol. 33. verf

[2 linhas em branco]

LIVRO TERCEIRO

[em branco]

De hũa breve recopilção da theorica, e prattica das armas dobres

[em branco]

Capitulo primeyro. Difinição das armas dobres, e sua divi= zão. fol. 36.

Capitulo segundo. Como a espada só hé o fundamento de todas as armas. fol. 37. verf

Capitulo terceyro. Quem forão os primeyros que uzarão adaga, o porque se inventou, e como pode só permanecer contra hũa espada. fol 38v:

Capitulo Quarto. Como há o Destro de trazer adaga, e o que toma para si no offender, e defender. fol. 39. verf

Capitulo Quinto. Por quantos modos pode adaga tolher os ef feytos da espada, e como se lhe applicará para ser sem risco. fol. 40. verf

Capitulo Sexto. Como entra adaga com a espada, e de que sorte lhje contrasta os seus movimentos. fol. 41. verf

Capitulo Septimo. Como em hũ tempo não permite a Verda= deyra Destreza que se fação duas couzas. fol. 42. verf

Capitulo oitavo. Como deve o Destro uzar da espada e Rodel= la ^ fol. 43. verf. e de seus primeyros inventores

Capitulo nono. Como uzará o Destro do broquel, quando fizer companhia a espada ^ e dos primeyros que a inventaram fol 44

Capitulo Decimo. Como applicará o Destro o braçal, ou a Ma= noplá ^ e os primeyros que uzarão destas armas fol 45

Capitulo Vndecimo. Como uzará o Destro da Capa, e espa= da. fol 46

Capitulo Duodecimo. Em que se resolve hũa duvida das armas dobres. fol 47.

[Fl. 96v]

LIVRO QUARTO

[em branco]

Do que convem aos mestres, como devem ensinar, e do que commummente uzão

[em branco]

E de algũas Questoes dilicadas desta sciencia proveytosas para os exames.

[em branco]

Capitulo primeyro. Das partes que devem concorrer em hũ Mestre fol 49

Capitulo Segundo. O talento que devem ter os discipulos para sairem Destros, e como satisfazem os mestres com o que são obrigados a ensinar fol 51

Capitulo Terceyro. Como devem os Mestres ensinar esta sciencia, as regras que hão de observar, e porque modo habituarão os animos dos discipulos fol 53

Capitulo quarto. O danno que resulta de se aprender esta sciencia com Mestres ignorantes. fol 54 verf

Capitulo Quinto. Como a Destreza que mais se uza he falsa, e as cauzas porque se ignora a que he Verdadeyra. fol 56

Capitulo Sexto. Da intiligencia da Verdadeyra Oplosophia, e o que differe de sua experiencia. fol 57. verf

Capitulo Septimo. Da importancia e utilidade de serem os Mestres examinados, e das cauzas porque esta sciencia está tão deslustrada. fol 60

Capitulo oytavo. De algũas questoes intrincadas da Verdadeyra Destreza, em que os Mestres podem ensayar para os exames fol 62

Capitulo nono. De outras perguntas por resolver em que os Destros podem appurar seu ingenho. fol 66

Capitulo Decimo. Como se hão de examinar os que quizerem ser mestres, e do que se lhe deve perguntar fol 67 verf

Capitulo Vndecimo. Dos antigos exercicios militares, como os Mestres devem metter o bastão entre os dous combattentes, e outras particulares advertencias fol 72

[Fl. 97]

Capitulo Doudecimo. Em que se responde a algũas opinioes falsas, vulgares, e contra esta sciencia fol 75

Capitulo Decimo terceyro. Das continencias desnecessarias da espada preta, do que se pode fazer ao que se repara muytas vezes com a branca, e de outros pontos dignos de se advertirem fol 77

[decoração]

[em branco]

LIVRO QUINTO

[em branco]

Dos Aphorismos graves, e regras universais da Verdadeyra Oplosophia

[em branco]

Proemio fol 79

Dos Aphorismos que pertencem a Adaga fol 79 verf

Angulos fol 80

Atalhos fol 80 verf

[em branco]

Braçal fol 80 verf
Broquel fol 80 verf
[em branco]
Capa fol 81
Centro fol 81
Compaços fol 81
Corpo fol 81 verf
[em branco]
Destreza Verdadeyra fol 82
Destreza Falsa fol 82 verf
Destro fol 82 verf
[em branco]
Espada fol 83 verf
Exercicio fol 84
Experiencia fol 84 verf
[em branco]
Feridas em geral fol 84 verf
Feridas em particular fol 85

[Fl. 97v]
Fim fol 85 verf
Forsa fol 86
Fugir fol 86 verf
[em branco]
Homem grande fol 86 verf
Homem pequeno fol 86 verf
[em branco]
Intento fol 87
[em branco]
Linhas fol 87 verf
[em branco]
Meo de porproção fol 88
Meo porprocionado fol 88
Mestres fol 88 verf
Movimentos fol 89
[em branco]
Perfis fol 89 verf
Pés fol 89 verf
Pontos fol 90
Posturas fol 90
Principios fol 90 verf
[em branco]
Reparos fol 91
Rodella fol 91
[em branco]
Sciencia fol 91 verf

Successos fol 92

[em branco]

Tacto fol 92

Tenção fol 92 verf

[em branco]

Venidas fol 92 verf

Vista fol 93

Nestas pallavras refferidas pello Alfabetto, se contem seiscentos

Aphorismos perntencentes à Oplosophia, e Verdadeyra

Destreza das armas.

[Fl. 01]

De Bertalomeu de Vasconsellos

da Cunha

[2 linhas em branco]

Soneto

[2 linhas em branco]

Nestas da espada intrepidas verdades,

Nestas da pena pratticas doutrinas,

Preseyto contra a morte nos ensinas,

Pera à Vida nos dàs dignidades

[2 linhas em branco]

Contra o poder Violento das idades

Sutil descobre tretas que imaginas,

Ao duravel da morte dando Ruinas,

Dando ao fragil da Vida eternidades.

[2 linhas em branco]

Por ti sigura a vida se conhesse,

E apenas move o braço a espada forte,

Quando o imperio da morte se estremesse:

[2 linhas em branco]

Quem vio pois concedido a humana sorte

Poder tam superior, que dar pudesse

Siguranças à Vida, e leis à morte.

[Fl. 01v]

Anno de 632

Ao sepulcro do famoso goncalo Barbosa insigne professor da
ciencia da verdadeyra destreza das armas, examinador dellas, mestre
mayor, e dos moços fidalgos do Reyno de Portugal.

[Fl. 02]

Al Sepulcro de mi Maestro el insigne

Gonçalo Barbosa

[2 linhas em branco]

EPIGRAMMA

[2 linhas em branco]

En mudas lenguas este jaspe muestra
Que fiel occulta en Vrna venerada,
El que cortó su lauro con su espada,
El que erigió su templo con su diesta.

[2 linhas em branco]

Aquel, cuja doctrina no siniestra
(De quanto mira el sol bien respetada)
Hizo de nueva sciencia nunca uzada
Oraculo Marcial en su Palestra

[2 linhas em branco]

Descanda en esta losa, en quien derràma
Amargo llanto España, aunque és llamado
De la muerte à gozar eterna fama.

[2 linhas em branco]

Porque si fuè en la vida eternizado,
Es agora en el llanto que le acclàma
A vida màs felice destinado.

[Fl. 02v em branco]

[Fl. 03]

MAVSEOLEOIACENTI

[em branco]

Celeberrimo Gondiçalvo Barbos, vero gladiaturo facultate
insigni professori,

[em branco]

illiusque examinatori maximo, tam nobilitatis
quam dinastorum Portugaliae supremo
Magistro

[em branco]

EPIGRAMA

[2 linhas em branco]

Ecce jacet tumulo (iacet heu) Barbosa sepultus
Gondiçalvus honor Palladis, ecce jacet

[2 linhas em branco]

Hic gladiatores (examina dura) probabat;

[em branco]

Nobilibus pueris ludi magister erat

[em 2 linhas em branco]

Lusiadum in regnis nunc parvum munus obivit:

[em branco]

Erudiit gladiis Hesperio dominum.

[em branco]

Et cum Maiorem, et Bellonam vinceret armis

[em branco]

Occubuit telis á dibilitina, tuis.
[decoração]

[Fl. 03v em branco]

[Fl. 04]

De Antonio Barbosa Bacelar

[em branco]

a Diogo Gomes de Figueiredo.

[em branco]

Silva

[em branco]

Detende hũ pouco o estilo soberano

Maiorte Lusitano,

Rayo de Apollo armado:

Parai hũ pouco o plecto sublimado,

Que da pena envejosa

A espada vos contemplo,

E com razão queyxosa,

Que se oje a pena vos fabrica hũ templo,

tambem a espada vossa

jà da primeyra idade

Se abrio caminho pella eternidade,

Este justo motivo

Tregoa seja do canto sempre altivo,

E saibase entretanto

Entre hũa, e outra accção tam celebrada

Se dicta a pena, o que aprendeo da espada

ou se obra a espada o que aprendeo da pena;

Não sei em tal victoria

De qual mais suga a gloria

Mas apesar da enveja

igual a gloria seja:

que ou prosigais o estilo delicado,

ou o metal lavrado

Esgrimaes destro, e forte,

Tudo he ganhar imperios para a morte:

e ou co a espada, e ouco canto

Tudo he render jurisdicoes ao espanto.

E a mesma mão armada, ou desarmada,

que rege a pena, tambem rege a espada.

[Fl. 04v]

Quem vendo estes preceytos

que sabia a pena dicta,

ou em todo, ou em parte

Cuydar que pode caducar a arte,

olhe a vosso valor que a espada empunha
E com provas de sangue os testemunha,
que desta nova sciencia os Aforismos
Com bizzarria nova
Fazendo com a espada os Sillogismos
Tendes na espada a prova.
Quem vendo o Valor vosso
Nalgũ feyto famoso
Levar forte e valente
Do maus grave inimigo
Victoria no perigo
Gloria na empresa dura,
Disser que foy successo da Ventura
Vossa pena o desmente
Pois quando o valor vosso denodado
Admire co as finezas de alentado,
Assombre co as proezas de guerreyro
A pena vossas as ensinou primeyro.
O penhasco mais bronco
O mais Robusto tronco
Ligeyro em movimento
obidiencia foi ja de doce accento;
Mas com gostosa injuria
Dar preceytos à furia
Dar dictamen à ira
Sómente pode vossa doce lira;
E contra os Rebellados olandezes
O pode vossa espada algũas vezes.
Viva pois vosso nome,
e dos applausos justos

[Fl. 05]

Com que o mundo por Marte vos acclama
fazei azas à fama;
e chegue vosso nome glorioso
Adonde o Sol não chega de medroso;
Suba vosso valor sempre alentado
Adonde o Sol não ousa de turbado;
E de hũ e outro gravissimo instrumento
estrellas aumentai ao firmamento,
Mas não: paraí o voò;
que se a mim não me engana meu desejo
novas insignias nos planetas vejo,
E se não mente a vista prolongada,
No Sol a pena vejo, em Marte a espada.

[Fl. 05 v em branco]

[Fl. 06 em branco]

[Fl. 06v em branco]

[Fl. 07]

Ad Gondiçalvi Barbosa tumulum
vero dexteritatis miraculi

[em branco]

EPITAPHIVM

[2 linhas em branco]

Barbosa extincto immanis Libitina triumphat,

[em branco]

Militio iactans obtenebrasse jubar

[2 linhas em branco]

Ne tamem alterius Pelido fama sepulchri,

[em branco]

Qui super iminuit dexteritate, ruat,

[2 linhas em branco]

Lysiaci procures insignem obsisse Magistrum,

[em branco]

Nuncia ut interno mixta dolore sonant,

[2 linhas em branco]

Hic lapidem sterna, sub quo Mars ille quiescat,

[em branco]

Mortuus et vivat tempus in omne inbent

[decoração]